

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NÍVEL DE DOUTORADO

ADELINE ARAÚJO CARNEIRO FARIAS

**OS SIGNIFICADOS DA TENSÃO RURAL-URBANO ENTRE
JOVENS RURAIS: Identificações e projetos de vida.**

São Leopoldo/RS

2016

ADELINE ARAÚJO CARNEIRO FARIAS

**OS SIGNIFICADOS DA TENSÃO RURAL-URBANO ENTRE JOVENS
RURAIS: Identificações e projetos de vida.**

Tese apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Doutor (a), pelo
Programa de Pós-Graduação em Ciências
Sociais da Universidade do Vale do Rio dos
Sinos – UNISINOS.

Área de concentração: Identidades e
Sociabilidades

Orientador (a): Prof. Dr. Carlos Alfredo
Gadea

Copyright©2016 by Adeline Araújo Carneiro Farias.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Biblioteca do Instituto Federal de Roraima- IFRR)

F224s Farias, Adeline Araújo Carneiro.

Os significados da tensão rural – urbano entre jovens rurais: identificações e projetos de vida / Adeline Araújo Carneiro Farias. – São Leopoldo - RS, 2016.

210f.: il.; 30 cm.

Inclui Bibliografia

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alfredo Gadea.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós - Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, 2016.

1. Juventude. 2. Identidades. 3. Tensão rural - urbano. 4. Hibridismo cultural. 5. Projetos de vida. I. Título. II. Gadea, Carlos Alfredo (orientador).

CDD - 305.23098114

Adeline Araújo Carneiro Farias

**OS SIGNIFICADOS DA TENSÃO RURAL-URBANO ENTRE JOVENS
RURAI: Identificações e projetos de vida.**

Tese apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Doutor (a), pelo
Programa de Pós-Graduação em Ciências
Sociais da Universidade do Vale do Rio dos
Sinos – UNISINOS.

Aprovado em 09 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Alfredo Gadea - UNISINOS

Prof.^a. Dra. Marília Veríssimo Veronese

Prof. Dr. José Luiz Bica de Mélo

Prof. Dr. Fábio Lopes Alves

Prof.^a. Dra. Melissa de Mattos Pimenta

Aos meus amados filhos, Salles Neto e Cibelle. Ao meu companheiro de aventuras e desventuras, Demóstenes Andrade.

Dedico a vocês esta tese.

AGRADECIMENTOS

Foi durante a análise dos dados da pesquisa, no fatídico ano 2015, que passei pelas experiências de vida mais desafiadoras até então. Diante daquelas angústias pessoais e familiares recebo um auxílio que confesso, inesperado: “que tua tese não seja motivo de stress, que seja aquilo que te permita ‘voar’ e criar o que tu queiras. Que seja bom de fazer; não pode ser uma obrigação. Sei que não é fácil, mas é algo do teu mundo individual, e esse deves potencializar.” Este apoio e acompanhamento constante do meu orientador, Prof. Dr. Carlos Gadea, ecoou pela minha alma e foi fundamental para que hoje eu esteja escrevendo este agradecimento.

Sou grata a minha família que sempre me apoiou e suportou minhas crises de mal humor, nos momentos em que eu não conseguia produzir.

Sou grata a eles também pela compreensão diante das minhas ausências constantes, físicas ou afetivas.

Agradeço às minhas companheiras de doutorado e de trabalho, partilhantes do animado segundo andar do Hotel Express, Jocelaine, Daygles, Eliselda, Ray, Arlete, Saula e Aparecida pelo compartilhamento de conhecimentos, experiências e angústias. A elas sou grata pela convivência e apoio, em especial via nosso grupo de WhatsApp, por meio do qual trocamos informações e muito, mas muito bom humor, o que foi fundamental para que eu chegasse até aqui com alguma sanidade. Acho!

Agradeço aos demais professores da Unisinos, com destaque para os professores Bica, Gaiger e José Rogério, e também à professora Marília. Cada um a seu modo, me ajudou no processo de construção do conhecimento, para muito além do que consegui registrar nesta tese. Sou grata ainda à atenção e gentileza constantes da querida Maristela, que sempre esteve à disposição para auxiliar e dirimir quaisquer dúvidas.

Agradeço aos 86 jovens que se dispuseram a participar da pesquisa. Cada grupo focal e cada entrevista foi de uma riqueza tal, que por vezes me angustio diante da redução a que foram contidas nesta tese.

Agradeço aos meus alunos e colegas de trabalho do IFRR/Câmpus Boa Vista que foram companheiros e compreensivos ante minhas ausências, bem como me apoiaram no que lhes foi possível.

Finalmente, agradeço aos colegas do Movimento Espírita, com destaque especial aos amigos Guilherme e Luciana, que me escutaram muitas e muitas vezes, que me ofereceram suas palavras de apoio e carinho. E, mais ainda, que me incentivaram a participar do ESDE durante o ano 2016. A eles serei sempre muito grata e, a partir de suas pessoas, agradeço a Deus pela oportunidade de aprendizado e, quem sabe, de melhoria como ser humano.

Muito obrigada!

“Não quero pra mim o que não possa servir pra um filho.”

(Sr. Fernandes. Meu amado pai)

RESUMO

A presente tese apresenta os resultados de uma pesquisa que visou compreender os significados que os jovens rurais que vivem em Roraima, atribuem à tensão rural-urbano, analisando sua interferência no processo identitário e em seus projetos de vida. Para tanto, realizamos as técnicas de grupos focais e entrevistas individuais junto a oitenta e seis jovens rurais que vivem em quatro localidades diferentes e dispostas em pontos extremos e central do estado de Roraima. Os dados coletados foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo temática, considerado como marcadores de diferenciação duas faixas etárias das juventudes, o sexo, a naturalidade, a localidade em que residem e a auto identificação etnoracial. Foram considerados ainda, aspectos vinculados ao intenso processo migratório e a localização de fronteira do estado de Roraima. Identificamos que as percepções e significados que os jovens rurais conferem aos meios urbano e rural, impactam em seus processos identitários, visto que tal construção opera por meio da contingência e diferenciação. Assim, tais significados também influem sobre seus conflitos acerca de projetos de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes. Identities. Tensão rural-urbano. Hibridismo cultural. Projetos de vida.

ABSTRACT

The present thesis shows the results of a survey that aimed to understand the meanings that the rural youth living in Roraima impose to the rural-urban tension, analyzing its interference in their identity process and life projects. Thus, we performed the techniques of focus groups and individual interviews with eighty-six rural youth who live in four different localities and arranged in extreme and central parts of the state of Roraima. Data were analyzed using the analysis technique of thematic content, considered as markers of differentiation two age groups of youths, sex, naturalness, the locality where they live and self-ethno racial identification. Were still considered aspects linked to the intense migratory process and the boundary location of the state of Roraima. We identified that the perceptions and meanings that the rural youth impose to the urban and rural areas impact on their identity processes considering that such construction works through contingency and differentiation. Thus, these meanings also influence on their conflicts about the life projects.

KEYWORDS: Youths. Identities. Rural-urban tension. Cultural hybridity. Life projects.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Visão aérea do IFRR/ <i>Campus</i> Novo Paraíso.....	10
Figura 2 – Distribuição percentual dos jovens de 15 a 29 anos de idade, por atividade, segundo os grupos de idade. Brasil, 2014.....	17
Figura 3 - Taxa de conclusão do Ensino Médio - 19 anos - no Brasil e por regiões.....	21
Figura 4. Média de anos de estudo da população jovem de 16 a 29 anos, total e economicamente ativa. Brasil, grandes regiões e Roraima. 2009.....	25
Figura 5 – Mapa do estado de Roraima apresentando a sua localização no mapa do Brasil e suas fronteiras nacionais e internacionais.....	28
Figura 6- Distribuição da naturalidade da população migrante de Roraima, conforme os seis estados com maior quantitativo.....	32
Figura 7 - Mapa de Roraima apresentado as terras indígenas demarcadas	34
Figura 8 - Diagrama de representação do entendimento relacional acerca das categorias de análises.....	67
Figura 9 - Quadro de referência: marco teórico e categorias conceituais/analíticas	77
Figura 10 – Imagens do IFRR/ <i>Campus</i> Novo Paraíso.....	79
Figura 11 - Entrada principal do IFRR/ <i>Campus</i> Amajari.....	80
Figura 22- Entrada principal do IFRR/ <i>Campus</i> Boa Vista Centro.....	81
Figura 33 - Mapa de Roraima apresentando divisão política federativa e países de fronteira, destacando os <i>Campi</i> do IFRR onde foi realizada a pesquisa.....	82
Figura 14 – Estrutura de criação de conhecimentos nos Grupos Focais.....	89
Figura 45 – Planilha de Categorização Temática apresentando categoria, temática, unidade de conteúdo e informantes.....	92
Figura 56- Intervenção poética realizada pelo Coletivo Carapanã, localizada no centro da cidade de Boa Vista-RR.....	149
Figura 17- Localização geográfica da cidade de Maturin, na Venezuela.....	162
Figura 18- Atividade de integração entre jovens venezuelanos e brasileiros, realizado nas instalações do IFRR/ <i>Campus</i> Amajari, no município de Amajari-RR. Agosto de 2015.....	163

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1** - Distribuição dos jovens rurais informantes da pesquisa, localidade de coleta dos dados, grupo focal, código de identificação dos informantes, faixa de idade, sexo, naturalidade, etnia e local de residência.88
- Quadro 2**- Comparativo entre os aspectos do presente e interesses do futuro dos jovens rurais..... 185
- Quadro 3** – Quadro comparativo entre elementos de diferenciação entre os meios rural e urbano, que se convertem em tensão social, segundo os jovens rurais. 2016.....190

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1**- Relação dos dez países com maior percentual de jovens com idades entre 15 e 29 anos, que nem estudam e nem trabalham, segundo estudo da OIT, em 2013.....21
- Tabela 2** - Taxas de homicídios por armas de fogo (por 100 mil) segundo faixas etárias e regiões do Brasil. 2014.....29
- Tabela 3** - Níveis de Ensino na Educação Básica segundo as Grandes Regiões do Brasil e o Estado de Roraima.....26

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. COMPREENSÕES ACERCA DAS JUVENTUDES: CONTEXTUALIZANDO AS JUVENTUDES RORAIMENSES E RORAIMADAS.	19
3. COMPREENSÕES SOBRE A RELAÇÃO RURAL-URBANO.....	57
3.1 Campo e cidade ou rural e urbano? (des)construções acerca da categoria de análise.	58
4. METODOLOGIA	70
4.1 Construções teóricas: principais aportes à tese.....	70
4.2 Procedimentos técnicos: definição dos informantes, técnicas para coleta e análise dos dados.	82
4.2.1 Caracterização dos informantes da pesquisa	83
4.1.3 Técnicas para coleta dos dados.....	92
4.1.4 Técnicas para análise dos dados.	96
5 JUVENTUDES RURAIS DE RORAIMA: ENTRE CONFLITOS E SONHOS.....	98
5.1	99
O que te faz jovem? percepções contingenciadas.	99
5.2 Compreensões dos jovens rurais sobre a tensão entre o rural e o urbano: significados, temporalidades e espacialidades.....	113
5.2.1 Percepções sobre o meio rural.	116
6. IDENTIFICAÇÕES E PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS RURAIS DE RORAIMA: CONFLITO, ARTICULAÇÃO E SOBREDETERMINAÇÃO.....	154
6.1. Entre roraimenses e roraimados: metamorfoses juvenis.....	155
6.2 Projetos de vida: negociações entre o presente e o futuro.	167
7. (IN)CONCLUSÕES.....	190
REFERÊNCIAS	195

1. INTRODUÇÃO

Confissão Social
 Ninguém tem qualquer interesse em saber isto;
 mas se eu tivesse de me confessar socialmente,
 a síntese do meu desespero era esta:
 que cheguei, em matéria de descrença no homem, à saturação.
 E, contudo, este perdido, este condenado, merece-me uma ternura tal,
 que não há tolice que faça, asneira que invente,
 mentira que diga que me deixem indiferente.
 Tenho por força de olhar, reparar, ouvir,
 e comentar com toda a paixão de que sou capaz.
 Miguel Torga, in Diário (1942)

O tema dessa tese repousa sobre questões pertinentes à juventude, tratando-se especificamente acerca dos jovens rurais que moram no estado de Roraima. O objetivo da pesquisa visou compreender os significados que os jovens rurais que vivem em Roraima, atribuem à tensão rural-urbano, analisando sua interferência no processo identitário e em seus projetos de vida.

Portanto, o cerne da análise situa-se no impacto da percepção dos jovens sobre a tensão rural-urbana, enquanto fator interveniente no processo de identificação. Nesse aspecto, a referida tensão exerce influência sobre seus projetos de vidas, considerando o caráter operativo do referido processo, que atua por meio da contingência e da diferenciação.

Destacamos que a presente tese foi idealizada a partir de inquietações pessoais e profissionais, frutos de uma década e meia de trabalho junto aos jovens, sob dimensões diversas da sua experiência social.

Pois, no exercício da sociologia, tivemos a oportunidade de trabalhar em instituições públicas voltadas ao atendimento à criança e ao adolescente, na área da Assistência Social, nos estados do Ceará e Roraima, no período compreendido entre os anos de 1995 a 2004.

Durante esse período, trabalhamos em instituições que atuam enquanto abrigo como medida de proteção a crianças e adolescentes em situação de risco¹

¹ Considera-se que uma criança ou adolescente se encontra em situação de risco quando seu desenvolvimento não acontece conforme as expectativas de sua cultura. O risco pode ter origem interna

pessoal e social, em projetos sociais voltados à prevenção à condição de crianças e adolescentes em situação de rua², e ainda, em instituições que prestam atendimento de internação aos adolescentes que praticaram ato infracional de natureza grave.

Nesse ínterim, fomos elaborando e reelaborando percepções e abordagens a algumas problemáticas que foram se consolidando como recorrentes e que, de modo geral, atravessam a trajetória da maioria dos jovens atendidos nessas instituições em que atuamos, como, por exemplo, o perfil familiar marcado pelo processo migratório do meio rural para o meio urbano.

Num segundo momento, a experiência de atuação na Secretaria de Estado de Educação de Roraima, a partir do ano 2005, nos possibilitou apropriação sobre a realidade dos jovens estudantes do Ensino Médio da capital e de quinze municípios do interior do Estado.

Essa vivência nos oportunizou conhecer outra possibilidade de percepção sobre problemáticas que cercam os jovens, pois, até então, era possível apreender, em certa medida, como se davam determinados processos (negligência familiar, violência doméstica, desemprego, pouca ou nenhuma identificação com os processos da educação formal, uso de drogas, cometimento de ilícitos etc.) a partir da ótica do jovem que morava na cidade, mesmo que esse trouxesse marcas de sua trajetória familiar relativas à migração rural-urbana.

Foi por meio do contato com a realidade dos jovens rurais, que passamos a nos sentir provocados a compreender que motivos levavam estes jovens a alimentarem a intenção de vir morar na cidade, preferencialmente na capital.

A partir da realização de projetos de pesquisa e extensão voltados à juventude e seus projetos de vida, fomos percebendo que a possibilidade de conquistar uma oportunidade de formação profissional, bem como uma colocação de trabalho, que possibilitasse essa saída do meio rural, desenhava-se como uma visão em relação ao futuro, enquanto um meio para acessar outras aspirações pessoais e sociais e, claro, ser mais feliz.

ou externa ao sujeito, assim como pode ser de caráter físico, social, psicológico, ou uma combinação destes tipos. (BANDEIRA; KOLLER; HUTZ; FORSTER, 1996).

² Alguns autores apresentam distinções entre crianças de rua ou na rua, quando fatores como vínculos familiares e participação na escola, por exemplo, são considerados. No entanto, tendo em vista a complexidade e as especificidades desta realidade, Koller e Hutz (1996) recomendam a adoção cautelosa da terminologia “em situação de rua”.

O ingresso no quadro de docentes no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR), no ano 2007, possibilitou maior aproximação a essa dimensão da vida dos jovens.

A partir de então, trabalhamos quase quatro anos no *Campus* Novo Paraíso, localizado mais ao sul do estado de Roraima, numa área já compreendida enquanto região amazônica. Esse *Campus* do IFRR foi fixado numa clareira na floresta, como podemos observar na Figura 1, ladeada pela BR 174, em pleno Território da Cidadania do Sul de Roraima, sendo uma região tomada por projetos de assentamentos rurais, que congregam migrantes de todo o país.

É uma localidade marcada pela pobreza e pela dificuldade de acesso aos equipamentos sociais básicos como saúde, educação e transporte.

Figura 6- Visão aérea do IFRR/*Campus* Novo Paraíso.



Fonte: Coordenação de Comunicação Social do IFRR/*Campus* Boa Vista.

Posteriormente, ao final do ano 2010, fomos convidados a compor a equipe de implantação do *Campus* Amajari. Esta unidade do IFRR está localizada no extremo norte do Estado e do País. Nessa experiência, vimo-nos diante de uma riqueza cultural inebriante, em especial devido à diversidade étnico-racial. Trata-se de uma região dividida entre terras indígenas, projetos de assentamentos rurais e fazendas, e, ainda, troca influências com a fronteira indígena da Venezuela, situada a pouco mais de 100 quilômetros do *Campus* Amajari.

No entorno do *Campus* Amajari, as populações dos projetos de assentamentos são basicamente constituídas por migrantes, em sua maioria, nordestinos. Todavia, também identificamos retirantes das regiões sul e sudeste do Brasil, embora que em quantitativo diminuto.

No decorrer destas vivências, questões relacionadas à juventude têm nos inquietado de modo especial. Quais as perspectivas de futuro dos jovens rurais? Quais seus dilemas, anseios e conflitos que impactam nos seus sonhos e projetos? O que significa “ser jovem” para estes jovens? Faz diferença ser um jovem que vive no meio rural em relação ao que vive no meio urbano?

Assim, as percepções dos jovens sobre suas próprias vidas e sobre o futuro vêm se construindo, desconstruindo e reconstruindo enquanto objeto de estudo e de intervenção, desde as nossas primeiras experiências, tanto na formação acadêmica, quanto na atuação profissional.

Diante deste contexto, nos sentimos compelidos a buscar um melhor entendimento sobre como se configura o processo de construção identitária e os projetos de vida deste jovem que vive no meio rural, analisados a partir de possíveis influências de percepções e significados atribuídos à tensão rural-urbana.

Partindo dos argumentos postos, construímos como problema da investigação a seguinte indagação:

Como a visão dos jovens do meio rural sobre a tensão rural-urbana afeta seu processo de construção identitária e seus projetos de vida?

A partir do problema da investigação delineamos as questões norteadoras a seguir, que nos conduziram na pesquisa:

O que caracteriza o “ser jovem” para os jovens do meio rural? Que significados os jovens atribuem ao rural e ao urbano?

O processo imigratório ocorrido em Roraima, como política de povoamento, exerce alguma influência na construção identitária dos jovens rurais?

A convivência entre índios e não-índios, assentados e fazendeiros, exerce alguma influência na construção identitária dos jovens rurais?

Como os jovens rurais que vivem em Roraima percebem as tensões entre o rural e ao urbano?

Sendo as tensões entre o rural e ao urbano percebidas pelos jovens rurais, como afetam seu processo identitário e seus projetos de vida?

Seguimos em busca de respostas às essas questões nos apoiando no entendimento de que esses jovens são sujeitos que experimentam e interpretam as contradições da realidade social, bem como que se encontram imersos em processos de identificações que nunca são uma construção completa, posto que sejam contingenciados às condições e situações do porvir e, ainda, que estão vinculados aos processos de articulação, suturação e sobredeterminação e que operam por meio da diferença.

Norteamos as análises dos dados a partir de autores cuja abordagem às categorias de análises consideramos compatíveis, bem como adequados a nos subsidiar, de forma conjunta, enquanto marco teórico. Desse modo, utilizamos Sposito e Pais para a construção do entendimento sobre juventudes; para discutirmos os processos de construção identitários dos jovens rurais adotamos os autores Simmel, Goffman, Hall e Bauman; sobre a categoria tensão rural-urbano fizemos uso dos entendimentos de Canclini e Carneiro; e por fim, fundamentamos nossas abordagens acerca dos projetos de vida a partir das ideias de Velho.

Isso posto, a tese está organizada trazendo inicialmente as discussões e autores que embasaram teoricamente as análises. Nesse primeiro momento, destacamos as compreensões analisadas em torno das relações entre o rural e o urbano, buscando a desnaturalização dos enfoques polarizados que ratificam uma perspectiva dicotômica e reducionista acerca dos conflitos concernentes à temática. Nessa parte do texto, problematizamos também as discussões em torno da juventude, enquanto categoria de análise, assim como os entendimentos sobre processos de construção identitários e sua relação com projetos de vida.

Adiante, descrevemos o caminho metodológico previsto e o percorrido, como também as necessárias adequações realizadas diante de entraves enfrentados na execução dos procedimentos técnicos previamente definidos. Apresentamos ainda a caracterização dos informantes, considerando os marcadores de diferenciação previstos no projeto.

A partir desse ponto, desenvolvemos uma explanação sobre as descobertas da pesquisa, distribuídas em dois capítulos, onde o primeiro traz análises em torno das percepções dos jovens sobre os significados de ser jovem e sobre a tensão rural-urbano, considerando a transversalidade das temporalidades e espacialidades constantes nos discursos dos jovens rurais. O último capítulo aborda as influências do

movimento migratório que marca a história do desenvolvimento do estado de Roraima, a partir dos significados que estes movimentos acarretam e impactam nos processos de construção identitários dos jovens rurais, bem como na idealização de seus projetos de vida.

Finalizamos com algumas (in)conclusões que emergiram do trabalho de pesquisa, apontando para possíveis contribuições na produção de conhecimento sobre juventudes rurais, e ainda, para novas inquietações que podem motivar futuros trabalhos dessa pesquisadora.

2. COMPREENSÕES ACERCA DAS JUVENTUDES: CONTEXTUALIZANDO AS JUVENTUDES RORAIMENSES E RORAIMADAS.⁵

"Os mapas da alma não têm fronteiras"
Eduardo Galeano

Nesse capítulo desenvolvemos uma discussão sobre uma das categorias de análise centrais da tese: Juventudes. Para tanto, traçaremos uma argumentação, tencionando evidenciar a relevância de uma pesquisa sobre juventude, voltada sobremaneira aos jovens rurais partindo de um panorama internacional, passando pelo contexto brasileiro e concluindo com algumas percepções sobre o cenário da Região Norte e do estado de Roraima.

Desse modo, levantamos dados oficiais que nos permitem elaborar um entendimento sobre a realidade da condição juvenil atual, sob variados aspectos de sua vivência social. Junto a essas informações, trazemos as contribuições de autores que abordam problemáticas relativas aos jovens, de modo a nos permitir uma apreciação mais próxima à realidade que experienciam.

Sobre os jovens que vivem em Roraima, trazemos uma combinação de dados oficiais e produções acadêmicas que nos permitem montar uma visão geral do contexto social, cultural, econômico e político a partir do qual esses jovens falam.

Assim, no âmbito dos compromissos internacionais, nas últimas duas décadas, as abordagens relativas à juventude obtiveram avanços significativos, especialmente em se tratando da atuação da Organização das Nações Unidas (ONU) e da agenda dos países-membros da Organização Ibero-Americana de Juventude (OIJ).⁶ Para dimensionarmos a relevância da introdução das questões relacionadas as juventudes nas pautas de debates internacionais, podemos mencionar que conforme o relatório expedido pelo Fundo de População das Nações Unidas- UNFPA, no ano 2011, que trata sobre a situação da população mundial, no capítulo que discute especificamente sobre a juventude, intitulado "Juventude: um novo poder global reconfigura o mundo", o relatório destaca que quase metade dos 7 bilhões de pessoas

⁵ Roraimado é um termo usual em Roraima, utilizado pelas pessoas que não são naturais do estado de Roraima, mas escolheram viver nesse estado e o amam. É uma manifestação de afeto do migrante, pelo estado.

⁶ A Organização Ibero-Americana de Juventude(OIJ) é um órgão multilateral vinculado à Organização Ibero-Americana, cujo objetivo é promover o diálogo e a cooperação em matéria de juventude, no âmbito Ibero-Americano. Compõem a OIJ: Portugal, Espanha e os países da América Latina. No dia 04/08/2010, o Senado Federal autorizou o ingresso do Brasil na OIJ.

que vivem no mundo tem até 24 anos de idade. E ainda, que as pessoas com idades compreendidas entre 10 e 19 anos representaram 17% da população mundial, sendo que, dessas, 90% vivem em países em desenvolvimento.

Contudo, quase três décadas antes, o ano de 1985 já havia sido proclamado pela ONU como ano Internacional da Juventude, com vistas a incentivar a plena e a efetiva participação dos jovens nos mais diversos segmentos da sociedade. Essa iniciativa já apontava para a percepção da urgência em articular condições para o adequado desenvolvimento dos jovens.

Apesar disso, os indicadores que mensuram o acesso dos jovens aos direitos humanos preconizados no Informe da ONU sobre a Juventude Mundial de 2005, apresentaram um contexto lamentável. O mencionado documento destacou que na população mundial de 1,2 bilhões de jovens, à época, 200 milhões sobreviviam com menos de US\$ 1,00 per capita por dia e que a juventude não é aludida de forma direta na Declaração Universal dos Direitos Humanos, tampouco no Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, favorecendo a invisibilidade desta fração da população. O documento apontou a urgência de intervenções públicas nas áreas de saúde, educação e emprego.

Acompanhando a evolução deste quadro da juventude no mundo, verificamos que, conforme o 11º Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos, elaborado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), lançado em janeiro de 2014, ainda persevera a realidade da existência de muitos jovens que continuam sem ter acesso ao básico necessário para saber/poder dirigir suas vidas com saúde e dignidade. Sobre esta situação, conforme informações do Relatório da Unesco (2011), destacamos:

- 69 milhões de adolescentes estão fora da escola em todo o mundo, e este dado não tem sofrido alterações significativas desde o ano 2007;
- Nos países de baixa renda, somente 37% dos adolescentes, e apenas 13% dos mais pobres, completam a educação secundária;
- As crianças mais pobres aprendem menos, e 24% dos adolescentes entre 15 e 24 anos em países pobres não conseguem ler uma frase;
- 40% dos jovens que vivem na África Subsaariana são analfabetos;
- As meninas mais pobres que vivem na África Subsaariana somente alcançarão a educação primária universal completa no ano 2086,

enquanto que os meninos mais ricos, que vivem no mesmo lugar, deverão alcançar esta meta até o ano 2021;

- Em alguns países da América Latina, como El Salvador, Guatemala, Panamá e Peru, a defasagem em relação ao aprendizado de matemática e leitura entre crianças urbanas e rurais ultrapassa 15%;
- Até o ano 2010, os homens jovens urbanos mais ricos já passavam mais de 9,5 anos na escola, em média, nos países de baixa renda, e mais de 12 anos em países de renda média baixa. Porém, as mulheres jovens mais pobres de áreas rurais ficavam menos de 3 anos na escola, tanto em países de renda baixa como de renda média baixa.

Nesse contexto, um estudo realizado pela Organização Mundial do Trabalho (OIT) constatou que entre os anos de 2007 e 2013, o quantitativo de jovens que nem trabalham e nem estudam (Geração nem-nem)⁷ aumentou em trinta dentre os quarenta países analisados. Nesse grupo, encontramos o Brasil na décima colocação, como é possível conferir na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1- Relação dos dez países com maior percentual de jovens com idades entre 15 e 29 anos, que nem estudam e nem trabalham, conforme a OIT, em 2013.

Países	%
Turquia	39
Macedônia	32
Israel	27,5
México	25
Bulgária	25
Espanha	24
Itália	23,5
Grécia	22
Irlanda	21,5
Brasil	19,5

Fonte: Elaborada pela autora. OIT, 2013.

A respeito dessa problemática, o relatório mais recente divulgado pela OIT com o título “Panorama Mundial do Emprego 2016: Tendência para a Juventude”,

⁷ Geração Nem-Nem é um termo de utilização recente no Brasil. Foi concebido originalmente para expressar a condição de uma parte da população, os jovens na faixa dos 15 e 24 anos de idade que “nem trabalham” e “nem estudam”. Este termo foi abasileirado a partir do termo global NEET’s, que designa os jovens como “not in employment, education, or training”, ou seja, que não estão empregados, nem na escola, universidade ou treinamento. A disseminação desse termo ganhou impulso a partir da crise econômica que se iniciou a partir do ano 2008, nos países do sul da Europa, e depois se espalhou por todo o continente. (CARDOSO, 2013)

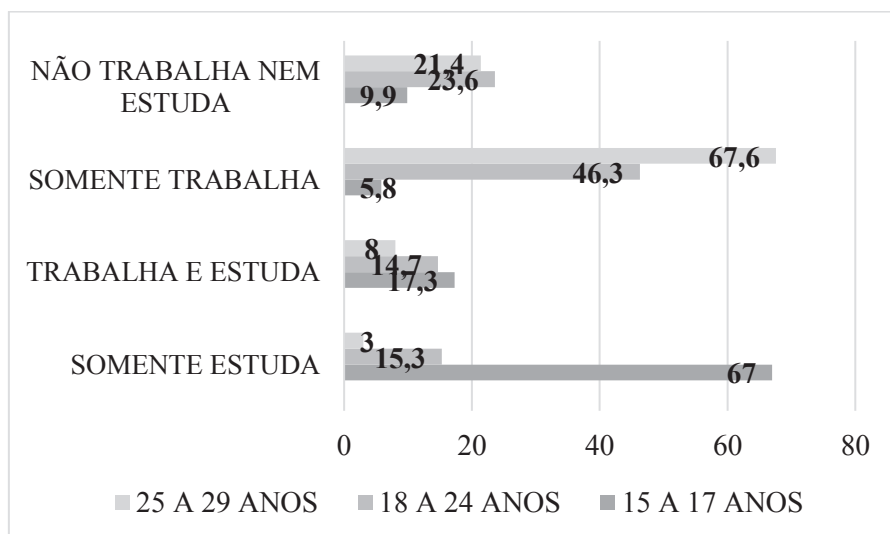
aponta que o desemprego juvenil global está em ascensão, considerando que a estimativa para a taxa de desemprego juvenil mundial para o ano 2016 é de 13,1%, superando, portanto, a taxa de desemprego de 12,9% ocorrida no ano 2015.

No que se refere ao Brasil, atualmente contamos com cerca de 51 milhões de jovens, que representam 24,1% da população do país. (IBGE, 2015). Contudo, esse quantitativo vem diminuindo a cada estudo do IBGE e tende a manter essa redução. Esse entendimento repousa na análise dos dados comparativos entre os anos de 2004 que apresentava 23,7% da população brasileira dentro da faixa de idade entre 15 e 29 anos, passando para 21,1% em 2014, como já dito.

As projeções do IBGE para o futuro apontam que esta população representará 21% da população geral no ano 2030, e ainda, de 15,3% no ano 2060. Esses dados e projeções indicam uma inversão histórica da pirâmide etária, com impactos em todos os setores da sociedade, especialmente quanto ao trabalho e a manutenção da previdência social. (IBGE, 2015).

No contexto da discussão sobre a Geração nem-nem, entre os jovens brasileiros com idades entre os 15 e 29 anos, 1 a cada 5 nem estavam frequentando a escola de ensino regular e nem estavam trabalhando no ano 2013. As atividades das quais se ocupam os jovens – se trabalham e também estudam, se só trabalham ou só estudam, ou ainda, se nem trabalham e nem estudam - varia conforme os grupos de idade, como podemos verificar na Figura abaixo.

Figura 2 – Distribuição percentual dos jovens de 15 a 29 anos de idade, por atividade, segundo os grupos de idade. Brasil, 2014.



Fonte: Elaborada pela autora. IBGE, 2015.

Os jovens brasileiros que nem estudam e nem trabalham têm apresentado como caracterização geral sua concentração nas regiões norte e nordeste (45,6%), são do sexo feminino (69,2%) e, quanto a autodeclaração etnorracial, a maioria são pretos e pardos (62,9%). No que tange à escolaridade, têm em média 8,7 anos de estudo, sendo que quase 30% não têm o ensino fundamental completo. No entanto, 46,8% apresentam o ensino médio completo ou nível mais elevado. (IBGE, 2015).

No que se refere a localização da moradia dos jovens segue a tendência da população em geral, visto que o fenômeno da urbanização continua em ascensão no Brasil, especialmente na região norte, como nos podemos acompanhar a partir dos seguintes dados:

A taxa de urbanização, medida pela proporção de pessoas que vivem em áreas urbanas, passou de 82,7% em 2004 para 85,1% em 2014, no Brasil. O aumento na taxa de urbanização não foi muito expressivo para o Brasil na década, mas na Região Norte houve o principal aumento, passando de 71,0% para 75,9%. (IBGE, 2015, p. 12).

Já no que tange à educação dos jovens de modo geral, o Relatório da Unesco (2011) quando aborda dados relativos à juventude brasileira, ressalta que o Brasil encontra-se dentre os 53 países que não atingiram e nem estão próximos a atingir os objetivos da educação para todos, apesar de apresentar avanços ao longo das últimas duas décadas, como, por exemplo:

- O acesso ao ensino fundamental está quase universalizado, contando com 94,4% da população de 7 a 14 anos de idade incluída neste nível de ensino;
- A proporção de jovens na idade própria que se encontram matriculados no ensino médio é superior ao dobro do quantitativo existente no ano de 1995, representando um expressivo avanço de acesso à educação secundária.

A despeito destes dados positivos e da evolução histórica dos indicadores referentes à escolaridade dos jovens no Brasil, que subiu de 6,8 anos (1997) para 9,5 (2009) na faixa etária de 20 a 24 anos, podemos verificar que os jovens conseguem ingressar no ensino médio, mas um grande contingente acaba não o concluindo. (PNAD⁸, 2013).

⁸ PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios é uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que tem por objetivo produzir informações contínuas sobre a inserção população no mercado de trabalho combinada a características demográficas e de

Analizando informações sobre a juventude brasileira (PNAD, 2009), ainda em se tratando da sua escolarização, numa abordagem comparativa entre as realidades vivenciadas pelos jovens que vivem no meio rural e os jovens que vivem nas áreas urbanas, salientamos que:

- O nível de escolaridade dos jovens que vivem no meio rural é 30% inferior ao dos jovens que vivem no meio urbano e, ainda, que 8% dos jovens rurais são analfabetos, enquanto que, dentre os jovens urbanos, este percentual é de 2%;
- Dentre os jovens-adolescentes (com idades entre 15 e 17 anos) que vivem nas áreas urbanas, apenas 50% destes estão terminando o ensino médio, enquanto que, dentre os jovens rurais, somente 1/3 concluem o mesmo nível de ensino;
- Em meio aos jovens-adolescentes que vivem no meio rural, há um quantitativo superior a 1,2 milhão de pessoas que deveriam estar matriculadas no ensino médio, todavia, ou estes ainda se encontram cursando o ensino fundamental ou desistiram da escola;
- No Brasil como um todo, os jovens residentes na localidade urbana contavam com a média de 9,8 anos de estudo, enquanto os da localidade rural, com 7,5 anos.

Esses dados nos servem de aporte para melhor compreendermos as contradições vivenciadas pelos jovens, de modo particular, a realidade dos jovens rurais, bem como para ponderar sobre estudos realizados sobre esta população. Podemos citar como exemplo, a pesquisa realizada por Castro (2009) sobre a saída dos jovens do meio rural, na qual é possível perceber que, apesar da juventude desejar “ficar na terra”, ela não identifica condições objetivas para tal, destacando como obstáculos enfrentados que corroboram na sua migração para a cidade a dificuldade de acesso à escola e a falta de emprego e trabalho remunerado.

Ao analisar as repercussões de processos excludentes na formação do indivíduo e dos grupos, e na atuação dos sujeitos excetuados da sociedade, Lopes assevera sobre tais consequências, destacando sobre os excluídos:

Eles não são simplesmente excluídos das riquezas materiais, isto é, do mercado de trocas. Os excluídos são-no também das riquezas

espirituais: os seus valores têm falta de reconhecimento e estão banidos do universo simbólico. (...) Os problemas decorrentes dessa injustiça simbólica caracterizam-se pela hostilidade, pela invisibilidade social e pelo desrespeito que a associação de interpretações ou estereótipos sociais reproduz na vida cotidiana ou institucional. (LOPES, 2008, p. 357).

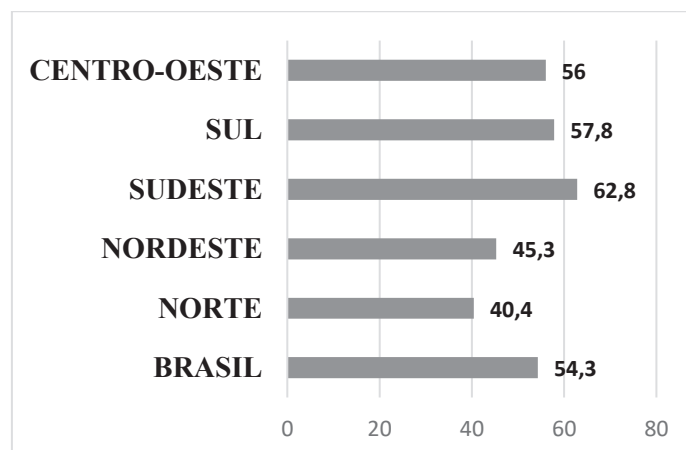
Corroborando com a argumentação acima, os documentos oficiais elaborados pelo INEP/MEC, como o Resumo Técnico sobre o Censo da Educação Superior de 2010, apontam essa realidade em relação às desigualdades que marcam as populações jovens, também em decorrência das regiões onde vivem:

Especificamente em relação aos jovens residentes na localidade rural, vale destacar que a Região Sul se manteve com a maior escolaridade ao longo desses anos, contando em 2009 com a média de 8,9 anos de estudo. Também merece destaque o incremento no desempenho da Região Centro-Oeste que, em 2009, superou ligeiramente o desempenho da Região Sudeste – respectivamente, 8,5 e 8,4 anos de estudo. (INEP/MEC, 2012, p. 38).

Levando em conta as desigualdades regionais, os dados da PNAD (2009) revelam que 54% dos jovens em situação de pobreza estão na região nordeste. Os mesmos dados evidenciam que as regiões norte e nordeste concentram os mais baixos índices de jovens-adolescentes estudando na série adequada, considerada uma distorção série-idade, posto que ambas apresentam apenas cerca de 39% destes jovens matriculados no ensino médio.

Observamos que essa realidade se mantém quando comparando o dado acima com a situação dos jovens na mesma faixa etária que vivem na região sudeste, no contexto mais recente, pois fica evidenciada a marca da desigualdade regional, conforme podemos verificar na Figura a seguir.

Figura 3 - Taxa de conclusão do Ensino Médio - 19 anos - no Brasil e por regiões.



Fonte: Todos pela Educação/PNAD, 2013.

Os dados divulgados pelo IBGE, na PNAD Contínua, relativos ao primeiro trimestre do ano 2016, atestam a permanência das diferenças regionais também quanto às oportunidades de trabalho, em especial no que se refere aos jovens, pois, quanto à taxa de desocupação⁹ entre os jovens com idades entre 18 e 24 anos, enquanto a Região Sul apresenta a menor taxa (17,2%), a Região Nordeste apresenta a maior taxa (27,4%), e a Região Norte aproxima-se da taxa média nacional com 23,1% de jovens desocupados.

Considerando o país como um todo, a situação complexa dos jovens é preocupante, posto que apresentem um elevado patamar de desocupação em relação à taxa média total do país que é de 10,9%, enquanto que os jovens com idades entre 18 e 24 anos contam com 24,1% de desocupados (PNAD/IBGE, 2016).

A dificuldade de inserção no mundo do trabalho também restringe o acesso a movimentações de caráter político, localizadas, por exemplo, nos sindicatos e associações profissionais, que lutam pela diminuição das desigualdades e maiores oportunidades. Consequentemente, tal contexto influencia para que os jovens estejam mais vulneráveis, conforme podemos inferir nesta breve passagem de Lopes:

Da mesma forma, seja focalizando tais mudanças nos movimentos sociais, seja focalizando-as nas delimitações sócio-territoriais das desigualdades, essas perspectivas apontam também para uma necessária análise das profundas transformações que afetam a autonomia dos atores sociais. (LOPES, 2008, p. 356).

Todavia, como podemos constatar, a situação crítica dos jovens vem se impondo de modo que foi neste contexto internacional e nacional, no ano 2005, que o governo brasileiro instituiu a Secretaria Nacional de Juventude - SNJ, o Conselho Nacional de Juventude e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – o ProJovem original, estrategicamente alocado na Secretária-geral da Presidência da República - SGPR, sendo sua gestão compartilhada entre os Ministérios da Educação - MEC, do Trabalho e Emprego - MTE - e do Desenvolvimento Social e Combate à Fome - MDS, sob a coordenação da SNJ/SGPR.

⁹ Percentual de pessoas desocupadas em relação às pessoas na força de trabalho: [desocupados/força de trabalho] x 100.

Fonte:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/conceitos.shtm>. Acesso em 15/maio/2016.

Esta ação sinalizou uma intenção de integração aos debates internacionais, e das organizações governamentais e não governamentais brasileiras sobre as problemáticas que atingem a juventude. (CONJUVE, 2006).

Assim, um fato histórico recente e emblemático ilustra a busca por uma forma mais inclusiva de tratar as questões voltadas à juventude: no dia 07 de julho de 2010, o Senado aprovou a Proposta de Emenda à Constituição 42/09, a “PEC da Juventude”, em que se propôs a inclusão do termo juventude na Constituição Federal Brasileira.

Sob a pressão do Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE), a PEC da Juventude foi aprovada com 56 votos em primeiro turno, sendo posteriormente aprovada por unanimidade a proposta que altera a denominação do Capítulo VII, do Título VII da Constituição, para tratar dos interesses da juventude brasileira.

Já em julho de 2013, foi aprovado, pelo Congresso Nacional, o Estatuto da Juventude, que garante direitos às pessoas de 15 a 29 anos de idade. Este Estatuto entrou em vigor a partir do dia 02 de fevereiro de 2014. O documento, construído a partir de articulações principalmente do CONJUVE, delimita como jovens as pessoas com idades entre 15 e 29 anos.

Na intenção de modificar essa percepção dos jovens como “problema”, em direção ao seu reconhecimento enquanto sujeitos de direitos, o Conjuve defende a existência de diferentes juventudes brasileiras, levando em conta a diversidade de questões de caráter socioeconômicas e étnico-culturais que a permeiam.

Deste modo, atualmente, sobre a delimitação etária da juventude, vigora uma subdivisão que visa a favorecer o direcionamento de políticas públicas, de modo a adequarem-se às especificidades juvenis. As divisões contemplam o jovem-adolescente, que tem entre 15 e 17 anos de idade; o jovem-jovem, cuja idade situa-se entre 18 a 24 anos; e o jovem-adulto, que apresenta idade entre 25 e 29 anos.

Esta mesma classificação fora adotada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), para analisar a realidade socioeconômica juvenil. O IBGE também adota a referida delimitação de faixas etárias, e desse modo, pudemos identificar que a maioria dos jovens encontra-se disposta dentre os jovens-adolescentes (20%) e os jovens-jovens (47%). O quantitativo dos jovens distribuídos por gênero é similar, pois 49,6% são homens e 50,4% são mulheres. (Censo 2010).

Nesse cenário de evidente necessidade do incremento de políticas públicas para as juventudes foi que no ano 2013, o Participatório – Observatório Participativo da Juventude¹⁰ realizou uma pesquisa de opinião de caráter nacional intitulada “Agenda Juventude Brasil: Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013”. A pesquisa objetivou analisar perfil, demandas e formas de participação da juventude brasileira, visando subsidiar políticas públicas.

De acordo com o relatório desta pesquisa, os temas que mais preocupam os jovens são, em primeiro lugar (43%), a questão da violência; em segundo lugar (34%), questões relacionadas ao emprego ou à profissão; e, em seguida, questões relacionadas à saúde (26%) e à educação (23%) (SNJ, 2013).

Ainda sobre a referida pesquisa (SNJ, 2013), quando os jovens foram questionados sobre quais assuntos gostariam de conversar com a família, com os amigos e com a sociedade em geral, os resultados apontaram para que 45% dos jovens desejam discutir sobre educação e futuro profissional com a família, e o mesmo tema interessa a 29% dos jovens para discussão com os amigos. Quanto aos assuntos sobre os quais os jovens gostariam de discutir com a sociedade em geral, aparece novamente questões relacionadas à educação e ao futuro profissional, conforme 25% dos pesquisados, antecedido pelo tema desigualdade e pobreza, que foi destacado por 40% dos jovens.

Observamos que a violência, o trabalho e a educação se encontram na centralidade das questões que afligem a juventude brasileira, sendo absolutamente justificadas, posto que representem o grupo etário mais vitimado por homicídios.

Conforme os resultados de um estudo sobre violência, realizado pela Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO), divulgado em agosto de 2016, sob o título “Mapa da Violência 2016: homicídios por arma de fogo no Brasil”, no ano de 2014, a cada hora ocorreram 6,5 assassinatos.

O mencionado estudo evidencia que na faixa de 15 e 29 anos de idade o crescimento da letalidade violenta sofreu um aumento nas últimas três décadas, da ordem de quase 700%. Desse modo, os jovens corresponderam a 58% das vítimas de homicídio por arma de fogo, no ano 2014, apresentando variações dentre as idades contempladas na faixa etária, como podemos verificar:

¹⁰ O Participatório – Observatório Participativo da Juventude - é uma plataforma virtual interativa voltada à produção do conhecimento sobre/para a juventude brasileira, com capacidades de participação e de mobilização social. É uma iniciativa da Secretaria Nacional de Juventude – SNJ.

Pode ser vista a enorme concentração de mortalidade nas idades jovens, com pico nos 20 anos de idade, quando os homicídios por AF atingem a impressionante marca de 67,4 mortes por 100 mil jovens. Mas a escalada de violência começa nos 13 anos de idade, quando as taxas iniciam uma pesada espiral, passando de 1,1 HAF, nos 12 anos, para 4,0, nos 13 anos, quadruplicando a incidência da letalidade e crescendo de forma contínua até os 20 anos de idade. (WAISELFISZ, 2016, p. 51)

Esse fenômeno se apresenta por todo o país, dentre as suas grandes regiões, e inclusive no caso do estado de Roraima, mantendo as maiores taxas de homicídio por arma de fogo dentre os jovens, conforme é possível analisar na Tabela que segue:

Tabela 2 - Taxas de homicídios por armas de fogo (por 100 mil) segundo faixas etárias e regiões do Brasil. 2014.

UF/Região	Taxas (por 100 mil)			
	< 1 a 14	15 a 29	30 a 59	60 e +
Brasil	1,4	51,6	18,1	3,5
Norte	1,3	48,1	23,5	6,3
Nordeste	2,2	79,5	27,9	5,5
Sudeste	1	34,4	11,8	2,2
Sul	1	38,4	15,2	2,8
Centro-Oeste	1,5	63	21,3	4,4
Roraima	1,4	15,5	10,8	8,6

Fonte: Mapa da Violência, 2016.

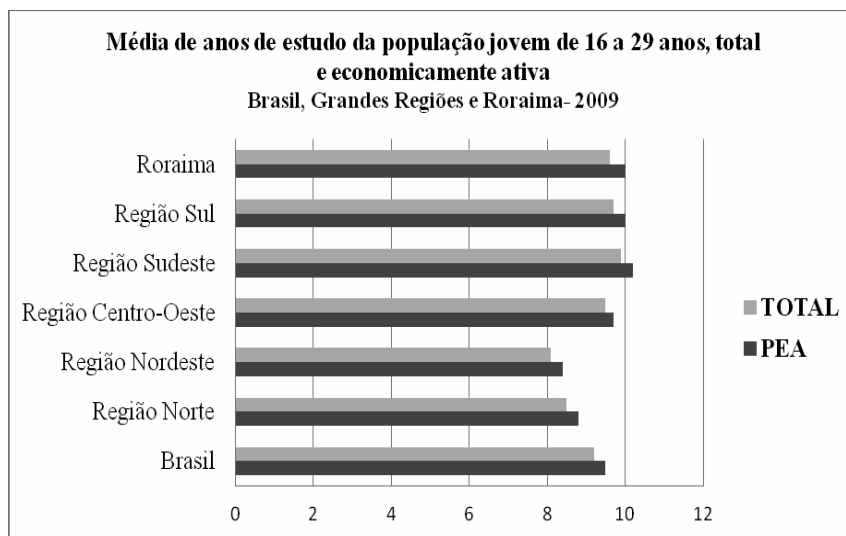
As argumentações, dados estatísticos e os resultados de pesquisas destacados até este ponto demonstram a expectativa quanto ao impacto social esperado a partir da aplicação de políticas públicas voltadas para a juventude brasileira. Pois, nota-se que há necessidade de investimentos sob vários aspectos estruturais, porém há que se considerar, conjuntamente, que do ponto de vista do desenvolvimento da formação, da qualidade/quantidade de conhecimentos construídos, os investimentos em infraestrutura serão tão melhor aproveitados quanto for consistente a formação pessoal e cidadã do jovem (ZABALA, 1998).

Foi nesse contexto, que no Brasil, especialmente a partir da década de 1990, os jovens passaram a contar com uma representação significativa no universo das temáticas investigadas pela ciência. Contudo, boa parte das produções sobre juventude se debruçam sobre situações polêmicas que envolvem os jovens, havendo ainda poucos estudos que se dedicam aos jovens rurais, enquanto atores sociais propriamente, em especial quando se trata dos jovens que vivem na região norte do Brasil, como veremos adiante.

Em se tratando da realidade dos jovens que vivem no Estado de Roraima, os dados referentes à taxa de analfabetismo se apresentam ainda mais preocupantes, pois, conforme o IBGE (2009), temos 2,7% analfabetos dentre as pessoas com idades entre 10 a 14 anos e 9,6% dentre os que têm 15 anos ou mais.

Todavia, sobre a média de anos de estudo dos jovens, o estado de Roraima apresenta um destaque positivo em relação aos demais estados das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, como podemos observar na Figura adiante.

Figura 4. Média de anos de estudo da população jovem de 16 a 29 anos, total e economicamente ativa. Brasil. grandes regiões e Roraima. 2009.



Fonte: IBGE. Pnad/2009 - Elaboração: DIEESE¹¹

Apesar deste dado favorável, ao confrontá-lo com os resultados dos indicadores de qualidade da Educação Básica, desenvolvidos pelo Ministério da Educação, vemos que Roraima, juntamente com a Região Nordeste, apresenta uma pontuação que denota a precariedade da educação, em especial no que se refere ao Ensino Fundamental, como se observa na Tabela 3, que expõe as notas obtidas nas avaliações do IDEB¹².

¹¹ PEA - POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA - É a parcela da população em idade ativa que está ocupada ou desempregada-desocupada.

¹² MEC/INEP - O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) é um indicador da qualidade da Educação desenvolvido pelo Ministério da Educação. Seus valores variam de 1 a 10, e o objetivo do MEC é que o Brasil alcance o IDEB 6, no Ensino Fundamental I, até 2022.

Tabela 3. Níveis de Ensino na Educação Básica segundo as Grandes Regiões do Brasil e o Estado de Roraima.

Níveis de Ensino na Educação Básica	Região Centro-Oeste	Região Nordeste	Região Norte	Região Sudeste	Região Sul	Roraima
Ensino Fundamental – anos iniciais	5,3	4,2	4,2	5,6	5,5	4,7
Ensino Fundamental – anos finais	4,3	3,5	3,8	4,5	4,3	3,7
Ensino Médio	3,6	3,3	3,2	3,9	4,0	3,6

Fonte: IDEB/MEC, 2011.

Há ainda outras questões críticas que atingem a população jovem do Estado como um todo, que julgamos relevante destacar. Uma destas questões foi apresentada a partir de um estudo feito pelo IBGE que construiu o Mapa do Trabalho Infantil no Brasil, baseado nos dados do Censo 2010 e nos resultados do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal-IDHM, evidenciando uma triste realidade que aponta Roraima em 5º lugar no ranking do trabalho infantil no país.¹³

Para chegar a este dado, verificou-se que 13,8% das pessoas na faixa etária de 10 a 17 anos de idade estavam ocupadas no momento da pesquisa. Este quantitativo representa 1,43% acima da média nacional.

Com uma população de 505.665 habitantes, em 2015 (Pnad/IBGE, 2015) o Estado de Roraima tinha 91.424 (18,08%) pessoas na faixa etária de 10 a 17 anos de idade. Desse total, 12.616 (13,8%) estavam ocupadas na semana de referência, ou seja, índice 1,42% acima da média nacional. A taxa de analfabetismo dessa faixa etária era de 5%.

De acordo com o IDHM, dos 15 municípios de Roraima, dois (Amajari e Uiramutã) aparecem como os piores locais para se morar, com classificação “Muito Baixo”, três municípios (Alto Alegre, Iracema e Normandia) têm classificação “Baixo” e o restante dos municípios do interior do estado (Bonfim, Cantá, Caracaraí, Caroebe, Mucajaí, Pacaraima, Rorainópolis, São João da Baliza e São Luís) estão classificados como “Médio”. Somente a capital, Boa Vista, recebeu classificação “Alto Nível”.

¹³ Informações disponíveis em: <http://censo2010.ibge.gov.br/apps/trabalho infantil/>. Acesso em 15/03/2014.

No contexto desse estudo, é importante destacar que o município de Uiramutã, considerado dentre os piores locais para se morar, conforme vimos acima, é também o município brasileiro com maior proporção de indígenas no total da população (88,1%). (IBGE, 2010).

No caso específico do estado de Roraima, para analisarmos a situação da juventude, necessitamos considerar o componente da interação etnorracial e do processo migratório que, especialmente na zona rural, ao mesmo tempo em que se traduz em riqueza e diferencial decorrente da diversidade cultural, também configura preconceitos de ordens diversas.

Observa-se que tal preconceito é manifesto em relação aos migrantes (LIMA, 2009), principalmente os nordestinos, e de modo diferenciado aos que são naturais do Estado do Maranhão, que povoaram, em maioria, as regiões de assentamentos rurais. Todavia, verifica-se também o preconceito dos não índios em relação aos índios, sendo esta situação acirrada em virtude das disputas e demarcações de terras indígenas.

A presença robusta dos nordestinos na composição populacional atual é objeto de estudo para pesquisadores locais, tendo em vista as peculiaridades culturais que estes trazem de seus estados de origem marcarem indiscutivelmente o fazer cotidiano roraimense, como podemos verificar a seguir:

O nordestino é responsável pela mais recente territorialidade, ocorrida em Roraima; em particular o maranhense, que vem produzindo novas territorialidades e novas formas de concepção do uso e do processo de domínio do território de caráter econômico e social, com uma carga de influência absorvida pela população nativa expressa em nome de estabelecimentos comerciais, nome de bairros, grupos folclóricos, nomes de pessoas etc. (VALE, 2006, p. 256).

Os maranhenses são estigmatizados de modo diferenciado, pois, na percepção preconceituosa, são tidos como pessoas pouco afeitas ao estudo, logo pouco capacitadas para ocupar funções mais qualificadas. Tal preconceito foi fomentado a partir do modo como ocorreu o processo migratório em Roraima, que foi impulsionado por conta da política de ocupação da Amazônia brasileira, durante o período dos governos militares ditatoriais.

Para um entendimento inicial a respeito da influência do processo migratório na região norte, em especial em Roraima, sobre as formas de sociação e diferenciação, que repercutem e contingenciam os processos de construção identitária

dos jovens que vivem no meio rural, faz-se necessário localizarmos historicamente, mesmo que rapidamente, este contexto.

Então, o estado de Roraima é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Está situado na Região Norte, sendo o estado mais setentrional e menos populoso do país, fazendo fronteira com a República Cooperativista da Guiana, a leste, e com a Venezuela, a norte e a oeste. Tem 964 km de fronteira com a Guiana e 958 km com a Venezuela. Roraima limita-se ainda ao sul com os Estados do Amazonas e Pará. Como é possível observar no mapa a seguir.

Figura 5 – Mapa do estado de Roraima apresentando a sua localização no mapa do Brasil e suas fronteiras nacionais e internacionais.



Fonte: <http://www.uniaonet.com/brmapa0812.jpg>

Em Roraima encontra-se o ponto mais extremo do Brasil. Trata-se do Monte Caburaí, fato desconhecido de muitos. Posto que, ocorre que até pouco tempo atrás era considerado como o ponto mais extremo do país o Oiapoque, no Amapá.

Roraima tem por capital a cidade de Boa Vista, única capital brasileira totalmente no hemisfério Norte. Predomina em Roraima a Floresta Amazônica, havendo ainda uma enorme faixa de savana no centro-leste do estado.

Contudo, Roraima nem sempre foi um Estado. No ano de 1962, o Território Federal do Rio Branco, passa a ser denominado de Roraima, continuando ainda, na

condição de Território Federal. Foi na oportunidade da promulgação da Carta Magna, em 05 de outubro de 1988, que Roraima passa a condição de Estado Federativo da União, juntamente com o Amapá.

Roraima é um estado chuvoso, entrecortado por inúmeros rios. Constitui-se por um diversificado mosaico de culturas, fauna e flora. Seu ponto culminante, Monte Roraima, empresta-lhe o nome, o qual, etimologicamente, resulta da contração das palavras indígenas roro (verde) e imã (serra ou monte), tendo sido batizado por indígenas de etnia pemons, da Venezuela. (FREITAS, 1998).

Roraima é componente da Amazônia Legal¹⁴, juntamente com os estados do Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Amapá e Tocantins e mais uma parte do oeste do estado do Maranhão. A área de abrangência da Amazônia Legal perfaz cerca de cinco milhões de km² (4.978.247 km²), correspondendo a 60% da área total do Brasil. (SOMBRA, 1994; apud MAGALHÃES, 2008, p. 34).

A Amazônia Continental compreende, além dos estados brasileiros já citados, uma área que se estende desde a Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa, destacando-se pela sua expressividade geográfica:

Vigésima parte da superfície terrestre, quatro décimos da América do sul, três quintos do Brasil, um quinto da disponibilidade mundial de água doce, um terço de reservas mundiais de florestas latifoliadas. (MATTOS, 1980, p. 23).

A Amazônia integra, além de espaços geográficos, diversidades climáticas e botânicas, uma bacia hidrográfica singular e uma variedade de características socioeconômicas.

Magalhães (2008, p. 35) reforça que há grande diversidade também cultural na Amazônia, pois, apenas quanto ao uso da língua, encontramos populações que falam português, espanhol, holandês, inglês, francês e, ainda, uma grande quantidade de línguas indígenas.

A organização social e produtiva na Amazônia Legal, em geral, reflete as diferentes movimentações populacionais ocorridas desde o fim do século XIX.

¹⁴ O termo Amazônia Legal foi criado em ação governamental, originário da Lei nº 1806, de 1953, quando foi criada a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia – SPVEA, posteriormente transformada em Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM, no Governo Castelo.

Na parte oriental, a migração recente de nordestinos contribuiu para a formação de uma identidade diferenciada em relação à da Amazônia ocidental, que se distingue por ter populações estabelecidas há muito tempo, em especial devido ao ciclo da borracha.

Já na parte meridional, os migrantes das regiões Sul e Sudeste brasileiras influenciaram na estruturação de formas de produção, onde se estabeleceram os empreendimentos agropecuários mais modernos tecnologicamente.

O processo de migração para a Região Norte, principalmente na década de 1970, foi fortemente influenciado pelas políticas de integração regional, desenvolvidas pelo Governo Federal. Dentre tais políticas, podemos citar como principais responsáveis pela atração de contingentes populacionais o incentivo aos grandes projetos agropecuários e minerais, a colonização dirigida, a abertura de estradas e a criação da Zona Franca de Manaus.

As políticas governamentais de ocupação implantaram uma infraestrutura básica que possibilitasse a administração dos Territórios Federais, onde, no caso de Roraima, as dificuldades iniciavam no recrutamento de profissionais, indo até as precárias condições existentes que inviabilizavam a permanência das equipes convidadas.

De acordo com o historiador roraimense Aimberê Freitas (1998), os anos compreendidos entre 1944 até 1964 foram marcados por intensa descontinuidade administrativa, refletindo no desenvolvimento dos planos para Roraima. No início do governo militar, o Território passa a ser governado pela Aeronáutica, sob a doutrina da segurança nacional, cujo lema era “Ocupar, desenvolver e integrar”.

Visando à ocupação do território, no ano de 1945 foi criada pelo Governo a Divisão de Produção, Terras e Colonização-DPTC, que objetivou elaborar estratégias para ocupar a terra com produção nas áreas de pecuária e agricultura. Assim, nos primeiros anos da década de 1950, foram trazidos os primeiros colonos do estado do Maranhão, em especial, dos municípios muito pobres daquele estado.

Sobre este processo, Freitas (1998, p. 35) nos relata que, como incentivo aos migrantes, o Governo do Território oferecia:

- Passagens do Maranhão para Boa Vista para toda a família;
- Hospedagem em Boa Vista durante um período de adaptação da família;
- 25 ha. de terra por família;

- Ferramentas agrícolas (facão, foice, machado, enxada etc.);
- Utensílios domésticos e mosquiteiros;
- Remédios, com assistência de um enfermeiro;
- Assistência técnica de agrônomos e veterinários;
- Doação de sementes e mudas;
- 30.000,00 cruzeiros, pelo prazo de seis meses, após a chegada.

Deste período até 1982, já havia 42 colônias agrícolas ao longo das estradas do estado de Roraima.

Durante os mandatos de Ottomar de Souza Pinto,¹⁵ a máquina administrativa, segundo Magalhães (2008, p. 101), patrocinou a vinda de migrantes do nordeste, especialmente do Estado do Maranhão, e sua instalação em bairros que foram sendo criados na periferia da capital, havendo, dentre eles, um complexo de quatro bairros populares denominados Pintolândia I, II, III e IV, em alusão ao nome do Governador Ottomar de Souza PINTO. Também houve grande absorção destas populações em cargos públicos sem a realização de concursos.

Posteriormente, os bairros mudaram de nome, sendo suas denominações apontadas pela população residente, numa iniciativa de gestor municipal de corrente política contrária ao ex-Governador e ex-Prefeito Ottomar.

No bojo do preconceito contra o migrante, de modo particular direcionado aos maranhenses, construiu-se a visão pejorativa de que os quatro bairros Pintolândia são “redutos” de maranhenses, fazendo menção a uma suposta alienação política na feição de “curral eleitoral”, resultante de uma política assistencialista imperante.

Outros rótulos também são direcionados a grupos de migrantes, como, por exemplo a ideia de que a maioria dos professores do Estado são paraibanos, os comerciantes são cearenses e os maiores produtores rurais são migrantes dos estados do sul do país, com ênfase para o Rio Grande do Sul e Paraná.

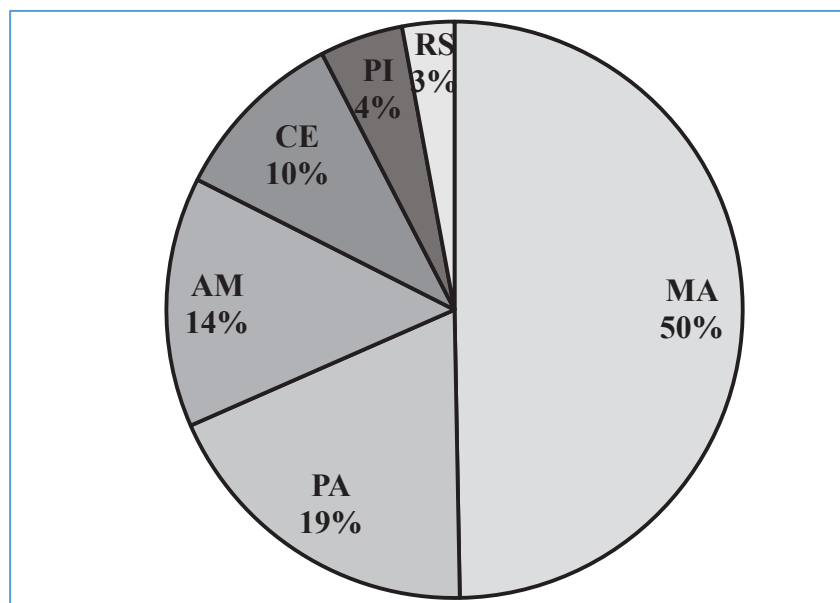
Com todas estas peculiaridades, Roraima encontra-se em âmbito nacional ocupando a segunda colocação dentre os estados cuja população é composta por

¹⁵ O Brigadeiro Ottomar de Souza Pinto é figura na história do Estado de Roraima com uma longa trajetória política, ocupando diferentes cargos. O Governador Ottomar, durante seus mandatos biônicos, passou a convidar cada vez mais novos migrantes para Roraima e, conseqüentemente, esta conduta se refletiu na formação de sua sólida base eleitoral, baseada no assistencialismo, que até os dias atuais, mesmo após sua morte, ainda repercute positivamente para seus correligionários.

maior percentual de migrantes (45,3%), ficando atrás apenas do Distrito Federal (49,3%). (PNAD/IBGE, 2015).

Os principais fluxos imigratórios são oriundos do Nordeste, seguidos da própria Região Norte. Os estados mais importantes do Nordeste, sob a ótica da emissão, foram o Maranhão e o Ceará, enquanto no Norte, foram o Amazonas e o Pará, conforme podemos observar na Figura 6, que apresenta os seis estados que mais enviaram pessoas para Roraima.

Figura 6- Distribuição da naturalidade da população migrante de Roraima, conforme os seis estados com maior quantitativo.



Fonte: Elaborado pela autora. PNAD/IBGE, 2015.

Nas pesquisas da Professora Ana Lia Farias Vale (2006) sobre a migração de nordestinos para Roraima, apresenta-se a diversidade cultural que foi se constituindo neste estado, a partir dos processos de colonização, possibilitando-nos aferir a ocorrência de hibridismos culturais, fomentados a partir de trocas acentuadas, por meio de múltiplos e diferenciadas origens. (CANCLINI;1998).

Roraima, com o passar dos anos, terá uma das populações mais mescladas do Brasil. Índios de várias tribos, garimpeiros de todas as regiões, militares, colonos migrantes, transformando o território, com características assimiladas de todos, com formação de novas territorialidades e novas formas de concepção do uso e do processo de domínio do território de caráter econômico e cultural. (VALE, 2006, p. 260).

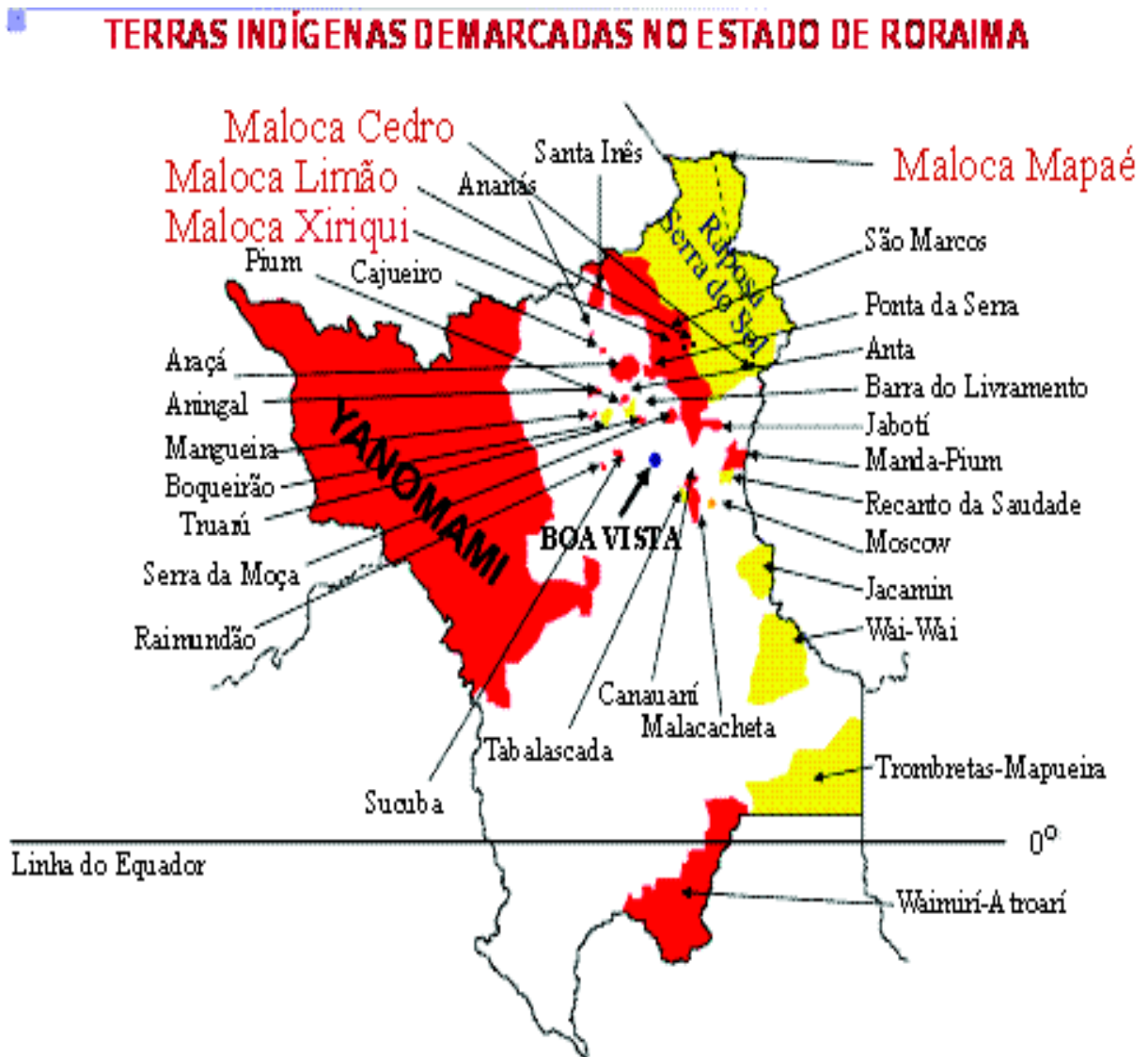
Ainda no contexto desta discussão sobre o processo de povoamento da Região Norte, é importante salientar que Roraima é um estado constituído por diversas etnias indígenas. Povos indígenas, verdadeiros nativos, habitavam também esta região do país, tendo sido encontrados desde o período inicial de sua colonização pelos portugueses.

Atualmente, quanto às terras indígenas, Roraima tem a peculiaridade de possuir um percentual de quase 47% de seu território demarcado como reserva indígena, estando tais reservas distribuídas ao longo do estado como um todo, como podemos observar no mapa adiante.

O Estado de Roraima conta com o maior percentual de população indígena do país, na casa dos 11%, relativamente à população do Estado. Dentre os indígenas, por volta de 22% têm ente 15 e 29 anos de idade. (Censo, 2010).

De acordo com os dados fornecidos pela Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), disponíveis no site do Portal do Governo do Estado de Roraima, a população indígena do estado é de 46.106 hab., sendo 15.000 hab. da etnia Yanomami e 31.106 hab. distribuídos dentre as etnias Macuxi, Patamona, Taurepang, Wapixana, Wai-Wai e Waimiri-Atroari. Estes povos ocupam as terras indígenas já demarcadas, como se pode observar na Figura 7. (Censo, 2010).

Figura 7 - Mapa de Roraima apresentado as terras indígenas demarcadas.¹⁶



Dentre os diversos grupos étnicos que se espalham por todo o estado de Roraima, sejam os indígenas que vivem nas aldeias ou os desaldeados, esses indígenas mantêm relações com os não-índios, marcadas por conflitos, que remontam desde os primeiros contatos com os europeus. (SANTOS, 2014).

Conforme Santos (2014), os indígenas que vivem nas áreas urbanas sofrem a invisibilidade social, em decorrência do entendimento corrente de que os espaços de pertencimento dos índios sejam restritos às aldeias, situadas nas florestas. Em consequência disso, o índio que migra do meio rural para o meio urbano não se percebe pertencente a este ambiente, posto que não apresenta em sua trajetória a

¹⁶ Disponível em <http://site.ecoamazonia.org.br/Docs/demarcacao/equilibriofederativo.php>

marca da modernidade e da civilidade, conforme percepção, por vezes distorcida, das populações urbanas. A presença dos índios na cidade, regra geral, é percebida como processo de “desagregação cultural”, provocando suturas na sua própria identidade. Este contexto relega ao indígena que decide morar na cidade uma condição de desvalorização do seu trabalho, de pobreza e de ignorância.

O estado de Roraima, constando com uma localização de fronteiras internacionais e por um contexto econômico e político que favorece a mobilidade das populações entre os territórios, também apresenta peculiaridades em decorrência dessa movimentação.

Diante dessa realidade, o Governo de Roraima criou a Casa de Passagem, através da Secretaria de Trabalho e Bem-estar Social (SETRABES):

(...) a Casa de Passagem tem por finalidade a garantia a proteção social integral por meio de abrigo temporário a pessoas em situação de vulnerabilidade. Vale ressaltar que o público alvo não é apenas os migrantes internacionais, pois já abrangem também os migrantes internos que se deslocam a Boa Vista. (GUIMARÃES, 2015, p. 70).

Conforme Guimarães (2015), em decorrência do estado de Roraima ter uma caracterização de passagem, como acesso ao Brasil através dessas fronteiras, os imigrantes são, em maioria, em ordem decrescente de ocorrência, dos seguintes países: Venezuela, Guiana, Haiti, Colômbia, Cuba, República Dominicana e Nicarágua. As principais motivações apresentadas pelos imigrantes atendidos na Casa de Passagem, para sua estada em Roraima, referem-se a estarem em trânsito para outras regiões do país, em busca de tratamento de saúde, ou ainda, acompanhando o traslado de algum familiar que se encontra em tratamento de saúde no estado, assim como, há ainda, os que buscam oportunidades de trabalho e refúgio.

Recentemente, tem se constatado um acréscimo de movimentações de imigrantes especialmente na cidade de Boa Vista. Os jornais locais têm noticiado estes deslocamentos, registrando as angústias e dificuldades enfrentadas especialmente por aqueles imigrantes que se encontram em situação de maior vulnerabilidade social, como podemos verificar no trecho da reportagem que seguir:

A crescente busca por estrangeiros, venezuelanos em particular, por refúgio no Brasil, entrando aqui por Roraima, é um tema que carece de debate mais aprofundado. (...) Esse é o caso dos mais de 50 venezuelanos e cubanos que foram bater à porta da Polícia Federal aqui no estado em busca de permissão para ficar no País, na última terça-feira. Eles são estudantes, jornalistas, médicos, odontólogos, designers gráficos e técnicos em informática que fugiram da crise econômica e a insegurança que fazem de seu País um lugar inóspito

para viver. São pessoas que querem ter o direito de recomeçar no Brasil, com mais dignidade e sem perseguição. (LUIZ, 2016).

De acordo com informações da Política Federal, em Roraima, os pedidos de refúgio por parte de venezuelanos aumentaram 7.000% nos últimos dois anos. Tal fato se reputa, especialmente, à crise política e econômica vivenciada pela Venezuela.

Todavia, o estado de Roraima, infelizmente, não apresenta condições de acolher dignamente o quantitativo de migrantes e imigrantes que ultimamente tem se dirigido especialmente a sua capital, Boa Vista. Os meios de comunicações locais divulgam, quase que diariamente, situações alarmantes de fome, desemprego e doenças que assolam estas pessoas que buscam uma oportunidade para refazer suas vidas, como se registra na sequência:

Todos os dias um grupo de venezuelanos e migrantes de outros estados brasileiros aguardam, em frente à Cadeia Pública de Boa Vista (CPBV), no bairro São Vicente, zona Sul, o momento de receber marmitas que sobram da alimentação dos detentos. Pelo menos dez pessoas esperam pela comida e afirmam que é pouco, considerando que muitas vezes precisam dividir sete unidades do mantimento com um número maior de pessoas. "Nós estamos vindo todos os dias porque não temos o que comer, falta dinheiro, então a gente consegue com a cadeia. Por dia, sobram entre sete e oito marmitas, aí eles dão para a gente", comentou um venezuelano que fugiu da crise em seu país e tenta a vida em Roraima. (BARROS, 2016).

Dentre esses imigrantes, muitos são jovens em busca de oportunidades de trabalho e de estudo.

Dois jovens que buscaram a PF na última sexta-feira (10) para oficializar o pedido de refúgio alegam que decidiram vir morar em Roraima por conta da difícil situação vivida na Venezuela. Um deles, de 20 anos, afirma que chegou a Roraima em março deste ano. Antes de vir para o Brasil, trabalhava e estudava Ciência Política na Venezuela. A crise, no entanto, 'corroeu' o poder de compra do salário mínimo que recebia no país e, por influência de uma amiga, optou por vir morar em Roraima. "Trabalhava para ganhar um salário mínimo na Venezuela, Lá um salário equivale a R\$ 70, o que hoje em dia só dá para comprar 1 kg de carne, 1 kg de queijo, 1 kg de presunto e 1 Litro de óleo. É muito pouco", explica. Ele pediu para não ter o nome divulgado. Desde que veio morar em Roraima, conseguiu o emprego de garçom em um restaurante, onde recebe R\$ 800. Ele afirma que envia parte do dinheiro à família que continua morando na Venezuela. (COSTA; FELIX, 2016).

Considerando que o estado de Roraima tem a sua história marcada pelos movimentos migratórios, com características diversas e, mais ainda, levando em conta a recente intensificação desses deslocamentos populacionais, com ênfase para atual

situação dos venezuelanos, os pesquisadores locais que se debruçam sobre estudos voltados a migrações e fronteiras, alertam para a urgente e necessária ruptura com a visão da fronteira apenas sob a perspectiva geográfica, conforme segue:

O jovem haitiano soma-se a muitos outros jovens que adentram as fronteiras da Amazônia com o sonho de estudar e trabalhar para ajudar os familiares. (...) Pensar a Amazônia, na perspectiva da geografia das fronteiras, na sua relação com as migrações irregulares, parece ser uma novidade em muitas áreas do conhecimento onde se costuma fazê-lo apenas no aspecto da “paisagem”. Essa nova perspectiva implica adotar uma abordagem dialética e valorizar o mosaico de culturas e a sociodiversidade da região que nos desafia a repensar radicalmente a dialética do espaço, do tempo e do ser social, com a participação do sujeito migrante e da dinâmica migratória nas fronteiras da Amazônia e da oferta de direitos. (SILVA; OLIVEIRA, 2015, p. 161).

Assim, se evidencia uma complexa trama contextual, formada por expressões culturais diversas, apresentando sua peculiar constituição marcada por um “(...) processo de formação humana, social e cultural: indígenas, negros (as), migrantes e imigrantes, compõem o cenário regional”. (ALMEIDA, 2011, p. 41).

Diante disso, problematizamos as questões relativas às tensões entre índios e não-índios, imigrantes, migrantes e roraimenses, populações dos meios rural e urbano, a partir da noção de hibridismo cultural, enquanto resultado da interação entre diferentes culturas, configurando-se em potente força criativa. (CANCLINE, 1998).

A partir destas interações, vão se processando e construindo novas expressões culturais mescladas, permitindo que manifestações representativas de determinados grupos minoritários, como os indígenas, por exemplo, permaneçam presentes, coexistindo por meios diversos como a arte e a comida.

Portanto, estas interações interferem nas construções identitárias, pois os sujeitos vivenciam uma interseção, um cruzamento de histórias e memórias, intensificando processos de individualização e diferenciação. (CHAMBERS, 1994; SIMMEL, 1986).

Partindo deste panorama, buscamos retratar aspectos do contexto da juventude, por meio de dados e produções científicas que nos possibilitam refletir sobre as condições mundiais, nacionais, regionais e locais.

Nessa lógica, visamos destacar que, nos âmbitos abordados, verificam-se marcadores de diferenciação que atravessam o cotidiano dos jovens (renda, gênero, etnia-raça, localidade: deslocamentos migratórios e rural/urbano, acesso à educação e trabalho) e, conseqüentemente, seus processos identitários.

A partir dessa argumentação, justificamos uma abordagem centrada na juventude roraimense, percebendo-a imersa, influenciada e influenciadora, tendo em mente um contexto sociocultural e econômico num nível global, contudo, considerando suas especificidades locais.

Assim, concebemos que analisar as influências que se impõem sobre o processo de construção identitária, bem como a edificação de projetos em relação ao futuro pelos jovens, traduz-se em responsabilidade social.

Desse modo, julgamos de extrema relevância científica e social a abordagem referente às temáticas pertinentes aos jovens rurais, levando em conta que ainda apresente acanhada expressão nas produções acadêmicas, sob o enfoque pretendido nessa tese. Tencionamos assim, contribuir para a superação dessa invisibilidade por meio da produção de conhecimentos sobre juventude que subsidiem planejamentos e intervenções, beneficiando os jovens rurais, em especial.

2.2 Juventudes: entendimentos sobre a categoria de análise

Considerando as finalidades da pesquisa científica, faz-se imprescindível vinculá-la a um universo teórico capaz de garantir o embasamento à interpretação dos dados a serem coletados, de forma a possibilitar maior aproximação à realidade, como, por exemplo, a partir da apreensão e análise de dados empíricos.

Para tanto, compreendemos com imperativo o levantamento de obras produzidas a respeito de temáticas diretamente vinculadas ao problema estudado. Por conseguinte, empreendemos num apanhado de produções científicas recentes sobre os temas juventude, relação rural-urbano e identidade, em especial no que tange às universidades localizadas na Região Norte, com destaque para as de Roraima.

Desse modo, proceder a uma revisão da literatura vinculada ao problema de pesquisa e às categorias conceituais e analíticas definidas inicialmente neste projeto, viabilizou robustecer nossa percepção em relação ao problema de pesquisa, dando maior consistência ao trabalho.

Neste sentido, já nos estudos realizados para a elaboração do projeto de pesquisa, averiguamos que as Ciências Sociais têm se dedicado ao tema juventude

de forma recorrente, contudo não há um consenso quanto a um conceito específico que abranja as inúmeras variações e facetas do tema, como veremos adiante.

Os estudos desenvolvidos sobre juventude são oriundos de diversas áreas do conhecimento, uma vez que são abordadas questões do campo social, étnico-cultural, econômico, educacional, de gênero etc. No caso específico do Brasil, há variadas problemáticas que motivam os estudos realizados, como por exemplo, a evasão escolar, a violência, a gravidez precoce, o desemprego, as drogas, dentre outros que identificamos com facilidade nas obras científicas.

Ou seja, a temática juventude vem apresentando um crescente interesse por parte dos pesquisadores brasileiros, porém, conforme Marília Sposito (2009), em seu trabalho sobre os estudos realizados acerca da juventude na pós-graduação brasileira (recorte temporal dos anos 1999 a 2006), verificamos que, embora seja um universo significativo do ponto de vista quantitativo, “em termos relativos ainda não ocupam grande relevância nas áreas cobertas pelo atual estudo.” (SPOSITO, 2009, p. 19).

Ainda conforme Sposito (1997), a respeito de produções científicas no Brasil, a autora destaca que há uma carência de estudos que se proponham a investigar os jovens a partir da perspectiva da totalidade do ser social e cultural, posto que a maior parte destes focalize o jovem na dimensão de aluno, embora os significados e os sentidos elaborados no contexto da escola passem pela dimensão da sociabilidade de modo abrangente.

Encontramos ainda, autores dedicados à sociologia da juventude, cujas produções remontam ao início do século XX. Contudo, no período compreendido entre as décadas de 60 a 80, deu-se o auge quantitativo de estudos neste campo, no qual destacamos Bourdieu (1983); Peralva e Sposito (1997); Foracchi (1972); Novaes (1996), dentre outros. Todavia, a maioria desses estudos se refere ao espaço urbano, e conseqüentemente a jovens urbanos.

A esse respeito é pertinente aludir ao trabalho de Canesin, Chaves e Queiroz (2002): “Contribuições conceituais sobre juventude e suas relações com o trabalho e a educação”. Nesse trabalho, são apresentadas abordagens sobre temática em tela, por meio de uma problematização sobre as pesquisas analisadas por Corrochano e Nakano (2000):

As autoras afirmam que, nesse balanço, poucas são as pesquisas que investigam o sujeito na dinâmica das determinações estruturais, nas suas formas de socialização e nas dimensões da subjetividade, das práticas, das orientações e dos valores. Informam ainda que alguns

trabalhos omitem dados elementares como a faixa etária dos sujeitos investigados (a não ser a referência às condições de que são adolescentes, jovens), o sexo, a etnia. Na maioria dos casos, a única informação revelada é a do pertencimento dos sujeitos a uma determinada classe social, fundamentalmente à classe trabalhadora, pensada de modo genérico e, às vezes, abstrato. (CANESIN; CHAVES; QUEIROZ; 2002, p. 8).

Sobre a condição juvenil no Brasil e as políticas públicas voltadas a estes, Sposito (2005) enfatiza:

(...) se a construção da condição juvenil decorre de um complexo de valores sedimentados sob o ponto de vista social e histórico, no Brasil, uma alteração desse quadro deveria ser expressão de mudanças estruturais mais substantivas que atenuem as profundas desigualdades sociais, submetidas a processos de longa duração. (SPOSITO, 2005, p. 102).

Especificamente sobre as produções sobre juventude em cursos de pós-graduação brasileiros, Sposito (2009), em sua pesquisa, levantou 1.427 dissertações e teses defendidas no período compreendido entre os anos de 1999 a 2006, por meio do que identificou que a maioria (883) situa-se na área da Educação, seguidos de 279 que são trabalhos de pesquisa da área de Ciências Sociais.

Ainda sobre a pesquisa de Sposito (2009, p. 23), a autora acentua que “Um primeiro alerta diz respeito ao caráter eminentemente urbano da produção discente sobre juventude. Do total de trabalhos (1427) somente 52 (menos de 4%) trataram de jovens do mundo rural e apenas sete (0,5%) dedicaram-se aos jovens indígenas”.

Isso posto, para melhor compreendermos as questões relacionadas a esta parcela da população, necessitamos inicialmente apresentar problematizações acerca das conceituações sobre juventudes.

Autores que se debruçam em estudos e pesquisas sobre a juventude, como, por exemplo, Sposito (2003), Abramo (1997), Pais (1990) e Abramovay (2007), alertam sobre o desafio das abordagens desta temática, para a qual se faz imprescindível uma desconstrução das concepções reducionistas, fundadas no senso comum, para uma construção sociológica, necessariamente contraditória.

Conforme Abramovay (2008), a juventude é uma construção histórica e social e, assim sendo, cada concepção de juventude emana de condições sociais e culturais específicas, não podendo ser considerada, portanto, de forma estática, generalizada, tampouco, definitiva. Corroborando esta percepção, elucida Pais:

A juventude, quando aparece referida a uma fase da vida, é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias, econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo. (PAIS, 1990, p. 146).

A partir deste entendimento, pode-se afirmar que não há uma juventude, e sim juventudes que formam um conjunto que se diferencia nas oportunidades, facilidades, dificuldades e exercício de poder na sociedade. (ABRAMOVAY, 2008).

Nesse sentido, o Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE) também aponta para adoção de uma concepção de juventude, que se aproxima das abordagens científicas destacadas neste texto:

Em um entendimento mais amplo, ser jovem no Brasil contemporâneo é estar imerso por opção ou por origem em uma multiplicidade de identidades, posições e vivências. Daí a importância do reconhecimento da existência de diversas juventudes no país, compondo um complexo mosaico de experiências que precisam ser valorizadas no sentido de promover os direitos dos jovens. (CONJUVE, 2006 p. 5).

Assim, para nos apropriarmos de informações que nos auxiliem a compreender esse conjunto de variáveis, que em certo momento dá alguma proximidade às juventudes, possibilitando-nos a construção da investigação sociológica, analisaremos alguns dados que retratam aspectos da concepção oficial de juventude, visando robustecer a nossa análise. Porém, tendo sempre em mente que não há um conceito de juventude a ser adotado, um consenso sobre suas delimitações e fronteiras rigidamente estabelecido. (WEISHEIMER, 2003)

Contudo, faz-se necessário destacar que a delimitação de juventude que norteia os dados demográficos oficiais e suas análises está pautada por limites etários, diante do que, em grande medida, tem assento no enfoque biológico e psicológico, posto que, como já iteramos, sob os demais aspectos, não se apresenta um consenso, devido à diversidade de critérios e variáveis condicionantes.

Sobre esta delimitação etária da juventude, cabe ressaltar que, no Ano Internacional da Juventude, 1985, o Brasil adotou a definição de jovem que fora convencionada pela Assembleia Geral da ONU, considerando como tal as pessoas com idades compreendidas entre 15 e 24 anos de idade.

Já a partir do ano 2006, quando da elaboração das Diretrizes do Plano Nacional da Juventude, houve um alongamento do período considerado como

juventude, pois se passou a considerar jovens aqueles que se encontram em idades de 15 a 29 anos.

Assim, a partir desta data, para fins de levantamento de informações oficiais, as juventudes no Brasil são percebidas em três etapas etárias conformes já destacamos inicialmente, quais sejam: jovem-adolescentes, jovem-jovem e jovem-adulto.

Esta dilatação da faixa etária da juventude se estendendo até os 29 anos de idade se apresenta em outros países que têm buscado definir políticas públicas dirigidas a este grupo, não se tratando, portanto, de uma exclusividade do Brasil.

Sobre esta ampliação da faixa etária da juventude, as principais justificativas concentram-se na crescente expectativa de vida da população e na maior dificuldade desta parcela dos cidadãos em conquistar autonomia, em decorrência das também progressivas exigências do mundo do trabalho, quanto à qualificação profissional. (CASTRO; AQUINO E ANDRADE, 2009, p. 21).

É o caso da Europa, por exemplo, que vem alargando a faixa etária da juventude diante principalmente das dificuldades enfrentadas relacionadas ao desemprego, considerando que, segundo as informações divulgadas em março de 2013 pela Agência Europeia de Estatísticas (EUROSTAT)¹⁷, a taxa de desemprego entre os jovens que vivem na área do euro chegou a atingir 24% destes. Na França, no mesmo período, os dados fornecidos pelo Pôle Emploi¹⁸ apresentam que um jovem está três vezes mais vulnerável ao desemprego em relação a um adulto.

Por conseguinte, esses são contextos e fatores que têm justificado a ampliação da faixa etária da juventude, pois “as contingências que afetam indivíduos ou grupos têm interferência direta no processo de formação das múltiplas identidades juvenis.” (FILIPOUSKI; NUNES, 2012, p. 20).

No âmbito destas discussões, Lopes (2008), tratando sobre processos sociais de exclusão, provoca a refletir sobre a situação de que, se antes encontrar-se inserido no mercado de trabalho era um fator determinante para definir o lugar ocupado pelo sujeito na sociedade, atualmente “o próprio mercado tornou-se o lugar dos sujeitos”.

¹⁷ Disponível em http://europa.eu/rapid/press-release_MEMO-13-464_pt.htm

¹⁸ Pôle Emploi é uma agência do governo francês que acompanha os registros de pessoas desempregadas no país, capta vagas de empregos e encaminha profissionais. Disponível em <http://www.pole-emploi.fr/accueil/>

Seguindo esta lógica, a definição de segmento etário que localiza a fase da vida chamada de juventude também orienta a coleta e análise de dados demográficos, bem como a formulação de indicadores sociais e econômicos que, por sua vez, subsidiam a elaboração de políticas públicas.

Conforme Filipouski (2012), o prolongamento do tempo de vida em que se considera como juventude faz com que essa etapa passe a ser percebida como um tempo de suspensão ou como uma “moratória social”:

Para alguns jovens, esse tempo é preenchido com estudo, prolongamento da educação básica, para outros, é espaço vazio, de experimentação e postergação das responsabilidades econômicas e familiares. Há ainda outros que também dispõem de tempo livre, mas ressentem-se da falta de trabalho, de qualificação para as novas exigências do mercado, e o vivem como tempo de culpa e impotência, o que, não raras vezes, os empurra para a transgressão. (FILIPOUSKI; NUNES, 2012, p. 18).

Assim, uma interrogação ocorre sobre esta delimitação etária da juventude e sua recente prorrogação: quando é prolongada a fase da vida humana denominada juventude, a qual as representações sociais e os órgãos públicos conferem como etapa de transição para a fase adulta, por exemplo, (KRAUSKOPF, 2003) e nos deparamos com quantitativos de cidadãos desempregados margeando os trinta anos de idade, tal concepção não poderia amenizar a percepção deste desemprego e seus impactos na sociedade como um todo? Conseqüentemente, as repercussões acerca desta percepção não seriam menos hostis, quanto às críticas ao Estado e ao próprio modo de produção? Colocamos tais questões mais como provocações à nossa reflexão do que como perguntas para as quais supomos ter respostas.

Ainda sobre este tema, de acordo com Vignoli (2001), em seus estudos sobre vulnerabilidade na América Latina, os jovens estão mais expostos aos perigos da exclusão social, em decorrência do conjunto de desequilíbrios procedentes do mercado, do Estado e da sociedade que propendem a distanciá-los do “curso central” do sistema social; as concepções de juventude adotadas pelo Estado podem reforçar cada vez mais estas desigualdades.

Nesse mister, Lopes (2008) colabora com nossa melhor compreensão sobre exclusão social, quando nos esclarece que esta tem por características um conjunto de processos que compõem o campo das relações sociais na contemporaneidade, dentre os quais destaca a precarização do trabalho, a desqualificação social, a

desfiliação social, a desagregação identitária, a desumanização do outro e a anulação da alteridade.

Assim, até este ponto do trabalho, problematizamos algumas das correntes concepções acerca da juventude, num célere paralelo entre duas formas de abordagens.

Inicialmente, mencionamos algumas concepções sociológicas consideradas neste trabalho, mais condizentes com as concepções que fundamentam nossa pesquisa, apresentando, neste aspecto, maior possibilidade de aproximação do real, em decorrência à crítica aos possíveis reducionismos que cercam a temática.

Num segundo momento, tratamos sobre algumas abordagens adotadas pelas instituições públicas, diante da necessidade de localizar e delimitar populações, de forma a produzir indicadores que possam representar de algum modo as necessidades e as realidades das juventudes.

A respeito desta segunda abordagem, consoante com Krauskopf (2003), as políticas sociais de juventude vêm sendo fundamentadas em concepções e em paradigmas distintos de juventudes. A autora destaca que um deles é o paradigma da transição para a fase adulta ou etapa de preparação. Outro também presente nas ações institucionais é o paradigma da juventude como potencial de risco e transgressão às normas sociais ou etapa da juventude como problema para a sociedade. Há ainda um paradigma da juventude cidadã ou etapa de desenvolvimento social e, por último, o paradigma da juventude enquanto ator estratégico de desenvolvimento ou etapa de formação e aporte produtivo.

Ao nos focarmos sobre estudos e pesquisas científicas voltados à juventude rural, verificamos uma produção mais extensa direcionada a questões como educação, trabalho, migração e suas potenciais correlações.

A exemplo disso, pontuamos a constatação de Castro (2009; p. 23) de que há “certo consenso nas pesquisas quanto às dificuldades enfrentadas pelos jovens rurais, principalmente quanto ao acesso à escola e ao trabalho”. Podemos observar que os paradigmas adotados pelo Estado sobre a concepção de juventude apresentam uma conotação ou expectativa de inserção na vida produtiva quando da passagem para a vida adulta. Desta forma, o processo de formação formal representa não apenas uma oportunidade de qualificação profissional, mas também de qualificação social.

Considerando suscitações oportunizadas pelo estudo de Dubet (2012), verificamos que a escola continua reproduzindo os arbitrários culturais de uma sociedade capitalista, posto que o próprio sistema meritocrático, que parte do pressuposto da igualdade de condições entre os estudantes, desconsiderando estruturas sociais e culturais desiguais das quais provêm, amplia a experiência de desqualificação social, como destaca Dubet:

Para criar uma escola mais justa, seria preciso, sem dúvida, agir não só no próprio funcionamento da escola, mas também agir no nível de influência das qualificações escolares, a fim de que as desigualdades escolares não determinem a totalidade dos percursos dos indivíduos. (DUBET, 2012, p. 67).

Vale ressaltar que, segundo Dubet (1996, p. 41-51 apud LOPES, 2008, 351), “o ator é o sistema (...) meus sentimentos amorosos, minhas opiniões políticas, minha maneira de vestir, são o produto da minha socialização, isto é, a maneira como eu me integrei subjetivamente nos objetivos do sistema”.

Neste particular, Sposito (2003, p. 10) também sopesa a necessidade de que compreendamos ser inerente à juventude, enquanto categoria sociológica, uma tensão não resolvida, onde “ela é ao mesmo tempo um momento no ciclo de vida, concebido a partir de seus recortes socioculturais, e modos de inserção na estrutura social”.

Diante disso, julgamos importante questionar: que significados este jovem atribui ao meio rural e ao urbano? Como percebem a tensão entre o rural e o urbano? Que influências esta percepção e seus significados, exercem sobre a construção de sua identidade e de seus projetos de vida?

No que concerne a estas preocupações, conforme Regina Novaes (1996), jovens de todas as faixas de renda, por exemplo, revelam suas inseguranças e angústias ao se manifestar sobre suas expectativas em relação ao trabalho, no presente e no futuro. Eles sofrem o que alguns estudiosos têm denominado de “medo de sobrar”.

Neste aspecto, destacamos que a escola, dentre os diversos espaços de socialização (SIMMEL, 1986), de acordo com Marlene Ribeiro (2002), não deve ser entendida separada do trabalho, pois a formação se articula com a produção, gerando a cultura, integrando vivências, aprendizados, experiências de participação, construindo identidades pessoais e coletivas, tornando imprescindível, portanto, um

equilíbrio neste percurso de formação, no qual se contemple o saber ser, saber fazer e saber conhecer.

Todavia, estas possibilidades de vinculações entre a escola, o trabalho e os projetos de vida dos jovens não têm por força motriz qualquer presunção generalizante, uma vez que norteamos nossa análise a partir das concepções de José Machado Paes (2012) de que os diagnósticos teóricos sobre a realidade contemporânea não devem partir de a priori, tendo em vista a necessária abertura ao campo de possibilidades que não estão dadas ou meramente presumíveis.

Assim sendo, diante do que fora discutido até este momento, atuando nos domínios das ciências humanas, pode-se considerar que as experiências dos jovens são distintas e variáveis conforme realidades específicas, épocas determinadas, relações sociais e experiências culturais definidas, o que remete a diferentes maneiras de viver a juventude, portanto, também, de apreendê-la, tornando inconsistente qualquer conceito de juventude fundado na homogeneidade.

Esse entendimento sobre o objeto de estudo se reforça a partir da coadunação às concepções de outros autores, como é o caso de Ferreira e Alves (2009), que estudando sobre juventudes rurais e agricultura familiar, destacam aspectos que necessitariam ser contextualizados, para poder caracterizar adequadamente os jovens.

Não se pode traçar um perfil único da juventude rural, seja pelos diferentes contextos socioeconômicos e culturais em que esta vive, seja pela escolha dos critérios que possam delimitá-la. Esquemáticamente, a identificação do ser jovem passa pelos seguintes marcadores: faixa etária, período de transição para a vida adulta, aceitação/contraposição a valores e práticas sociais tradicionais, especificidades na interação social e absorção de novos comportamentos. (FERREIRA; ALVES, 2009, p. 246).

Assim, faz-se necessário esclarecer que, a respeito dos dados do IBGE/PNAD apresentados anteriormente, não intencionamos que estes sejam considerados como uma caracterização homogênea dos jovens brasileiros ou roraimenses, mas como aspectos que devem ser contemplados, a priori, num estudo que envolve questões relacionadas a esta população, em especial em se tratando da identidade e das perspectivas de futuro dessas juventudes.

Ao se referir aos jovens que vivem no meio rural, é importante, no contexto do presente estudo, agregar a dimensão do preconceito ao rol de dificuldades enfrentadas.

O preconceito em questão, que se dá em relação ao ambiente rural, à escola e ao jovem rural, de acordo com Arroyo (1999), tem como um dos fatores determinantes o processo histórico de urbanização e de supervalorização do estilo de vida urbano em detrimento do estilo de vida rural, repercutindo na autoestima e nas perspectivas de futuro destas populações.

Contudo, sabemos que independentemente dos sujeitos ocuparem espaços urbanos ou rurais, como cidadãos brasileiros, devem ter garantidos o direito à educação e o respeito à sua cultura. Para tanto, precisamos “romper com a concepção dicotômica de rural-urbana (atrasado-moderno), afirmando o caráter mútuo da relação: um (rural ou urbano, campo ou cidade) interage e em determinados aspectos, dependem um do outro”. (ARROYO, 1999, p. 35).

Sobre essa situação, Maria José Carneiro (1998, p. 97) alega que “até pouco tempo, a juventude rural era pouco contemplada pelas pesquisas acadêmicas”. No entanto, as questões relacionadas a tal população têm se imposto, enquanto faixa demográfica absolutamente afetada pela diluição dos limites entre os espaços rurais e urbanos.

O autor Nilson Weisheimer (2005), em produções mais recentes, revela a baixa visibilidade dos estudos sobre jovens do mundo rural, declarando que “as pesquisas sobre juventude do meio rural não constituem, uma produção expressiva em termos de volume, uma vez que não chegam a compor quatro trabalhos por ano no período de 1990 a 2004”.

Do mesmo modo, de acordo com Castro, ainda é restrita a produção científica sobre juventude rural:

Embora a juventude rural seja alvo de pouco investimento teórico, alguns estudos sobre campesinato debatem concepções de juventude, embora este não seja o objetivo central. (CASTRO, 2009, p. 44).

Percebe-se que boa parte dos trabalhos analisados, dentre os quais destacamos Carneiro (1998; 2005), Faria (2006), Castro (2009), Weisheimer (2003), Novaes (1996) e Ribeiro (2002), que constituem pesquisas sobre juventude, em especial a que vive no meio rural, identificam que esta vivencia uma tensão que se encerra em questões focalizadas na necessidade de decidir sobre sua permanência no rural ou sua migração para as cidades, quando pesam sobre esta definição

situações ligadas ao trabalho, à educação e a convergência de valores e comportamentos outrora notadamente urbanos.

Neste aspecto, Castro (2009, p. 20) revela em seu estudo sobre o entendimento da categoria juventude, quando analisa a gestão de políticas públicas para a juventude, especialmente a partir do ano 2002, o “pouco reconhecimento da juventude rural como categoria política e como categoria social relevante para investimentos de programas de políticas públicas”.

No contexto da produção científica roraimense, os temas que circundam a realidade dos jovens, de modo especial os jovens que vivem no meio rural, não têm expressividade, pois não foram identificadas obras que tratam especificamente sobre juventude nas universidades federal e estadual, bem como na pesquisa realizada junto às faculdades da iniciativa privada. O que encontramos, que mais se aproximou do tema, tratava os jovens na qualidade de estudantes, sob diferentes aspectos.

No entanto, encontramos alguns poucos trabalhos no contexto de dissertações e teses, elaboradas por profissionais que vivem em Roraima, porém fizeram seus cursos de pós-graduação em outras universidades. No entanto, esses trabalhos descobertos abordam a juventude local a partir de temas voltados a violência, criminalidade, educação e trabalho. Mesmo assim, a troca de materiais e impressões com estes pesquisadores nos auxiliou a perceber aspectos relevantes a serem abordados.

Diante dessa realidade, atinamos que a invisibilidade da temática juventude rural pode contribuir para a exclusão social deste segmento social. Desse modo, a presente produção acadêmica tende a cooperar para o surgimento ou o fortalecimento de debates sobre temáticas vinculadas à juventude, de forma que influenciem e/ou subsidiem a construção de políticas públicas.

Na esfera da contextualização empírica acerca do problema desse projeto de pesquisa, partimos de nossa própria vivência, enquanto docente do IFRR, tendo atuado em dois de seus três *Campi*, que atendem aos jovens que vivem no meio rural.

Na oportunidade da pesquisa realizada durante o Mestrado, que finalizamos no ano 2010, também tivemos como objeto de estudo aspectos da realidade dos jovens rurais, quando traçamos como problema a ser investigado se a educação formal ofertada pelo IFRR/*Campus* Novo Paraíso estava em sintonia com as expectativas de formação e de futuro dos jovens rurais atendidos. Já naquela ocasião,

a tensão rural-urbana emergiu nas análises dos dados coletados, apresentando-se como mote para boa parte das falas e perspectivas delineadas pelos entrevistados. Todavia, tal situação não configurou ponto crucial nas nossas análises, à época.

Os jovens que estudam nos *Campi* do IFRR, localizados na zona rural, têm em comum a busca de melhores oportunidades, em relação à vida dos pais, a ser alcançada a partir da escolarização e da profissionalização. Muitos almejam morar na capital ou nas sedes dos municípios, no caso dos que vivem nas vilas e vicinais. E estas perspectivas de futuro são incentivadas em grande medida pelos pais, que, sendo na maioria migrantes, relegam à sua baixa escolaridade a necessidade de sair de sua terra em busca de oportunidades de trabalho, assim como sua vida devotada ao trabalho que tem baixa retribuição financeira, evidenciando marcas do processo migratório na visão de mundo e perspectivas de futuro destas pessoas. (FARIAS, 2010, p. 89).

Nos estudos realizados por Débora Silva (2011, p. 60) sobre metodologias de atendimento à Comunidade Indígena do Araçá, a partir da educação profissional ofertada pelo IFRR/*Campus* Amajari, a pesquisadora constatou que os indígenas adultos temem a saída dos seus jovens para estudar fora das comunidades indígenas, devido aos possíveis atrativos existentes além de seus limites, embora, ao mesmo tempo, compreendam que se faz necessário que tenham acesso a conhecimentos necessários ao desenvolvimento de atividades produtivas locais, que favoreçam sua permanência nas terras indígenas.

Assim, também, a pesquisa realizada por Elizabeth Nogueira (2013) sobre etnodesenvolvimento e educação indígena na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, em Roraima, constata que a busca por oportunidades de trabalho assalariado tem sido um dos fomentos à migração dos jovens indígenas para a cidade, gerando preocupação nos adultos e idosos que anseiam por manter os jovens na comunidade:

A falta de perspectivas de trabalho (convencional) nas comunidades tem levado muitos indígenas a migrar para os centros urbanos, notadamente para a capital Boa Vista, em busca de uma nova forma de viver, almejando completar os estudos e/ou conseguir um emprego com salário. Geralmente, nessas áreas indígenas, a educação não oferece a disseminação do saber para gestão da produção, fato que poderia criar oportunidade para diminuir a evasão dos jovens na comunidade. (NOGUEIRA, 2013, p. 15).

Todavia, essa tensão rural-urbana não se esgota na questão das oportunidades educacionais e de trabalho, pois é facilmente identificável que os

jovens dos *Campi* atendidos nestas unidades do IFRR se apropriam das linguagens, gestuais, usos e gostos dos professores, de modo especial os que são oriundos do meio urbano. Daí, durante a implantação do IFRR/*Campus* Novo Paraíso, assim como do IFRR/*Campus* Amajari, podíamos observar as jovens imitando as maquiagens das professoras, os jovens adotando cortes de cabelo dos professores, bem como o uso de celulares para ouvir música, nos locais onde até hoje ainda não há sinal de telefonia móvel, por exemplo.

Numa dada oportunidade em que realizamos uma ação institucional na Comunidade Indígena do Mutamba, no município de Amajari, observamos um grupo de jovens que realizou uma apresentação cultural a partir de músicas como forró, tocadas por meio de instrumentos musicais modernos, que em nada lembram as danças e músicas tradicionais indígenas. Observando o jovem indígena vocalista, verificamos uma tatuagem no formato da imagem da marca “bad boy”, em seu braço. Ao interpellá-lo sobre a motivação para tocar aquelas músicas e para fazer aquela imagem da tatuagem, suas respostas voltaram-se à aceitação dos demais jovens indígenas, destacando que “é isso que eles gostam de ouvir”, e sobre a imagem da tatuagem, embora o jovem não conhecesse a origem da marca multiesportiva estadunidense, relatou que em certa oportunidade em que foi a uma festa na cidade de Boa Vista, viu que os jovens que tinham esta tatuagem eram mais assediados pelas garotas e mais respeitados pelos demais rapazes.

Muitos dos jovens que concluíram o ensino médio integrado à educação profissional no IFRR/*Campus* Novo Paraíso, iniciado no ano 2007, estão cursando o ensino superior no IFRR/*Campus* Boa Vista ou na Universidade Federal de Roraima. Nas oportunidades em que os encontramos e interpellamos sobre o que mudou em suas vidas, as respostas são sempre muito entusiasmadas em torno das oportunidades de lazer, de trabalho, da diversidade de grupos com quem interagem, logo no aumento do círculo de pessoas com as quais convivem, estudam, trabalham, namoram. Não obstante, por outro lado, também reportam às dificuldades de adequar-se ao ritmo da cidade, à saudade de atividades como a pesca e a caça e a calma da vida do meio rural.

Neste aspecto, na pesquisa realizada por Antônio Lima (2011, p. 41) sobre a relação entre os saberes populares e escolares, a partir da análise dos cursos ofertados pelo IFRR/*Campus* Novo Paraíso, verificamos que, enquanto resultados da

pesquisa, destacou-se que os jovens rurais atendidos nesta unidade de ensino reconhecem a ocorrência de aprendizagens significativas, não apenas do ponto de vista acadêmico e intelectual, como também no aspecto social, na medida em que possibilita que os jovens acessem e compreendam as possibilidades de trocas simbólicas entre diferentes expressões culturais, inclusive entre o rural e o urbano.

Isto posto, apresentamos os entendimentos acerca das juventudes enquanto categoria de análise, a partir dos quais edificamos todo o projeto de pesquisa que culminou na presente tese.

3. COMPREENSÕES SOBRE A RELAÇÃO RURAL-URBANO.

Neste capítulo tratamos inicialmente de apresentar e confrontar noções de rural e campo, assim como de cidade e urbano, na intenção de estabelecer um entendimento a respeito desta relação, que nos permita desconstruir potenciais concepções a priori, garantindo a necessária abertura ao campo de possibilidades que não estão dadas ou meramente presumíveis. Para tanto, dividimos este tema em dois aspectos. Estes, foram edificados ao longo do trabalho de revisão da literatura, contudo, também sucederam a influência dos conhecimentos advindos da pesquisa de campo, junto aos jovens rurais.

Os aspectos analisados contemplam, inicialmente, um exercício ao qual denominamos de (des)construções sobre a categoria de análise. Posto que, em nosso Projeto de Pesquisa a “tensão campo-cidade” foi previamente definida enquanto uma das categorias de análise.

Contudo, o aprofundamento no debate acadêmico em relação as denominações destas dimensões e suas repercussões diversas e, ainda com maior ascendência, as percepções dos jovens rurais entrevistados, nos conduziram a reexaminar os postulados iniciais e buscar maior aproximação à realidade investigada.

Neste intento, enquanto pesquisa documental, analisamos legislações que aludem à temática e suas possíveis influências teóricas, quando de suas elaborações. Outrossim, analisamos a produção de autores selecionados, transitando pela Sociologia Rural, Sociologia Urbana e Geografia.

Num segundo momento, tratamos de modo especial, uma abordagem histórica acerca de algumas controversas correntes de pensamento sobre a relação entre o rural e o urbano. Apontamos algumas noções advindas da Sociologia Rural, assim como críticas a estas.

Além disso, discutimos as contribuições contemporâneas sobre as relações/tensões nas noções de cidade e urbanidade, bem como campo e ruralidade. Neste ponto, traçamos um diálogo entre os entendimentos sobre Sociologia Urbana de autores da Escola de Chicago, no caso Robert E. Park, Herbert Burgess e Louis Wirth e, no contraponto, as compreensões de ruralidades contemporâneas de José Maria Carneiro.

Neste cenário de problematização, localizamos as dimensões tempo e espaço, na discussão relacional entre urbano e rural, tendo por mote a tensão constante nas interações sociais. Importante salientar, que aqui, entendemos a tensão enquanto conflito, numa perspectiva Simmeliana (1983).

Na última parte deste subcapítulo, nos detemos a clarificar os entendimentos sobre conflitos e articulações entre o Rural e o Urbano, perscrutando as noções de hibridismo cultural e migração, no âmbito do debate sobre a tensão rural-urbana.

Ao longo deste subcapítulo tencionamos delinear as noções das categorias de análise que foram propostas durante a etapa de projeto desta pesquisa, bem como, suas desconstruções, acréscimos e reformulações decorrentes do processo de aproximação teórica, articulada ao progresso da coleta e análise dos dados empíricos.

Nesse sentido, Carneiro (2012) argumenta sobre o indubitável desafio ao pesquisador que se propõe a abordar o rural enquanto categoria analítica, no que concerne ao delineamento de noções capazes de se aproximar da complexidade da realidade, conforme podemos constatar no trecho a seguir:

Talvez a maior dificuldade que se possa encontrar no amplo debate sobre o significado dessas categorias, hoje em dia, esteja na amplitude de sua própria utilização: são termos que servem tanto aos pesquisadores e à academia, como definidores de objeto de estudo e de especialidades disciplinares, quanto às agências elaboradoras de estatísticas, que recortam a realidade a partir de uma apreensão de dados sustentada no princípio da dualidade, como também servem ao senso comum. (CARNEIRO, 2012, p. 44).

É nessa lógica que nos empenhamos em estabelecer um entendimento acerca da tensão rural-urbano, em vista de nortear nossas análises, mas com necessária cautela para não incorrer em reducionismos dicotômicos.

3.1 Campo e cidade ou rural e urbano? (Des)Construções acerca da categoria de análise.

Ao delimitarmos o objeto de estudo da presente tese, nos deparamos com a necessidade de buscar contribuições teóricas, que nos auxiliassem no melhor entendimento sobre o lugar social a partir do qual os jovens em estudo falam.

Já no momento da construção do projeto de tese, constatamos em textos acadêmicos, o uso de palavras e significados evasivos para se referir ao campo e a cidade ou ao rural e o urbano. Esta nossa imprecisão inicial, nos impulsionou a

necessária perquisição, no intento de nos situarmos por meio de noções acerca destes termos, que melhor nos atendessem na presente empreitada.

Assim, delineamos algumas provocações, no propósito de deslindar possíveis equívocos, quanto aos usos operatórios e analíticos destas categorias, tendo em vista que a pesquisa teve como mote os significados que os jovens atribuem à tensão entre o rural e o urbano, haja vista que, a referida tensão foi projetada, nesta pesquisa, enquanto categoria de análise. Dado isso, fica evidente a necessária (des)construção conceitual ora empenhada.

Desse modo, durante todo o processo de revisão bibliográfica, indagamos: o que diferencia as noções entre o campo e o rural, dentre os pesquisadores estudados, que abordam questões relativas às interações humanas dadas nos contextos em estudo? Os entendimentos analisados entre campo e rural, assim como, cidade e urbano, enquanto lugares de interação, consideram as implicações das vertentes tempo, espaço e os significados das ações humanas?

Esclarecemos, que ao nos referimos a tempo e espaço, nos reportamos aos entendimentos de Bauman (2010, p. 175) quando pontua que sob a ótica social consideramos os acontecimentos “no e por meio do tempo, e, de modo similar, localizados no espaço.” Todavia, Bauman alerta-nos para o fato de que esta relação tempo-espaço vem sofrendo modificações em crescente velocidade, decorrente do desenvolvimento científico e tecnológico e seu impacto na instantaneidade da comunicação, de modo que não se trata mais de considerar o tempo, restrito ao ponto de vista cronológico, bem como, o espaço apenas na sua dimensão física e geográfica.

Partindo dessa lógica, identificamos que nas produções acadêmicas analisadas, evidencia-se que a construção de categorias de análise em relação ao rural ou ao campo e suas relações com a cidade ou urbano, capazes de dar conta das complexidades advindas das transformações históricas, configura-se em um desafio notável. A dificuldade repousa, de modo especial, no fato de que a velocidade e amplitude destas mudanças, impactaram sobremaneira nas contraditórias interações sociais, repercutindo em suas variadas formas sociais.

Podemos ilustrar nosso entendimento, aludindo às mudanças sociais ocorridas durante a Idade Média. Definições de limites entre o campo e a cidade, por exemplo, tinham nos muros fortificados uma delimitação, ao menos material, entre os

antigos burgos, que se transformavam em cidades, e a população feudal que vivia no campo. (HUBERMAN, 1986).

Na modernidade, o estabelecimento de uma demarcação limítrofe de natureza material entre o campo e a cidade foi se tornando cada vez mais inconcebível, tendo em vista a crescente aproximação entre estes decorrente da expansão demográfica e fluxos produtivos, que foram dando progressiva fluidez aos referidos limites, conforme atestam Santos e Carneiro:

Hoje, a noção de região inclui-se num contexto maior, onde, também, não podemos mais falar da clássica noção de rede urbana; assim também como não podemos mais referir-nos às clássicas noções de relação cidade-campo. Não é que não existam ainda hoje estas relações, mas mudaram de conteúdo e de forma. Hoje, uma cidade pode não manter intercâmbio importante com sua vizinha imediata e, no entanto, manter relações intensas com outras muito distantes, mesmo fora de seu país. (SANTOS, 1988, p. 14).

O desenvolvimento teórico e metodológico nos ensina o que deixa de ter valor teórico e metodológico, e nos leva a substituir as categorias tradicionais por categorias atuais, isto é, do presente. Um exemplo disto é exatamente a impossibilidade, hoje, de simplesmente falarmos, como há vinte anos atrás, em dicotomias como cidade/campo, agrícola/industrial etc. Hoje o agricultor pode também ser o homem urbano - o melhor exemplo disso é a existência do trabalhador volante - o "bóia-fria" - que é um trabalhador agrícola mas já não é um habitante da zona rural. Os dois mercados de trabalho tendem a se confundir. (SANTOS, 1988, p. 14).

O ritmo das mudanças nas relações sociais e de trabalho no campo transforma as noções de "urbano" e "rural" em categorias simbólicas construídas a partir de representações sociais que, em algumas regiões, não correspondem mais a realidades distintas cultural e socialmente. Torna-se cada vez mais difícil delimitar fronteiras claras entre as cidades e os pequenos vilarejos ou arraiais a partir de uma classificação sustentada em atividades econômicas ou mesmo em hábitos culturais. (CARNEIRO, 1998, p. 53).

No entanto, a despeito destes debates, os termos campo e cidade, assim como rural e urbano, são adotados com diferenciados significados dentre e dentro de variados aspectos, sejam estes sociais, econômicos, culturais, políticos, ambientais ou ainda, educacionais.

Um exemplo significativo destes usos ambíguos localiza-se nas legislações brasileiras. Podemos observar que na Constituição Federal Brasileira, no Capítulo II que trata sobre a Política Urbana, no seu Artigo 182, assim como, nos parágrafos 1º e 2º do mesmo, os termos cidade e urbano(a) apresentam-se de modo que não ficam evidentes seus significados, conforme podemos constatar:

CAPÍTULO II
DA POLÍTICA URBANA

Art. 182. A política de desenvolvimento urbano, executada pelo Poder Público municipal, conforme diretrizes gerais fixadas em lei, tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes.

§ 1º O plano diretor, aprovado pela Câmara Municipal, obrigatório para cidades com mais de vinte mil habitantes, é o instrumento básico da política de desenvolvimento e de expansão urbana.

§ 2º A propriedade urbana cumpre sua função social quando atende às exigências fundamentais de ordenação da cidade expressas no plano diretor. (BRASIL, 1988).

Consideramos importante contextualizar que a Constituição Federal Brasileira em vigor, no que concerne a esta temática, reproduz o ideário constante no Decreto-Lei Nº. 311 de 02 de março de 1938, que estabeleceu a noção do que se considera como cidade, assim como, do tipo de espaço a ser reputado como urbano. Tal conceituação refere-se a um conjunto permanente de população e edificações, todavia, sem expressar influência das dinâmicas sociais sobre as (im)permanências e transformações destes.

Analisemos os termos da legislação em exame, em alguns de seus artigos a seguir.

[...]

Art. 2º Os municípios compreenderão um ou mais distritos, formando área contínua. Quando se fizer necessário, os distritos se subdividirão em zonas com seriação ordinal.

Art. 3º A sede do município tem a categoria de cidade e lhe dá o nome.

Art. 4º O distrito se designará pelo nome da respectiva sede, a qual, enquanto não for erigida em cidade, terá, a categoria de vila.

[...]

Art. 11. Nenhum novo distrito será instalado sem que previamente se delimitem os quadros urbano e suburbano da sede, onde haverá pelo menos trinta moradias.

Parágrafo único. O ato de delimitação será sempre acompanhado da respectiva planta.

Art. 12. Nenhum município se instalará sem que o quadro urbano da sede abranja no mínimo duzentas moradias. (BRASIL, 1938).

Por conseguinte, inicialmente, que não há no texto do Decreto-Lei Nº. 311/1938, nenhuma ocorrência das palavras “rural” ou “campo”, tendo deixado subentendido que o que não é cidade, portanto, urbano, deve-se entender por campesino, por sua vez rural.

Perscrutamos autores como Lima (2007), Biazzo (2008), Nunes (2009) e Hespamhol (2013), que realizaram minuciosas pesquisas bibliográfica e documental, a respeito dos processos históricos e políticos que engendraram, no Brasil, tais construções conceituais.

Em suas produções, de modo geral, podemos destacar o apontamento de posições explicativas quanto as delimitações quantitativas do que se deve considerar cidade, do Decreto-Lei Nº. 311/1938 e suas repercussões, não só quanto ao entendimento em relação a cidade/urbano, como a consequente classificação do campo/cidade, enquanto não-urbano, não-cidade. Tais explicações circundam em torno das necessidades de demarcação física para consequente disciplinamento jurídico e fiscal, com vistas ao melhor acompanhamento e investimento do Estado.

Todavia, há também dispostos e problematizados, entendimentos de oposição a estes, que julgam inadequados os critérios administrativos que foram adotados para o estabelecimento do que se considera como urbano, assim como, a delimitação do que vem a ser rural, por mera exclusão.

Nas análises investidas por Lima (2007) sobre as potenciais influências na elaboração do Decreto-Lei Nº. 311/1938, o referido destaca que os significados de cidade e urbano referiram-se aos entendimentos destes termos durante o Período da Antiguidade, de onde decorrem as origens latinas da língua portuguesa.

No que tange às influências pertinentes às produções científicas, o autor assevera que, neste período havia a predominância das produções intelectuais advindas da Europa, com destaque para a França e a Alemanha, em detrimento dos debates oriundos dos Estados Unidos, como, por exemplo, as obras de reconhecidos autores da Escola de Chicago (Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago), como Robert E. Park, Herbert Burgess e Louis Wirth e suas contribuições para a Sociologia contemporânea, em especial sobre a Sociologia Urbana, que já manifestavam sua efervescência, nesta época.

À vista disso, ainda conforme Lima (2007), será Marx Weber o autor que poderá ter apresentado maior influência quando da elaboração do Decreto-Lei Nº. 311/1938, como podemos verificar:

O autor que maior influência parece ter exercido sobre os formuladores do decreto-lei no 311 foi Weber para quem a cidade era uma aglomeração densamente ocupada, economicamente representada pelo mercado versátil e permanente, sociologicamente pelos contatos secundários entre os moradores, mas acima de tudo possuidora de uma estrutura político-administrativa. O termo urbano apenas se referia aos aglomerados fossem eles cidades ou vilas sem guardar nenhum significado peculiar, enquanto o termo cidade referia-se aos aglomerados com razoável dinamismo. Assim foi redigido o decreto-lei de 1938 que até hoje regulamenta o que se entende por cidade, campo, urbano e rural no Brasil. (LIMA, 2007, p. 70).

Assim sendo, no início do século XX, o debate em torno da diferenciação entre o que seja o rural e o urbano, já ocupava espaço nas produções acadêmicas. No Brasil, a partir da década de 1990, a temática vem sendo repensada não apenas no campo da academia, mas também nas instituições governamentais e não-governamentais. (BIAZZO, 2008).

Conforme Biazzo (2008) há uma intrincada preocupação, do ponto de vista prático, em planejamentos técnicos, buscando critérios de diferenciação de espaços. Similar esforço, de difícil consecução, se apresenta em produções científicas, que buscam elaborar e adotar categorias de análise, de modo a dar conta do recorte relacional entre o rural e o urbano. O referido autor nos esclarece que:

“Rural” e “urbano”, na maioria das vezes, aparecem como categorias operatórias, utilizadas como referências a bases empíricas e, na abordagem atual dominante entre os geógrafos, são lidas como conjuntos de formas concretas a compor os espaços produzidos pelas sociedades. Tal significado se aproxima do uso no senso comum e também se encontra bastante consolidado entre autores de diversos campos de saber. (BIAZZO, 2008; p. 133).

A constatação das diferenciadas e conflitantes abordagens teóricas, também permeia a percepção de outros pesquisadores dedicados a esta temática, como podemos exemplificar nas passagens que seguem:

A reflexão sobre as categorias campo, cidade, rural e urbano é um ponto de convergência de muitos pensadores contemporâneos, contudo, essas análises vêm sendo feitas sob perspectivas muito diferenciadas. [...] A discussão que levanto é referente às conceitualizações, em face das muitas divergências entre autores do que seja a cidade e o campo, o urbano e o rural. (NUNES; PINTO, 2009, p. 02).

Importantes contribuições para o uso das expressões rural e urbano já foram fornecidas justamente pelos autores que aqui se pretende analisar. Porém, os mesmos que conseguiram realizar a difícil tarefa de resignificar tais expressões e inseri-las como categorias analíticas em suas práticas discursivas, parecem continuar vítimas dos padrões de uma ciência moderna, reducionista e essencialista, que se manifesta em pequenos detalhes de sua linguagem, decisivos, contudo, no comprometimento e esvaziamento de sua mensagem. Por isso, no meio acadêmico continua-se a confundir campo com rural e cidade com urbano. (BIAZZO, 2008, p. 134).

Diante disso, nos pusemos a delinear um entendimento que melhor nos possibilitasse erigir bases para proceder as análises. Assim, identificamos que por pelo menos duas décadas (de 1970 a 1990), de modo geral, os significados e sentidos do rural e de suas relações com o meio urbano não se constituíram em objeto de pesquisa no Brasil. (CARNEIRO, 2012).

No entanto, paralelamente, a Sociologia Rural já se apresenta atuante, porém tendo como premissa a oposição entre o rural e o urbano enquanto realidades descontínuas e, ainda, marcada por uma relação de subordinação do urbano sobre o rural, decorrente da conjectura de que o rural desapareceria, sendo absorvido pelo processo de urbanização, encarado como natural e irrevogável, correspondendo a um fatal desenvolvimento ainda não consolidado no meio rural, encarado em termos de atraso e pouco ou nenhum incremento tecnológico moderno. (MARTINS, 1981).

Nesse aspecto, cabe destacar que em meados dos anos 1950, alguns autores considerados como clássicos da sociologia rural, como Henri Léfèbvre (1970) e Henri Mendras (1969), ressaltavam o processo de modernização como associado à urbanização, o que culminaria ao fim do mundo rural.

É nessa perspectiva, que Martins (2000) elabora uma crítica à Sociologia Rural, quando problematiza que basear a percepção sobre o meio rural a partir da visão do desprovemento, da escassez, da carência e do atraso pode ter sido ancorada mais numa percepção sobre o que o rural deveria ser, do que mesmo sobre os modos de ser e de viver das populações rurais. Nessa direção, um 'fosso' simbólico cada vez mais profundo foi sendo escavado, de modo a distanciar as realidades do rural e do urbano.

(...) a Sociologia Rural, na sua constituição como disciplina específica, foi responsável pela reificação de uma imagem dicotômica de sociedade, sustentada na oposição entre cidade e campo como dois universos substantivamente distintos, que comportam, não raro, avaliações antitéticas sobre as condições de vida em um e em outro. (CARNEIRO, 2012, p. 33).

Soma-se a esse entendimento que em grande quantitativo de abordagens sobre o meio rural, a organização da vida social tem por centralidade o trabalho na agricultura, bem como a baixa densidade demográfica, em contraposição à industrialização que dita o padrão de vida urbano.

Esse enfoque polarizado, reforçado pelo paradigma da Sociologia Clássica que fora construído sob a égide de uma concepção ordenada de sociedade, vem sendo utilizado de forma recorrente. No entanto, tal ótica, não parece mais se apresentar enquanto diretriz mais confiável. (FARIAS; SANTOS, 2015).

Essa realidade se constata através dos posicionamentos de autores que se debruçam sobre problemáticas vinculadas as tensões rural-urbano, tal como exemplificamos adiante:

A noção de *urbano* (oposta a *rural*) pertence à dicotomia ideológica sociedade tradicional/sociedade moderna, e refere-se a uma certa heterogeneidade social e funcional, sem poder defini-la de outra forma senão pela sua distância, mais ou menos grande, com respeito à sociedade moderna. A distinção entre cidades e aldeias coloca, no entanto, o problema da diferenciação das *formas espaciais* da organização social. Mas esta diferenciação não se reduz nem a uma dicotomia nem a uma evolução contínua, como o supõe o evolucionismo natural, incapaz de compreender estas formas espaciais como produzidas por uma estrutura e por processos sociais. Aliás, a impossibilidade de encontrar um critério empírico de definição de *urbano* é apenas a expressão de um movimento teórico. Esta imprecisão é ideologicamente necessária para conotar, através de uma organização material, o mito da modernidade. (CASTELLS, 1983, p. 24). (Grifos do autor).

Partindo dessas discussões, fundamentamos nosso processo de (des)construção da categoria de análise ‘tensão rural-urbano’, cujas elaborações que basearam as análises estão postas na sequência.

3.2 Desnaturalizações acerca dos enfoques polarizados: conflitos e articulações entre o rural e o urbano.

A busca por elaborar uma noção para a categoria de análise ‘tensão rural-urbano’ se apresentou desafiadora, visto que o primeiro confronto ao qual nos vimos colocados foi justamente entre os entendimentos construídos a partir da nossa própria formação em nível de graduação, muito centrados nas perspectivas iniciais da sociologia rural, e as concepções dos referenciais aos quais fomos nos apropriando no decorrer dos últimos anos, numa perspectiva efetivamente antagônica à primeira, dada a crítica aos reducionismos, regra geral, resultantes das visões ‘bipolares’.

Diante disso, investimos na compreensão sobre algumas correntes de pensamento contemporâneas, que pudesse nos favorecer ampliar olhares e fazeres.

Nesse propósito, partimos do entendimento da inexistência de uma abordagem ideal, mas buscamos sim, uma noção de rural e de urbano que nos permita maior aproximação analítica, sobre as percepções dos jovens rurais.

Assim, iniciamos esse caminho, apoiados no entendimento de que há diferentes olhares e compreensões, nas diversas áreas de conhecimento, ou ainda, numa mesma área, como nos esclarece Biazzo:

Em cada ramo das ciências humanas o rural parece ter se cristalizado com um sentido próprio, destinado a atender aos métodos e temas por elas destacados. Na geografia, por exemplo, predomina uma visão de rural como tipo de espaço ou paisagem; na sociologia, como modo de

vida; na economia, como agrícola, lugar de atividades produtivas específicas ligadas diretamente à terra. Deste modo, quando a sociologia rural e a geografia agrária se delinearão como campos de saber específicos, o rural era encarado como espaço material, visualmente identificado. (BIAZZO, 2008, p. 112).

Por conseguinte, baseados nos entendimentos de Carneiro (2012), distinguimos três correntes de pensamento que buscam interpretar as dinâmicas do mundo rural nas sociedades contemporâneas, que contribuíram em nossos estudos.

A primeira abordagem, parte do entendimento de que as populações rurais tenderiam a aderir ao padrão de vida urbano, decorrente do processo de urbanização do mundo rural, vindo essas a extinguirem-se, sendo tal fato uma “decorrência natural modernização da sociedade”. (SOROKIN; ZIMMERMAN; GALPIN, 1981).

Cabe ressaltar que de acordo com Schneider (1997), as primeiras abordagens ao rural, por parte da Sociologia estadunidense, ocorrem a partir dos estudos de comunidade realizados pela Escola de Chicago, que diante das pesquisas sobre o meio urbano que culminaram no conceito de ecologia urbana, estes foram tomados como referência para outros autores que passaram a estudar o meio rural, vindo a fundar a sociologia rural.

Nesse contexto, é oportuno salientar que a Escola de Chicago foi influenciada pela perspectiva dicotômica de comunidade-sociedade de Tönnies, que por relações comunitárias considerava toda vida social de conjunto, íntima, interior e exclusiva. Já as relações societárias, ao contrário, se constituiriam justamente como a sociabilidade do domínio público, do mundo exterior. (TÖNNIES, 1947, p. 20).

Sobre esse entendimento, Bauman (2003) nos elucida que o que distinguia a comunidade antiga da sociedade em ascensão era um tipo de entendimento compartilhado por todos os seus membros, baseado num sentimento de reciprocidade e de vínculo. Desse modo, quando passamos do modo de vida rural para o urbano, ocorre uma ruptura na organização dessas sociabilidades, que na medida em que o mercado ocupa a centralidade das relações, como podemos observar nos trechos que seguem.

Todo dispositivo que facilita o comércio e a indústria prepara o caminho para uma nova divisão do trabalho e dessa forma tende posteriormente a especializar as tarefas nas quais o homem encontra suas vocações. A consequência desse processo é a quebra ou modificação da antiga organização social e econômica da sociedade, que se baseava em laços familiares, associações locais, na tradição, casta e status, e sua substituição por uma organização baseada em interesses ocupacionais e vocacionais. (PARK, 1916, p. 41).

Os traços característicos do modo de vida urbano têm sido descritos sociologicamente como consistindo na substituição de contatos primários por secundários, no enfraquecimento dos laços de parentesco e no declínio do significado social da família, no desaparecimento da vizinhança e na corrosão da base tradicional da solidariedade social. (WIRTH, 1938, p. 117).

Dentro desse entendimento, para conceituarmos o urbano e o rural, faz-se necessário utilizarmos uma combinação de diversas características como o tamanho da comunidade, a densidade populacional, a nomenclatura administrativa, a composição ocupacional, dentre outros. (SOROKIN; ZIMMERMAN; GALPIN, 1981).

No entanto, conforme Schneider (1997, p. 4), no caso da sociologia rural desenvolvida nos Estados Unidos, a partir da década de 1930 muitos pesquisadores passaram a identificar que “seus temas de estudo em nada se diferenciavam dos abordados pelos estudiosos dos problemas urbanos, a não ser pelo fato de que uns se referiam as populações que residiam nas cidades e os outros àquelas que moravam no campo.”

Contudo, essa percepção dicotômica ainda persevera, nem que seja enquanto discussão teórica, posto que ao colocarmos as palavras “dicotomia rural urbano” no buscador Google, aparecem de imediato dezessete (17) resultados de trabalhos, cujos títulos contém as três palavras mencionadas.

A segunda abordagem já não defende a tendência do esvaziamento do mundo rural, contudo sustenta a permanência das diferenças espaciais e sociais a partir de processos de “reelaboração contínua da dualidade campo-cidade”, produzindo novas ruralidades. Essa abordagem, denominada de “renascimento rural”, ampara-se especialmente nos estudos do geógrafo francês Bernard Kayser.

De acordo com Kayser (1990), estaria havendo um movimento de revitalização social e econômica do meio rural, que em decorrência do desenvolvimento, especialmente da comunicação virtual, acarretara uma mudança do ritmo do êxodo rural, que estaria apresentando um movimento de retorno da população do meio urbano, em busca do estilo de vida do meio rural.

Carneiro (2012) assevera que esta abordagem não questiona a percepção dual da relação rural-urbano, posto que mantém o mundo rural contando com um modo específico de ocupação do espaço, como um modo de vida diverso do urbano, marcado por forte noção de natureza e, ainda, tendo a atividade agrícola como referência para qualificar o rural.

A terceira abordagem apontada por Carneiro (2012, p. 27), “sustenta o fim da dicotomia rural-urbano para qualificar realidades sociais distintas nas sociedades contemporâneas.” A autora aponta as noções de Elena Sarraceno como marco dessa abordagem, visto que a referida tanto nega o sentido da dualidade rural-urbana, mas também a visão de antagonismo agricultura versus indústria. A autora destaca a recuperação do desenvolvimento em algumas áreas rurais na Europa, ao mesmo tempo em que destaca declínio em áreas urbanas, para argumentar que o modelo clássico de industrialização e urbanização não estaria mais dando conta da complexidade das sociedades atuais, fato que, por consequência, exaure o sentido do binômio rural-urbano.

Destaca-se ainda, nessa abordagem, a crítica do uso da atividade agrícola como definidora para espaços rurais, considerando que a modernização da mecanização agrícola acarretou uma redução de postos de trabalho na agricultura, mas em contrapartida ocorre um incremento de atividades não-agrícolas no meio rural, sendo importante, portanto, considerar a noção de economia local ou regional, tendo em mente a heterogeneidade dos espaços rurais.

No caso do Brasil, vale salientar que já há estudos voltados à análise da tendência das pluriatividades desenvolvidas no meio rural, que têm apresentado alternativas de trabalho à atividade agrícola, com destaque para a exploração do turismo e lazer.

Diante disso, optamos por adotar os entendimentos de Carneiro acerca da noção de ruralidades, na qual a autora se refere ao processo social, não dirigindo-se exatamente a um espaço ou a um modo de vida peculiar, porém o conceito de ruralidades se dirige às “manifestações do rural”. Sobre estas manifestações, a autora concebe a presença do urbano no rural e o contrário, tendo por base o entendimento de que ambos são pensados a partir um do outro. Assim, Carneiro esclarece:

Para compreender a complexidade desse processo de decomposição e recomposição de um sistema social, importa identificar a lógica desse sistema que reside nos jogos de interesses e nas relações de força entre os agentes sociais. Recusando-se a operar com as oposições binárias, propõe-se pensar em espaços socialmente definidos, ocupados por grupos sociais diversos que mantêm relações distintas entre si e com os “outros”. Orientar o foco de análise para os agentes sociais deste processo e não mais para um espaço geográfico reificado possibilita, por exemplo, que a distinção entre “cidade” e “aldeia” ou “urbano” e “rural” desapareça ou torne-se inútil como questão sociológica. Isso porque cada espaço contém em si contradições e conflitos resultantes da relação entre sistemas de valores e interesses distintos, quer

sejam eles tidos como de origem “urbana” ou “rural”. (CARNEIRO, 1998, p. 59).

Nesse sentido, corroborando com Carneiro (2012, p. 45) consideramos mais profícuo, para fins analíticos, direcionar nosso trabalho para buscar, a partir do olhar dos atores sociais, os significados que atribuem às práticas sociais que dão funcionalidade e sentido as suas interações. “Práticas essas, cabe-nos acrescentar, que proliferam tanto no meio rural (...) quanto nas cidades.”.

4. METODOLOGIA

Nesse capítulo detalhamos toda a construção metodológica, prevista e executada, para o chegarmos até a presente tese. O capítulo se divide em duas partes, sendo o primeiro dedicado a exposição sobre as construções teóricas que dão fundamento científico a tese. Portanto, destacamos as noções e autores escolhidos para nos auxiliar na propositura do projeto de pesquisa, bem como na análise dos dados coletados. Para tanto, trabalhamos os marcos teóricos utilizados para abordar as seguintes categorias de análise: juventude, identidade, tensão rural-urbano e projetos de vida. Na segunda parte, descrevemos os procedimentos técnicos da pesquisa, constando da definição dos informantes, das técnicas utilizadas para a coleta dos dados primários e para a análise dos mesmos.

4.1 Construções teóricas: principais aportes à tese.

“Os projetos, como as pessoas, mudam.
Ou as pessoas mudam através de seus projetos.”
(VELHO, 1994, p. 48)

Até este ponto da tese, abordamos algumas concepções sociológicas que versam a respeito da categoria juventudes, como também sobre a tensão rural-urbano, as quais consideramos que melhor coadunaram às pretensões da pesquisa realizada.

Nesta elaboração, envidamos esforços em dispor e articular concepções teóricas, com vistas a auferir a melhor aproximação à realidade, de modo que nos enseje a processos de análises, possíveis de obstar conclusões reducionistas que ocultam contradições.

Também já ponderamos sobre as abordagens adotadas pelos órgãos públicos que, diante da necessidade de localizar e delimitar populações de modo a produzir indicadores representativos, adotam concepções e conceituações de ou sobre a juventude, que podem resultar em percepções homogeneizantes.

A problematização realizada a partir da contextualização empírica e teórica sobre juventude deteve-se a introduzir a discussão acerca de aspectos que emergem das aproximações à temática de estudo: jovens rurais, identidade e projetos de vida.

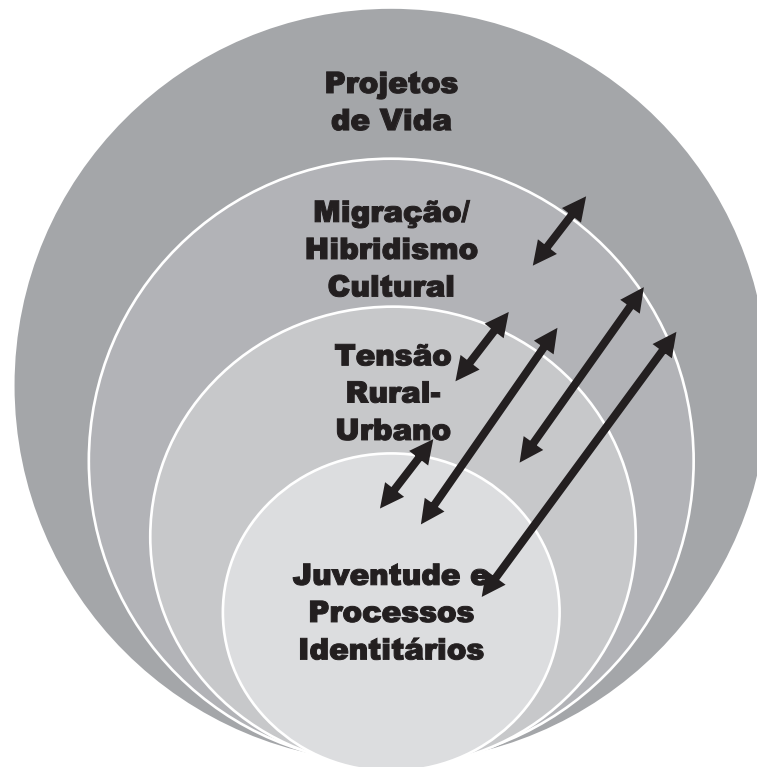
Partindo destas percepções *a priori*, elegemos categorias analíticas com a intenção de viabilizar o tratamento científico ao problema investigado, considerando estas enquanto noções relevantes dentro de um estudo, posto que amparam bases para o conhecimento do objeto, em suas facetas mais gerais. (MINAYO, 2004). Assim, propusemo-nos a trabalhar a partir das seguintes categorias analíticas: juventude, identidade, tensão rural-urbano e projetos de vida. No caso da categoria tensão rural-urbano, destacamos que foram identificadas questões que julgamos encerrar possíveis inter-relações e que, portanto, serão apreciadas conjuntamente, sendo estas o movimento migratório e, neste contexto, o hibridismo cultural.

Na construção teórica das categorias analíticas consideramos as ponderações de Simmel de que a realidade social sendo muito complexa, e até mesmo caótica em relação aos seus significados, impõem ao pesquisador que busca compreender determinados fenômenos sociais a adoção de categorias ou modelos de análise. Estas categorias representam uma espécie de simplificação do real, posto que operam baseadas na abstração e, assim, possibilitam a ordenação do pensamento, viabilizando a inquirição e interpretação do real. (GUSMÃO, 1972)

É crucial ressaltar que tais categorias previamente definidas não foram compreendidas como exclusivas, tampouco definitivas. Uma vez iniciada a coleta e análise dos dados da pesquisa, nos pusemos atentos à possibilidade da emergência de outros elementos, que poderiam provocar redirecionamentos e/ou acréscimos às categorias de análise iniciais.

Também salientamos que sobre as categorias de análise, estas foram concebidas enquanto fragmentos da realidade que somente contribuiriam para nossa compreensão quando apreendidas de modo relacional. Nesse entendimento, este aspecto relacional é fundamental e implica conceber possibilidades de processos associativos ou não entre elas, sendo que interessa sobremaneira nos apercebermos das tensões, de modo particular a tensão rural-urbano. Visando desenredar esta nossa compreensão, sugerimos a análise do diagrama que segue:

Figura 8 - Diagrama de representação do entendimento relacional acerca das categorias de análises.



Fonte: Elaborado pela autora.

Visando respaldo e aporte teórico à pesquisa, apoiamos-nos em autores que nos orientaram desde a concepção do projeto. A propositura de determinados autores como marcos teóricos, com base em suas noções e conceituações que conseguimos vincular ao objeto da pesquisa, segue uma ideia de estabelecer um cerco teórico à temática em estudo, de modo a enriquecermos as análises, a partir do cruzamento das diferentes abordagens.

Com este fito, pretendemos evitar conclusões reducionistas, partindo de um direcionamento teórico, que concebe possibilidades de aproximações e composições teóricas para uma compreensão acerca das relações sociais, capazes de nos propiciar o vislumbramento de matizes da realidade dos jovens e suas identificações.

A partir desse entendimento relacional, estabelecemos para as categorias de análises correspondentes noções, num esforço de delimitar um campo teórico que nos dê o necessário aporte para a apreciação do corpus da pesquisa.

Dentre as categorias basilares nesse estudo estão as noções de juventude, identidade e projetos de vida. Mesmo partindo do entendimento de que há uma

imbricação entre estas e as demais categorias, neste momento, distinguiremos os autores e suas concepções acerca destas categorias.

Em meio aos autores que analisamos que abordam questões relativas a estas categorias, no que se refere à compreensão sobre processos identitários, ancoramos nossas análises teóricas a partir de Stuart Hall (2011; 2003; 2000), Zygmunt Bauman (2012; 2006; 2001) e George Simmel (2010; 2006; 1986; 1983; 1973); para fundamentar a construção teórica da categoria de análise juventude, buscamos as produções de José Machado Pais (2012; 2008; 2006; 1990) e Marília Sposito (2009; 2007; 2005; 2003; 1997) e ao tratarmos sobre Projetos de Vida, partimos dos entendimentos de Gilberto Velho. (1994; 1986).

Considerando que nos propusemos a pesquisar sobre processos identitários de jovens rurais, buscamos, inicialmente, traçar um entendimento sobre o que vem a ser identidade. As perguntas que nos assolavam durante as primeiras imersões sobre o tema giraram em torno do que segue: existe a identidade? Há como conhecer a identidade de alguém? Há como inferir a identidade dos jovens? Como se constitui essa identidade? Que fatores interferem e como interferem nesta constituição?

Na busca por desvendar se haviam respostas a estas perguntas, deparamo-nos com a possibilidade de desconstruir tais perguntas, de modo que elas não nos conduzissem a potenciais respostas equivocadas e desarticuladas, inclusive com a nossa própria percepção de juventude. Pois, provavelmente, remeteriam a uma abordagem que reduzisse os elementos contraditórios constituintes da realidade, para que “coubessem”, confortavelmente, como respostas.

Diante disso, aventuramo-nos no insólito campo das infinitas possibilidades, no qual temos bebido avidamente e nos percebemos ora extasiados pelas descobertas sempre inconclusas, ora angustiados pelas constatações da fragilidade teórica a ser debelada. Sem falar que, vez por outra, ainda nos flagramos saudosos da ilusão do porto seguro, embora sabidamente inútil.

Foi no contexto destas inquietações que nos debruçamos sobre as elaborações de Stuart Hall (2011; 2000), que, com suas reflexões sobre identidades e identificações, possibilitou-nos ampliar a discussão sobre o conceito de identidade, em busca de um referencial teórico que nos desse suporte para a análise dos dados coletados junto aos jovens.

Hall (2000) considera as identidades como pontos de posição temporária à qual nos apegamos, construídas a partir de práticas discursivas:

(...) são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora 'sabendo' (aqui, a linguagem da filosofia da consciência acaba por nos trair), sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma 'falta', ao longo de uma divisão, a partir do lugar do outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas – idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos. (HALL, 2000 p. 112).

Hall (2000) menciona como aspectos necessários a serem pensados no tratamento a esta concepção, como modo de romper com o senso comum, partir da abordagem discursiva, centrada no sujeito, a necessidade de levar em conta que as identificações nunca são uma construção completa, posto que sejam contingenciadas às condições e situações do porvir e, ainda, que estão vinculadas aos processos de articulação, suturação e sobredeterminação e, por fim, que operam por meio da diferença, a partir da relação com o outro, da relação com a falta e com o exterior constitutivo,

E ainda, Hall (2011, p. 39), em sua obra “A identidade cultural na pós-modernidade”, reitera o caráter processual e de incompletude da constituição da identidade, sugerindo-nos “em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento.”.

Visando contribuir e aprofundar estes entendimentos, agregamos como marco teórico as produções sobre processos identitários de Zygmunt Bauman (2001; 2006), do qual incorporamos a importância da individualização e da diferenciação para a compreensão dos mencionados processos, na atualidade.

O contexto da discussão de Bauman (2001), acerca da identidade e da individualidade, centra-se na transição do capitalismo pesado para o capitalismo leve, ou como tem chamado em seus trabalhos mais recentes: modernidade sólida e modernidade líquida (2006).

Bauman afirma em sua obra “Modernidade Líquida” que a “existência é moderna na medida em que contém a alternativa da ordem e do caos”. (2006, p. 14). Tal concepção é decisiva para o núcleo da compreensão do autor sobre os conceitos que utilizamos para análise dos dados coletados junto aos jovens, neste trabalho.

Conforme Bauman, a modernidade sólida representou um período de dominação, no qual o discurso da ordem e do controle garantia uma percepção de solidez, centrado na figura de líderes que detinham reconhecida autoridade. Neste

contexto, o autor atribui ao modelo fordista “a maior realização até hoje da engenharia social orientada pela ordem” (2001, p. 68), considerando que se estabeleceu como referência, inclusive para a compreensão da realidade humana em todos os níveis, do social ao individual.

Contudo, o capitalismo pesado ou a modernidade sólida não deixou de favorecer a união mundial, mesmo que, de forma controversa, se considerarmos o processo de globalização oriundo do desenvolvimento da indústria, transportes, comunicações, dentre outros.

Todavia, com o declínio do projeto moderno e, ainda, com o vertiginoso desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação, a partir do crescente incremento tecnológico, vai se constituindo uma nova concepção de modernidade, a qual Bauman (2001) denomina capitalismo leve.

Neste contexto do capitalismo leve, o foco sofre uma transmutação para o discurso do caos e o indivíduo. O discurso do caos remete a realidade em que, se antes o eixo das questões circundava “(...) o cálculo dos meios apropriados à obtenção de determinados fins”, a partir do capitalismo leve “o mundo se transforma numa coleção de infinitas possibilidades”. (BAUMAN, 2001, p. 72).

Tal mudança de concepção ocasionou uma angustiante necessidade de tomada de decisão sobre, dentre tantas possibilidades existentes, a que fins se pretende chegar, mesmo tendo em vista que provavelmente não serão tão duradouros:

Como as Supremas Repartições que cuidavam da regularidade do mundo e guardavam os limites entre o certo e o errado não estão mais à vista, o mundo se torna uma coleção infinitas de possibilidades: um contêiner cheio até a boca com uma quantidade incontável de oportunidades a serem exploradas ou já perdidas. (BAUMAN, 2001, p. 73).

No capitalismo pesado, a diferença não era incentivada, ao contrário, gerava desconfiança, posto que a unidade de conduta, a adoção dos padrões de comportamento estabelecidos, balizava as ideias de povo e de nação. Todavia, no capitalismo leve, dá-se o inverso, a diferença não apenas é valorizada, como acaba por tornar-se uma exigência, o que impacta na crescente inviabilidade às formas de vida comunitárias, haja vista que sugerem dependência mútua entre as pessoas. Nessa lógica, Bauman evidencia que “A apresentação dos membros como indivíduos é a marca registrada da sociedade moderna.” (2001, p. 39).

Por conseguinte, a fim de melhor compreendermos como as concepções normativas da ordem social relacionam-se às formas como entendemos e designamos a sociedade, no contexto da modernidade e da pós-modernidade, empregamos o trabalho de Gadea (2007) para nos esclarecer sobre estas distinções.

Assim, no que se refere à organização social, a pré-modernidade caracterizou-se a partir do arranjo comunitário, quando a ordem social se mantinha fundada na hierarquia, tendo por princípios vinculantes a afetividade, e a percepção sobre a temporalidade dos acontecimentos tinha por característica se apresentar de forma cíclica, remetendo sempre a retornos sobre como se fazia, pensava e agia em determinadas situações, tendo a forma de conhecimento religioso como predominante.

Na modernidade, o binômio indivíduo-sociedade baliza a organização social baseada nas aspirações de igualdade e liberdade, contudo, alicerçada no princípio da funcionalidade, na linearidade e na razão.

Na pós-modernidade, a diferença baliza a ordem social, é no presente que se depositam todas as preocupações e anseios, visto que o futuro está absolutamente contingenciado, ou seja, não há mais estabilidade. Estes processos vão suscitar o conceito que Bauman apresenta de individualização:

(...) transformar a identidade humana de um 'dado' em uma 'tarefa' e encarregar os atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e das consequências (assim como dos efeitos colaterais) de sua realização. (BAUMAN, 2001, p. 40).

Essa individualização é buscada por intermédio do consumo, que age aplacando o sentimento de insegurança, a partir da falsa ideia de liberdade individual, representada pela possibilidade de escolher e determinar o que melhor convir a consumir, nessa medida “ganha-se independência rendendo-se”. (BAUMAN, 2001, p. 99)

Neste cenário, Bauman (2001, p. 97-98) nos elucida, informando que “quando falamos de identidade há, no fundo de nossas mentes, uma tênue imagem de harmonia, lógica, consistência (...). As identidades parecem fixas e sólidas apenas quando vistas de relance, de fora”. Assim sendo, compreendemos que no contexto da pós-modernidade, no qual as relações e situações estão fluídas e menos tangíveis, o conceito de identidade não dá conta de compreendermos esta realidade, sem que o readequemos às condições de liquidez e contingência atuais.

Visando robustecer as compreensões sobre a relevância da diferenciação e individualização nos processos identitários, partimos para o estudo das formas de socialização e sociação de Simmel (2006; 1986), agregando-o ao nosso marco teórico de análise.

No estudo de George Simmel (1986) sobre as formas de socialização, o autor preconiza que os grupos na sociedade necessitam ser compreendidos conforme os padrões de interação que estabelecem nos círculos sociais aos quais se vinculam. Neste sentido, quanto maior a quantidade de círculos sociais em que interage, mais intenso seu processo de individualização e diferenciação.

A família integra o círculo social em que são mantidas relações primárias; nesse meio, a individualidade é relativamente indiferente, em razão da maior homogeneidade dos interesses e formas de sociação. Porém, a diferenciação e a individualização vão afrouxando o laço social que mantém unidos os que estão imediatamente mais próximos, todavia, criam novos vínculos com os que estão mais distantes.

El individuo se vê primeiramente colocado em um médio para el la cual su individualidades relativamente indiferente, meio que se encadena a su próprio destino y le impone una do el azar del nacimiento. (...) Así, la familia encierra um número de individualidades diversas, que primeiro han de atenerse a esta reunión estrecha. (SIMMEL, 1986 [1908], p. 437).

Essa concepção sobre os “círculos sociais” diz respeito a uma área de atividade intersubjetiva particular, pertinente aos relacionamentos mantidos na família, com amigos e nas relações profissionais, por exemplo. O indivíduo se autodetermina, constitui-se, a partir do cruzamento destes círculos, como o próprio Simmel clarifica:

Uma vez que la síntesis de lo subjetivo há producido lo objetivo, la síntesis de lo objetivo engendra, a su vez, uma subjetividad nueva e más alta, de la misma manera la personalidad se engendra al círculo social y se sumerge em él para volver a recobrar luego su peculiaridad, merced a esse cruce de círculos sociales que em la persona se verifica. (SIMMEL, 1986 [1908], p. 426).

Para compreendermos a dinâmica da individualização e diferenciação a partir da participação dos indivíduos nos diversos círculos sociais, faz-se necessário compreender conceitos como sociação e sociabilidade de Simmel, sendo o primeiro correspondente à forma pura de interação, pela qual os indivíduos constituem uma unidade para satisfazerem seus interesses, suas inclinações, sendo a forma e o

conteúdo na experiência concreta, elementos inseparáveis, e o segundo, à forma lúdica da sociação, não importando as motivações.

A respeito desta pluralidade de possibilidades de sociação, Simmel (1986) no suscita a considerar que a configuração social não é dada apenas por elementos convergentes desta sociedade, mas também por seus elementos dissociativos, e é exatamente esta tensão que vai moldar as estruturas sociais.

Como a presente pesquisa refere-se aos processos identitários dos jovens, especificamente os jovens rurais, faz-se necessário delinear a partir de que noção de juventude e de que jovens rurais estamos propondo este trabalho científico.

Tendo por base os autores citados nessa pesquisa, elaboramos um entendimento a respeito de que a juventude, enquanto categoria de estudo da sociologia, de que é inerente a esta, uma ansiedade permanente, posto que seja concebida pelas representações sociais e mesmo instituições públicas e privadas que os atendem, enquanto sujeitos retidos em uma condição transitória, de passagem por uma etapa da vida humana, enquanto momento de conquista de modos de inclusão na estrutura social, numa abordagem reduzida e perfunctória. (SPOSITO, 2003). Sposito ainda nos orienta que:

Ao tentar analisar a emergente condição juvenil contemporânea, no Brasil, seremos também obrigados a tratar, sob a ótica da diversidade, daquilo que, aparentemente, é o mais tradicional da modernidade – trabalho, família e escola – sem que, necessariamente, estejamos reiterando chaves analíticas anacrônicas, conservadoras ou negando horizontes utópicos de cunho emancipador. (SPOSITO, 2005, p. 126).

Neste aspecto, contemplamos no nosso olhar pesquisador a importância de considerarmos informações referentes à juventude, de modo particular no tocante à escola e ao trabalho, tendo em mente dar conta das influências destes aspectos sobre a realidade juvenil.

Todavia, estamos vigilantes diante das ponderações de Pais (2012), autor que assevera que para evitar os “equivocos conceituais”, devemos buscar no cotidiano dos jovens os significados que atribuem ao aspecto da realidade vivencial em análise. Porém, considerando que todo significado é sempre “referencial ou denotativo”.

Baseados nestas orientações teóricas, buscamos conhecer os significados que os jovens do campo atribuem ao meio rural e ao urbano, visando desvendar em que medida a tensão entre estes ambientes/contextos influência nos seus processos identitários e nos projetos de vida. Neste sentido, encontramos referências para situar

o olhar sobre a juventude a partir do atual contexto de mudanças aceleradas, que tornam imprescindível a capacidade de adaptação por parte das pessoas, inclusive dos jovens.

Desta forma, a juventude não deve ser apreciada como simples instrumento para um futuro, e sim como sujeito construtor do presente, que também exerce influência sobre as transformações sociais.

Pais (1990) alerta-nos para o que tem chamado de “paradoxos da juventude”, destacando as abordagens conflitantes sobre a categoria em questão, exemplificando como tal a noção de juventude a seguir:

A noção de *juventude* somente adquiriu certa consistência social a partir do momento em que, entre a infância e a idade adulta, se começou a verificar o prolongamento - com os consequentes «problemas sociais» daí derivados— dos tempos de passagem que hoje em dia mais caracterizam a juventude, quando aparece referida a uma *fase de vida*. (PAIS, 1990, p. 148). (Grifos do autor).

Por conseguinte, Pais (2008) discute o mascaramento da realidade dos jovens a partir da homogeneização, a qual, encarada restritamente como fase da vida, num exercício de abstração arbitrária, é vista quase como um mito, daí os rótulos contraditórios vivenciados.

A partir deste entendimento sobre juventude, buscamos, também, autores que apresentassem produções mais direcionadas aos jovens rurais, tendo em mente que os seus estudos nos apontariam indicativos sobre fatores que não devem ser prescindidos numa pesquisa como a que pretendemos.

Desde projetos de pesquisa anteriores a este, já nos reportávamos à antropóloga Maria José Carneiro (2005; 2003; 1999; 1998) na qualidade de referência teórica. A autora (1998) nos situa no contexto das produções científicas mais específicas acerca dos jovens rurais, apontando que, dentre as dificuldades existentes para caracterizar a “juventude rural”, há ainda um entendimento ambíguo do que seja o rural.

Porém, Carneiro (2005) ressalta que em decorrência da predominância de uma difusão de elementos ainda mais considerados como oriundos da cultura urbana, os jovens rurais vivem uma imprecisão de valores, porque, de um lado, ainda tentam manter sua identidade afetiva ao modo de vida rural, por outro lado, têm uma autopercepção que reflete a cultura urbana, a qual, sendo preponderante, apresenta-se como referência para a construção de um projeto de vida e de futuro.

Considerando esse aspecto, buscamos o conceito de estigma na visão de Goffman (1988), dados os relatos dos jovens rurais caracterizarem pontualmente a noção trabalhada pelo referido autor. Nesse sentido, podemos mencionar que esta apreensão dos jovens rurais sobre serem vistos de forma preconceituosa pelos sujeitos oriundos do meio urbano, apresenta-se contextualizada em episódios de relações “mistas”, nas quais os jovens rurais (estigmatizados) e os “normais” (sujeitos do meio urbano) encontram-se numa mesma situação social.

Para Goffman (1988, p. 12), a dissonância entre a identidade social virtual e a identidade social real acarreta num estigma, pois quando concebemos que o sujeito "tem um atributo que o torna diferente do outro, um atributo depreciativo, (...) deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída".

Ao analisarmos o entendimento de Goffman (1988, p. 22) acerca de possíveis reações dos sujeitos nestas relações mistas, verificamos que os relatos dos informantes exemplificam, de modo singular, as possibilidades apontadas, por exemplo, dos estigmatizados manterem-se na retaguarda, sempre na defensiva, fazendo com que busquem evitar situações que os coloquem nesse confronto. Assim, o autor menciona como uma das consequências presumíveis para os estigmatizados que "faltando o feedback saudável do intercâmbio social cotidiano com os outros, a pessoa que se auto isola possivelmente torna-se desconfiada, deprimida, hostil, ansiosa e confusa".

Como constituiu objetivo da pesquisa compreender como a tensão rural-urbano exerce influência nos processos identitários dos jovens de campo e sobre seus projetos de vida, sentimos a necessidade de definir a partir de que noção de projeto de vida estamos trabalhando. Para tanto, elegemos como referencial teórico as produções de Gilberto Velho (1986; 1994), que concebe o projeto de vida enquanto negociação com a realidade. O projeto de vida é engendrado como ação de escolha do sujeito, dentre os futuros possíveis entre o “campo de possibilidades”, tendo em vista uma orientação, que depende da memória de um passado que originou as condições do presente. Velho destaca a estreita relação entre o projeto de vida e a identidade:

(...) o projeto é dinâmico e é permanentemente reelaborado, reorganizando a memória do ator, dando novos sentidos e significados, provocando com isso repercussões na sua identidade. (VELHO, 1994, p. 104).

A partir dessa concepção, buscamos compreender se o contexto dos jovens rurais, marcado pela tensão rural-urbano, impacta e como impacta nos seus projetos de vida.

Conforme Carneiro (1998), a distorção provocada pela concepção dicotômica da relação rural-urbano, que ainda persevera, provoca nos jovens rurais conflitos de autopercepção, posto que ainda são (mal) interpretadas como perda das características e cultura rural, ou desvalorização destas, acarretando o engendramento e reforço de tensões entre ambos os contextos, do meio rural e urbano.

Em consequência desta percepção, elegemos enquanto categoria analítica a tensão rural-urbano, partindo da ideia de que consista num fator interveniente e influenciado que não deve ser desconsiderado, se pretendemos discutir processos de identificação e projetos de vida dos jovens rurais.

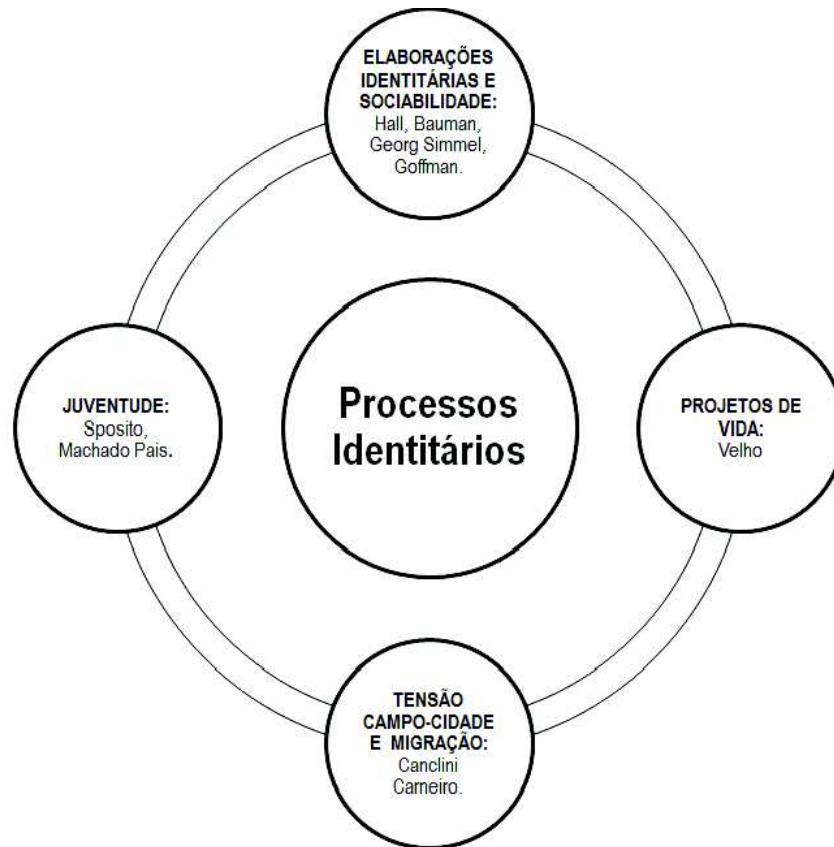
Sobre esta situação, os estudos realizados nos direcionaram para contemplar o movimento migratório que ocorre do rural para o urbano, assim como o compósito cultural, como possíveis fatores intervenientes nos processos identitários dos jovens rurais. Então, para darmos conta de tratarmos tais fatores, nos apoiamos em Nestor Canclini (2005; 1998; 1999). Tendo em vista o intenso processo migratório no Estado de Roraima, já mencionado, reputamos ser de maior importância buscarmos uma referência que nos auxilie na compreensão dos processos identitários atravessados pelo fenômeno migratório acentuado, que marcam o contexto roraimense.

Seguindo essa lógica, adotamos ainda o conceito de hibridismo cultural de Nestor Canclini (1998; 1999), que nos auxiliou no entendimento dos múltiplos processos de hibridismos culturais, partindo da compreensão de que, no decorrer do século XX, o vigoroso desenvolvimento tecnológico gerou possibilidades de trocas culturais intensas, fazendo com que os contatos pessoais e sociais passassem a ter múltiplos pontos de origem, para muito além da localidade e da comunidade. Dessa forma, as expressões culturais de países distantes se alastram e se mesclam com as expressões de culturas locais, gerando as culturas híbridas que alcançam todos a partir de veículos diversos como, por exemplo, as artes.

Entendemos que, para uma investigação científica sobre processos identitários, no contexto em questão, tornou-se imprescindível agregar as noções destacadas, posto sua condição de inter-relação. Desta maneira, de acordo com a

configuração do quadro de referência, apresentado na Figura abaixo, aportamos nossas análises, tendo em vista o alcance dos objetivos propostos.

Figura 9 - Quadro de referência: marco teórico e categorias conceituais/analíticas.



Fonte: Elaborado pela autora.

4.2 Procedimentos técnicos: definição dos informantes, técnicas para coleta e análise dos dados.

Nesse subcapítulo, apresentamos os procedimentos técnicos voltados à coleta dos dados primários e sua análise. Para tanto, detalharemos a seguir os critérios utilizados para definição dos informantes, as técnicas e procedimentos adotados para coleta de dados, assim como para a análise.

4.2.1 Caracterização dos informantes da pesquisa

A composição do grupo de informantes apresenta como caracterização geral jovens com residência ou procedência do meio rural. Enquanto marcadores de diferenciação, definimos como particularidades que delimitam o objeto a abordagem aos jovens com idades entre 15 e 24 anos, inclusos, portanto nas faixas de idade de jovem-adolescente e jovem-jovem, conforme o Estatuto da Juventude, de ambos os sexos, migrantes ou filhos de migrantes. Buscaremos, ainda, a representação das raças/etnias presentes no Estado, pardo, índio, negro, amarelo e branco.

Ao pensarmos esta constituição do grupo de informantes, visamos possibilitar uma multiplicidade de situações e condições a que os jovens do campo podem ser contingentes, influenciando sobremaneira sua percepção acerca da realidade, conforme nos aconselham Bauer e Gaskell quanto a tais questões:

Precisam manter a mente aberta para estratos e distribuições funcionais posteriores, que podem não ser óbvias num primeiro momento. Podem começar pelo sexo, idade e educação, mas podem precisar levar em consideração a etnia, a religião, às divisões urbano/rural a fim de identificar e maximizar a variedade nas representações das pessoas sobre determinado tema. (2002, p. 59).

A definição destes marcadores de diferenciação parte do entendimento de que a pesquisa, a partir de uma perspectiva interseccional, busca uma compreensão de uma realidade localizada, não restrita a conceitos apartados de seu contexto e interações. Esta percepção interseccional possibilita pensar as categorias analíticas, por intermédio das quais poderemos pensar possibilidades de agrupamento dos sujeitos de modo relacional e articulado. (PSICITELLI, 2008).

Portanto, o empenho no estabelecimento de articulações analógicas e metonímicas entre as características do grupo de informantes se alicerçam no entendimento de que se estas se constituem em fragmentos da totalidade, apreensíveis se abordadas de forma relacional, ou seja, considerando as possibilidades de convergirem ou divergirem, ensejando tensões. (SIMMEL, 2006).

Para acessar estes jovens, abordamos os estudantes matriculados nos quatro *Campi* do IFRR, que estão localizados ao longo do estado de Roraima, abrangendo a todos os municípios, como podemos verificar a seguir:

- i. Jovens matriculados nos cursos ofertados pelo IFRR/*Campus* Novo Paraíso, localizado no município de Caracaraí, na região sul do Estado, no Território da Cidadania Sul de Roraima, contemplando como

estudantes jovens oriundos dos cinco municípios, sua sede e mais quatro municípios situados no seu entorno: Iracema, Rorainópolis, São João da Baliza, São Luiz do Anauá e Caroebe. Os jovens atendidos nesta unidade de ensino procedem, em geral, dos Projetos de Assentamentos Rurais e fazendas, sendo os primeiros voltados principalmente à agricultura familiar, e as segundas, ao cultivo extensivo e ao gado. Há, ainda, os jovens que residem nas sedes dos municípios.

Figura 10 – Imagens do IFRR/*Campus* Novo Paraíso.



Fonte: Coordenação de Comunicação Social/IFRR. 2015.

ii. Jovens matriculados nos cursos ofertados pelo IFRR/*Campus* Amajari, localizado no extremo norte do Estado de Roraima, região onde se localiza a Terra Indígena Raposa Serra do Sol e São Marcos, também definidas como Territórios da Cidadania, pelo Governo Federal. Este *Campus* atende a estudantes do município que o sedia, Amajari, e mais três municípios do entorno: Pacaraima, Uiramutã e Alto Alegre. Os municípios fazem fronteira com a Venezuela, exceto Uiramutã, que faz fronteira além da Venezuela, com a Guiana Inglesa. O acesso oficial à fronteira com a Venezuela dá-se pelo município de Paracaima. Os jovens atendidos nesta unidade de ensino procedem, em geral, das muitas comunidades indígenas voltadas à produção de gado de corte e agricultura de subsistência, todavia também os jovens procedentes das fazendas dedicadas à criação de gado de corte e produção

extensiva, em especial de arroz, soja e milho, e ainda jovens advindos de Projetos de Assentamentos Rurais, tendo como atividade principal a agricultura familiar.

Figura 11 - Entrada principal do IFRR/*Campus* Amajari.



Fonte: Coordenação de Comunicação Social/IFRR. 2015.

iii. Jovens matriculados nos cursos ofertados pelo IFRR/ *Campus* Avançado de Bonfim, localizado na região nordeste do estado, além deste *Campus* atender aos estudantes do próprio município que sedia e dá nome ao *Campus*, atende ainda as demandas educacionais dos municípios do Cantá e Normandia e compartilha o atendimento com o IFRR/*Campus* Amajari ao município de Uiramutã. Com exceção do município do Cantá, todos os demais municípios fazem fronteira com a Guiana Inglesa, todavia o acesso oficial dá-se apenas pelo município de Bonfim. Os jovens atendidos nesta unidade de ensino procedem, em geral, de comunidades indígenas e fazendas, sendo que as primeiras seguem o padrão geral de produtores de gado de corte e agricultura de subsistência, e as segundas são fortes produtoras de grãos, novamente com destaque para a soja; assim como também acolhe aos jovens que residem na sede do município. Este *Campus* ainda não tem prédio próprio, pois o mesmo encontra-se em fase de construção. Suas atividades são desenvolvidas nas instalações de uma escola pública estadual.

iv. Jovens matriculados nos cursos ofertados pelo IFRR/*Campus* Boa Vista Centro, localizado na região norte do Estado. A cidade de Boa Vista é a capital do Estado de Roraima, concentrando mais de 60% da sua população total. Este *Campus* atende ao maior quantitativo de alunos do IFRR, quase 4.000 estudantes, sendo a maioria jovens. Atende às demandas da capital Boa Vista e compartilha com os

demais *Campi* demandas de municípios vizinhos, contempladas nas suas expertises: formação de professores, cursos técnicos e de tecnologia nas áreas de gestão, indústria e saúde. A economia de Boa Vista, segundo a SUFRAMA, apresenta os seguintes arranjos produtivos locais: madeiras e móveis, agroindústria, apicultura e fruticultura. No setor terciário, destacam-se as subatividades: comércio varejista, serviços de informação, serviços prestados às famílias e às empresas, como também o setor público, que tem ampla participação na economia da região. No caso deste *Campus*, buscamos dentre os estudantes aqueles jovens que são oriundos do meio rural, como comunidades indígenas, Projetos de Assentamentos Rurais, vilas, sedes dos municípios ou fazendas.

Figura 82- Entrada principal do IFRR/*Campus* Boa Vista Centro.



Fonte: Coordenação de Comunicação Social/IFRR. 2015.

Nos referidos *Campi* do IFRR, onde foram realizadas as coletas de dados, contemplamos na representação no grupo de informantes, enquanto critério para escolha, a presença de marcadores como sexo, raça-etnia, naturalidade do meio rural e vivência pessoal ou familiar de processo migratório.

Para um melhor entendimento sobre esta disposição dos locais aonde foram realizadas a coleta de dados e sobre as áreas de abrangências dos *Campi* do IFRR apresentados acima, sugerimos a análise do mapa a seguir.

Figura 93 - Mapa de Roraima apresentando divisão política federativa e países de fronteira, destacando os *Campi* do IFRR onde foi realizada a pesquisa



Fonte: Adaptado de IBGE, disponível em ftp://geoftp.ibge.gov.br/mapas_tematicos/politico/unidades_federacao/rr_politico.pdf

A partir das coletas realizadas nos *Campi* do IFRR, pudemos traçar uma caracterização dos jovens rurais entrevistados no quadro abaixo, que apresenta esses jovens organizados por local de coleta dos dados, identificando em que grupo focal ou entrevista cada jovem participou, e ainda, seu código de identificação, a faixa de idade em que se encontra, seu sexo, naturalidade, autodeclaração etnicorracial e seu atual local de residência.

Para melhor entendimento do quadro a seguir, informamos que os grupos focais foram identificados a partir da sigla GF, seguido do município aonde se deu a

coleta dos dados, e ainda, de um número relativo a sequência de grupos focais realizados no local. Cada informante recebeu um código iniciado pela primeira letra do nome do município aonde se deu a coleta dos dados, seguido por uma letra que designa em qual sequência de grupo focal o jovem participou, e por fim, um número cardinal relativo à quantidade de participantes em cada grupo focal. As faixas de idades dos jovens informantes estão representadas na tabela por J-J (Jovem-Jovem) e J-A (Jovem-Adolescente). O sexo dos informantes está indicado pelas letras F (feminino) e M (masculino).

A autodeclaração etnoracial dos jovens foi coletada nos dados de cada *Campus*, junto ao setor de registros acadêmicos, que coleta informações dos alunos no ato da matrícula. Desse modo, temos as etnias representadas nas letras P (pardo), I (indígena), N (negro) e B (branco).

Finalmente, o local de residência dos jovens apresenta siglas formadas pela conjunção da localidade de residência, acrescida do município. Desse modo, a sigla SM significa que o jovem reside na sede do município; CI representa Comunidades Indígenas e SFV designa que os jovens informantes residem em sítios, fazendas ou vicinais. Alguns municípios apresentam nomes muito longos que dificultaram o registro em tabelas, portanto, para estes, definimos as siglas CAI para Caracaraí, SJB para São João do Baliza, SLA para o município de São Luís do Anauá, e por fim, RORAI para Rorainópolis.

Quadro 1 - Distribuição dos jovens rurais informantes da pesquisa, localidade de coleta dos dados, grupo focal, código de identificação dos informantes, faixa de idade, sexo, naturalidade, etnia e local de residência.

LOCAL DE COLETA	TÉCNICA DE COLETA	MARCADORES DE DIFERENCIAÇÃO DOS JOVENS INFORMANTES					
	GRUPO FOCAL	INFORMANTE	FAIXA DE IDADE	SEXO	NATURALIDADE	ETNIA	RESIDÊNCIA
BONFIM - SEDE	GF - BONFIM-01	B-A1	J-J	F	BONFIM-RR	P	SM - BONFIM
		B-A2	J-J	F	BONFIM-RR	B	SFV-BONFIM
		B-A3	J-J	M	CARACARAI-RR	B	SM - BONFIM
		B-A4	J-J	F	CARACARAI-RR	P	SM - BONFIM
		B-A5	J-J	F	BONFIM-RR	I	CI-BONFIM
		B-A6	J-J	M	BONFIM-RR	I	SFV-BONFIM

	GF - BONFIM-02	B-B1	J-A	M	BONFIM-RR	I	CI-BONFIM	
		B-B2	J-A	F	NORMANDIA-RR	B	SFV-BONFIM	
		B-B3	J-A	F	CANTÁ-RR	N	SM - BONFIM	
		B-B4	J-A	M	TAGUATINGA-AM	P	SM - BONFIM	
		B-B5	J-A	M	SANTA LUZIA-MA	P	SM - BONFIM	
		B-B6	J-A	M	PICOS-PI	P	SM - BONFIM	
CARACARAI - VILA NOVO PARAÍSO	GF - CARACARAI-01	C-A1	J-A	M	CARACARAI-RR	P	SM - CAI	
		C-A2	J-A	F	URUCURITUBA-AM	P	SM - CAI	
		C-A3	J-A	F	CARACARAI-RR	P	VNP-CAI	
		C-A4	J-A	F	SÃO JOÃO DA BALIZA-RR	P	SM-SJB	
		C-A5	J-A	M	SÃO LUIZ DO ANAUÁ-RR	B	SFV-SLA	
		C-A6	J-A	F	CAROEBE-RR	B	SM-SLA	
		C-A7	J-A	M	SÃO LUIZ DO ANAUÁ-RR	P	SM-SLA	
		C-A8	J-A	M	RORAINÓPOLIS-RR	B	SM-RORAI	
	GF-CARACARAI-02	C-B1	J-A	F	CANTÁ-RR	B	VNP-CAI	
		C-B2	J-A	M	PIRIPIRI-PI	P	SM-CAI	
		C-B3	J-A	M	SÃO JOÃO DA BALIZA-RR	P	SFV-SJB	
		C-B4	J-A	F	AÇAILÂNDIA-AM	N	SM-CAI	
		C-B5	J-A	M	ALTA FLORESTA-MT	B	SM-SLA	
		C-B6	J-A	F	CARACARAI-RR	P	SM-CAI	
		C-B7	J-A	M	MARABÁ-PA	N	SM-CAI	
		C-B8	J-A	M	IMPERATRIZ-MA	P	SM-SLA	
	GF-CARACARAI-03	C-C1	J-J	M	MARABÁ-PA	N	SFV-RORAI	
		C-C2	J-J	M	SANTA RITA-PB	P	SFV-CAI	
		C-C3	J-J	F	VITÓRIA DO MEARIM - MA	P	SFV-CAI	
		C-C4	J-J	F	CANTÁ-RR	B	SM-SJB	
		C-C5	J-J	M	IATACOATIARA - AM	P	SM-SJB	
		C-C6	J-J	F	CAROEBE-RR	P	SM-CAROEBE	
	AMAJARI - SEDE	GF-AMAJARI-01	A-A1	J-A	M	AMAJARI-RR	P	SM-AMAJARI
			A-A2	J-A	F	AMAJARI-RR	P	SM-AMAJARI

		A-A3	J-A	M	AMAJARI-RR	N	TEPEQUÉM-AMAJARI
		A-A4	J-A	M	AMAJARI-RR	P	SM-AMAJARI
		A-A5	J-A	F	CANTÁ-RR	P	SM-AMAJARI
		A-A6	J-A	M	ALTO ALEGRE-RR	B	SFV-ALTO ALEGRE
		A-A7	J-A	M	CASTELO DO PIAUÍ-PI	P	SFV-AMAJARI
		A-A8	J-A	F	PACARAIMA-RR	P	SFV-AMAJARI
		A-A9	J-A	M	AMAJARI-RR	I	CI-AMAJARI
		A-A10	J-A	M	PACARAIMA-RR	P	SM-AMAJARI
		A-A11	J-A	M	CASTANHAL-PA	N	TRAIRÃO-AMAJARI
		A-B1	J-A	M	UIRAMUTÃ-RR	I	CI-AMAJARI
		A-B2	J-A	M	AMAJARI-RR	I	CI-AMAJARI
	A-B3	J-A	F	CEREJEIRAS-RO	P	SM-AMAJARI	
	A-B4	J-A	F	AMAJARI-RR	P	TRAIRÃO-AMAJARI	
	A-B5	J-A	M	BARRA DE S. FRANCISCO-ES	P	PACARAIMA-RR	
	A-B6	J-A	F	AMAJARI-RR	I	CI-AMAJARI	
	A-B7	J-A	M	UIRAMUTÃ-RR	I	PACARAIMA-RR	
	A-B8	J-A	F	ITAITUBA-PA	P	TRAIRÃO-AMAJARI	
	A-B9	J-A	M	SANTA ELENA-VENEZUELA	B	SANTA ELENA-VENEZUELA	
	A-C1	J-J	M	AMAJARI-RR	I	CI-AMAJARI	
	A-C2	J-J	M	NORMANDIA-RR	I	CI-AMAJARI	
	A-C3	J-J	F	ALTO ALEGRE-RR	P	SM-ALTO ALEGRE	
A-C4	J-J	M	ALTO ALEGRE DO PINDARÉ-MA	P	TEPEQUÉM-AMAJARI		
A-C5	J-J	M	PACAJÁ-PA	P	SM-PACARAIMA		
A-C6	J-J	F	SANTA ELENA-VENEZUELA	B	SANTA ELENA-VENEZUELA		
A-C7	J-J	F	IMPERATRIZ-MA	B	SFV-PACARAIMA		
BOA VISTA	GF- BOA VISTA-O1	BV-A1	J-A	F	CURURUPU-MA	P	BOA VISTA-CAPITAL

		BV-A2	J-A	F	SLA-RR	B	BOA VISTA-CAPITAL
		BV-A3	J-A	F	MUCAJAI-RR	I	BOA VISTA-CAPITAL
		BV-A4	J-A	F	ANANINDEUA-PA	P	BOA VISTA-CAPITAL
		BV-A5	J-A	M	AÇAILANDIA-MA	P	BOA VISTA-CAPITAL
		BV-A6	J-A	M	OURICURI-PE	N	BOA VISTA-CAPITAL
		BV-A7	J-A	M	SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA-AM	P	BOA VISTA-CAPITAL
		BV-A8	J-A	M	SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA-AM	P	BOA VISTA-CAPITAL
	GF-BOA VISTA-02	BV-B1	J-J	F	ESPERANTINÓPOLIS - MA	P	BOA VISTA-CAPITAL
		BV-B2	J-J	F	SITIO NOVO DO TOCANTINS - TO	N	BOA VISTA-CAPITAL
		BV-B3	J-J	F	BURITI BRAVO - MA	P	BOA VISTA-CAPITAL
		BV-B4	J-J	M	IRACEMA-RR	P	BOA VISTA-CAPITAL
		BV-B5	J-J	M	MUCAJAI-RR	B	BOA VISTA-CAPITAL
		BV-B6	J-J	M	CANTÁ-RR	P	BOA VISTA-CAPITAL
ENTREVISTAS	ENT-BOA VISTA	E-1	J-J	F	SÃO JOÃO DA BALIZA-RR	N	BOA VISTA-CAPITAL
		E-2	J-J	M	SÃO JOSÉ DOS 4 MARCOS-MT	P	BOA VISTA-CAPITAL
		E-3	J-J	M	RORAINÓPOLIS-RR	P	BOA VISTA-CAPITAL
		E-4	J-J	M	CAROEBE-RR	B	BOA VISTA-CAPITAL
		E-5	J-J	F	RORAINÓPOLIS-RR	P	BOA VISTA-CAPITAL
		E-6	J-J	M	AMAJARI-RR	I	BOA VISTA-CAPITAL
	ENT-AMAJARI	E-7	J-A	M	AMAJARI-RR	I	C.I-AMAJARI
		E-8	J-A	M	AMAJARI-RR	I	C.I-AMAJARI
		E-9	J-A	F	AMAJARI-RR	I	C.I-AMAJARI
		E-10	J-A	F	ALTO ALEGRE-RR	I	C.I-AMAJARI

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dessa caracterização geral, pudemos apontar que dos 86 jovens rurais entrevistados, 56 estão compreendidos na faixa de idade de jovem-adolescente (15 a 18 anos de idade) e 30 na faixa de idade de jovem-jovem (19 a 21 anos de idade).

Quanto ao sexo, participaram da pesquisa 49 jovens rurais do sexo masculino e 37 do sexo feminino. A maioria dos entrevistados, 45 jovens, se autodeclararam como pardos, 17 como indígenas, 15 como brancos e apenas 9 como negros.

No que tange ao local de residência em que atualmente se encontram, entrevistamos 33 jovens rurais que moram nas sedes dos municípios rurais, 20 residem em Boa Vista, capital do estado de Roraima, 19 jovens moram em sítios, fazendas ou vicinais nos municípios rurais, 12 estão vivendo em suas comunidades indígenas, e ainda, houve 2 jovens que moram na Venezuela e estudam no Brasil, no IFRR/*Campus Amajari*.

Desse modo, esta distribuição dos locais de acesso aos informantes da pesquisa, dispostos ao longo do território físico do Estado de Roraima, visou nos respaldar para que pudéssemos nos referir à juventude do Estado como um todo. Todavia, reforçamos que não se tratou de estabelecer generalizações, e sim de intentar possíveis transposições teóricas, capazes de nos possibilitar a compreensão sobre o objeto de estudo.

Tendo em vista as características diferenciadas das localidades onde vivem os entrevistados, consideramos que estas definições sobre os locais de acesso aos informantes foram potencialmente estratégicas para a sondagem de impactos diferenciados e tensões.

4.1.3 Técnicas para coleta dos dados.

Para a coleta dos dados, definimos as técnicas de Grupos Focais (GF) e entrevistas. Desta forma, buscamos contornar a baixa participação de algum segmento, complementando a pesquisa a partir de entrevistas. Esse recurso foi utilizado especialmente junto aos jovens indígenas, posto que apresentaram uma participação tímida nos grupos focais, revelando nas entrevistas que sentiram-se intimidados diante dos demais jovens não-indígenas.

A técnica de pesquisa GF nos permite coletar dados por meio de interações grupais, a partir da discussão de questões sugeridas pelo pesquisador. (MORGAN, 1997). Escolhemos esta técnica tendo em vista que temos experiências exitosas em pesquisas anteriores, através das quais contatamos que os GF se constitui enquanto recurso para compreendermos processos de construção de percepções e atitudes de grupos humanos.

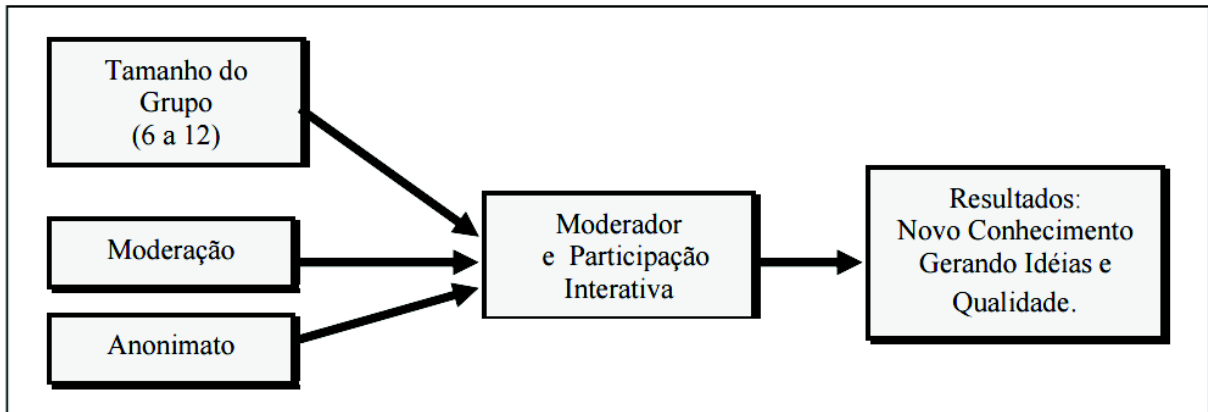
Considerado a característica de pesquisa qualitativa, definimos a técnica de grupos focais para abordar os jovens do campo, tendo em mente também que as suas características centrais possibilitarão acesso a informações mais apropriadas para o conhecimento de significados e manifestação de opiniões, em decorrência da potencial sinergia emergente da participação no grupo, cuja opinião e liderança se manifestam, levando a um nível de envolvimento emocional, necessário para os objetivos da pesquisa. (BAUER; GASKELL, 2002, p. 76).

Para a adequada execução da técnica de GF foi realizado um planejamento que contou com a elaboração de um roteiro prévio dividido em três partes, quais sejam: Parte I – Introdução e apresentações; Parte II – Construção do entendimento da temática de discussão (perguntas simples e de caráter mais geral); e ainda, Parte III – Discussão profunda (direcionamento da discussão para os objetivos da pesquisa e aprofundamento.). Realizamos também um levantamento da caracterização geral dos jovens matriculados nos *Campi* do IFRR, nos quais realizamos as coletas de dados, visando identificar os jovens que apresentavam o perfil almejado para a composição dos GF. Posteriormente, oficializamos as solicitações de autorizações institucionais a partir das Cartas de Anuência, bem como, procedemos aos convites e apresentação dos Termos de Conhecimento Livre e Esclarecido (TCLE) a cada jovem selecionado. Não tivemos nenhuma recusa de participação por parte das instituições ou dos jovens.

Tendo em vista os devidos registros dos GF, contamos com o auxílio de colegas que nos auxiliaram nos processos de gravações de áudio e vídeo.

Desse modo, buscamos organizar a atividade de coleta dos dados da pesquisa de modo a lograr êxito na construção de resultados, seguindo ainda as orientações de Leitão (2003), conforme a Figura abaixo.

Figura 14 – Estrutura de criação de conhecimentos nos Grupos Focais.



Fonte: LEITÃO (2003, p. 54)

A execução da técnica de grupos focais foi prevista para a realização de duas sessões com cada grupo, sendo estes distribuídos nos *Campus* do IFRR e, ainda, distintos em dois subgrupos agregados por faixas de idade: 15 a 18 anos e de 19 a 24 anos de idade. Também planejamos que a realização de todos os GF se dariam contando uma mediadora, sendo esta a pesquisadora, e uma observadora. Para o trabalho de observação, importante para o melhor registro das reações e avaliação do trabalho de mediação, convidamos uma colega da área da psicologia que também já detém experiência com a técnica de GF.

No entanto, no momento da coleta dos dados a partir da realização dos grupos focais, realizamos adequações a esse planejamento, na medida em que analisávamos previamente os resultados alcançados a cada grupo focal realizado. E tal análise, nos conduziu a realizar mais de uma sessão ou não em cada grupo. Por exemplo, no caso dos grupos focais realizados no IFRR/*Campus* Boa Vista Centro, não se fez necessário realizarmos duas sessões com cada grupo, devido a qualidade dos dados obtidos num único encontro, com cada grupo etário, que durou cerca de duas horas, cada. Infelizmente não foi possível contarmos com o apoio da observadora em todas as coletas, conforme previsto.

Todavia, alguns jovens convidados para os grupos focais GF-Boa Vista-01 e GF-Boa Vista-02, não se sentiram plenamente confortáveis para se manifestar durante a realização da atividade coletiva, e para contemplá-los, bem como aprofundar aspectos que eles sobre os quais estes jovens não apresentaram contribuições nos grupos, os mesmos foram entrevistados individualmente, posteriormente.

Mencionamos ainda, que houveram entraves no acesso aos jovens-adolescentes através do IFRR/*Campus* Avançado do Bonfim, pois no período em que realizamos a coleta dos dados, não havia jovens dentro dessa faixa de idade matriculados no mencionado *Campus*. Em decorrência disso, tivemos que atrasar essa coleta em três meses, até que houvesse matrículas de jovens dentro do perfil etário desejado.

Estas faixas de idade dos jovens foram estabelecidas visando facilitar a interação entre os participantes, considerando possíveis transformações que ocorrem nestas etapas, como conclusão da educação básica, pressão pela definição de profissão e/ou inserção em atividade produtiva, pressão dos mecanismos de competição para ingresso no ensino superior, constituição de família, início de atividade sexual, dentre outros.

Contudo, enfatizamos que não há intenção de padronizar ou generalizar comportamentos a partir destas faixas de idades, pois ponderamos as características de variabilidade e diversidade dos parâmetros biológicos e psicossociais, que podem, ou não, ocorrer conforme tal cronologia.

Cada encontro teve uma duração entre 90 a 120 minutos e contou com a participação média de 6 a 8 jovens, considerando a composição já descrita anteriormente. (DEBUS, 1988).

As atividades de grupos focais foram filmadas e tiveram o áudio gravado. As coletas foram transcritas com o auxílio do software Express Scribe.

Para que pudéssemos identificar as falas posteriormente, assim como analisar se o conteúdo desta apresenta significância diante dos marcadores de diferenciação, cada jovem participante recebeu um crachá que foi previamente produzido, contendo a sigla do local de coleta e da sequência do grupo focal, naquele local. Um número foi adicionado ao final da sigla, dependendo do quantitativo de participantes. Esse procedimento visou identificar os informantes, para fins da análise dos dados, sem comprometer o sigilo quanto a sua identidade.

Destacamos que para a adequada aplicação da técnica, realizamos no mês de abril de 2014 um grupo focal piloto, contando com a participação dos jovens matriculados no IFRR/*Campus* Boa Vista, que são oriundos do campo, aplicando os critérios já descritos, visando avaliar a viabilidade da técnica e o domínio da mesma pelo mediado/pesquisador. A partir dessa experiência modelar, avaliamos e

procedemos aos necessários ajustes nos roteiros de grupo focal e entrevista, com vistas a melhor apropriação teórica e prática, principalmente da técnica de grupos focais.

4.1.4 Técnicas para análise dos dados.

Para fins de análise dos dados da pesquisa advindos da aplicação das técnicas de grupos focais e entrevista de profundidade, empregamos a técnica da análise de conteúdo e, em particular, a análise categorial voltada as temáticas, possibilitando a confirmação ou redirecionamentos das categorias prévias, bem como a construção de outras categorias, de acordo com os temas que emergem do texto, classificando e agrupando os elementos a partir do que apresentam em comum. (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 683).

A definição pela análise categorial direcionada por temáticas deu-se em decorrência do entendimento da sua adequação à característica da pesquisa, considerando que:

(...) o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado seguindo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura. (...) Fazer uma análise temática consiste em descobrir os “núcleos de sentido” que compõem a comunicação (...) é utilizado para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências etc. (BARDIN, 2011, p. 135).

Para tanto, elaboramos planilhas nas quais foram sendo dispostas as falas transcritas dos jovens rurais, sendo estas agrupadas por temáticas, a partir das categorias de análises definidas, como ilustrado a seguir.

Figura 105 – Planilha de Categorização Temática apresentando categoria, temática, unidade de conteúdo e informantes.

CATEGORIA	TEMÁTICAS	UNIDADES DE CONTEÚDO	INFORMANTES
IDENTIFICAÇÕES - JUVENTUDE	SER JOVEM	O que me faz me sentir jovem é sorrir, independente do motivo ou de com quem eu esteja. Ser jovem, para mim, é sorrir. Os jovens são mais felizes que os adultos.	E-1
		Além da idade fisiológica, o que me faz sentir-me é a minha rotina e os meus anseios de chegar a um futuro onde eu tenha alcançado os objetivos que tracei, quando talvez me sentirei adulto, me sinto jovem por minha disposição. Me sinto jovem porque me sinto atual. Eu acredito que ser jovem é sentir-se jovem.	E-3
		Ser jovem é estar sempre de bom humor, acompanhar programas, jogos, músicas que são considerados do momento. É também ter um certo conhecimento sobre o mundo adulto, que os adolescentes ainda não tem.	E-4
		O que me faz ser jovem é a idade biológica que tenho. Os sonhos e expectativas para o futuro. Vivemos em um momento em que somos os grandes formadores de opinião. Ninguém nos manda calar a boca, ninguém pode dizer que não sabemos de nada. Sabemos muito, nos comunicamos muito. Ser jovem é estar por dentro do que acontece ao redor.	E-5
		Ser jovem é não pensar nas consequências das coisas. Ser jovem é ainda não ter conhecimento suficiente sobre a vida pra poder seguir em frente sozinho.	BV-A3
		As pessoas olham pra gente com um olhar diferente pelo fato de sermos menores e comparar com a maturidade, que no nosso caso está chegando, e também as mudanças de hábitos da infância pra adolescência. Não somos mais crianças. Mas ainda não somos adultos. É um saco.	BV-B3
		Ser jovem é quando a gente começa a ter mais responsabilidade na vida.	B-A5
		Faz parte do comportamento do jovem fazer tudo inconsequentemente, de fazer tudo sem saber bem aonde isso vai levar.	A-A7
		O jovem tem menos noção das consequências do que os adultos. Por que não tem tanta experiência de vida. Mas os jovens têm muitos sonhos. (pausa) Sonho de fazer algo importante, que faça a diferença na vida das pessoas. Dar orquilo à sua família e à sua comunidade.	A-A9
		O jovem é mais brincalhão e o adulto é mais sério. Acho que é isso é por que o adulto tem muitas preocupações. Eu não tenho pressa de ser adulto. (risos)	A-B8
		A idade. A palavra jovem já diz tudo: não ser velho!	A-B9
		Conhecimento. O jovem tem mais conhecimento do que as crianças, por exemplo. Quando somos jovens começamos a pensar sobre a vida e o futuro, estas coisas.	A-C2
		Eu não acho que todos os jovens não pensam nas consequências. Tem jovem que tem responsabilidade. Tem pouca idade mas já age como um adulto. E tem adulto que ainda age de forma inconsequente.	A-C6
		A diferença entre o jovem e o adulto é a responsabilidade. As vezes eu posso não ter a maturidade de responder pelos meus atos. Alguns jovens são meio inconsequentes e fazem tudo o que dá na telha, sem ligar pro que vai acontecer	A-C4
		Ser jovem significa não ser mais criança, mas ainda não ser um adulto. É uma idade na vida, uma fase mesmo que todo mundo passa.	A-C5
		A principal característica do jovem é o comportamento. É fazer brincadeiras até certo ponto infantis ainda. Tipo, que seus pais não fazem mais. Mas também é ser muito cobrado pra estudar, pra ter futuro e tal.	A-A11
		Ser jovem é ter uma certa imaturidade. A maturidade não é como a dos meus pais e outros adultos. O jovem é menos maduro que os adultos. Isso não quer dizer que os jovens não sabem de nada! (tom de advertência) Quer dizer que ainda tem muito a aprender e que não se pode cobrar perfeição, que não erre, não faça bobagens.	A-B7
Nós somos jovens por que ainda não temos tantas responsabilidades como os mais velhos. O adulto tem muitas preocupações por causa das responsabilidades com trabalho, dinheiro, filhos, essas coisas, por isso ele leva tudo muito mais a sério. Já o jovem, não. Eu penso assim, que a preocupação do jovem é só com os estudos, então não somos mais divertidos.	A-C3		

Fonte: Elaborada pelo autor. 2016.

A partir da aplicação de filtros internos a cada coluna da planilha foi possível realizar o cruzamento de informações. Inserimos ainda uma segmentação de dados, que visou favorecer a classificação e posterior análise dos dados.

Enquanto etapas da análise de conteúdo, realizamos a pré-análise das informações, a exploração do material e tratamento dos resultados (codificação: escolhas das unidades de conteúdo (temática), enumeração e escolha das categorias: (classificação e agregação) e, finalmente, a inferência e interpretação.

5 JUVENTUDES RURAIS DE RORAIMA: ENTRE CONFLITOS E SONHOS.



O objeto de análise desse capítulo são os processos de construção identitários revelados a partir das percepções dos jovens rurais que vivem em Roraima. O capítulo está subdividido em três discussões inter-relacionadas.

Primeiramente, apresentamos as compreensões dos jovens rurais a respeito da sua condição juvenil, partindo inicialmente das percepções que eles mesmos discutiram sobre os significados de ser jovem, sua autopercepção enquanto jovens e o que os caracteriza como tal. Também ressaltamos de seus discursos as referências e contingências das suas experiências enquanto jovens.

Em seguida, trazemos os entendimentos dos jovens rurais a respeito da tensão existente entre o meio rural e o meio urbano, considerando os significados atribuídos às vicissitudes cotidianas que atravessam, levando em conta ainda, as apreensões relativas às temporalidades e espacialidades, enquanto fatores constituintes de tensão e influentes na sua construção identitária em curso.

Finalmente, estabelecemos análises vinculantes entre as identificações dos jovens rurais em estudo e seus projetos de vida. Para isso, utilizamos enquanto elementos constituintes dessa condição juvenil - não exclusivos, porém ponderosos - as condições e resistências às suas vivências permeadas por conflito, articulação e sobredeterminação, que se apresentam de forma significativa em seus próprios discursos e narrativas.

¹⁹ Obra de arte de autoria do jovem artista “roraimado” Felipe Thiago Rocha, intitulada “Marcas” – Grafite, Guache/Cartão – 32,5x63cm – 2016.

5.1 O que te faz jovem? percepções contingenciadas.

A perda da inocência é um projeto sem volta.
Só se pode ser verdadeiramente feliz enquanto não se sabe quão
feliz se é.
Bauman

Em nossos contatos com os jovens do meio rural, durante o período de coleta dos dados empíricos, sempre iniciamos os diálogos a partir de provocações sobre o que é “ser jovem”. A partir de questões como: Você é jovem? Por que você é jovem? O que significa ser jovem? Fomentamos um debate de modo a favorecer a apreensão de significados subjetivos das suas ações e interações, a partir da análise do conteúdo de suas falas sobre o que é ser jovem. Desse modo, buscamos explorar o que viria a se constituir durante o processo de pesquisa e análise, na categoria “identificações das juventudes”.

Num primeiro momento, as pontuações dos jovens circundavam aspectos mais superficiais e de caráter mais gerais da experiência cotidiana, aparentemente decorrente de certo desconforto para se expor perante os demais jovens, mas nitidamente, diante das adultas envolvidas na mediação do debate (mediadora e observadora).

Observamos que este comportamento de reserva mostrou-se mais acentuado nos grupos formados por jovens-adolescentes, nestes grupos, de modo geral, os jovens indígenas revelaram-se bastante reservados. Estiveram muito mais afeitos a observar, do que a expressar pela oralidade suas opiniões, muito embora, tenham se manifestado em concordância, através de gestos, na maior parte das discussões iniciais.

Assim, considerações vinculadas à idade, à aparência física, ao fato de ainda não trabalharem e apenas estudarem, substanciaram a construção dos primeiros consensos do debate, visto que, inicialmente, estas colocações não chegaram a apresentar maiores divergências.

No entanto, tal modo de desenvolvimento do debate mostrou-se mais recorrente nos grupos compostos por jovens cujas idades os situam na faixa de jovem-adolescente, que residem no meio rural. Já nos grupos formados por jovens situados na mesma faixa de idade, portanto, também jovem-adolescente, mas que vieram

morar na área urbana, especificamente na capital do Estado, Boa Vista, estes pareceram mais rapidamente sentir-se à vontade para expor suas opiniões.

Nesse sentido, os discursos dos informantes relacionados à provocação “o que te faz jovem”, gravitaram em torno dos seguintes temáticas:

- Ser jovem significa ainda não ser adulto;
- Ser jovem significa ter a idade própria da juventude;
- Ser jovem significa ser responsável, mas não tanto quanto os adultos;
- Ser jovem é ter bom humor;
- Ser jovem é ter a mente aberta às novidades, ao diferente, é Ser diferente.
- Ser jovem significa, às vezes, agir por impulso devido a uma certa imaturidade;
- Ser jovem significa ter facilidade e gostar de fazer uso de tecnologias;
- Ser jovem é ter disposição física, saúde e aparência de jovem;
- Ser jovem é usar uma linguagem despojada e mais moderna;
- Ser jovem é desejar a independência, é pensar no futuro, e também sonhar;
- Ser jovem é não ter autonomia em relação aos adultos;
- Ser jovem é ser livre e defender suas ideias;
- Ser jovem é viver para estudar, preocupado com o ingresso no ensino superior/passar em concurso público, se profissionalizar e conseguir um bom trabalho numa área que goste;
- Ser jovem é sofrer a influência da mídia;
- Ser jovem é viver sob a pressão das expectativas dos outros acerca dos nossos sucessos ou fracassos (famílias, amigos e namorados).

Exemplificamos estas percepções dos jovens, a partir de algumas falas que seguem:

“A idade. A palavra jovem já diz tudo: não ser velho!” (A-B9).

“Ser jovem significa não ser mais criança, mas ainda não ser um adulto. É uma idade na vida, uma fase mesmo que todo mundo passa.” (A-B8.).

“Sou jovem pela minha idade, por que ainda estou estudando. Ainda não trabalho, mas logo quero ir trabalhar.” (B-B1).

“Eu sou jovem por que eu tenho a idade pra ser jovem e me comporto como jovem. Não quer dizer que todos os jovens são iguais. Mas, o jovem tem uma cabeça diferente dos adultos e a gente nota isso pelo comportamento. Apesar que tem adulto que tem comportamento bem jovem, no sentido de ter a mente aberta. Mente aberta para falar sobre sexo, sobre medos, conflitos essas coisas que a maioria dos adultos acham que é “bobagem” dos jovens que quando for adulto, passa”. (BV-A7) (Aspas destacadas gestualmente pelo informante).

“A gente sabe que é jovem por causa da idade e o pensamento. A maturidade. Antes, quando a gente era criança, a gente tinha outro modo de pensar. Hoje, com a experiência, a gente tem outro modo de entender e de agir, bem diferente. Mas também não somos adultos. Ainda!” (BV-A3).

De todo modo, nos grupos de informantes formados por jovens cujas idades os situam na faixa de jovens-jovens, as primeiras intervenções também se mostraram um tanto quanto tímidas, ou intimidadas pela presença das adultas, já mencionadas. Todavia, bem mais facilmente partiram para questões menos triviais acerca de suas percepções sobre sua condição de ser jovem.

Assim, embora aspectos vinculados a idade e ao corpo físico tenham sido expostas, enquanto atributo jovem, foram complementadas com enfoques como a responsabilidade e o comportamento bem humorado, que segundo os informantes, marca de forma considerável e característica a conduta dos jovens, conforme examinam a eles próprios e aos jovens que constituem seus círculos sociais, como podemos observar adiante.

“O que me faz me sentir jovem é sorrir, independente do motivo ou de com quem eu esteja. Ser jovem, para mim, é sorrir. Os jovens são mais felizes que os adultos”. (E-1).

“O jovem é mais brincalhão e o adulto é mais sério. Acho que é isso é por que o adulto tem muitas preocupações. Eu não tenho pressa de ser adulto.” (A-C1).

“A principal característica do jovem é o comportamento. É fazer brincadeiras até certo ponto infantis ainda. Tipo, que seus pais não fazem mais. Mas também é ser muito cobrado para estudar, para ter futuro e tal.” (A-C6).

“Ser jovem é ter idade e aparência de jovem, mas também é uma maneira de pensar. É ter muitos amigos e gostar de estar com eles. É pensar de um jeito mais livre, tendo menos preocupação, menos responsabilidades.” (A-C7).

“Ser jovem significa não ser mais criança, tão imaturo, porque já tem mais experiências, já tem responsabilidades e preocupações, mas não tanto quanto os pais, por isso, talvez, o jovem é mais divertido, mais alegre”. (BV-B3).

É muito clara a percepção comparativa estabelecida pelos jovens em relação aos adultos. Além das falas, suas opiniões foram reforçadas por reações que puderam ser observadas, tanto por sua intensidade como pela sua direção.

Nesse caso da comparação entre o comportamento do jovem e o do adulto, sendo o primeiro percebido como mais alegre, quando da manifestação oral de um jovem defendendo tal assertiva, mesmo que os demais membros do grupo não tenham corroborado verbalmente, estes manifestaram-se favoravelmente, a partir de gestos e expressões faciais que denotaram sua concordância.

Analisando os grupos, considerando o marcador de diferenciação de faixas de idade, percebemos que os grupos formados pelos jovens-adolescentes mostraram-se mais enfáticos, no que tange ao comportamento dos jovens em oposição ao dos adultos.

Podemos então considerar que, imersa na categoria de identificações das juventudes, encontramos a percepção de que ser jovem significa não ser adulto. Embora a assertiva se apresente inicialmente como óbvia, defendemos que esta percepção compartilhada entre os jovens apresenta-se enquanto uma tipicidade que contribui para ordenação da sua cosmovisão.

Evidencia-se que estes jovens, estabeleceram uma correlação do tipo causa e efeito, entre as responsabilidades corriqueiras do universo adulto e um comportamento marcado pela sisudez.

“Nós somos jovens por que ainda não temos tantas responsabilidades como os mais velhos. O adulto tem muitas preocupações por causa das responsabilidades com trabalho, dinheiro, filhos, essas coisas, por isso ele leva tudo muito mais a sério. Já o jovem, não. Eu penso assim, que a preocupação do jovem é só com os estudos, então nós somos mais divertidos.” (A-C3).

“O diálogo com as pessoas diferencia muito o jovem. Quando a gente é jovem a gente fala de um jeito mais

despojado, mais alegre e no que vai avançando a idade, as pessoas já falam assim mais sério, as palavras vão ficando mais compassadas, é o que eu vejo, tirando assim pelas pessoas da minha família. Eu acho que o peso das preocupações vai deixando as pessoas assim”. (B-B4).

“Ser jovem é ter idade e aparência de jovem, mas também é uma maneira de pensar. É ter muitos amigos e gostar de estar com eles. É pensar de um jeito mais livre, menos preocupação do que os adultos.” (C-B1).

“Eu acho que ser jovem hoje em dia é bem difícil, por que os adultos o tempo todo te lembram que o futuro vai depender de você e de como é difícil a vida de adulto. Tá certo que isso faz você ficar mais responsável, mas também dá um medão. E se eu falhar? E se eu não conseguir tudo isso? Ah! se não conseguir dá orgulho.” (B-B1).

Esse entendimento dos jovens, manifesta um caráter subjetivo compartilhado. Nesse aspecto, percebemos que as tipicidades são biograficamente construídas, e mais, que sendo compartilhadas, geram uma sensação de segurança, pois pressupõe a existência de um sistema de reciprocidade, um mundo pressuposto, influenciando sobre como reconhecem a si próprios e aos outros. (SCHUTZ, 1979). Esse mundo intersubjetivo que vai se constituindo a partir do aprendizado, possibilitado pelas experiências do sujeito, e que se dão entre o Eu e um Outro, é que propiciam o caráter biográfico, bem como, tornam tais experiências significativas.

Cabe distinguir que, ao considerarmos para a composição dos grupos de jovens informantes a presença de marcadores de diferenciação de distintivos étnicos culturais, naturalidade, sexo e localidade de residência, tencionamos verificar se tais particularidades processam influências que tenham impacto no processo de construção identitário.

Apesar desta expectativa de abrangência da potencial diferenciação biográfica dos jovens, entendemos que, mesmo os sujeitos que partilham de aproximada experiência cultural e étnica, constroem um campo subjetivo particular, podendo conferir diferentes significados a questões que vivenciam em comum. Daí a relevância de buscar compreender os jovens dentro do seu mundo social, posto que as ações humanas tornam-se melhor compreensíveis ao deslindar de suas motivações. (SCHUTZ, 1979).

Simmel (1986) nos suscita a considerar que a configuração social não é dada apenas por elementos convergentes desta sociedade, mas também, por seus

elementos dissociativos e é exatamente esta tensão que vai moldar as estruturas sociais.

Partindo desses entendimentos, evidenciamos diferenças marcantes entre as compreensões dos jovens indígenas, quanto aos significados de ser jovem, em relação aos demais jovens, não-indígenas. Embora a comparação entre o comportamento dos jovens e dos adultos e a temática da responsabilidade estejam presentes no conteúdo de suas afirmações, a perspectiva de como estão incorporadas em suas experiências comuns é inequivocamente distinta.

Verificamos que a relação entre jovens e os adultos, na perspectiva dos jovens não-indígenas, apresenta uma tensão impulsionada pelas responsabilidades que se aproximam e que a cada dia impõem-se com mais intensidade, parecendo assombrar e colocar em risco o comportamento bem humorado dos jovens, visto sua percepção dos adultos enquanto sujeitos responsáveis, porém preocupados e sérios.

Diversamente, os jovens indígenas, sejam eles jovens-adolescentes ou jovens-adultos, discorrem sobre as responsabilidades que reconhecem em suas vidas, enquanto manifestação natural do seu processo de amadurecimento, e os adultos se apresentam nestas experiências como mediadores dignos do seu respeito e a quem pretendem orgulhar.

“O jovem tem menos noção das consequências do que os adultos. Por que não tem tanta experiência de vida. Mas os jovens têm muitos sonhos. Sonho de fazer algo importante, que faça a diferença na vida das pessoas. Dar orgulho à sua família e à comunidade.” (A-A9).

“Por mim, o que me faz ser jovem é o fato de eu mesmo me sentir assim. Eu já não me sinto criança, apesar de eu ainda agir como criança, quando eu brinco ou quando eu brigo com os irmãos. Mas em muitos casos eu vivo como jovem, eu penso e sinto como jovem, por que eu já ajudo no trabalho da roça com minha família muito mais do que quando era criança, já sei fazer muitas coisas sozinho, já quero namorar. Mas também não sou adulto ainda. Ser jovem pra mim é saber aceitar as coisas, é não aprontar mais como os curumins fazem. É tomar responsabilidade sobre os atos e sempre pensar antes de agir.” (E-7).

“Não é muito fácil definir o jovem, mas na minha opinião ser jovem é acreditar e busca realizar um sonho, lutar pelos ideais de vida é ser responsável pelas suas escolhas. É pensar nas consequências das suas escolhas, não só na sua vida, mas também na vida das outras pessoas que te

cercam. É ir aos poucos aprendendo a como se tornar adulto.” (E-6).

“Eu me sinto jovem porque eu sou jovem! Pra mim, ser jovem é a forma como eu vivo com meus colegas, como eu me relaciono com as pessoas mais velhas, com respeito como deve ser o comportamento do mais novo. Eu tenho saúde, sou forte. Eu tenho muita força. Isso tudo me faz sentir jovem.” (E-8).

“Ser jovem é começar a ter mais responsabilidade na vida.” (B-A5).

“Ser jovem é não pensar tanto nas consequências das coisas. Ser jovem é ainda não ter conhecimento suficiente sobre a vida pra poder seguir em frente sozinho.” (BV-A3).

Embora compreendamos que a biografia dá singularidade ao sujeito, faz necessário considerar as influências do lugar social e o tempo a partir do qual ele fala. Diante disso, pensar potenciais motivações para estas construções diversas, entre jovens não-indígenas e os jovens indígenas, repousam sobre o caráter singular e diferenciado de como se dão as interações entre os indivíduos, nos contextos sociais e culturais nos quais se encontram imersos.

Na pesquisa realizada por Santos (2014) sobre os processos de identidade dos indígenas trabalhadores da construção civil na cidade de Boa Vista-RR, encontramos as narrativas e análises sobre a existência de rituais de passagem diversos, relatados por homens indígenas pertencentes a diferentes etnias, apresentando elementos similares. Dentre os rituais, banhados de significados cosmológicos, verifica-se sua importância nas interações e os interesses que movem suas sociações.

Entre os povos indígenas de Roraima, uma das práticas de cura consideradas de maior propriedade para as etnias Macuxi e Wapixana, (...) tem sua representação através do ritual de passagem dos jovens para a vida adulta, uma vez que são feitas pequenas incisões nos membros inferiores e superiores, especialmente nas panturrilhas, para aplicar uma porção de molho de pimenta nestas partes do corpo. Há prevenção da cura com as picadas de formigas especialmente nas articulações. Nesta perspectiva, o fenômeno transcende as concepções delimitadas a partir da lógica do mundo dos ‘não índios’, ao se tratar de uma percepção significativa do mundo. (SANTOS, 2014, p. 101).

(...) a preparação do corpo indígena na juventude para a realização das tarefas cotidianas (...) Precisavam se manter saudáveis, então havia realizações de rituais preventivos contra doenças físicas e encantamentos espirituais. (...) Estes rituais eram necessários, no

sentido de que todos adquirissem forças e responsabilidade durante a passagem para a vida adulta. (SANTOS, 2014, p. 175, 176).

Muito embora alguns desses rituais estivessem mais presentes há algumas poucas décadas atrás, o sentido destes ainda se faz correntes na cultura dos povos indígenas, apesar da convivência com outras culturas, sendo esta mais ou menos intensa, a depender de fatores diversos, como o fácil ou o difícil acesso às populações não-indígenas.

A permanência destes rituais, mesmo que tenham passado por transformações ao longo do tempo, vincula-se à “magia representacional que os faz simbolicamente eficazes”; assim, passam a ser justificados por novos sentidos. As tradições aportam as formalidades dos rituais. E, embora o passado seja uma referência de ação para o presente, “não significa que no presente a tradição seja uma simples reposição do passado”. (PAIS, 2009, p. 375).

À vista disso, evidencia-se que os processos identitários vinculam-se aos pertencimentos a diferenciadas e ambíguas expressões culturais historicamente, e não biologicamente definidas, como étnicas, de sexo, de idade, de classe, por exemplo. Nesse sentido, “à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente”. (HALL, 2011, p. 14).

Depreendemos desta análise que a tensão vivenciada pelos jovens indígenas, relacionada à preparação para as responsabilidades da vida adulta, se diferencia da maneira como os jovens não-índios vivenciam estas inquietudes, em decorrência do modo como se dá seu processo de socialização, considerando-o enquanto conflito. (SIMMEL, 2006).

Nesses primeiros, a reciprocidade em relação ao sentimento de pertença ao grupo étnico, ilustrada aqui a partir do conteúdo das interações expressadas no desenvolvimento de responsabilidades dos jovens, tendo em vista as expectativas dos adultos, constitui-se num ingrediente vital, posto que mantém as interações, influenciando na existência da própria comunidade. (SIMMEL, 2006).

Nosso entendimento é corroborado por Matos (2013), a partir de sua pesquisa etnográfica sobre as culturas indígenas e a gestão das escolas da Comunidade Indígena do Guariba, localizada no município de Amajari, em Roraima. A autora apresenta passagens do cotidiano da referida Comunidade Indígena, nas quais

podemos atentar para os conteúdos (interesses e motivações individuais) de determinadas interações entre os indígenas, produzindo efeitos uns sobre os outros.

Chama a atenção como os estudantes são disciplinados no cumprimento das normas da escola. (...) Mesmo nos intervalos, o espaço físico é ordenado e silencioso. (MATOS, 2013, p. 193).

Todos possuem muita força de vontade em aprender e se desenvolver. Quando alguém é apontado como gestor, já vem com o “peso”, a expectativa da comunidade e tem que dar retorno. (MATOS, 2013, p. 200).

O Professor indígena Fausto Mandulão, respeitado militante pela Educação Indígena roraimense, também retrata em seu trabalho sobre a educação na visão do professor indígena, formas de interação estabelecidas entre os povos indígenas, que viabilizam a consolidação dos conteúdos destas interações, concretizando-os como realidade social.

Os mais velhos sempre tiveram um papel muito importante na transmissão dos conhecimentos aos mais jovens. São eles os responsáveis pelo relato das histórias antigas, das restrições de comportamento, das nossas concepções de mundo etc. Como dizem os Yanomami: “existem muitos caminhos, os mais velhos conhecem todos os caminhos e nós aprendemos com eles a encontrar o melhor caminho.” (...) A criança é socializada pela família e nas relações cotidianas da aldeia. Ela aprende fazendo, experimentando, imitando os adultos. As crianças acompanham os pais e os seus brinquedos são miniaturas dos instrumentos que posteriormente irão utilizar em sua vida de adulto. Neste sentido, podemos inferir que a forma de ensinar nas comunidades indígenas tem como princípios inseparáveis a construção do ser, pela observação, pelo fazer, testado dentro de um contexto real. Ela vai aprendendo os valores do que é ser um Macuxi, ser um Wapichana, ao mesmo tempo em que adquire habilidades para enfrentar os desafios do seu mundo. (MANDULÃO, 2006, p. 218).

Apesar da análise exposta até este ponto, salientamos que não se trata de delimitar pontualmente o que significa ser jovem, de modo a cristalizar um perfunctório entendimento generalizante. Até mesmo porque compreendemos que as trajetórias de vida, embora singulares, estão contingenciadas pela cadência da cultura.

Em outras palavras, nesta discussão, ao explicitarmos rituais, tensões e/ou fases da trajetória de vida dos jovens do meio rural, ensejamos discutir seus significados, enquanto expressão de regularidades, porém, considerando que os sujeitos tenham vivências particulares. (PAIS, 2009).

Outrossim, a abordagem à tensão em relação aos adultos, manifesta pelos jovens, não visa estatuir que o processo de construção identitário dos mesmos repouse de modo elementar numa relação restrita a duas posições divergentes e em

permanente conflito, num aspecto restritamente negativo. Posto que, de acordo com Simmel (1988, p. 123), “o conflito é a negação da unidade”, e neste aspecto, os antagonismos entre os jovens e os adultos, retratam a manifestação de sujeitos que interagem e defrontam-se com suas diferenças, resultando na necessidade de negociação constante.

A apreciação de Gadea a seguir colabora sobremaneira para o sentido em que estamos direcionando esta discussão:

Na medida em que o mundo jovem é definido, em parte, pela linguagem, esta não pode deixar de ser marcada pela indeterminação, a instabilidade e a ambiguidade. Assim, o mundo adulto tão só se situa como referência simbólica e material que funciona como *fronteira móvel e flexível* de um mundo jovem em constante construção e fragilidade. Este, o que mais faz é não respeitar os signos que delimitam (artificialmente) as fronteiras dos territórios simbólicos com o mundo adulto. (GADEA, 2005, p. 3).

Não obstante, ser jovem não se limitou apenas à constatação desta tensão “de não ser adulto”. Identificamos ainda outros dois aspectos do que significa ser jovem, que em inter-relação entre si favorecem uma aproximação sobre como os jovens percebem a si e aos demais jovens.

Estes aspectos relacionam-se a sua atualidade, no sentido de se utilizarem da tecnologia nas suas atividades e relações interpessoais, e mantendo-se com uma “mente aberta” às novas ideias e linguagens, concebendo-se enquanto “ser diferente”, numa perspectiva valorativa e contemporânea, de modo geral, em relação aos adultos.

Destacou-se, também, o reconhecimento dos jovens sobre seus comportamentos sofrerem influências diversas, como veremos na sequência.

No que concerne à articulação entre o uso de tecnologias para se comunicar, suas ideias e linguagens que os tornam “diferentes”, destacamos algumas falas significativas:

“A gente se sente jovem por causa das coisas que gostamos de fazer, como estar nas redes sociais, a maneira de se comunicar com outras pessoas, principalmente entre nós jovens, a nossa maneira de falar é moderna, é antenada e não é parada. O jovem tem que ficar ligado, ficar esperto, porque o papo muda muito rápido, e se você ficar desatualizado, fica manjado. Tem também, uma forma de pensar bem produtiva, bem atual, apesar de ser um pouco desorganizado, às vezes, mas sempre está defendendo suas ideias para as outras pessoas.” (B-A3).

“O despojado do jovem é um jeito de agir mais espontâneo. Tem várias palavras que os jovens que usam, basicamente giras, como “tipo, e aí, já é”, que tem a ver com ser jovem. Quando a gente vê um adulto falando assim é o maior micão”! (B-B6).

“Ser jovem tem a ver com o avanço de pesquisas científicas e a tecnologia que mudam o pensamento do jovem, né?! Tipo, a forma de se comunicar, de se expressar, das suas atitudes, isso tudo influencia no ser jovem hoje.” (C-A4).

“Eu acho que hoje em dia, o jovem, como ele se vê e tal, também está relacionado a modismos. A estar em várias redes sociais ao mesmo tempo. Daí uns se acham bonitos, já outros tem auto estima baixa. Outros são vida louca. Outros são CDF. Então é difícil dizer quem é o jovem hoje, porque depende muito da influência do momento.” (E-1).

“Ser jovem hoje depende muito do que as mídias estão dizendo que é ser jovem! A maioria dos jovens fazem coisas e gostam de coisas que foram convencidos, principalmente pela internet. Desde a maneira de falar, até as roupas. Mas no fundo, os jovens, pelo menos eu acho que boa parte de nós, vive pensando no futuro, em poder ter sua casa, seu trabalho, em viajar, em construir sua própria família, tipo isso. Esses comportamentos às vezes estranhos, como cabelos esquisitos é mais pra se mostrar uns pros outros, e uns até para encrencar com os adultos. Eu mesma já pinteí meu cabelo colorido e nem gostei, mas todas as minhas amigas elogiaram tanto que eu acabei deixando um tempão, mesmo a minha mãe me enchendo todo dia. Admito!” (B-B3).

Ao mencionarem comportamentos habituais de sua condição enquanto jovens, referem-se a si próprios ou aos demais jovens, revelando um estado de transversalidade entre os níveis individual e social, que analisamos, ancorados em Simmel. retratam esta dupla natureza do sujeito, na qual a sociedade lhe é intrínseca, sem que este se limite apenas a um sujeito nesta mesma sociedade.

A sociedade, cuja vida se realiza num fluxo incessante, significa sempre que os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si e pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros. A sociedade é também algo funcional, algo que os indivíduos fazem e sofrem ao mesmo tempo. (SIMMEL, 1998, p. 18).

Assim, as duplas influências identificadas nos processos de socialização relatados pelos jovens, apresentaram por centralidade a relação entre ser atual e manejar recursos tecnológicos, com ênfase na internet e, ainda, os modismos que são

tão rapidamente adotados, quanto abandonados, com a marca destes processos terem um significado fundamental para que o jovem sinta-se pertencente e aceito socialmente.

Neste movimento incessante, ao mesmo tempo em que os jovens buscam sentir socialmente integrados, constroem artifícios diversos que lhes possibilitam diferenciação, diante dos demais, em busca do reconhecimento social.

Ser jovem é ser antenado nas redes sociais, ser divertido, saber andar de acordo com a moda, não ter tanta responsabilidade e ao mesmo tempo ter. Por exemplo, eu gosto de usar roupas da moda, mas não quero sair por aí como se tivesse fardado, então eu pinto e corto meu cabelo de um jeito só meu, para ter o meu diferencial, entende? Mas acho que principalmente o jovem é divertido. (B-A4).

Analisamos os relatos dos jovens partindo do entendimento de Simmel (1988) de que a moda é fenômeno sociológico que nos favorece analisar tensões sociais, pois assinala os movimentos de imitação e de diferenciação, que marcam a característica dual dos sujeitos.

Nesse sentido, esses processos de imitação e diferenciação contribuem sobremaneira em vários aspectos da vida dos sujeitos, porquanto, em consequência da dissensão das estruturas sociais tradicionais, “estar antenado”, “ficar ligado”, para “não ficar manjado”, ou seja, acompanhar uma tendência, figura uma oportunidade de sentir-se aceito, incluso em seu ambiente social. Desse modo, contribui também no processo de identificação.

Por conseguinte, as gírias, as vestimentas, as cores alternativas de cabelo, por exemplo, são manifestações necessárias para identificação, ao mesmo tempo que para diferenciação. Ao adotar determinado estilo ou modismo do momento, o jovem atende a uma necessidade de esteio social, de sentir-se parte integrante e integrada, que dá sentido à sua ação, percebendo seu cadinho universal. Simultaneamente, satisfaz outra necessidade que é a de distinção, de se diferenciar e sintonizar com o seu crisol. (SIMMEL, 1979, p. 24).

Sobre esse aspecto, cabe refletirmos ainda, que as manifestações das culturas juvenis também expressam uma emergência de atualidade, visto suas preocupações em relação ao acompanhamento do desenvolvimento científico e tecnológico e a correlação destes às suas expressões jovens, das formas aos conteúdos das linguagens que são diversas e fluídas, vista a celeridade em que podem mudar.

Sobre esse caráter fluído que identificamos nas percepções dos jovens, Bauman (2001, p. 71) nos esclarece que como as “Supremas Repartições” que tutelavam a regularidade do mundo, ratificando as fronteiras entre o certo e o errado já não se fazem ostensivas, “o mundo se torna uma coleção infinitas de possibilidades: um contêiner cheio até a boca com uma quantidade incontável de oportunidades a serem exploradas ou já perdidas”.

Diante do que já discutimos até esse momento, em consonância com os entendimentos de Pais (1993), podemos aduzir que a autopercepção dos jovens sobre sua condição juvenil apresenta-se marcada por uma assimilação da apresentação da juventude enquanto fase de vida, na qualidade de transição entre a infância e a vida adulta. Tal fase, apresenta-se assinalada pela admissão de progressivas responsabilidades e pela aspiração pela independência econômica. No entanto, está evidente também, um entendimento do “ser jovem” como manifestação cultural, sob o aspecto de “culturas juvenis definidas em termos de classe, associada à cultura de resistência”. Assim, Pais (2006, p. 7) deslinda que “as culturas juvenis são vincadamente performativas porque, na realidade, os jovens nem sempre se enquadram nas culturas prescritivas que a sociedade lhes impõe.”

Nesse aspecto, estas performances das culturas juvenis favorecem a uma sensação de composição com os seus pares, num movimento de reconhecimento intersubjetivo, no qual, conforme Pais (2006, p. 18) “as aparências estão mais arraigadas às experiências que às consciências”. Essas experiências denotam uma busca pelo autoconhecimento, ao mesmo tempo em que aspiram o reconhecimento das outras pessoas. Desse modo, essa relevância à aparência, que marca os discursos dos jovens informantes, nos aponta aspectos importantes das tensões que envolvem o processo de construção identitário, conforme nos esclarece Pais:

Através das modas tem-se a ilusão de uma expressividade singularizada que se consubstancializa na busca de uma *realização pessoal* mediante a qual os jovens, encerrados na imagem de si mesmos, se abrem a outros (e a representações de si) por máscaras que simbolizam a pluralidade de si mesmos. A hipótese do desenvolvimento de *identidades reflexivas* (o ser “eu próprio”) não elimina a tensão entre as *identidades reivindicadas* (*identités pour soi*) e as *identidades atribuídas* ou *espelhadas* (*identités pour autri*) – tensão que se avoluma quando as vemos inscritas numa temporalidade que as faz mudar, da mesma forma que mudam as trajetórias de vida que as sustentam. (PAIS, 2006, p. 19). (Grifos do autor).

Assim sendo, os achados da presente pesquisa corroboram com a noção de Pais (2006) e Sposito (2002), na qual ambos autores asseveram sobre a importância de que estudos sobre as juventudes não se prendam aos modelos estabelecidos que não mais representam as identificações dos jovens, como é o caso, por exemplo, de percebê-los limitados a uma condição transitória, enquanto tempo de moratória, após o qual se adequarão a um ideário centrado no adulto.

A não padronização de um conceito fechado e restritivo da categoria 'juventudes', enquanto conjunto de convicções e comportamentos comuns, se justifica não apenas teoricamente, mas, e especialmente, está sublinhada na fala dos próprios jovens, como se pode constatar:

“Ser jovem, hoje em dia, de um modo geral se tornou ou sempre foi, algo subjetivo. Ou não, não tenho certeza. Por que não há algo que objetivamente defina o jovem de hoje em dia. Os jovens são muito diferentes, pensam e agem de maneiras diferentes, dependendo muito da turma de amigos com quem ele anda, às vezes até mais do que da família. Tem jovem que só curte rock, tem os que só curtem gospel e acham que o rock é do demônio! Sério, isso existe! Os que pensam demais no futuro e os que não estão nem aí. Os que são agressivos, difíceis de aguentar, e os que são sangue bom, gente boa. Mas são todos jovens.” (E-1).

Destacamos que identificamos diferenças significativas entre as percepções sobre o “ser jovem”, entre os jovens do meio rural que residem na capital do Estado, Boa Vista, em relação aos que moram no interior do Estado. Os primeiros marcaram seus discursos a partir das temáticas mais voltadas à habilidade e prazer no uso de ferramentas tecnológicas de informação, também quanto à adoção de linguagem mais informal e descontraída e, ainda, sobre ser livre e defender suas próprias ideias, como podemos ilustrar na sequência:

Ser jovem é ter sonhos e expectativas para o futuro. Vivemos em um momento em que somos os grandes formadores de opinião. Ninguém nos manda calar a boca, ninguém pode dizer que não sabemos de nada. Sabemos muito, nos comunicamos muito. Ser jovem e estar por dentro do que acontece ao redor, e podemos e sabemos fazer isso sem sequer saímos de casa. (E-5).

Já os jovens rurais, que residem no meio rural, deram mais ênfase aos aspectos relacionados a não ter autonomia em relação aos adultos, embora estes cobrem responsabilidade dos jovens. Ademais, também se destacaram as temáticas voltadas a ser jovem significar viver para estudar para alcançar uma empregabilidade

no futuro, assim como experimentar pressões vinculadas às expectativas familiares e de amigos sobre seus comportamentos, conforme o exemplo abaixo:

Ser jovem significa se preocupar o tempo todo com os estudos, é a nossa maior responsabilidade, pois sem o estudo não conseguiremos um bom emprego no futuro. E essa é a maior cobrança da família. Mas, mesmo sem a cobrança da família e tal, nós também nos cobramos, e ainda mais quando nossos amigos vão passando nos vestibulares e conseguindo empregos, a gente vai sentindo mais forte pressão para também conseguir. Eu acho que tem várias outras coisas que nos fazem jovens, mas essa é a coisa que toma mais conta das nossas vidas e acaba sendo o que a gente é! (B-A4)

Estas diferenciações entre as percepções dos jovens rurais que moram na capital e os que residem no meio rural denotam um aspecto a ser considerado na análise da tensão rural-urbano, apresentada de modo mais específico adiante.

A partir do exposto, depreendemos que a percepção dos jovens rurais acerca da sua própria condição juvenil apresenta-se sob múltiplos aspectos, contingenciadas às condições nas quais encontram-se imersos, sendo este, portanto, um fator imprescindível para a compreensão do que “significa ser jovem” diante da fluidez do mundo contemporâneo. (BAUMAN, 2001).

5.2 Compreensões dos jovens rurais sobre a tensão entre o rural e o urbano: significados, temporalidades e espacialidades.

A temporalidade é evidentemente uma estrutura organizada; (...),
uma totalidade que domina suas estruturas secundárias
e que lhes confere significação.
(SARTRE, 2001, p. 158)

As percepções dos jovens rurais sobre suas vivências e perspectivas revelam a constatação de uma tensão entre os conteúdos e formas de interação social estabelecidos no meio rural, de caráter mais comunitário, e as “individualidades da grande cidade” (Simmel, 2005).

Neste aspecto, distinguimos nas falas dos jovens rurais que há significados atribuídos ao rural e ao urbano, em que estes denotam claramente uma relação de conflito, de modo especial, no que se refere às construções subjetivas quanto às noções de temporalidade e espacialidade.

Evidenciou-se, ainda, que estes entendimentos fomentam uma apreciação auspiciosa, ou não, sobre o rural e o urbano, na medida em que materializam esta subjetivação através das limitações e oportunidades que vivenciam e/ou anseiam.

Dentre os entendimentos científicos que analisamos, identificamos abordagens interpretativas acerca das dinâmicas do mundo rural contemporâneo, dentre os quais, destacamos como mais significativos para nossas análises, duas percepções antagônicas.

A primeira abordagem interpretativa reverbera em vários discursos sobre o rural e o urbano e marca, sobremaneira, o histórico da Sociologia Rural. Nesta interpretação, o rural e o urbano são espaços não apenas distintos, mas também antagônicos, sendo o primeiro um ambiente de vivência de temporalidades e espacialidades consideradas atrasadas, em relação às modernas formas de interação do meio urbano. Esse entendimento marca as produções de Sorokin, Zimmerman e Galpin (1981), que buscaram estabelecer as principais distinções entre o rural e o urbano, tendo por ponto focal a atividade agrícola do camponês, conforme vimos no primeiro capítulo.

A segunda abordagem investe no sentido de “requalificar o olhar sobre essas novas dinâmicas”, discutindo os limites do tratamento dualista às categorias rural e urbano, tendo em vista atentar para a “construção de novas identidades sociais e de novas imagens sobre o real”. (CARNEIRO, 1998)

Nessa perspectiva, para estas análises, consideramos profícuo considerar o rural e o urbano a partir das percepções dos jovens rurais, buscando os significados que atribuem às práticas sociais nas quais interagem. Tais práticas, se propagam tanto no meio rural, quanto no meio urbano. (CARNEIRO, 2012, p.45)

Verificamos que as percepções dos jovens estão carregadas de significados relacionados à espacialidade e à temporalidade, enquanto pano de fundo das interações sociais, como poderemos perceber adiante.

No que concerne à espacialidade, cumpre-nos informar que, estamos considerando-a enquanto capacidade do ser humano de estabelecer relações, com e a partir de determinado espaço, fazendo com que este, por consequência, exerça influência sobre o processo de construção identitário dos partilhantes do mesmo, desde o instante em que seja significativo para o sujeito. (HALL, 2005)

Todavia, ressaltamos que nosso entendimento não acalenta a ideia de que a espacialidade determine o processo identitário, ou mesmo o contrário. O aspecto que nos interessa acentuar é que a espacialidade aparece expressa nas percepções dos jovens rurais, de modo que há uma exteriorização das relações sociais estabelecidas nos espaços urbano e rural, dando-lhes uma expressão própria e peculiar, que acaba por influenciar no modo como se percebem a si próprios enquanto sujeitos quer imersos ou não nestes espaços.

Clarificando nossa abordagem, servimo-nos, ainda, do entendimento análogo de Simmel:

Nos diversos modos da interação dos indivíduos, a sociação gerou outras possibilidades de se estar junto – no sentido espiritual. Contudo, algumas dessas possibilidades de se estar junto se realizam de um modo tal que a forma espacial na qual isso ocorre, como em geral em todos os casos, justifica uma ênfase especial, para nossos fins epistêmicos. Assim, no interesse de perscrutar as formas de sociação, inquirimos o significado que as condições espaciais de uma sociação possuem, em perspectiva sociológica, para a sua determinação e desenvolvimentos restantes. (SIMMEL; 2013, p. 85).

Contudo, há de se considerar ainda, que o estado de Roraima possui um histórico marcado por um intenso processo migratório e tal condição perpassa, sob proporções diversas, as construções e percepções dos seus habitantes acerca das espacialidades, em especial, quando nos referimos aos migrantes.

Nessa lógica, nos reportamos à possibilidade que Hall (2005) denomina como “tradução”, sendo um conceito que se aplica às formações identitárias que cruzam as fronteiras naturais, dirigidas aos sujeitos que foram espalhados e não retornaram à sua terra natal. Assim, estas pessoas, vindas de lugares diversos, entram em negociação com as peculiaridades culturais locais, sem contudo, perder suas tradições, vivências e expressões culturais de sua terra natal.

Assim, consideramos que os migrantes que vivem em estas pessoas formam uma “cultura híbrida” que conforma traços da sua cultura de origem, mesclada com a cultura local. Desse modo, pertencem a “dois mundos”, sendo produtos de “novas diásporas”. (HALL, 2005; CANCLINI, 2006).

Entretanto, apesar de rejeitarmos o caráter determinista do espaço sobre o processo de construção identitário, compreendemos que o próprio entendimento sobre identidade remete a uma interpretação, de modo geral, vinculada ao pertencimento a um determinado lugar, e que esse sentimento de pertença se

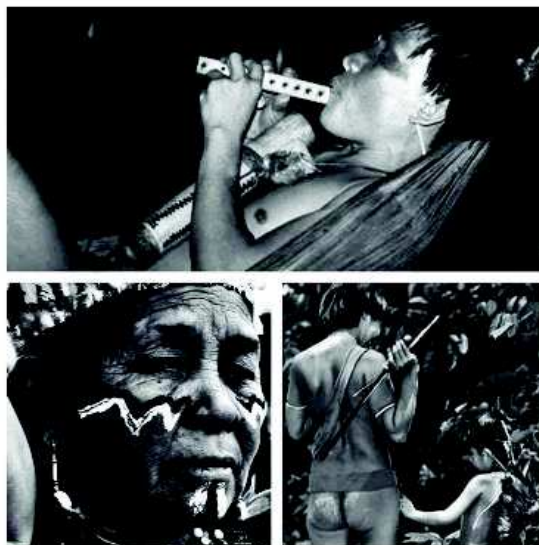
manifesta sob aspectos de caráter sócio-histórico e cultural, de certo modo, promovendo uma naturalização da identidade, inclusive no aspecto étnico.

Bauman (2005) nos elucida que por trás dessa naturalização do processo de construção identitário, vinculada a uma determinada espacialidade, acobertam-se os interesses de determinado grupo social. Tal aspecto não pode ser desconsiderado no contexto da temática em análise.

Encetando esse entendimento, a partir da categoria de análise “tensão rural-urbano” organizamos os três subcapítulos a seguir, nos quais analisamos os dados coletados na pesquisa e os sistematizamos a partir das temáticas: “Percepções dos jovens rurais acerca do Rural”, “Percepções dos jovens rurais sobre o meio Urbano” e “Percepções de tensão entre o Rural e o Urbano”, na intenção de demonstrar o influxo da referida tensão sobre os processos identitários dos jovens rurais.

5.2.1 Percepções sobre o meio rural.

Indígenas de Roraima²¹



No que concerne ao olhar dos jovens rurais em relação ao meio rural, evidenciaram-se três aspectos reportados de modo correlacionado:

- I. Que o meio rural é um espaço no qual ocorre uma maior integração e interação entre as pessoas;

²¹ Indígenas de Roraima retratados pelo Jornalista e fotógrafo Orib Ziedson. 2015.

- II. Que nesse espaço há uma tranquilidade no viver, decorrente de uma percepção temporal amena, em relação às atividades realizadas no cotidiano e ao contato com a natureza; e ainda,
- III. Que o desprovimento de equipamentos sociais, decorrentes da não execução ou execução deficitária de políticas públicas, reveste-se em entrave para a qualidade de vida e perspectiva de permanência no meio rural.

A complexidade e riqueza cultural que se apresenta nas sociações dos jovens rurais de Roraima, as tivemos a oportunidade de investigar, nos fez sentir provocados, desafiados e, ao mesmo tempo, encantados. Portanto, Para melhor compreendermos estes achados da pesquisa, problematizemos algumas falas significativas.

No que diz respeito às percepções acerca das interações, revelou-se uma ambiguidade nas falas, realçadas na leitura que segue:

“Aqui no interior é muito mais seguro, a gente anda com o celular na mão, sem medo, já numa capital movimentada, tem muita violência. Por exemplo, aqui tem pouca gente, ninguém se esbarra nas ruas, as pessoas andam devagar, porque tudo é perto, você só se atrasa se quiser. (...) Aqui, se você tá na rua e um estranho te abordar, todo mundo que tá na rua, em frente das suas casas e tal, já repara que tem alguma coisa rolando diferente, se você der um grito todo mundo acode.” (C-B6).

“É pacato, pelo menos no interior de onde eu vim é muito parado. Sem perspectiva. Parece que o tempo parou. Todo mundo faz a mesma coisa quase que a vida toda. Mas eu só notei isso depois que saí de lá. Isso é engraçado, eu não notava essa lentidão.” (BV-A4).

“Tenho um amigo que estuda em Boa Vista e quando ele vem no interior e eu digo que quero fazer faculdade lá, ele me diz sempre: “te prepara para sofrer! A gente que é do interior, lá tem que ralar dobrado!”. Ele diz que eu estou acostuma com a vida paradona daqui, sem muito movimento, tudo calmo, lento mesmo. Mas, eu gosto de viver assim, embora eu também saiba que tenho que mudar, ficar mais esperta para não ficar pra trás.” (CB-4).

O material coletado durante a pesquisa e, ainda mais, as interações mantidas com os jovens rurais durante a coleta se apresentam como imenso desafio ao cumprimento da técnica de análise, visto que suscitam elucubrações sedutoras.

Todavia, nos atendo aos objetivos propostos, analisamos que a constatação de que a vida no meio rural é “pacata”, “paradona”, “lenta”, dá-se numa análise

comparativa em relação ao meio urbano, posto que este tem sido historicamente usado como referência e parâmetro, conforme alude Simmel:

Na medida em que a cidade grande cria precisamente estas condições psicológicas — a cada saída a rua, com a velocidade e as variedades da vida econômica, profissional e social —, ela propicia, já nos fundamentos sensíveis da vida anímica, no quantum da consciência que ela nos exige em virtude de nossa organização enquanto seres que operam distinções, uma oposição profunda com relação a cidade pequena e a vida no campo, com ritmo mais lento e mais habitual, que corre mais uniformemente de sua imagem sensível-espiritual de vida. (SIMMEL, 2005, p. 528)

Observa-se uma ambiguidade na percepção sobre a vivência da temporalidade, na perspectiva do sentir o correr do tempo durante as vivências diárias, que comporta ao mesmo tempo, um reconhecimento lisonjeiro e um desconforto.

Conjecturamos que um possível vértice dessa ambivalência repouse sobre a relação conflituosa entre o rural e o urbano, no sentido que as construções subjetivas a respeito da temporalidade e sua vivência objetiva nas atividades e interações mantidas no meio rural, não apresentam uma correspondência às percepções tão racionalizadas do tempo, peculiares do meio urbano.

Além disso, esta noção ambígua acerca desse aspecto da temporalidade, nos remeteu também à ocorrência de sobreposição entre estas diferentes construções. Isso indica a existência da emergência de estratégias adaptativas, no sentido de ressignificar tais percepções, com vistas a sustentar traços culturais da comunidade rural, sem deixar de sorver traços culturais urbanos, a fim de dar subsistência ao seu processo identitário.

Nesse ínterim, Carneiro (1998, p. 3/8) os auxilia com seu entendimento de que o sentimento de pertença dos jovens rurais à sua localidade de origem se confunde com o projeto de construir vidas mais individualizadas, expressado a partir do desejo de “melhorar o padrão de vida” e de “ser alguém na vida”. Assim, o pertencimento à coletividade rural, fruto de uma convivência mais próxima de uma perspectiva comunitária, choca-se com os anseios de profissionalização e atuação profissional, cujas oportunidades orbitam, nesse caso específico de Roraima, em torno da capital Boa Vista. Assim, podemos compreender melhor a dubiedade das percepções dos jovens rurais, posto que “na formulação dos projetos individuais expressa-se a ambiguidade característica da situação de convivência com dois universos.”

O fato desse nosso entendimento sobre o processo de construção identitário dos jovens rurais apresentar-se com um caráter ambíguo nos sinaliza aproximação às suas realidades, posto que, como postula Bauman (2005, p. 82/83) “a identidade é uma ideia inescapavelmente ambígua, uma faca de dois gumes. (...) Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha.”

Considerando que os municípios do interior do Estado de Roraima foram se formando a partir de uma política de povoamento, baseada na estruturação de colônias agrícolas, e que ainda hoje as políticas públicas destinadas a impulsionar o desenvolvimento rural pauta-se prioritariamente sobre a agricultura extensiva nas regiões de fazendas, e na agricultura familiar nas grandes áreas destinadas aos projetos de assentamentos rurais, apesar de outros setores produtivos estarem se impondo, como o comércio, por exemplo, depreendemos que esse contexto exerce uma influência na tensão vivenciada pelos jovens rurais.

Para exemplificar, basta constatar que os *Campi* do Instituto Federal de Roraima-IFRR, localizados no meio rural, ofertam basicamente cursos nas áreas de agricultura e agropecuária, embora as audiências públicas realizadas durante os processos de implantação destes *Campi* tenham apontado várias outras demandas da comunidade local, em outras áreas de formação profissional. Contudo, em pesquisa realizada no ano 2009, constatamos que um terço dos jovens estudantes, à época matriculados no curso técnico em agropecuária integrado ao Ensino Médio, no IFRR/*Campus* Novo Paraíso, não tinham a intenção de permanecer no meio rural, e um quantitativo superior a este primeiro, não pretendia atuar na sua área de formação profissional em curso. Ao contrário, almejavam formações profissionais em outras áreas e, para conseguir graduação superior e trabalho já reviam a necessidade de deslocar-se dos seus municípios para cidades maiores. (FARIAS, 2010).

Nesse aspecto, a vinculação imposta historicamente, e ainda presente em nossa realidade local, entre a agricultura e o meio rural, apesar das discussões sobre a pluriatividade no meio rural, também se reverte em fonte de tensão para os jovens rurais, em especial quanto mais dissolvidas estão as “divisões” entre o rural e o urbano conforme nos esclarece Carneiro:

No contexto de crise da agricultura familiar e dos processos econômicos recentes que transformam o rural em um espaço cada vez mais heterogêneo, diversificado e não exclusivamente agrícola, a juventude rural salta aos olhos como a faixa demográfica que é afetada de maneira mais dramática por essa dinâmica de diluição das

fronteiras entre os espaços rurais e urbanos, combinada com o agravamento da situação de falta de perspectivas para os que vivem da agricultura. (CARNEIRO, 1998, p. 103).

Assim, reconhecemos nas tensões manifestadas pelos jovens rurais, a existência de uma “batalha”, na qual os jovens individualmente suscetibilizados, reclamam do preconceito que sofrem decorrente da vinculação do meio rural às atividades agrícolas que ainda se faz bem presente na realidade de Roraima.

Contudo, diante disso, os jovens também manifestam que mobilizam forças de reação diante das imposições por conformidade socialmente impostas, ao mesmo tempo em que, coletivamente também se agrupam e se voltam contra as forças desse coletivo maior, reclamando sua diferença e sobrevivência, a partir de estratégias diversas, como podemos exemplificar nas passagens a seguir:

“Na minha cidade ela já era pequena, só que em volta dela ainda tinham uns locais menores, tipo umas vilas de colonos, que trabalham só na agricultura, e o pessoal chama de colônia, daí sempre houve preconceito com as pessoas da minha cidade. Tipo, falarem assim: ah, você é colono! Cadê a sua enxada? Com deboche, só porque lá era mais precário e bem longe da cidade. Os jovens das cidades de interior maiores acham que a gente é chucro! Besteira! No fundo, no fundo nós sabemos do nosso valor e não precisamos que venham os metidos de fora para reconhecer isso.” (BV-A4).

“Nem precisa ir pra capital para ter dificuldade não. No ano passado, quando eu vim estudar aqui na Vila Brasil, eram duas turmas de primeiro ano. Agora, essas duas turmas viraram só uma porque muitos desistiram. Eles desistiram porque não acompanhavam, porque as escolas, principalmente as das vicinais, como a lá do Trairão, são muito fracas. Outros, porque era cansativo demais, porque moram muito longe, ficavam muito tempo sem poder ajudar em casa. E tem também aqueles que vieram obrigados pelos pais e nas dificuldades de ir e vir todo dia, acabaram convencendo os pais a deixar eles saírem. Eu fico com medo, mas só as vezes, de não conseguir chegar até o final, porque morar lá na serra e subir e descer todo dia é complicado, eu acabo faltando muito. Mas nós que estamos aqui até hoje, nós provamos que somos capazes porque não desistimos. Quando a gente veio fazer o seletivo, muita gente disse que era perda de tempo porque a gente não ia conseguir, porque aqui é uma escola muito difícil e a gente tinha que ser era roceiro mesmo. E a gente conseguiu e ainda estamos aqui. Então eu penso que também posso conseguir fazer uma faculdade na capital, apesar das dificuldades que eu sei que vou enfrentar, apesar de ninguém acreditar.” (A-C4).

Verificamos a existência de um caleidoscópio de tramas e interseções nas interações estabelecidas pelos e entre os jovens rurais, que não podem ser percebidas a partir de visões monocromáticas. A cada olhar perspectivo que lançamos sobre as nuances dos significados que atribuem às suas interações, nos deparamos com o entrelace fluído de influências diversas, em embate constante e incômodo, entre a opressão de “identidades aplicadas e impostas por outros (...) que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam...” e os esforços em defesa do processo identitário, sempre em (re/des) construção, no qual buscam se reconhecer como protagonistas. (BAUMAN, 2005, p. 44).

No contexto dessas descobertas da pesquisa, nos colocamos enquanto posição de resistência e contestação às percepções reducionistas acerca das tensões existentes entre o meio rural e o urbano, que de modo simplista remetem todo esse complexo debate a uma visão dual de oposição entre o atraso e o progresso.

Nesse sentido, conferimos que nossa adesão à abordagem interpretativa sobre a relação rural-urbano, pautada na necessidade de requalificar o expectar da ciência, mostra-se mais consentânea a dar conta da problemática dessa pesquisa, reforçada na convicção de que:

(...) os traços culturais que ocorrem no espaço rural são fluidos, permeáveis e transpassados; enfim, integrados de algum modo à sociedade contemporânea. Portanto, aquela ideia de associar o rural ao atrasado, ao isolamento e à tradição, e o urbano ao progresso, à integração e à modernidade perdeu seu sentido. (SCHNEIDER, 2004, p. 110).

Partindo desse entendimento, ‘girando o caleidoscópio’, constatamos também que se por um aspecto a proximidade entre as pessoas é ressaltada como uma característica privilegiada no meio rural, tendo em vista a sensação de segurança, amparo e pertença que essa visão remete, por outro lado, esta confinidade se reverte numa desconfortável sensação de menor privacidade e menos liberdade de ação.

Sobre esta questão, recorreremos às instigações de Bauman (2003) quando trata sobre a comunidade enquanto busca por segurança no mundo atual. As argumentações de Bauman, neste prisma, aportam nossa análise sobre a ambivalência dos significados que os jovens expressam sobre o rural enquanto espaço de interação e integração, no sentido de que, fica evidenciada a perspectiva de convivência comunitária, reportando ao rural enquanto “um lugar “cálido”, um lugar

confortável e aconchegante” (p. 7), no qual as pessoas podem contar umas com as outras.

Mesmo Bauman (2003) asseverando que tal comunidade, tão efetivamente cooperativa e empática, resida apenas em nossas ideações, visto que “comunidade é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente, a nosso alcance” (p.9), é justamente a vivência de uma realidade não comunitária que nos estimula a idealizar formas de interação, que acarretem a sensação de acolhimento. E é nesse sentido que interpretamos as manifestações dos jovens rurais, que ao se reportarem ao seu meio rural, o fizeram inicialmente destacando esse caráter idílico, no sentido da tranquilidade, da vida calma, da segurança e da convivência colaborativa e de proximidade à natureza.

No entanto, paradoxalmente, por vezes numa mesma fala, os jovens referem-se a essa convivência no meio rural como carecente de privacidade, tendo em vista a proximidade espacial e das interações invasivas mantidas entre as pessoas.

A partir dessa constatação, considerando a existência de um entendimento compartilhado, conforme Bauman nos explica sobre as noções de Tönnies acerca das distinções entre a comunidade antiga e a sociedade em ascensão (BAUMAN, 2003), interpretamos que haja uma percepção de convivência comunitária dos jovens em relação ao meio rural, na qual uma certa “mesmidade” remete à confortável impressão de pertença e proteção. No então, essa condição não persevera e passa a apresentar fissuras, diante das influências externas à esta comunidade. Tais influências, dando-se a partir da comunicação, tornam insustentável a suposta coesão comunitária, quando “a comunicação entre os de dentro e o mundo exterior se intensifica e passa a ter mais peso do que as trocas internas”. (BAUMAN, 2003, p. 18)

Assim, o desenvolvimento tecnológico, sob vários aspectos, interfere nas interações. Nesse caso específico, oportuniza que possíveis concepções que foram naturalizadas nas relações sociais em determinada sociedade, passem a ser objeto de reflexão e recusa. Tais fenômenos também se manifestam de modo impactante nos processos identitários dos jovens rurais, como podemos ilustrar na sequência.

“Quando eu morava no interior era totalmente diferente, porque lá os estudos, não que seja ruim, mas não é tão bom como é aqui na capital. Lá não tem muito lugar pra gente sair, e quando eu morava lá nem existia sinal de celular e foi um dia desses. Então, essas brincadeiras e comunicações que precisam de tecnologia são mais inacessíveis por lá. Lá eu saía só pra rua e ficava brincando de

esconde-esconde ou outras brincadeiras. Lá, eu fazia só isso da vida.” (BV-A2).

Essas “trocas internas” mediadas por formas de interação entremeadas por traços culturais fluídos, se expressam também nas relações mantidas entre os próprios jovens rurais, na medida em que, por exemplo, uns e outros vão diversificando seus círculos sociais (SIMMEL, 1986). Senão, vejamos:

“Se eu tivesse ficado no interior, minha vida seria bem diferente. Eu sei disso pelos meus amigos que ficaram lá. Tipo, quando eu vou passear lá eu percebo que, por exemplo, a gente tá conversando no WhatsApp e eu escrevo tudo certinho, e os meus amigos de lá escrevem assim tipo, vida louca, escrevem tudo errado, tudo maiúsculo ou tudo minúsculo, se eu tivesse lá eu também estaria assim, porque pra lá isso ainda é tipo, uma inovação, lá ainda tá meio que atrasado, porque é modinha escrever tudo errado ou abreviado, essas coisas assim, e eu também fazia isso, mas isso faz tempo.” (BV-B5).

Nesse aspecto, analisando possíveis divergências entre as percepções dos jovens rurais, tendo por base os marcadores de diferenciação estabelecidos para a pesquisa, identificamos que entre os jovens indígenas, a integração existente nas suas comunidades não lhes causa uma impressão de perda de liberdade. Ao contrário, justamente por se sentirem protegidos pela convivência e pelas afinidades de crença e visão de mundo se sentem confortáveis, acolhidos e libertos, como podemos exemplificar abaixo:

“Viver no interior é ser livre, é ter contato com a natureza, é poder ir para todo lugar sem preocupação com horário ou com perigo.” (B-A6).

“No campo a gente tem uma vida mais livre, já quem vive na cidade, não tem tanta liberdade, você fica meio que um pouco preso, por que além das leis da cidade, tem as questões de conviver demais e próximo de outros desconhecidos, tem os perigos de violência de ladrões, essas coisas que aqui não tem.” (E-10).

“Ser jovem morando no interior é muito legal, por que somos livres sem quase ter riscos de perigos. Podemos sair pela mata, ir aos banhos nos igarapés, podemos ir de uma comunidade até outra, sem medo. Só medo de bicho, mas isso a gente sabe como se livrar.” (E-8).

Analisamos que tal diferencial tenha como potenciais fatores influentes, o distanciamento, temporal e espacial, da maioria das comunidades indígenas em relação às vilas e municípios que se encontram no seu entorno. Apesar de muitas

comunidades indígenas já usufruírem de determinadas comodidades tecnológicas, isso ainda se dá em uma proporção que não apresenta o mesmo impacto, percebido entre os jovens rurais não-indígenas.

Todavia, apesar dos jovens indígenas mostrarem-se muito coesos em relação às tradições que dão sentido às suas interações, o incremento crescente do uso de tecnologia pelas comunidades indígenas vai aos poucos dissolvendo “a fronteira entre o “dentro” e o “fora””, de tal modo que, não haja mais possibilidade de manutenção da mesma. Tais entendimentos partem das pontuações dos jovens indígenas, quando estes, mesmo enaltecendo seu modo de vida tranquilo e seguro, reclamam o acesso ao que acontece “fora” de suas comunidades.

“Morar aqui é bom, por que é calmo, estamos perto um dos outros, da família, todo mundo se conhece e se ajuda. Mas, morar no interior é ruim porque falta a tecnologia e isso deixa a gente desatualizado. A gente fica muito limitado só ao que se fala entre os parentes mesmo. Se não fosse isso, a vida aqui seria a melhor do mundo.” (E-7).

Desse modo, podemos indicar que os jovens pesquisados percebem o meio rural como um lugar tranquilo, inclusive com uma certa conotação de estabilidade, tendo em vista que aferem o passar do tempo de forma aprazível, e ainda, apesar das fofocas, as interações com contatos mais próximos entre os membros da comunidade, e a contiguidade à natureza, marcam de modo significativo as suas impressões sobre o seu meio.

“A diferença principal entre a vida no interior e na cidade é a simplicidade do interior. No interior a vida é mais simples. Aqui, (em Boa Vista) no máximo você vai conhecer as pessoas que moram no seu quarteirão, já no interior, todo mundo se conhece.” (BV-B4).

“Morar no interior, me traz paz de espírito, subjetivamente falando. É mais fácil relaxar devido à tranquilidade, à segurança, à proximidade da natureza, essas coisas.” (E-2).

“Viver no interior é ter mais contato com a natureza (...) Também é levar uma vida mais calma, aonde tudo acontece mais devagar, tudo parece mais simples, sabe?” (E-4).

No entanto, tais entendimentos dos jovens têm caráter ambíguo quando se referem às possibilidades de permanência ou retorno ao meio rural. Apesar dessa agradável percepção sobre o estilo de vida rural, os jovens deixam claro que as dificuldades vivenciadas decorrentes da ausência ou má qualidade e mal

funcionamento de equipamentos sociais, resultantes da falta de compromisso político para com a execução adequada de políticas públicas, impacta sobremaneira na qualidade de vida da população rural, assim como nas perspectivas de se conservar no meio rural, conforme ilustramos na sequência:

“Não moro mais no interior, nem pretendo voltar a morar. Viver no interior é viver sem muitas expectativas, pois a vida vai passar e você vai estar lá, parado, pois geralmente não há oportunidades de estudo ou bons empregos no interior. Ser jovem no interior é, na maioria das vezes, ver a vida passar sem sentir direito. Quando perceber, já envelheceu e nem viveu.” (E-5).

Vale ressaltar que novamente estas compreensões se diferem quando analisamos as falas dos jovens indígenas em relação às falas dos jovens rurais não-indígenas. Os últimos não apresentam interesse em sair de suas comunidades indígenas, exceto para buscar oportunidades de estudo não disponíveis nas proximidades, mas sempre manifestando a intenção de retorno às suas origens. Sobre essas questões, poderemos analisar melhor adiante.

Em síntese, verificamos nesse subcapítulo que os jovens rurais admitem o meio rural enquanto um ambiente no qual sentem-se protegidos, devido a existência de uma rede de interações que favorece a uma sensação de integração e pertença comunitária, mesmo diante dos conflitos vivenciados no seu cotidiano. Portanto, ser jovem rural significa vivenciar as relações secundárias com um nível de proximidade que lhes permite sentirem-se mais seguros, pois conhecem a todos, conseguem auxílio mais prontamente e as ocorrências de violência são mais reduzidas.

Identificamos também que os jovens rurais valorizam a proximidade que o espaço rural favorece de contato com a natureza, bem como o ritmo de vida mais tranquilo e pacato que assinala as formas de sociação, que de modo geral, regulam e conformam a vivência da temporalidade mais harmoniosa. Contudo, veem-se prejudicados pelo desprovimento de equipamentos sociais, e em consequência disso têm seu desenvolvimento prejudicado em vários aspectos. Esse aspecto termina por exercer uma forte influência na baixa qualidade de vida da população rural, configurando-se em um dos motivos que levam os jovens rurais a partirem, ou planejarem partir, para o meio urbano em busca de melhores oportunidades.

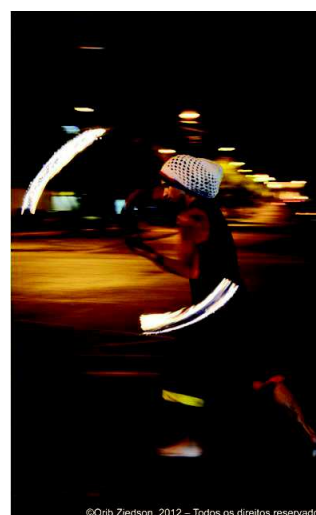
Portanto, revelou-se uma ambivalência nessa percepção do que significa ser um jovem rural, na qual ao mesmo tempo em que valorizam o conforto do previsível

pertencimento local, também aspiram a realização de projetos individuais que contemplam as incertezas da realidade urbana.

Ficou evidente que as percepções dos jovens sobre o meio rural, sempre parte de uma análise comparativa em relação ao urbano, seja quanto a espacialidade ou a temporalidade, tendo por base suas experiências no meio urbano, ou mesmo as impressões que foram construindo sobre esse, a partir de meios diversos.

Tais achados, nos levaram a buscar compreender que visão estes jovens construíram a respeito do meio urbano. Apresentamos, então, essa discussão, a seguir.

5.2.2 Percepções dos jovens rurais sobre o meio urbano.



©Orib Ziedson 2012 - Todos os direitos reservados 22

Ao identificarmos que, de modo geral, os jovens rurais se percebem com restritas opções de desenvolvimento acadêmico e profissional no seu meio rural, passamos a explorar que possibilidades cogitam para enfrentar e/ou reverter tal situação. Regra geral, manifestaram sua intenção em mudar-se para cidades maiores, preferencialmente, capitais, sendo as cidades de Boa Vista, capital de Roraima, e ainda, a cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas, os destinos mais mencionados.

²² Jovem malabarista de rua. Pelas ruas da cidade de Boa Vista-RR, encontramos jovens oriundos de outros estados e países, que enriquecem a cultura local, a partir de suas expressões artísticas das mais variadas. Foto de Orib Ziedson.

A visão dos jovens pesquisados em relação ao meio urbano circundou de modo mais substancial, em torno das seguintes questões:

- As pessoas que vivem no meio urbano apresentam preconceito contra as pessoas oriundas do meio rural;
- No meio urbano há melhor infraestrutura e oportunidades de estudo, de trabalho e de lazer para os jovens;
- O meio urbano é perigoso e inseguro;
- É difícil estabelecer uma relação de confiança com as pessoas que vivem no meio urbano, pois embora haja muitas pessoas, elas são muito distantes umas das outras;
- As pessoas que vivem nas grandes cidades são muito aceleradas e parecem não ter tempo para viver;
- As cidades grandes têm uma organização confusa, por ser muito extensa, tudo é muito longe, e isso dificulta conhecê-la bem.

A percepção da existência do preconceito das pessoas que vivem no meio urbano, em relação às que vivem no meio rural, é de opinião unânime em todos os grupos focais realizados durante a pesquisa. Essa discriminação não foi sequer aventada, nas provocações realizadas durante a moderação dos debates, tendo, portanto, aflorado no contexto das discussões, logo que o urbano entrava como ponto de indagação.

Uma defesa comum entre os jovens é que independentemente dos sujeitos ocuparem espaços urbanos ou rurais o respeito à sua cultura deveria ser um comportamento ordinário. Porém, não é desse modo que reconhecem que se dê essa relação. Nessa relação de conflito, o entendimento dos informantes não trata sobre reconhecimento de diferenças, mas da identificação de desigualdade, no sentido de que se sentem vistos e tratados como inferiores em relação aos sujeitos do meio urbano.

Em suas falas, além de marca do preconceito, dão azo às proposições de alguns autores que tratam sobre a tensão rural-urbana, que apontam para a necessidade de “romper com a dicotomia campo cidade (moderno-atrasado), afirmando o caráter mútuo da dependência: um (rural ou urbano, campo ou cidade) não sobrevive sem o outro”. (ARROYO, 1999, p. 35).

Todavia, nesta tese, não nos motiva buscarmos estabelecer fronteiras, de quaisquer naturezas, entre o rural e o urbano, numa perspectiva de mera oposição binária. Como já discutimos no primeiro capítulo, quando tratamos sobre algumas interpretações sobre a dinâmica do mundo rural, na atualidade, reiteramos que diante da pluralidade de posições “não cabe mais (ou jamais coube) no arcabouço teórico-conceitual sustentado na dualidade rural-urbano.” (CARNEIRO, 2012, p. 27).

À vista disso, importa-nos interpelar nas falas dos jovens rurais os significados das sociações estabelecidas tanto no meio rural, quanto no meio urbano, enquanto expressões da ruralidade (CARNEIRO, 1997) com vistas a identificar com estas influenciam no seu processo identitário e projetos de vida.

Nesse aspecto, destacamos algumas falas dos jovens, sobre a questão em tela:

“Eu não queria vir pra cá, minha mãe que me trouxe. Não vejo muita diferença aqui. Mas as pessoas tratam a gente, logo que a gente chega, como caipiras, como índio da maloca, porque eles acham que interior só tem matuto e não tem nada, e nem é tão diferente assim, a não ser pelo asfalto.” (BV-A4).

“Existe preconceito com a gente do interior. Todos os meios de comunicação mostram isso! Tipo, as pessoas que moram nas cidades grandes, como São Paulo e Rio de Janeiro, só veem o nordeste como seca, mas lá também tem muita coisa bonita.” (BV-A6).

“Sem falar que o povo da cidade se sente mais inteligente que nós. A gente nota no comportamento. Por exemplo, nós fomos fazer um estágio lá na Universidade, na EAGRO, e os alunos de lá se acham! Eles pensam que são melhores porque estão na cidade, porque vivem num lugar que tem mais recursos, tá certo que tem muita coisa lá que a gente não tem aqui, mas as mesmas matérias que eles estudam a gente também estuda.” (A-6).

“Aqui na sala de aula mesmo, tem aluno que só porque nasceu ou já morou na capital se acha melhor que os outros. Tem uns que moravam no interior também, só que de outros estados, só porque a cidade dele era maior, por exemplo, já chama os outros de matuto e tal. Mas a gente fica falando umas palavras daqui que eles não conhecem e eles tem que acabar se chegando. Tipo a gente pergunta se o cara tá brocado e ele fica doidinho porque não sabe o que é.” (A-B4).

“Uma das minhas primas passou no vestibular e foi morar na cidade, mas não aguentou, sofria muito preconceito porque é pobre, se vestia diferente, os pais davam o maior apoio, mas não tinham dinheiro para manter ela por lá. Como ela não conseguiu trabalho, acabou voltando.

Antes era o sonho dela morar lá, agora, se você falar com ela, ela tem abuso da capital. Conta um monte de história dela ser deixada no vácuo pelos outros, do pessoal ficar tirando onda com a cara dela e tal.” (A-B8).

Destacamos que estas falas representam bem como os jovens rurais investigados se percebem imersos nessas relações, posto que, independentemente do sexo, da etnia e naturalidade, ou mesmo de encontrar-se morando no meio urbano ou no meio rural, há um entendimento compartilhado entre os jovens a respeito dessa situação de diferenciação, na qual se enxergam como diminuídos diante dos sujeitos urbanos.

Assim, consideramos que estas percepções marcam o processo de construção identitário dos jovens rurais, posto que representam manifestações do seu mundo intersubjetivo (SCHUTZ, 1979), de modo que, considerando a tamanha relevância dada ao desconforto estabelecido e vivenciado de modo uníssono, verificamos a existência de um estigma (GOFFMAN, 1988), tendo em vista as informações emitidas pelos próprios jovens.

Um bom exemplo dessa inferência é o relato apresentado abaixo que é de uma jovem que acaba de se mudar de um município localizado na zona rural do Estado do Amazonas, para morar em Boa Vista, Roraima. Esta mesma jovem já havia passado por uma situação anterior de “adaptação”, posto que veio para o Estado de Roraima, inicialmente para o município de Rorainópolis, migrando do Estado do Amazonas, de onde é natural do município de São Gabriel da Cachoeira, oportunidade em que relatou ter sofrido discriminação, pois vinha de um lugar que “só tem índio e mato”.

“(...) Mas quando são pessoas que aceitam as diferenças entre as pessoas, dá para se relacionar de boa. Mas quando são pessoas com preconceito, aí já complica, porque ficam querendo zoar quem é do interior, achando que somos burros. Quando eu cheguei em Boa Vista, eu me entrosei muito rápido na escola, não tive muito problema de adaptação não. Mas eu fazia tudo para não dizer que vim do interior. Ou seja, não é que eu seja um bicho diferente e tal, é que as pessoas daqui tem preconceito mesmo, por que raramente alguém sabe se eu vim ou não de um interior, se eu não contar. Quando eu digo pra uma pessoa como é a cidade de onde eu vim, logo começam as gozações do tipo se lá o povo usa roupas? Se tem onça nas ruas? Essas ignorâncias. Mas eu aprendo rápido e já até estou falando as gírias daqui e tudo mais.” (BV-A7).

Assim, nos chamou a atenção este, dentre alguns outros relatos, em que a jovem credita a esta experiência o fato de ter mais habilidade para adaptar-se às novas mudanças contudo, nota-se claramente uma estratégia de negação da sua condição de oriunda do meio rural, percebida enquanto objeto de discriminação e exclusão.

O estigma fica bem caracterizado quando Goffman (1988) menciona que em decorrência dessa percepção o estigmatizado tem propensão a manter-se próximo entre os demais sujeitos que partilham da mesma sensação de desconforto, em busca de aceitação e segurança. Contudo, podem também afastar-se subitamente, e tentar adaptar-se aos “normais”, em busca de tornar-se igual. A citação a seguir, exemplifica a tensão discutida até então:

“No estágio que eu fiz lá em Boa Vista, quando a gente ia falar, um aluno da cidade cortava a vez da gente na boa, ele falava às vezes uma bobagem, a gente estava falando um assunto mais importante, mais difícil, mas o professor deixava ele cortar, acho que é porque o professor acha que ele sabe mais, porque é da capital, coisa e tal. Mas nem é assim! Só porque é da cidade sabe mais? Eu tive vontade de ir embora, mas fiquei com vergonha de sair antes de terminar. Daí eu fiquei só entre o meu pessoal do interior mesmo.” (A-A3)

Apesar dessa condição tensa, marcada por preconceito que estigmatiza o jovem rural, estes cultivam uma visão do meio urbano como um lugar que apresenta determinados aspectos de condições de vida, considerados superiores às suas condições vivenciadas no meio rural.

Quando provocados a considerar se haveria alguma mudança significativa em seus planos de futuro e sobre as dificuldades enfrentadas para alcançar seus objetivos, sempre numa menção comparativa entre o meio rural e o urbano, as disparidades entre a infraestrutura das áreas urbanas e das áreas rurais, as melhores e em maior quantidade oportunidades de estudo, de trabalho e de lazer, existentes nas áreas urbanas, também comparativamente ao meio rural, ganharam destaque nas falas dos jovens rurais.

Os jovens percebem tais condições adversas como entrave ao seu desenvolvimento, bem como fator limitante para a permanência no meio rural. Podemos constatar estas impressões nas falas que seguem.

“O asfalto faz muita diferença, porque toda vida que eu chegada da escola, quando morava no interior, eu vinha com os pés todos

melados de barro, e tipo, isso é muito chato. Aqui não tem isso não.” (BV-A4).

“Aqui no meu município tudo é mais difícil, ainda mais pra gente que mora no sítio, como eu. Diferente da via de quem mora numa cidade grande, aqui o transporte é difícil, a energia cai demais, não tem telefone, TV só com parabólica, ir ao médico e comprar remédios é só na sede do município, e às vezes nem consegue. Por isso que eu estou estudando tão longe. Pra eu chegar aqui (Campus Novo Paraíso), eu pego o transporte escolar muito cedo. Eu acordo às 4:30 todo dia e chego em casa já no escuro. Mas, vale o esforço porque as escolas públicas que tem lá perto do sítio são muito fracas, falta professor, vivem sem livro, laboratório então, nem pensar! Enfim, é um esforço para ter um futuro melhor. Mesmo assim, eu gosto lá do sítio porque é tranquilo. Eu acho que se uma garota da cidade grande viesse morar aqui não ia ficar uma semana! Mas, é porque está acostumada com movimento que aqui não tem.” (C-A5).

Fica evidente que as condições de vida nos municípios do interior do Estado de Roraima são tão precárias que mesmo os jovens rurais tendo um sentimento de pertença pelo meio rural, mesmo tendo certos receios decorrentes de possíveis preconceitos que sofreriam/sofrem no meio urbano, reconhecem que a ausência ou a insuficiência de equipamentos sociais que garantam uma qualidade de vida e oportunidades de desenvolvimento pessoal e social, acabam por fazê-los conceber oportunidades no futuro, fora do meio rural, exercendo, portanto, influência e atratividade para o meio urbano.

E quando se referem a aspectos de infraestrutura local reportam-se inclusive a itens mais elementares que a educação e a saúde, posto que o acesso restrito a determinadas variedades de alimentos também foi repetidamente mencionado, como podemos demonstrar a seguir:

“A minha família faz o rancho em Boa Vista de vez em quando, porque aqui só tem o básico, tipo arroz, farinha, mas esse negócio de fruta e verdura é muito difícil. E olha que aqui no município tem plantações sim, de banana, de melão de melancia, mas não fica nada aqui. Tudo é vendido pra fora. Pra população daqui mesmo fica bem complicado. Então, até alimento aqui é difícil de você achar o que tem vontade de comer. A gente é obrigada a ir até a capital para comprar a maioria das coisas, porque o comércio local só tem o básico mesmo. Se eu quiser fazer um bolo eu não acho todos os ingredientes aqui. Se as condições aqui fossem melhores as pessoas ficariam aqui, não precisariam ir embora para estudar, trabalhar, ou até mesmo viriam pra cá, morar aqui devido a tranquilidade. Mas, as condições de vida são tão difíceis.” (B-B5).

A percepção da carência estrutural enquanto fragilização da qualidade de vida também foi reconhecida pelos jovens indígenas, que focaram, de modo mais específico, nas precárias condições de educação, comunicação e de acesso aos transportes, decorrentes de deficiente ação do Estado. Senão, vejamos.

“Os jovens que vivem no interior não têm bom estudo. Os que podem vêm pra capital estudar porque lá não tem boas condições.” (BV-A3).

“Eu penso que morar no interior seja bem mais fácil do que viver numa cidade grande. Aqui a gente tem como produzir, vivemos mais de roça, ainda tem a caça e numa cidade não podemos viver assim. Mas, hoje a gente passa por um grande problema que é o transporte da minha comunidade até o IFRR. Não tem um transporte e tudo fica muito difícil, pois meus pais tem que dar um jeito de me trazer e me deixar. Também temos problemas de comunicação, seja de internet, de TV ou mesmo de telefone. A gente se sente um pouco isolada por causa dessas dificuldades.” (E-10).

Outra percepção dos jovens acerca do meio urbano é a de que este é um espaço perigoso e inseguro. Novamente, o seu parâmetro para analisar o urbana parte das suas vivências no meio rural. Nesse aspecto, compreendemos que essa comparação, sempre presente nas falas dos jovens rurais, corrobora que as interações sociais comportam relações de conflito, de interesses e de subordinação ou dominação. (SIMMEL, 1983).

E, ainda, o modo de vida urbano impõe ao sujeito uma experiência de convivência diferenciada da forma como se constroem e se dão as relações no meio rural. Posto que o ritmo da vida aqui transcorre de forma mais uniforme e amena, sustentado sobretudo por hábitos de seus habitantes. E, conforme Simmel (1902), é no contraste do caráter intelectual da vida mental urbana, em relação ao modo de vida do meio rural, que é mais fundado nas relações afetivas, que compreendemos suas distinções.

A ideia de que o meio urbano é mais perigoso que o rural aparece nas falas dos jovens rurais sempre atrelada a duas questões básicas: a primeira refere-se ao fato de que nas grandes cidades há uma maior concentração populacional, o que torna improvável, quiçá impossível, que as pessoas mantenham relações de proximidade, de cuidado mútuo e de reconhecimento umas das outras. Decorrendo dessa primeira questão, a segunda alude à possibilidade de que, diante dessa ausência de conhecimento e proximidade, as pessoas sintam-se à vontade para manifestar violência.

Embora os jovens também observem desvantagens na proximidade existente nas relações estabelecidas no meio rural, como a pouca privacidade em relação à vida pessoal, manifestam sua inquietude diante da insegurança que reconhecem como característica do meio urbano.

Suas percepções se apoiam nas opiniões e orientações recebidas dos familiares e amigos que relatam suas experiências e vivências no meio urbano, mas também justificam esse entendimento a partir de experiências próprias que confirmam as ideias de falta de proximidade e insegurança entre as pessoas do meio urbano, conforme é possível verificar em algumas falas selecionadas.

“A minha mãe deixa eu sair mais quando eu estou na capital, do que quando eu estou no interior, porque ela diz que no interior tem gente muito fofoqueira e que quando eu sair vão ficar falando de mim. É um lugar pequeno que todo mundo toma de conta da vida uns dos outros. Já na cidade grande não, eu saio mas ninguém fica reparando nem falando da minha vida, até porque quase ninguém se conhece. Em compensação, no interior é mais seguro. Quase não tem violência.” (BV-A2).

“A gente não tem preocupação com segurança. Quando formos morar fora, numa cidade grande, vamos ter que nos adaptar e viver inseguros, isso é chato. As pessoas são muito estranhas, quase não se falam, não ligam muito umas para as outras. Mas, eu tenho que ir estudar e trabalhar lá, Acho que vou acabar me acostumando. Acho que vou sofrer um bocado, por causa dessa diferença, mas não tem outro jeito.” (C-B6).

A partir dessa compreensão, os jovens rurais atrelam mais uma situação que, em suas opiniões, caracterizam as relações humanas no meio urbano. Trata-se da dificuldade de estabelecer relações de confiança, posto que embora as pessoas se apresentem fisicamente próximas, devido ao quantitativo populacional, ao mesmo tempo, são muito distantes umas das outras, pois há o predomínio um comportamento individualista.

Assim, depreendemos da análise das manifestações dos jovens rurais que realmente a densidade populacional reforça a diversificação de atividades, e estas, por via de consequência, tornam a estrutura social mais complexa. Desse modo, embora os contatos físicos sejam propínquos, os contatos sociais são distantes. (WIRTH, 1979).

Essa percepção dos jovens rurais sobre o distanciamento presente no comportamento urbano, consta nas análises de Wirth (1979), em especial na sua obra

que aborda o urbanismo como modo de vida, na qual o autor ressalta como traço característico das pessoas que vivem no meio urbano, a substituição dos contatos primários por contatos secundários, levando, portanto, à atrofia da base tradicional da solidariedade social, pelo afrouxamento dos laços familiares e desvanecimento da vizinhança. Desse modo, na busca de dar conta de tantas atribuições e compromissos cotidianos, tornam as relações mais pessoais, mais íntimas e as de amizade cada vez mais incertas.

Essa característica apontada por Wirth (1979) nos auxilia na compreensão das percepções dos jovens rurais, de modo especial, quando se trata de relatos de experiências que são utilizadas pelos jovens para ilustrar seus entendimentos acerca do meio urbano, consoante ao trecho adiante:

“O lado bom do interior é que a gente conhece todo mundo então as pessoas se ajudam e é mais seguro, mas em compensação tem muita fofoca, todo mundo se mete na vida dos outros. Na cidade grande, as pessoas quase não se conhecem, eu tenho uma tia que mora lá e nem sabe o nome dos vizinhos. Eles se chamam assim mesmo: bom dia, vizinho! Ela não sabe o nome de ninguém, nem mesmo do que mora bem ao lado da casa dela. Então lá tem mais privacidade, porque como as pessoas não se conhecem muito, também dificulta a fofoca, em compensação você pode ser vizinho de um marginal e nem sabe!” (C-C5).

Dessa forma, os jovens rurais compreendem que o modo de vida urbano difere do modo de vida rural, sobretudo sobre os hábitos presentes no cotidiano rural, no qual o ritmo dos afazeres, e mesmo a cadência dos pensamentos, flui de modo mais estável, mais lento, inclinado às relações mais afetivas, em comparação ao caráter mais racionalizado e acelerado do comportamento urbano. (SIMMEL, 1902).

Conforme Simmel (1902), os sujeitos urbanos tendem a se manter mais reservados em decorrência dessa característica que tende à homogeneização de uma conduta mais racional e menos afetiva, e ainda, ocorre uma certa desconfiança diante dos elementos efêmeros da vida urbana. Dado isso, é comum não estabelecermos relações afetivas, sequer próximas, mesmo com pessoas que estão sempre à vista, como dá-se no caso mencionado pelo jovem rural, na citação anterior, ao constatar a ausência de intimidade entre os vizinhos, no meio urbano. Essa condição da vida urbana remete aos jovens rurais à ideia de que os sujeitos que vivem no meio urbano são frios, de difícil relacionamento e conhecimento, trazendo uma sensação de insegurança.

Essa sensação de insegurança também ficou bem marcada nas falas dos jovens, independentemente do sexo, das faixas de idade, e dos municípios a partir dos quais eles se reportavam. Percebemos que há uma relação da sensação de insegurança que se refere à violência urbana. Todavia, a indiferença no trato entre as pessoas do meio urbano aparece como um fator recorrente nas falas dos jovens rurais, de acordo com um exemplo abaixo:

“Eu não acho que vou ter dificuldade de fazer amizade. Eu só vou ter dificuldade de confiar nas pessoas de lá. Logo, as pessoas de lá são muito egoístas, não são como as daqui que se ajudam. Vai demorar um pouco. Por que aqui a gente conhece todo mundo, as famílias e tal. Já numa cidade grande, você pode fazer uma amizade, porque achou a pessoa legal, mas você não sabe nada da família dele. Não dá para confiar nas pessoas de lá. Pode ser até uma má pessoa, um ladrão, um traficante, sei lá...como você vai saber?” (C-C2).

Diante disso, identificamos ainda que os jovens rurais percebem que há uma certa solidão na vida urbana, apesar das pessoas viverem muito próximas fisicamente, e que, portanto, a reserva e o desinteresse bilateral que organiza a vida urbana trazem uma sensação de independência e de autonomia. Porém, “trata-se, obviamente, apenas do reverso dessa liberdade, se, sob certas circunstâncias, a pessoa em nenhum lugar se sente tão solitária e perdida quanto na multidão metropolitana.” (SIMMEL, 1902, p. 19).

Por conseguinte, Wirth (1987) reforça nossa análise, na medida em que qualifica a cidade, enquanto meio urbano, como um ambiente que exerce grande influência, tanto interna quanto externa, contando com uma população densa e interdependente. Contudo, decorrendo de seu grande quantitativo populacional, as formas de relação vão gerando uma certa impessoalidade e anonimato, havendo ~~mais~~ contatos mais superficiais entre as pessoas. Todavia, por questões econômica, a cidade acabar por forçar um tipo de nivelamento os sujeitos.

Nestes termos, é cabível a percepção dos jovens rurais, e ainda mais, suas apreensões, tanto para os que já vieram para capital, quanto para aqueles que pretendem se deslocar da área rural, em busca de melhores condições.

Indubitavelmente, esse conflito é uma fonte de tensão entre o modo de vida urbano e o rural, que interfere no modo como os jovens rurais se percebem. Assim como interfere também, como veremos adiante, nas elaborações voltadas aos seus projetos de vida, enquanto perspectivas de futuro.

Essa tensão entre o urbano e rural, nesse aspecto das diferenças entre o comportamento de suas respectivas populações, é melhor explicado por Simmel (1902) que ao discutir a vida mental na metrópole, define esse comportamento do sujeito urbano, que fora percebido pelos jovens rurais como estranheza, indiferença e egoísmo como uma atitude “blasé”. Essa atitude blasé, resulta do excesso de estímulos aos quais o homem urbano se vê exposto, ao mesmo tempo em que reflete a busca de proteção da sua liberdade. Conforme Simmel, o homem urbano se esforça para manter sua individualidade frente à força niveladora da cultura urbana. “Esse estado de ânimo é o fiel reflexo subjetivo da economia do dinheiro completamente interiorizada. Sendo o equivalente a todas as múltiplas coisas de uma e mesma forma, o dinheiro torna-se o mais assustador dos niveladores” (p. 15).

Os jovens rurais que se mudaram para a capital, Boa Vista, ou que visitam outros centros urbanos, fizeram relatos similares de admiração e apreensão diante dessa atitude “blasé”. Contudo, sempre ressaltando sua resistência, no sentido de não ter a intenção de se moldar a esse modo de vida, demonstrando uma defesa ao modo de vida rural, como se pode conferir na passagem abaixo:

“Eu fui passar as férias na casa de uma amiga em Boa Vista e a ninguém da família dela conversava com os vizinhos, só aquela coisa mesmo de bom dia pra lá e bom-dia pra cá. É estranho, mas parece que todo mundo é nem aí uns pros outros. Teve algumas pessoas que estranharam o meu jeito, mas eu fiz amizade com todo mundo rapidinho. Por que aqui a gente conversa uns com os outros, então eu sei que vou sofrer lá porque eu não sei ficar assim distante das pessoas.” (C-C3).

Interdependente a essa característica do comportamento indiferente do homem urbano, uma outra peculiaridade sobre meio urbano identificado pelos jovens rurais refere-se ao comportamento apressado das pessoas que vivem nas grandes cidades, conforme o entendimento dos informantes, e parecem estar sempre correndo contra o tempo, como se assumissem muito mais responsabilidades e compromissos do que teriam condições de dar conta. Desse modo, os jovens rurais destacaram que as pessoas que vivem no meio urbano “parecem não ter tempo para viver”, evidenciando que não reconhecem essas dinâmicas e comportamentos urbanos como uma forma de viver que considerem boa ou adequada.

Sobre este aspecto, podemos ilustrar a percepção dos jovens rurais com a passagem a seguir:

“Por exemplo, aqui tem pouca gente, ninguém se esbarra nas ruas, as pessoas andam devagar, porque tudo é perto, você só se atrasa se quiser. Na cidade é uma loucura, todo mundo correndo feito louco. Eu fui ao centro de Boa Vista com a minha mãe e a gente foi atropelada não sei quantas vezes. Parece que as pessoas se acostumam a estar sempre correndo. Você olha pro rosto das pessoas e vê a agonia. Assim, também é mais fácil ser roubada, por exemplo, porque é tanta gente se batendo que alguém encosta em você e ninguém nota, acha que é normal. Aqui, se você tá na rua e um estranho te abordar, todo mundo que tá na rua, em frente das suas casas e tal já repara que tem alguma coisa rolando diferente, se você der um grito todo mundo acode. Na cidade grande, ninguém nem liga, nem se mete, porque nem te conhece mesmo!” (C-B6).

Em uma das falas de um jovem indígena podemos verificar quase que um resumo das discussões até agora, concernentes às percepções dos jovens rurais em relação ao comportamento dos sujeitos do meio urbano, coadunando com o que nos aponta Simmel (1979, p. 13) que o homem urbano “reage com a cabeça, ao invés de com o coração”:

Na cidade não tem coisa boa. Pelo menos não tem nada bom pra nós indígenas. Lá é perigoso e as pessoas não são boas, pelo menos a maioria são más. As pessoas nem olham umas para as outras, e quando olham é com desconfiança. Ninguém liga se uma pessoa passar mal e estiver sozinha. Também não tem respeito pelos mais velhos. E vivem numa agonia só, correndo atrás não sei de quê. Lá as pessoas nem andam, elas correm, parece que estão sempre atrasadas. É tudo muito confuso, mas é estranho porque parece que são todos iguais, só mudam de roupa. Prefiro a minha comunidade mesmo. (B-A5).

Essa fala do jovem indígena menciona ainda a última característica do meio urbano que identificamos em nossa análise sobre as percepções dos jovens rurais, que se refere ao fato dos centros urbanos serem muito extensos e apresentarem uma forma de organização que lhes parece confusa. Isso dificulta que aprendam a realizar deslocamentos na cidade rapidamente.

A junção destes aspectos, da atitude blasé e da amplitude e labiríntica compleição dos centros urbanos, favorecem o entendimento dos jovens rurais sobre estes configurarem-se de modo diferenciado ao seu ambiente natural. De forma que, mesmo apresentando melhores condições estruturais e concentrando maiores oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional, estes primeiros fatores apresentaram destaque nas preocupações dos informantes.

Sobre essa questão, Park clarifica que o comportamento do homem urbano e a forma como a estrutura da cidade se apresenta, estão correlacionadas. Não obstante, o que se apresenta de imediato aos sentidos é a amplitude física, causando impressões diversas, sendo que cada cidade possui uma ecologia humana própria e específica:

A verdade, entretanto, é que a cidade está enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que a habitam. A consequência é que a cidade possui uma organização moral bem como uma organização física, e estas duas interagem mutuamente de modos característicos para se moldarem e modificarem uma a outra. É a estrutura da cidade que primeiro nos impressiona por sua vastidão e complexidade visíveis. (1979, p. 49).

Esta percepção sobre a característica de amplitude e de complexidade de sua organização física é apresentada até mesmo pelos jovens rurais que nunca tiveram a oportunidade de sair de suas localidades. Nesse contexto, obtivemos relatos, como o que segue, no qual o jovem apresenta a sua impressão sobre o meio urbano e, logo depois justifica que essa opinião tem por base relatos de outras pessoas, que considera confiáveis.

“Quando eu for andar eu Boa Vista eu vou me perder, porque é muito grande e muito confuso, você roda, roda e quando vê dá no mesmo lugar. Vou demorar para me acostumar com tudo longe. Quase não dá para fazer nada a pé. Isso é muito complicado.” (C-B8).

Assim, podemos concluir esse subcapítulo recapitulando que as percepções dos jovens rurais sobre o meio urbano apresentam aspectos relativos às potenciais oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional, decorrente do fato dos centros urbanos contarem com melhor infraestrutura de naturezas diversas, com destaque para as áreas de educação, trabalho e lazer.

Contudo, outras características que também denotam uma análise comparativa entre o rural e o urbano enfatizam o modo de vida e comportamento dos sujeitos urbanos, ressaltando atitudes de preconceito contra as pessoas oriundas do meio rural, quanto à insegurança e aos perigos da violência urbana, no que concerne à complexidade e grandeza física das cidades e, ainda, no que tange a atitude blasé e a pressa que parece não deixar os sujeitos urbanos “ter tempo para viver”!

5.3.3 A tensão rural – urbano na percepção dos jovens rurais.

Uma das questões que perpassam o nosso problema de pesquisa refere-se a assinalar a percepção dos jovens acerca da tensão rural-urbano. Nesse aspecto, ratificamos que abordamos a tensão enquanto conflito, considerando-o na condição de forma de sociação, que apresenta uma função positiva no que tange a constituir-se enquanto oportunidade de superação de divergências. (SIMMEL, 1983).

Isso posto, destacamos as percepções dos jovens rurais que possibilitaram a compreensão da “tensão rural-urbano”, na qualidade de categoria de análise, a partir do exame das temáticas a seguir:

- Há uma discriminação na elaboração e aplicação de políticas públicas entre o rural e o urbano, pois a infraestrutura e os serviços públicos básicos são priorizados para a área urbana, em detrimento da área rural;
- As pessoas oriundas do meio urbano têm preconceito em relação às pessoas do meio rural;
- Quem vive no meio urbano tem mais acesso à tecnologia e à educação de qualidade do que as pessoas que vivem no meio rural;
- As pessoas que vivem no meio urbano têm melhor nível intelectual e oportunidades de trabalho do que as do meio rural, levando com que as segundas tenham menor perspectiva de ascensão social;
- As opções de lazer são diferentes: no meio rural há mais contato com a natureza, porém no meio urbano há mais opções de lazer cultural;
- O meio urbano oferece mais oportunidades de relacionamentos amorosos do que o meio rural, pois nas grandes cidades há mais pessoas e mais lugares de encontro e festas.

Constata-se nos discursos dos jovens que há uma clara percepção a respeito da existência de uma tensão entre os modos de vida das áreas urbana e rural. Fica evidente, também, que se sentem atingidos por esta tensão, no sentido de que se reconhecem desconsiderados pelo Estado, no que tange ao acesso aos equipamentos sociais oriundos de políticas públicas. Tal fator foi salientado de modo veemente nos debates travados nos grupos focais, em todos os locais de coleta, sendo mais explicitado e pormenorizado entre os jovens rurais com idades na faixa dos jovens-jovens.

Assim, analisamos que os pontos de conflito especificados pelos jovens rurais retratam fenômenos sociais constituintes de um quadro maior no qual se percebem imersos. Ao mesmo tempo em que manifestam compreensões angustiadas de denotam uma noção de acharem-se reféns das condições de vida do meio rural. Também revelam um destemor no sentido do enfrentamento a tais condições, buscando engendrar alternativas de resistência e superação. Tudo isso, envolto em um sentimento de vínculo ao modo de vida rural, enquanto herança cultural, de modo geral, respeitada e defendida.

Desse modo, aduzimos que desse contexto que atua enquanto fator contingente aos discursos dos jovens rurais surgem sujeitos multifacetados que contraditoriamente carregam um ideal de rompimento e de continuidade do modo de vida rural. (CARNEIRO e CASTRO, 2007).

Nesse aspecto, essa análise nos remeteu aos entendimentos de Gadea, especificamente no que tange aos seus estudos sobre a violência e às experiências coletivas de conflito, nos quais estabelece vínculo entre as tensões vivenciadas nas relações sociais atuais e os processos de construção identitários, como segue:

A possibilidade de encontrar-se “o conflito”, as regras sociais e culturais a serem desafiadas, a crítica social e o estabelecimento de relações sociais antagônicas e sob a base da subordinação é todo um desafio contemporâneo. Trata-se, inclusive, de um desafio que toma conta da possibilidade de construções discursivas e práticas sociais que desenham uma lógica da identidade. (GADEA, 2011. p. 91).

Assim, depreendemos da análise de conteúdo temática que a percepção dessa tensão existente entre os meios rural e urbano se constitui em fator que repercute no processo de construção identitário dos jovens rurais, bem como, impacta nos seus projetos de vida, como veremos mais adiante. Haja vista que estes conflitos se apresentam como contingências às suas ações. Podemos ilustrar esta constatação a partir das falas abaixo:

“Ser jovem morando no interior é muito diferente de ser jovem e viver numa capital. Eu acredito que uma pessoa que mora numa cidade grande é totalmente diferente da vida da gente, porque tem acesso a tudo, poucos não tem acesso. Lá tem acesso ao transporte, internet, educação de qualidade, saúde, saneamento básico - coisa que não tem no interior - questões de moradia. Até uma melhor alimentação. Embora muita gente viva da agricultura, no interior, aqui na sede do município, por exemplo, não fica nada. É muito difícil encontrar banana e outras frutas no mercado, por exemplo.” (B-A2).

“É muito mais difícil morar no interior porque os governos dão prioridade pra quem vive nas cidades grandes, como Boa Vista, pois lá tem muito mais eleitores! Aqui não tem médico, só os plantonistas do posto, e eles faltam muito, e mesmo quando estão, não tem medicamentos. Isso é só um exemplo. As escolas estão caindo aos pedaços, sem professores, com biblioteca sem livros atuais. A energia cai o tempo todo. O transporte é caro e difícil. Quem mora nas vicinais só tem a Deus mesmo para socorrer. Não tem lugares pros jovens se divertir, só uma praça toda quebrada. Telefonia e internet são outro problema. Mas, aqui é um município pequeno com menos de 15 mil habitantes, e no Taiano²³, então que tem menos de 500 pessoas morando, político só vai lá na época da eleição. Por isso que as pessoas vão embora, sem oportunidade de estudar e de trabalhar, nas vilas e nos assentamentos, por exemplo, só tem os mais velhos. Os jovens daqui têm que ir embora pra Boa Vista para tentar melhorar de vida.” (A-C3).

Um segundo aspecto mencionado pelos jovens rurais refere-se à percepção da existência de preconceito manifestado pelas pessoas que vivem no meio urbano em relação ao meio rural, portanto, sofrido por eles. Essa percepção do preconceito apresentou-se sob os aspectos variados nos diferentes grupos focais, sendo mais enfatizada pelos jovens adolescentes, independentemente do sexo e etnia.

Um dos enfoques bastante discutidos em relação ao preconceito identificado pelos jovens rurais diz respeito a como o modo de vida e comportamentos das pessoas que vivem no meio rural são objeto de discriminação pelas pessoas do meio urbano.

Enquanto modo de vida e comportamento, os jovens rurais destacaram que a sua linguagem, as formas de interação mais mediadas pelo diálogo presencial do que pela tecnologia, e, ainda, a sua capacidade intelectual são as questões mais evidentes, enquanto pretexto para o preconceito exercido pelas pessoas do meio urbano.

Nesse aspecto, há correspondência entre os entendimentos dos jovens rurais que moram na capital e os que residem nas diversas localidades rurais. O que difere em suas falas é que os primeiros relatam situações já vivenciadas no seu cotidiano urbano, enquanto que os segundos apresentam suas opiniões com base em alguma experiência de visita à capital ou a outra cidade de grande porte, ou mesmo a partir de relatos de terceiros.

²³ O Taiano é colônia agrícola, localizada no município de Alto Alegre-RR. Fonte: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95890.pdf>

Podemos exemplificar a partir de algumas falas dos jovens rurais que atualmente residem em Boa Vista:

“Os jovens da cidade tratam diferente os do interior, mas nem todos. Depende muito do tipo de pessoa. Mas até nas cidades do interior a gente vê um preconceito, tipo, dependendo da cidade, se ela tem mais desenvolvimento, tem internet, tem mais essas coisas assim de tecnologia, aí o pessoal dessa cidade fica só no celular, enquanto os outros, das cidades menores, menos adiantadas ficam mais é conversando. Isso não ajuda a estas pessoas se entrosar muito, porque as pessoas das cidades maiores vão se achar melhores. Eu sei porque senti isso na pele, logo que vim morar em Boa Vista.” (BV-B3).

“Eu já sofri preconceito por ser do interior, às vezes uma coisa boba já é motivo pra ser discriminada, por exemplo de onde eu vim a gente fala cupú e aqui, na capital, chamam de cupuaçú, daí quando eu falo isso e outras palavras que são mais usadas no interior, eu já me entrego que não sou daqui. Mas eu não fico falando o tempo todo que e para evitar chateação.” (BV-A2).

Exemplificamos, também, a partir de que argumentos os jovens rurais que permanecem morando no interior alegam a existência desse preconceito exercido pelas pessoas do meio urbano:

“Nós não somos burros! A prova é que tem muito jovem aqui do interior que conseguiu entrar nas universidades da capital! Tão lá batalhando e aprendendo igual aos outros. Tenho amigos que estão estudando em universidades lá em Boa Vista e sofrem com o preconceito. Eu acho isso lamentável!” (A-A5).

“Eu já ouvi uma pessoa da minha família contar que passou num concurso federal e foi morar fora, que ouvia os colegas dizerem tipo “tanta gente aqui da capital bem preparada, que fez cursinho em tal lugar, e não passou, uma pessoa com mais capacitação, e vem uma pessoa de Roraima, e ainda do interior, e passa!”. Acho que eles acham que tem vive na cidade grande tem mais, mais, status que nós, porque em todo lugar existe isso. Nem precisa falar, às vezes num olhar da pessoa você já sente o preconceito. Olha pra gente de cima a baixo com um olhar torto, como se a gente estivesse cheirando mal ou incomodando, ah! todo mundo sente quando alguém te olha com desprezo. Isso já aconteceu comigo quando fui numa clínica fazer uma consulta em Boa Vista. Eu fui só fazer uma consulta com o oculista, mas saí de lá com dor de barriga. Nem foi o médico, mas as atendentes, as clientes chiques, me olhavam como se eu estivesse vestida com farrapos ou falando outra língua...essas coisas.” (B-B3).

Outro ângulo do preconceito divisado pelos jovens rurais, relaciona-se às condições de vida do meio rural, especificamente em se tratando da precariedade infraestrutural, enquanto fator de diferenciação que os deixa numa situação de desvantagem em relação às pessoas que vivem no meio urbano. Vale ressaltar que este aspecto foi apontado não apenas em se tratando do preconceito de grandes centros urbanos, posto que identificam a ocorrência da discriminação inclusive entre moradores de municípios do interior mais desenvolvidos e, até mesmo, dentro do próprio município ou nas interações entre as pessoas que vivem na sede do município e as que moram em áreas rurais mais isoladas, tais como vilas agrícolas e sítios, conforme podemos observar a seguir:

“Eu tenho dificuldade de fazer amizades, e eu acho que vai ser bem difícil pra mim quando for fazer faculdade em Boa Vista, porque as pessoas da cidade grande veem a gente diferente quando ficam sabendo que a gente veio do interior, enquanto não sabem, tratam a gente normalmente, mas é só saber que já tem aquele olhar: seu caipira! A gente leva piada, fazem umas perguntas bestas tipo: lá no mato não tem o que fazer, vocês só iam pescar no rio, né? Lá não tem cinema? Credo! Mas tem pelo menos internet? Tem energia elétrica? Você veio do meio do mato mesmo, foi? Você comeu macaco? Cria onça? Só pergunta besta para deixar a gente sem graça.” (C-C1).

“Essa história de preconceito, acontece até aqui no interior mesmo, por exemplo quem mora em Rorainópolis fala mal de quem mora nas outras cidades menores. Porque se acham melhores do que quem mora no Baliza, por exemplo. Só porque Rorainópolis é uma cidade maior e lá é menos desanimado, tem mais opções de lojas, de lanchonetes, estas coisas. E quem mora no sítio, nas vicinais, nos lotes, sofre mais ainda, porque lá é que não tem opções mesmo. Daí a pessoa já sofre por causa das condições de vida e sofre de novo por causa do preconceito.” (C-C2).

Os jovens rurais destacam, ainda, o preconceito sofrido pelos indígenas. O relato das situações em que indígenas sofrem preconceito por parte de pessoas advindas do meio urbano denotam um intenso sentimento de exclusão. Em várias falas, os jovens indígenas referem-se a determinados tratamentos que já receberam ou presenciaram, a partir dos quais interpretaram que só se trataria desse modo a “alguém sem sentimentos”, “não humano”, ou alguém provido apenas de “instintos como os animais”.

Constatamos que esse aspecto da tensão urbano-rural é atravessado de modo incontestável pelo histórico preconceito contra os povos indígenas, numa visão

notadamente etnocêntrica, na qual os indígenas são percebidos enquanto primitivos em relação à “civilização”. E salientamos que os discursos dos jovens rurais que assinalam esse preconceito contra os indígenas não partiram apenas dos próprios jovens indígenas, mas também dos jovens não-indígenas, como podemos demonstrar na sequência, que os informantes apresentam uma percepção muito clara acerca do preconceito racial.

“Você (indígena) é visto como um matuto. A gente rir, mas isso é muito chato. A gente se sente diminuído. Se você for do interior, e ainda mais se for de maloca, vixe, já viu! Vai ser discriminado. (...) Se eu chegar em Boa Vista e disser que eu sou da Vila Brasil, no Amajari é um tratamento, se eu disser que sou da Comunidade Indígena do Guariba, em Amajari, meu Deus, é outra reação, fica logo assim, se for do interior: “lá vem do interior, da roça, sabe de nada”, Já pra nós indígenas, fica: “lá vem esse índio, bicho bruto, será que sabe falar?” Quando eu chego num lugar assim que só tem branco eu evito até falar, porque nós somos vistos como bicho pelo povo da cidade. Eu nunca saí de Roraima, mas um primo meu, lá da comunidade, foi pra uma viagem em Brasília, e tinha gente se admirando porque pensava que a gente só se veste com pena!” (A-A9).

“Eu já perguntei pra um colega de sala como era a vida na comunidade indígena e ele ficou chateado, mas eu nem estava com preconceito, era só curiosidade mesmo. Mas eu acho que ele tinha razão porque as pessoas acham que os índios são menos inteligentes ou capazes. Como os países desenvolvidos pensam que somos inferiores. E os jovens sentem mais esse preconceito porque a gente convive com muita gente na escola, todo dia, e sente o olhar do outro quando tá te diminuindo.” (BV-A6).

“Eu já vi isso! Chegou um pessoal aqui na vila (Vila Brasil, Amajari-RR), que eram lado sul (região sul do Brasil), estavam passeando, e um morador disse que aqui bem pertinho tinham comunidades indígenas, daí um curumim²⁴ branco começou a chorar como medo de ser flechado. A gente acha engraçado, a gente riu muito disso, mas também é revoltante. Quase ninguém usa mais flecha nem para caçar! Mas eu acho que é porque a mídia também só passa imagem de índio como uma pessoa selvagem. Eu acho que a mídia ajuda a criar os preconceitos contra nós. Só passa aldeia isolada, passa as nossas danças como se fossem uma coisa do outro mundo! E o branco não vai dançar nas festas também? Os indígenas são vistos como um bicho bruto. Quer ver só, um amigo meu foi a Boa Vista e entrou numa loja para comprar um celular. Só de olhar pra gente já sabem que somos indígenas, então o dono da loja perguntou porque

²⁴ Curumim – Palavra indígena de origem tupi, que designa, de modo geral, as crianças. Fonte: Dicionário de Palavras Brasileiras de Origem Indígena – Clóvis Chiaradia.

o meu amigo ia gastar dinheiro comprando um celular se ele nem ia saber como usar! Porque ele achou que ele não sabia usar? Porque ele é um índio! ele sabe usar sim!” (A-B2).

“Os indígenas, embora morem tudo perto aqui da vila, mas eles são diferentes, eles falam diferente, eles aprendem mais devagar, mas é porque o ritmo deles é diferente. Tem indígenas que trabalham aqui na sede e também falam inglês por causa da Guiana, mas mesmo assim, a gente percebe que eles pensam e agem diferente. Não é nem melhor e nem pior. Eu tenho amigos índios. Mas eu percebo que a amizade deles é diferente, porque eles podem até gostar de você e confiar em você, mas eles se sentem bem mesmo é entre eles. Então, eu penso que quando eles vão pra uma cidade grande, eles sofrem mais do que nós. Um amigo meu foi na Funai em Boa Vista, foi vestido normal, como a gente tá aqui, mas ele reparou que num supermercado tinha gente olhando pra ele diferente, com um certo desprezo. Ele disse que saiu bem rápido de lá. Acho que se um jovem indígena for estudar na cidade vai sofrer em dobro. Só de sair da comunidade dele já vai sofrer. Eles falam a língua materna deles nas comunidades. Mesmo falando português, eles falam diferente e eu já vi pessoas daqui do interior mesmo zombando deles.” (B-A2).

Os aspectos já mencionados são suficientes para caracterizar o preconceito sofrido pelos sujeitos que vivem no meio rural, todavia, além do já posto, também foi apontado pelos jovens rurais, a ocorrência de preconceito em virtude das condições de vida a que estão submetidos, no que concerne à infraestrutura dos municípios, no caso específico do estado de Roraima.

Estabelecemos uma articulação de caráter interdependente entre o preconceito percebido pelos jovens rurais, decorrente das suas condições de vida, e aquele que remete ao seu comportamento, visto que, em diversos momentos seus discursos ratificaram que as pessoas que vivem no meio urbano não os acham capazes intelectualmente e zombam de sua linguagem por considerá-la errada. Associamos uma expressão de preconceito à outra, tendo em vista que a formação formal é atribuída, regra geral, ao processo de escolarização. Como as estruturas das redes estadual e municipal de ensino, nos municípios do interior de Roraima (haja visto a inexistência de escolas particulares nestas localidades) deixam a desejar em praticamente todos os aspectos, os jovens rurais concebem que daí, as pessoas do meio urbano deduzem sua “inferioridade”.

Levando em consideração também os diversificados exemplos de experimentação de preconceito racial contra os indígenas expresso pelos informantes, depreendemos que essa forma de preconceito exercida pelos sujeitos do meio

urbano, possa ter como uma fonte alimentadora uma rasa e equivocada visão baseada no senso comum, que concebe a cultura enquanto privilégio de acesso à formação escolar de qualidade e à adoção de comportamentos que manifestam saberes considerados como sofisticados e em conformidade com determinados padrões sociais que lhes são usuais ou apreciados.

Apesar dessa situação discriminatória evidenciada pelos informantes marcar de forma incontestável a tensa relação entre os meios urbano e rural, esses jovens discutiram o preconceito de forma ampla e crítica, não se restringindo a uma postura apenas defensiva ou contestatória, mas apresentando, em sua maioria, perspectivas de enfrentamento, no sentido de não se deixar intimidar e desistir de seus propósitos em detrimento desse “obstáculo”.

Todavia, dentre os jovens informantes que projetam perspectivas de prosseguimento nos estudos e/ou inserção no mundo do trabalho, a partir do seu deslocamento para centros urbanos, essa postura de enfrentamento ao preconceito não apresentou grande vulto entre os jovens indígenas, de modo geral. Analisamos que esses jovens, embora sofram com a discriminação, e ainda de forma até mais veemente que os demais jovens, devido ao acréscimo do preconceito racial, eles não alimentam grandes expectativas de desaldeamento, posto que tencionam permanecer em suas comunidades indígenas, como veremos adiante.

Contudo, no âmbito geral dos jovens, eles se colocam de modo a ter um entendimento do problema do preconceito que vivenciam, como uma problemática imersa num complexo de discriminações mais abrangente, e ainda, que creem ter condições de enfrentar essa adversidade. Assim, podemos mencionar duas falas significativas proferidas por jovens de localidades e faixas etárias diferentes:

“Eu acho que a gente tem que discutir mais essa questão do preconceito, porque prejudica muito as pessoas. Pode ver que a gente discutiu aqui o preconceito que a gente sente por ser do interior, por parte das pessoas da cidade. Mas também tem o preconceito contra o negro, contra o indígena e outros mais. Se você mora em Roraima, também sofre preconceito de quem vive nas regiões mais desenvolvidas, como o sudeste e o sul. Se a gente vai aqui na Venezuela eles te tratam diferente porque você é brasileiro e eles se acham superiores a nós. Embora eu nem entenda isso, porque a gente vai pra lá para comprar no comércio, então eles deviam tratar a gente muito bem. Pode ver que até essa questão das cotas nas universidades, que separam quem é negro, quem é índio e tal, eu penso que incentiva ainda mais esse preconceito. Eu tenho um primo

que tá na universidade e ele entrou por cota, ele disse que tem professor que trata os alunos de cotas como burros, diminuindo mesmo as pessoas. Bastava ser de escola pública mesmo. Mas ainda tinha esse preconceito também, porque tem filho de papai lá que vieram das escolas ricas. Às vezes eu penso que isso não tem jeito. Será que tem?” (A-C3).

“Eu pretendo ir estudar em Boa Vista, na UFRR25, e eu sei que quando eu chegar lá vou ter que conquistar pessoas, porque tem muita gente que tem preconceito com as pessoas que vem do interior, mas se me conhecerem melhor, acho que isso muda. Eu sou diferente sim! E quem não é? Se eu for desistir dos meus planos por causa disso, não faço mais quase nada. E acredito que com o tempo vou conseguir me relacionar bem e viver como os demais. Por que, afinal é um PREconceito, né! “(CB-4) (A jovem deu ênfase na primeira sílaba da palavra preconceito, evidenciando o seu entendimento sobre o significado da palavra).

Analisando os discursos dos jovens, identificamos que a postura de enfrentamento ao fator de tensão em tela apresenta um aspecto de superação que remete aos entendimentos de Simmel (1983) acerca do conflito, enquanto forma de socialização. Sob essa perspectiva, os conflitos são socialmente relevantes, e ainda contém propriedades positivas, na medida em que através deles ficam expostas as condições díspares que fomentam situações de luta no sentido de sua superação. Sobre essa noção de conflito, Alcântara Júnior, em seus estudos sobre o conceito de conflito social conforme Simmel, nos esclarece que:

O conflito possui a capacidade de constituir-se num espaço social, em que o próprio confronto é um ato de reconhecimento e, ao mesmo tempo, produtor de um metamorfismo entre as interações e as relações sociais daí resultantes. Uma outra característica positiva atribuída, residiria no fato de superar os hiatos e os limites socialmente estabelecidos pelos intervalos dicotomizados, ou mesmo, as desigualdades sociais produzidas e estruturadas pelos resultados dos entrelaçamentos ocorridos na sociedade. (ALCÂNTARA JÚNIOR, 2005, p. 5).

Nesse contexto, também ficou evidente que as inter-relações entre a infraestrutura e a qualidade da educação deficientes presentes no meio rural também se constituem enquanto ponto crítico de tensão em relação ao meio urbano, na medida em os jovens rurais sentem-se prejudicados em seu desenvolvimento em aspectos multifários entrelaçados.

²⁵ UFRR-Universidade Federal de Roraima.

Isso posto, percebemos que os aspectos que sinalizam a percepção dos jovens rurais sobre a tensão rural-urbano estão intimamente intrincados, porém, nos pusemos a analisá-los pontualmente, sem nenhuma intenção de desvinculá-los. Dessa maneira, constatamos que a carência de acesso às tecnologias de informação, com qualidade e estabilidade, aparece como um evidente incômodo, não apenas na perspectiva de não contar ou contar precariamente com esses serviços, mas também dessa situação reforçar uma ideia de condição de inferioridade, tendo em vista as exigências do mundo contemporâneo.

Essa compreensão de que a carência no acesso às tecnologias da informação, inclusive de forma enfática pelos jovens rurais, no contexto de outras condições de desprovimento, repercute na autopercepção destes, considerando que o conhecimento e o uso de determinadas ferramentas como aplicativos de comunicação instantânea, como Whatsapp, Facebook, Instagram e Tinder, são imprescindíveis para que se percebam inclusos no modo de vida atual.

Essa análise nos remeteu às discussões de Simmel a respeito da cultura na modernidade, enquanto período de indiscutível influência da técnica. Sob esse aspecto, Rüdiger (1999) nos esclarece que Simmel vinculou tal desenvolvimento da tecnologia muito mais a uma crise cultural, do que um movimento rumo ao progresso, posto que vai constituindo-se um contexto em que os objetos resultantes do incremento tecnológico resultam numa dificuldade do sujeito de conceber sentido último da sua existência íntima.

Desse modo, as dificuldades de acesso às ferramentas tecnológicas, influenciam na forma como os jovens rurais se veem, ao mesmo passo que consideram que tal déficit influencie na maneira como são percebidos pelos outros. Portanto, essa problemática impacta significativamente no mundo intersubjetivo e por consequência no seu processo de construção identitário. (SCHUTZ, 1979)

Esses entendimentos estão explicitados nos discursos dos jovens, dentre os quais destacamos alguns:

“Eu vim do interior do Maranhão e já me acostumei. Nem ligo pra essa besteira de preconceito com maranhense. Mas quando eu dou trabalho pra minha mãe ela diz que vai me mandar de volta pro interior do Maranhão para morar com meu pai. Eu não quero voltar não. Meu pai é legal, mas não quero mais morar no interior não. Não quero voltar por que lá a vida é diferente e eu acho que não me acostumo mais. É diferente por que não tem as mesmas coisas que tem numa

capital como internet melhor, cinema, escola boa, praças para se divertir, estas coisas. Eu não quero regredir e voltar a viver sem internet como eu vivia. Hoje eu acho que vivo melhor do que os meus amigos e familiares que ficaram no interior.” (BV-A1).

“Os jovens que vive na cidade tem mais facilidades do a gente que vive aqui, porque eles têm um leque bem maior de conhecimento, afora o “conforto” (aspas gesticuladas pelo informante) e acesso as tecnologias, que os que vivem em pequenas cidades do interior ou não têm, ou têm, mas muito restrito. É até injusto concorrer com eles num vestibular, por exemplo. Se a gente não tem escolas, bibliotecas públicas, internet que preste e várias outras coisas que deixam a gente em desvantagem. Daí eles pensarem que somos broncos, tapados. Na verdade a gente se esforça é muito, mas eles têm muitas vantagens que nós não temos. Mas ninguém vê isso. Só quem sofre na pele mesmo.” (E-4).

“Mas tem gírias que os caras da cidade usam que não se usa aqui. O papo deles é diferente. Tipo, quando eu fui a uma visita na EAGRO²⁶ eu ouvia eles conversando assim: “Ei, tu viu (sic) aquele lance no computador, naquele site e tal.” Aqui não, aqui a gente já conversa sobre um livro, sobre alguma história que aconteceu e a gente ficou sabendo pela televisão, ou pelo professor ou mesmo pelos amigos. A gente até sabe usar computador, mas não fica o tempo todo como eles. Aqui até tem internet na Vila, lá na praça do CRAS²⁷, na escola também, mas não se pode ficar o tempo todo no computador e a internet cai muito e é lenta. Não dá para baixar nada pesado, por exemplo. Em Boa Vista também a internet não é boa, mas aqui é bem pior. Tem uns vizinhos que pagam internet e o wi-fi não tem senha, aí quem tem um computador, senta na calçada e faz a festa! Mas eu acho que essas coisas é que fazem o povo da cidade grande se achar melhor do que a gente, não sabe? Lá eles não precisam fazer essas coisas. Um colega do meu primo que mora em Boa Vista, veio passar uns dias aqui no sítio e ficava só zoando porque não tinha isso, não tinha aquilo, rindo da nossa maneira de falar, do que a gente come, e enquanto isso ele ia comendo junto! Eu não briguei com ele por educação, e também por que era mais uma coisa pra ele falar mal da gente daqui, mas deu vontade.” (A-B7).

A partir desse aspecto da tensão rural-urbano, decorre outra temática apresentada nos discursos dos jovens rurais, que repousa no fato das pessoas que vivem no meio urbano viverem em uma conjuntura mais desenvolvida social e economicamente, trazendo condições mais favoráveis ao seu desenvolvimento

²⁶ Escola Agrotécnica da Universidade Federal de Roraima.

²⁷ CRAS – O Centro de Referência da Assistência Social é uma unidade pública estatal localizada em áreas com maiores índices de vulnerabilidade e risco social, destinada ao atendimento socioassistencial de famílias.

intelectual e, como consequência disso, também contam com melhores oportunidades de trabalho e ascensão social, comparativamente às pessoas que vivem no meio rural. Observemos algumas falas:

“Existem muitas diferenças entre viver aqui na cidade e viver na minha cidade do interior. O interior é calmo, não há a agitação da cidade, a correria. Mas também existem várias outras diferenças. É impossível descrever todas. Mas no caso do meu interior, o maior problema está, principalmente, na questão de oportunidades de estudos, cultura, diversão, acesso à internet e, o maior problema de todos que é conseguir emprego. Em São João da Baliza, atualmente e também quando eu vivia lá, não oferecia, nem oferece, alguma perspectiva de ascensão social. Nascer, crescer e viver lá é quase como certeza de que você não vai melhorar em nada a sua vida. Por isso, muitos como eu, tem que vir buscar viver nas grandes cidades.” (E-1).

“No interior não temos acesso à informação ou temos pouco, na cidade, o acesso à informação é algo natural. No campo temos as dificuldades de trabalho e emprego, na cidade, é bem mais fácil porque tem bem mais oportunidades, e além disso não são oportunidades concentradas na mesma área. Por exemplo, no interior ou eu vou pra roça, ou eu tento trabalhar no governo ou na prefeitura, ou eu abro um comércio. Se eu não tenho dinheiro para abrir um comércio, não tenho terra ou não gosto de trabalhar com agricultura ou com criação de animais, e não passo num concurso público, nem peço favor pros políticos conseguir emprego pra mim, o que mais eu posso fazer? Nos comércios, raramente empregam alguém, porque quem trabalham é o pessoal da família. Vê só como aqui é difícil de conseguir um trabalho e melhorar de vida?” (C-C4).

Este aspecto foi discutido em todos os grupos focais, apresentando-se de modo mais acentuado nas falas dos jovens-jovens, independentemente do sexo. Contudo, os jovens indígenas tiveram uma participação tímida no debate sobre esse aspecto. Sobre isso, interpretamos que a perspectiva de “ascensão social” dos povos indígenas se apresenta com um caráter bem diferenciado, comparativamente à concepção dos não-índios.

Posto que os níveis de hierarquia social nas comunidades indígenas está muito mais vinculado à posição social, no sentido de responsabilidades assumidas junto à comunidade, do que ao status de determinada profissão ou sua retribuição financeira, conforme confirma Silva, em sua pesquisa realizada sobre a oferta de Educação Profissional para os indígenas da Comunidade Indígena do Araçá, localizada no Município de Amajari-RR.

Também fomos informadas da hierarquia política e estrutura de poder na comunidade que, como nas demais da região, ocorre como liderança maior, o primeiro tuxaua, segundo tuxaua, primeiro capataz, segundo capataz, pajé, o agente comunitário indígena e o professor, respectivamente. (SILVA, 2011, p. 58).

Em meio às discussões que nos possibilitaram inferir as temáticas pertinentes à tensão rural-urbano, em um dos grupos focais realizados no município de Caracaraí, em um grupo composto por jovens-adolescentes (GF-CARACARAÍ-01), veio à tona uma questão que suscitou outro aspecto da mencionada tensão, quando uma jovem defendeu sua opinião de que as pessoas que vivem no meio urbano acham que todos que vivem no meio rural são pobres, são “coitadinhos”, que “passam fome” e que, portando, “só precisam de comida para ser felizes” (C-A2).

Nesse debate, os demais jovens passaram a reiterar essa percepção, e um deles chegou a manifestar sua indignação diante dessa condição, cantando duas estrofes da música “Comida”, da banda de rock Titãs, nas quais protesta:

“A gente não quer só comida
A gente quer comida, diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída para qualquer parte.

A gente não quer só dinheiro
A gente quer dinheiro e felicidade
A gente não quer só dinheiro
A gente quer inteiro e não pela metade.” (C-A6).

E assim, a partir dessa provocação, chegamos à penúltima temática que compõem a tensão rural-urbano, na percepção dos jovens rurais, que remete às distintas possibilidades de lazer em ambos os ambientes.

Conforme os jovens rurais, no meio rural as opções de lazer estão mais relacionadas ao contato com a natureza, haja visto que frequentemente se divertem com amigos e familiares em banhos de rio, igarapés e cachoeiras. Também participam de caçadas, pescarias e caminhadas em subidas de serras. Em menor frequência, participam de festas locais e eventualmente têm a oportunidade de assistir a alguma apresentação cultural, geralmente sendo de música e, quase sempre, são bandas do gênero forró ou sertanejo.

Em contrapartida, os jovens rurais ponderam que no meio urbano há bem mais opções de lazer, visto que também há possibilidades de lazer próximo à natureza (rios, igarapés e parques) e há ainda bem mais opções de apresentações musicais, inclusive com maior diversidade de gêneros musicais. Além disso, mencionaram as

oportunidades de cinema, teatro, apresentações de espetáculos de dança, as casas de festas diversas (boates). Destacaram, ainda, a existência de Coletivos Culturais, que concentram suas atuações na capital, com raras incursões pelos municípios rurais.

Dentre os quais, mencionaram o Coletivo Feminista que tem por objetivo realizar debates e eventos relacionados ao enfrentamento da violência contra a mulher, enquanto estratégia de luta pela igualdade de gênero; o Coletivo Caimbé que realiza saraus com microfone aberto aos participantes que desejarem declamar ou cantar; o Coletivo Carapanã, que tem por objetivo levar arte às ruas da cidade de Boa Vista, a partir de instalações, grafitagens e colagens de poesias, conforme podemos observar na figura 1, e também, o Coletivo Canoa Cultural que atua como difusor cultural, tendo como evento principal o “Grito Rock”, realizado anualmente, que congrega bandas de rock locais, nacionais, e sempre conta também com a participação de bandas venezuelanas ou guianenses.

Figura 116- Intervenção poética realizada pelo Coletivo Carapanã, localizada no centro da cidade de Boa Vista-RR²⁸.



Fonte: Foto cedida pelos jovens.

Finalmente, os jovens rurais ainda revelaram que essa diversidade de opções de lazer, juntamente ao maior quantitativo populacional das cidades grandes,

²⁸ Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1064135373678860&set=pb.100002472211778.-2207520000.1468865565.&type=3&theater> acesso em 08/jul/2016.

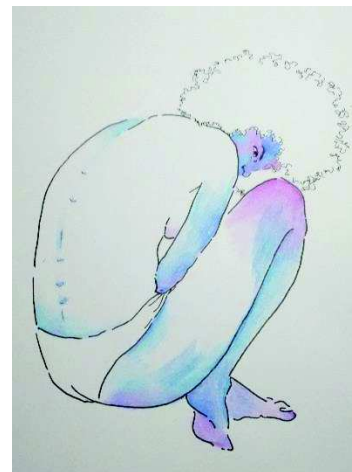
em relação aos municípios do meio rural, faz com que o meio urbano ofereça maiores possibilidades de relacionamentos amorosos, como podemos ilustrar abaixo.

“Eu estou me preparando para enfrentar muita dificuldade para me acostumar a morar na cidade grande. Tipo, quem não tem família lá fica rodado, sem saber como andar direito na cidade. Aonde morar, não conhecer ninguém. A gente tá acostumado com uma cidade pacta, calma, sem vida estressante. Na cidade tem coisas boas e ruins. De ruim tem a criminalidade muito maior, aqui quase nem acontece crime, por exemplo. Então a gente se sente inseguro quando vai na cidade grande. Em compensação, tem emprego, tem estudo melhor, tem oportunidade de se divertir, tem até mais oportunidade de namorar, pois se há mais locais para se conhecer pessoas, para se divertir, mais lojas, mais parques, cinemas e tal, então, é claro que também tem mais chances de conhecer pessoas diferentes e em lugares diferentes, tem mais oportunidades de namorados também.” (C-C4).

Assim, verificamos que os jovens rurais reconhecem a pluralidade de oportunidades de interação social, vinculadas à quantidade de círculos sociais possíveis, enquanto uma característica da vida social urbana. Esta peculiaridade dá azo às expectativas não apenas educacionais, profissionais e de lazer, mas também significa possibilidade de conhecer mais pessoas, de interesses e experiências diferenciadas daquelas compartilhadas junto à família, que irão enriquecer seus processos de diferenciação e individualização, inclusive no aspecto de relações amorosas. (SIMMEL, 1986).

Desse modo, ficou notório que apesar de terem um sentimento de pertença em relação ao meio rural, destacado pelas percepções positivas já mencionadas, sentem-se lesados pelas situações que contingenciam e marcam a tensão da relação rural-urbano, visto que se veem afetados negativamente. Tal fato acarreta uma visão acerca de suas condições de vida, que influenciam o modo como se apreciam enquanto jovens rurais, não apenas numa perspectiva coletiva, mas, ao mesmo tempo, estas condições restritivas, assentam como que uma “lente” para sua autopercepção, que, conseqüentemente, influencia no seu processo identitário.

6. IDENTIFICAÇÕES E PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS RURAIS DE RORAIMA: CONFLITO, ARTICULAÇÃO E SOBREDETERMINAÇÃO.



30

Nessa parte final, concentra-se o cerne da tese, visto que tratamos as temáticas que cercam o problema da pesquisa concatenando-as de modo a nos permitir compreender como os significados atribuídos pelos jovens rurais à tensão rural-urbano interferem no seu processo de construção identitário e em seus projetos de vida.

Desse modo, esse capítulo encontra-se organizado em duas partes: a primeira aborda aspectos destacados nos discursos dos jovens rurais que retratam a posição histórica e cultural na qual se percebem imersos. Esses aspectos evidenciam o caráter fluído das suas identificações, posto o notório processo de articulação e sobredeterminação entre as diversas manifestações histórico-culturais que se entrelaçam no seu contexto cotidiano, destacadas em suas falas, as quais pudemos identificar enquanto elementos influentes no processo identitário desses jovens, sem contudo apresentarem caráter restritivo. (HALL, 2000).

No contexto das vivências influentes no processo identitário dos jovens rurais, discutimos aspectos do cenário que constitui a realidade cultural do estado de Roraima, no que se refere ao intenso processo migratório realizado enquanto política de povoamento, que acarretou na presença de migrantes oriundos das diversas regiões do Brasil. Assim como a convivência e as trocas culturais ocorridas entre

³⁰ Obra de arte da Jovem Brenda Marcela T. Ferreira, sem título. Nanquim e lápis aquarelável, em papel A4. Segundo a jovem, esse desenho retrata como se sente e se vê diante do mundo.

diferentes etnias que se espalham por toda a extensão do estado, no que se refere à presença de índios e não-índios. E ainda, à proximidade e o convívio com expressões culturais dos países que fazem fronteira com o Brasil, a partir dos limites de Roraima com a Venezuela e a Guiana. Tais aspectos relevam o potencial de metamorfose dos jovens rurais em estudo.

A segunda parte desse capítulo aborda, especificamente, as discussões travadas pelos jovens rurais acerca dos conflitos que circundam os processos de negociação entre a idealização e a consecução de projetos de vida, atravessados pela tensão rural-urbano.

Nesse cenário de conflitos e negociações, enfatizamos a percepção temporal - presente e futuro - que marca a trama de desafios vivenciados pelos jovens rurais. No seio dessa discussão repousa a essência da tese da pesquisa, visto que se evidencia de que modo os significados que os jovens rurais atribuem à tensão rural-urbano atua como um fator de influenciação na sua identificação e, por consequência, em seus projetos de vida.

6.1. Entre roraimenses e roraimados: metamorfoses juvenis.

Roraimado, Roraimando

Elói Martins Senhoras

Roraima, sou um forasteiro que gravita em seu campo de atração,
talvez mais um descobridor de seus deleites,
mas certamente um súdito que se entrega à alteridade para residir nos mistérios de seus encantos
e para me declarar ao amor.
(...)

Por favor, me guie em seu território, pois quero valorizar os seus ensinamentos
de que a verdadeira riqueza reside na simplicidade de cativar o amor,
quero continuar roraimando,
quero ser um eterno aprendiz roraimado.

O estado de Roraima apresenta características populacionais singulares decorrentes das políticas de ocupação desenvolvidas a partir da década de 1960, cujos aspectos principais concentram-se nas dimensões econômica, fundiária e social.

Nesse contexto, o processo migratório atravessa essas três dimensões, exercendo uma influência crucial para chegarmos ao cenário atual.

Considerando a conformação sócio histórica e cultural local, indagamos aos jovens rurais sobre suas experiências e percepções acerca das interações cotidianas entre sujeitos de diversas etnias, naturalidades e nacionalidades, em busca de identificar que tipo de influências o referido contexto exerce sobre os seus processos identitários.

Sob esse aspecto, vale lembrar que Roraima é um estado de fronteira, e essa característica, associada ao intenso movimento migratório, também foi um aspecto considerado durante a realização da pesquisa.

Cabe ressaltar, ainda, sobre a relevância dessas características singulares de Roraima como fator influente nas relações políticas, econômicas e sociais atuais. Outros pesquisadores locais também se debruçam sobre esse tema, produzindo conhecimentos que subsidiam a presente discussão. Como é o caso das Professoras Pesquisadoras da Universidade Federal de Roraima-UFRR, Carla Monteiro de Souza (2009), Ana Lia Farias Vale (2006) e Reginaldo Gomes de Oliveira (2014).

Tendo esse contexto em mente, apresentamos que dentre os 86 jovens rurais que compuseram o grupo de informantes dessa pesquisa, metade é natural do estado de Roraima, e os demais são naturais de outros estados, das diversas regiões do país, contando ainda com 02 jovens venezuelanos. Ressalta-se que dentre os 43 jovens que nasceram em Roraima, quase metade desses são filhos de migrantes, que vieram de seus estados atraídos por incentivos diversos, como podemos compreender melhor, a partir das elucidações da Professora Carla Souza:

Os migrantes, oriundos das várias unidades federativas, rumaram para a Amazônia buscando oportunidades que já não conseguiam vislumbrar em seus lugares de origem. Os vários fluxos migratórios de pequenos e médios agricultores, trabalhadores urbanos, de empresários, profissionais especializados, de indígenas simples aventureiros reordenaram o espaço e a realidade amazônica, entendida aqui como processo cotidiano de vida perpassada por sujeitos, atores e estímulos de diversas ordens. Como fronteira, a região é um espaço de diversidade e de contradição, onde muitos se encontram, onde os nexos se fazem no encontro, nem sempre pacífico e consensual entre “nós” e “eles”, entre o “eu” e o “outro”. (SOUZA, 2009, p. 40).

Destaca-se que tanto os jovens migrantes quanto os filhos de migrantes revelaram que seus pais alimentam sonhos de voltar a morar em seus estados de origem. Ressaltaram que tal perspectiva se fortalece de modo significativo quando conseguem viajar para visitar familiares e retornam saudosos das pessoas, dos lugares e dos costumes. Durante os debates, ficou patente que, dentre os jovens que

ainda vivem no meio rural, a perspectiva de sair do meio em que vivem em busca de melhores condições de vida já é encarada como algo contraditório, levando-se em conta que as histórias deslocamentos de suas famílias são reforçadas tanto por outros episódios similares no seio dessas famílias – por parentes que migraram para outras regiões em busca de oportunidades – bem como, pela convivência com diversas histórias similares, nas localidades em que vivem.

Desse modo, verificamos que esse grupo de jovens, que são maioria quantitativa dentre os jovens rurais pesquisados, ao mesmo tempo em que apresentam sentimento de pertença ao meio em que vivem, também mantêm com certo sentimento de desapego a este. Nesse aspecto, consideramos que a condição da experiência de migração vivenciada pelos próprios jovens ou pelos seus pais marca de modo considerável a maneira como se relacionam no e com o seu contexto social.

Nesse sentido, aportamos nas produções de Simmel (1983) para analisarmos esta situação, quando o referido menciona que o “estrangeiro” tem sua conformação no contexto do grupo social irremediavelmente assinalada pelo fato de não pertencer a esse grupo, em decorrência da sua naturalidade diversa. Assim, o autor assinala a ambiguidade do estrangeiro, pois ele compõe o grupo social independentemente de reconhecer-se ou de ser reconhecido pelos demais integrantes do grupo.

A partir desse entendimento de Simmel, analisamos que as manifestações dos jovens rurais que tem suas histórias de vida marcadas pelo processo migratório, mesmo aqueles que já nasceram aqui, carregam consigo a impressão do ser e não ser pertencente, enquanto sensação imprecisa, e mais latente e sentida do que claramente confirmada, como podemos verificar no trecho abaixo:

“Minha mãe é do Maranhão, meu pai é do Tocantins, eu nasci aqui mesmo, mas porque minha mãe é maranhense, o pessoal brinca que eu sou “comedora de arroz!” (BB-3).

Assim como o relato acima, outros jovens rurais também fizeram referência a serem socialmente identificados, e a se reconhecerem nessas identificações, em que são vinculados a características distintivas relativas a sua naturalidade ou a de seus pais.

Portanto, o migrante carrega no seu comportamento os traços da diferença que se manifestam no seu sotaque, na sua maneira de vestir, nos alimentos que prefere consumir, nos seus costumes de modo geral. (SIMMEL, 1983).

As referências a estas marcas de diferença mostram-se vinculadas aos costumes mantidos pelas suas famílias, que preservam características de seus estados e/ou regiões, como conferimos abaixo:

*“Minha mãe é do maranhão e meu pai é do Matogrosso. Lá em casa é uma misturada só, de sotaques e de comidas”!
(AB-5).*

Assim, constata-se que por mais que os migrantes apresentem uma integração ao contexto local, a bagagem cultural que o mantém vinculado ao seu estado de origem. E essa vinculação é reforçada no convívio com roraimenses.

Em alguns momentos, essa vinculação, feita pelos sujeitos autóctones, entre o migrante ou descendente do migrante aos aspectos culturais do seu estado de origem, pode ser desconfortável quando é enredada pelo preconceito. No caso de Roraima é evidente o preconceito local em relação aos migrantes maranhenses. Todavia, regra geral, essa vinculação reforça seu processo de diferenciação, numa conotação mais positiva do que negativa, posto que situa o jovem no grupo social, em uma posição na qual não se sente desconfortável, posto que assim se reconheça.

Nesse aspecto, o termo “Roraimado” se apresenta como uma estratégia de ajustamento diante dessa condição ambígua, que dá resposta sobre colocação do migrante no seio do grupo social, tanto para os nativos, quanto para o próprio migrante.

A partir dessa análise, podemos compreender como os jovens rurais, migrantes ou filhos destes, ao mesmo tempo em que afirmam ter apego e uma relação de proximidade para com o meio rural em que se encontram, também desenvolveram um distanciamento e indiferença, posto que, este recorte dos jovens rurais (migrantes e filhos de migrantes), em sua maioria aponta que planeja se deslocar do meio rural em busca de melhores oportunidades de vida, sem que tal mudança seja encarada como algo que vá gerar maiores sofrimentos que não sejam logo compensados pelas possíveis conquistas pessoais.

Esse sentimento ambíguo de ser e ao mesmo tempo não ser do lugar, nos remete à metáfora de Simmel (1909) “A ponte e a porta”, visto que a porta remete a separação do sujeito em relação aos demais, mantendo sua interioridade e individualidade, ao mesmo passo em que também o mesmo sujeito constrói pontes a partir da socialização. Desse modo, aplicando a mencionada metáfora interpretamos as falas dúbias dos jovens, em relação a se conceberem como pertencentes e não

pertencentes à localidade em que vivem, de modo que preservam singularidades de sua cultura de origem e, sincronicamente, traduzem práticas e sentidos da cultura local, integrando-as à sua cosmovisão, constituindo-se enquanto sujeito (artífice e artefato) no processo de hibridismo cultural (CANCLINE, 1988).

Partindo desse entendimento, concebemos que os jovens rurais retratam em seus discursos uma realidade sobre os seus processos identitários, dado que, o termo “Roraimado”, no sentido por eles aplicado, demarca que estes jovens têm uma auto percepção acerca de sua condição enquanto jovem rural, migrante ou filho de migrante, sendo ele mesmo, mas também se percebem no outro (roraimense e demais migrantes) e ainda, se concebem enquanto ser híbrido. Todos estes aspectos estão acionados simultaneamente, o que reporta a Hall (2003) que designa esse agitado movimento como onda de similaridades e diferenças, que validam a contestação às oposições binárias.

Dentre os possíveis fatores intervenientes no andamento da construção identitário do jovem rural, consideramos os intensos compartilhamentos culturais propiciados por um estado marcado pela migração, localização de fronteira, e ainda, pela acentuada convivência interétnica, possibilitada de modo especial pela convivência entre índios e não-índios.

No tocante aos jovens rurais migrantes ou filhos de migrantes, a partir da análise de suas falas, ficou evidenciado que as tramas das relações sociais vivenciadas em seus cotidianos tão rico - um verdadeiro “caldo cultural” -, em que se amalgamam traços e costumes culturais diversos, propiciam o que Cancline (1988) defende como processos fundamentais de hibridação. Nesses processos, destacamos que identificamos que os jovens rurais têm seus processos identitários marcados pelos processos de desterritorialização e reterritorialização.

Tal condição também pode ser observada entre os jovens rurais que convivem de forma mais intensa as condições de fronteira com a Venezuela e com a Guiana. Essa identificação tem por base as falas dos jovens, quando salientam um afastamento entre suas manifestações culturais e os seus territórios geográficos e sociais tidos como naturais, ao mesmo tempo em que, relatam realocações e novas construções simbólicas, que vão se dando a partir das interações sociais, como podemos exemplificar no trecho que segue:

“A maioria dos nossos amigos nasceram por aqui mesmo, mas os pais são de outros lugares. É aqui e acolá que a gente sabe de alguém que os pais e os avós são daqui. A maioria veio de fora. Isso tem uma coisa legal que é a gente conhece vários lugares, sem conhecer de verdade, sabe como é? os amigos contam como é a terra deles ou a terra dos pais, que lá é bom por isso e aquilo, mas também que coisas ruins e tal. Aí a gente fica sabendo umas coisas de um bocado de lugares, mesmo sem ir lá.” (AB-8).

“Além da influência da língua e das músicas, a culinária guianense prevalece aqui na cidade (Bonfim). Por exemplo, eles usam um tempero que é o curry que nós usamos bastante nas carnes. Eles usam em quase tudo. Já comi até no macarrão. Tem também os molhos de pimenta que são diferentes dos nossos. O molho de pimenta feito com manga é muito bom. Todo mundo daqui gosta. Tem ainda a história que o povo da Guiana come cachorro e camaleão. Mas não sei se é verdade, não.” (B-B3).

“Eu vim de Santa Elena (Venezuela) para estudar aqui. Quando eu cheguei os meninos daqui me tratavam estranho. Me olhavam estranho. Eu fui tentando fazer amizades e um deles me disse que o pessoal não gostava muito de mim porque eu me achava uma Coca-Cola. Mas eu não me achava melhor que ninguém. Eu não entendia muito bem algumas coisas que eles falavam, mas eu tentava aprender, só que eles riam de mim quando eu falava. Depois foi passando, mas ainda esses dias o “fulano” me chamou de Coca-Cola sem gás! Existe um preconceito contra mim. Depois que as pessoas me conheceram melhor diziam assim: “você é diferente, porque você é venezuelano e nem é mal educado”. Mas isso é porque pro brasileiro tem essa visão de que o venezuelano é grosseiro por causa da guarda. Eu sei que tem alguns da guarda que são mais, mais, mais ... brutos mesmo, mas não é a população toda. Eu achei injusto. Mas passou, hoje eu já fiz amigos aqui.” (A-B9).

“Aqui a gente convive com muita gente da Guiana, o país vizinho, isso ajuda a gente, por exemplo a aprender a falar inglês. Por que tem brasileiros que trabalham lá e aprendem e falam aqui também, então a gente acaba meio que aprendendo junto. Mas, eu tive uma professora de inglês que disse que o inglês que a gente fala aqui é bem diferente porque é muito misturado com palavras indígenas daqui, com palavras indígenas da Guiana. A gente pronuncia diferente e acaba todo mundo falando igual. Enfim, vira uma salada só, mas a gente se entende.” (B-B6).

Nesse contexto, entendendo essas articulações e sobredeterminações como sendo motivadas por processos híbridos, podemos reputar a ocorrência de recontextualizações no sentido da cultura de tradução (Hall, 2003) e reforçar o

entendimento dos marcadores de diferenciação enquanto expressivos fatores de influência no processo identitário dos jovens rurais.

Evidentemente, tais processos que conduzem a um hibridismo cultural estão imbricados aos aspectos relacionados à localização de fronteira, mas especialmente também se vinculam a história local, em que as políticas públicas de povoamento e desenvolvimento do estado de Roraima tiveram papel decisivo, conforme já discutimos e ratificamos a seguir, a partir dos entendimentos da Professora Ana Lia Vale:

As territorialidades foram se superpondo - grupos indígenas/aldeias e estado/criadores e fazendas -, fundindo-se à sociedade expansiva (provocando muitas tensões sócio-culturais-espaciais). (...) Há domínio de subterritórios em Roraima: instituições federais como Ibama, com reservas ecológicas; Funai, com áreas indígenas com domínio territorial representando quase metade da superfície do Estado; Incra, com projetos de assentamento familiar onde o domínio territorial chega a três quartos da superfície estadual; além de igrejas que fomentam a consolidação de áreas indígenas; ecologistas com áreas de preservação ambiental criadas pelo governo federal, garimpeiros sobrepõem-se ao território indígena e à criação de novos municípios (em 1996 foram criados sete municípios), endentando-se com reservas ambientais e áreas indígenas. (VALE, 2006, p. 256).

Isso posto, salientamos que as percepções dos jovens indígenas diferem de forma significativa em relação aos demais jovens rurais de outras etnias, no aspecto do sentimento de pertença, que se apresenta bem arraigado, bem como seus conhecimentos e valores tradicionais, demonstrando que a segurança dos vínculos com a comunidade indígena, perseveram mesmo diante das constantes interações com outras culturas.

Um exemplo emblemático dessa constatação é que nenhum dos jovens indígenas ouvidos manifestou a intenção de viver fora de suas comunidades, com vistas a acessar a melhores condições de vida. Isso deve-se ao seu entendimento sobre que caracteriza “boas condições de vida” está muito relacionado à convivência comunitária e à manutenção destes vínculos. Tais condições marcam de maneira inequívoca as identificações desses jovens.

Contudo, pudemos constatar que a tensão rural-urbano também exerce influência em seus processos identitários, senão no sentido de colocar em xeque seu pertencimento aos seus territórios, mas certamente, as históricas violências e desrespeitos que os povos indígenas vivenciam até hoje, marcam a forma como se

percebem e se relacionam tanto entre si, como com as populações não-índias que vivem no entorno de suas comunidades.

Um comportamento defensivo, que pode ser facilmente confundido como agressivo, assinala as tensões e conflitos que atravessam as interações sociais influentes no processo de construção da identidade dos jovens indígenas, conforme ilustramos a seguir:

“As pessoas (não-índios) pensam que não sabemos de nada por que somos índios. Elas se enganam, sabemos mais coisas do que elas. Quer ver? A senhora sabe como dormir na mata sem que a onça sinta o seu cheiro? A senhora sabe como pescar sem ter aquelas varas tudo cheia de coisas que quase pesca sozinha? A senhora conhece cobras? Conhece plantas de cura? Sabe que horas são sem olhar num relógio? Então! Ninguém é melhor do que ninguém! Eu não sei escrever ainda perfeito no português, mas a senhora não sabe falar nada em Macuxi.” (E-8).

“Eu falo Macuxi, mas até na minha comunidade mesmo, a maioria dos jovens não falam bem a língua materna. Os idosos é quem ainda falam melhor. Lá, todo mundo estuda Macuxi (os jovens), mas só poucos é que falam direitinho mesmo. Mas eu não falo fora da minha comunidade. Ninguém vai me entender mesmo e ainda vou sofrer preconceito.” (A-A9).

Como se pode observar, o processo de diferenciação vivenciados por esses jovens está imerso numa gama de conflitos, que representam marcadamente a partir da denúncia de preconceitos identificados e vivenciados. Esse entendimento atravessa as percepções dos jovens de modo geral, independentemente da localidade em que residem, da etnia ou do sexo, como ilustramos abaixo:

“Acho que se deve respeitar, ambos devem se respeitar. Ninguém é obrigado a gostar da cultura do outro, mas é preciso respeitar os limites de cada indivíduo. Vejo, aqui e acolá, alguém fazendo piada sobre maranhense – sobre serem preguiçosos – ou sobre indígenas – que são metidos a espertos e ficam com as terras do Estado e não trabalham – e isso é muito chato. Pior é que de tanto ouvir, tem pessoas que repetem sem pensar sobre isso. O mesmo acontece com as pessoas que vem do interior pra capital, só que é mais ligh, a não ser que tenha vindo de lote, naquelas vicinais que nem chega energia e tal, daí realmente a pessoa demora mais a se adaptar e toda vez que se admira de algo, pode ser motivo de gozação. Isso é o lado ruim. Mas, tirando esse aspecto, é muito interessante porque, diferente do interior que é muito igual, pelo menos de onde eu vim, aqui há muita diferença. Daí, se você for mais um diferente quase não se repara. Só se for uma pessoa bem “diferentona”! Ah...tipo extravagante mesmo, ou tudo do contra, essas coisas. Do contra do

que a sociedade acha normal. Acho que o normal é o que a maioria concorda, não é?!” (E-5).

“Eu acho que conviver com pessoas diferentes é bom, por que já pensou se só pudesse estudar os brancos no IFRR? E se eu quisesse estudar aqui e não pudesse por que eu sou indígena? Então eu acho que é importante que as pessoas respeitem as diferenças das culturas, sem querer passar por cima ou falar mal da cultura um do outro.” (E-10).

Todavia, os conflitos provenientes do embate entre diferentes expressões e manifestações culturais, apresentam outro aspecto que também impacta sobremaneira nas recontextualizações resultantes do hibridismo cultural, e por consequência, no processo identitário dos jovens rurais.

Esse aspecto refere-se a possibilidade de crescimento dos círculos sociais, bem como, da diversidade contida nos mesmos, posto que os jovens interagem com sujeitos que trazem consigo conhecimentos e percepções diversas acerca de variados símbolos culturais.

Tal fato se constitui relevante nessa discursão, tendo em mente que quanto mais grupos sociais e mais diversificados, a tensão de unidade interna do grupo relaxa, assim como a delimitação contra outros grupos, oportunizando conexões que vão dar margem a mais liberdade de movimento aos jovens rurais, ao mesmo passo em que se intensifica suas individualizações. (SIMMEL, 1986).

Cumprе salientar, que na análise desse contexto heterogêneo, partimos da compreensão de que “a noção de complexidade traz também a ideia de uma heterogeneidade cultural que deve ser entendida como a coexistência, harmoniosa ou não, de uma pluralidade de tradições” (VELHO, 1981, p. 16).

Assim, verificamos que os jovens rurais pesquisados apresentam um considerável “potencial de metamorfose”, haja visto que diante de tamanha heterogeneidade cultural, que possibilita acesso a variados círculos sociais, e consequentemente, um vigoroso processo de diferenciação, esses jovens, de modo geral, transitam “entre diferentes domínios e situações, sem maiores danos ou custos psicológico-sociais”. (Velho, 2003, p. 82).

Podemos observar nos relatos dos jovens pesquisados, alguns fragmentos dessa heterogeneidade cultural vivenciada, e ainda, aspectos performáticos que constataм o mencionado potencial de metamorfose:

“A convivência que temos com pessoas que vieram de diferentes lugares, e que por isso falam diferente, gostam de comidas diferente, pensam diferente sobre certos assuntos, é uma forma de conhecer outras culturas através dessas pessoas sem precisar sair do Estado, é como se estivesse ouvindo/vendo um documentário. Aqui além de pessoas que vêm dos estados brasileiros, eu convivo com pessoas que são da Guiana, de Cuba (vários médicos e suas famílias, já viviam aqui muito antes do Programa Mais Médicos), e agora temos cada vez mais pessoas fugindo da pobreza da Venezuela e do Haiti, sem falar dos indígenas da Venezuela que estão vindo para cá vender mel e outros produtos que eles fabricam, nos sinais da cidade. Isso não acontecia até um tempo atrás. E a gente sabe que não são índios daqui, porque se comportam diferente, começando pelas roupas que são super coloridas. Não é estranho chegar em qualquer comércio e ser atendido em um “portunhol”, daí a gente acaba arranhando um espanhol também.” (E-4).

“Aqui a gente convive muito com gente vindo de outros Estados, principalmente quando tem concurso para professor, por exemplo, porque passam muitas pessoas de fora. Mas também tem muitos indígenas. Nem tanto que mora aqui na sede, mas eles sempre estão por aqui fazendo compras e tal. Tem também os guianenses que vem aqui sempre também. Enfim, aqui tem uma diversidade de culturas e isso é uma coisa boa. Mas a gente nem pensa muito sobre isso. Mas seria bom estudar mais sobre isso porque muitos conhecem palavras indígenas, falam um pouco de Inglês - por causa da influência de Lethem - meio enrolado. Mas eles (guianenses) também falam um pouco de português, só que é muito estranho, eles falam errado mas dá para entender.” (B-B4).

“Aqui a gente tem uma forma diferente de socializar com as pessoas, por exemplo, você não pode julgar uma pessoa pela aparência dela, ou por onde ela mora, mas pelas atitudes dela, que você observando vai sabendo se é ou não uma pessoa legal. Então, aqui tem uma coisa boa que é conviver com essas várias culturas e você acaba se acostumando que tem gente de todo jeito, então você também pode ter o seu jeito de ser.” (BV-B1).

Durante o período da coleta de dados, quando estavam sendo realizados os grupos focais no município de Amajari, tivemos a oportunidade de assistir a um momento de integração entre brasileiros e venezuelanos, pois houve a realização de apresentações de dança e música promovidas pelo Grupo Cultural da Universidad Pedagógica Experimental Libertador (UPEL), de Maturin, 31capital do estado de

³¹ Fonte do mapa: <http://www.worldatlas.com/sa/ve/n/where-is-maturin.html>. Acesso em 18 de junho de 2016.

Monagas, localizada acerca de mil quilômetros de distância da fronteira com o Brasil, como podemos observar na figura a seguir.

Figura 17- Localização geográfica da cidade de Maturin, na Venezuela.



Fonte: <http://www.worldatlas.com/sa/ve/n/where-is-maturin.html>. Acesso em 15 jul 2016.

A atividade foi realizada junto aos jovens estudantes do IFRR/*Campus* Amajari. Contudo, o grupo Cultural vinha para cumprir uma agenda de atividades junto a várias outras instituições como a própria parceira, Universidade Federal de Roraima (UFRR) e a Universidade Estadual de Roraima (UERR).

As apresentações foram realizadas por jovens venezuelanos, acadêmicos de cursos diversos da referida Universidade, numa ação de integração coordenada por professores e acadêmicos do curso de Letras da UFRR. Nas apresentações foram retratadas músicas e danças típicas da Venezuela, como por exemplo o Joropo que apresenta influências africanas e europeias, executado a partir de instrumentos de percussão e cordas. O ritmo envolvente da música e da dança logo contagiou o ambiente, e não tardou para que estivessem dançando juntos animadamente os jovens venezuelanos e brasileiros.

Após as apresentações, os jovens travaram um diálogo pautado por questionamentos sobre peculiaridades culturais de cada país, registrado na figura 8.

Nesse diálogo, ficou evidenciado que já há bastante conhecimento sobre a temática, de ambas as partes, decorrente da condição de fronteira.

Figura 18- Atividade de integração entre jovens venezuelanos e brasileiros, realizado nas instalações do IFRR/Campus Amajari, no município de Amajari-RR. Agosto de 2015.



Fonte: Foto da autora.

A partir das discussões travadas até esse ponto, argumentamos que os marcadores de diferenciação de naturalidade e etnia exercem uma significativa influência no processo de construção identitário, nos aspectos objetivados nesta pesquisa. E faz-se oportuno ressaltar que a percepção do hibridismo cultural constatado nos discursos dos jovens não é algo latente, mas sim patente, como podemos ilustrar na sequência:

“É fascinante a troca cultural que ocorre aqui, gente de todos os lugares, e por sermos um Estado pequeno, é evidenciada esta pluralidade. Com paz social, sem preconceito por um cidadão ser gaúcho, ou maranhense, paulista ou goiano. Ok, aqui e acolá percebemos certo preconceito contra os indígenas, mas mesmo assim, as pessoas se misturam de tal modo que vão pra um barzinho ouvir roraimeira³² e tomar damorida³³! Então, apesar de ainda haver

³² Estilo de música local, incrementada pelo Movimento Cultural Roraimeira. Roraimeira é o nome de uma música do cantor e compositor paraense Zeca Preto. Esta música foi classificada em 2º lugar no II Festival de Música de Roraima que aconteceu em julho de 1984. É a primeira música que retrata o povo e da paisagem de Roraima.

A música ‘Roraimeira’ foi sancionada como hino cultural do Estado de Roraima, no dia 11 de setembro de 2015.

³³ A damurida é a típica comida dos índios de Roraima, ela pode ser feita de várias maneiras e os povos indígenas podem utilizar diferentes ingredientes no seu preparo. Mas o seu ingrediente principal é a pimenta que pode do tipo malagueta, murupi, olho de peixe, Canaimé e outras. A damurida pode ser feita com peixe ou com carne de caça, sendo preparada de preferência em panela de barro. Geralmente é acompanhada pelas folhas da pimenta e pelo Tucupí cozido (sumo extraído da mandioca

algum preconceito, mas há também muita troca de conhecimentos e de hábitos, o que nos enriquece muito”. (E-2).

“A tão falada miscigenação de Roraima mostra a identidade de um Estado que acolhe e dá oportunidades a todos, acredito que essas pessoas de diferentes culturas e regiões contribuem para a formação e o desenvolvimento econômico e cultural do estado, se um estado cresce, a população também cresce e as oportunidades surgem para mais pessoas. Aqui, raramente você não conhece pessoas de várias partes do país e até mesmo de outros países, devido as fronteiras que são muito perto de Boa Vista. Isso facilita que a gente até vá a lugares diferentes, como visitar um amigo nas férias que mora em outro estado, por exemplo. Ou ganhar objetos de outros estados, quando os amigos voltam de férias. Daí você acaba aprendendo um pouco uns com os outros.” (E-3).

Em suma, os marcadores de diferenciação etnoraciais (índios e não-índios efetivamente) e de naturalidade, configuram influências nas interações sociais mantidas entre os sujeitos pesquisados, interferindo sobremaneira em seus processos identitários. É oportuno reiterar que tais marcadores se entrecruzam com as dinâmicas da tensão rural-urbano.

6.2 Projetos de vida: negociações entre o presente e o futuro.

Ao planejarmos a pesquisa de campo, buscamos não partir de uma concepção *à priori* sobre o que os jovens rurais poderiam idealizar enquanto projetos de vida. Todavia, a revisão de literatura nos apontava algumas possibilidades de achados que nos conduziram a definição dos projetos de vida como categoria de análise. Contudo, destituídos de presunções generalizantes, nos permitimos surpreender e aprender, a partir da escuta e da posterior análise das falas dos jovens. Assim, alcançamos os resultados que ora registramos como máximo de fidedignidade.

Nesse subcapítulo, inicialmente abordamos as análises sobre as questões mais enfatizadas pelos jovens rurais no que tange aos projetos de vida. Posteriormente, apresentaremos uma comparação entre as motivações das ações dos jovens rurais no presente e os principais aspectos mencionados por estes, que configuram seus projetos de vida.

brava descascada e expremida). Pode ser servida com o beijú (feito com farinha de mandioca, lembra uma bolacha grande)

Assim, nos reportando a “projetos de vida” dos jovens rurais, inegavelmente a própria temática nos remete a uma questão temporal na qual consideramos, as influências do contexto histórico, especialmente o familiar, os aspectos da vida presente que os jovens rurais apresentam como marcantes, e a expectativa desses em relação ao futuro.

Essa abordagem temporal é ratificada pelos entendimentos de Carneiro e Castro (2007) quando asseveram que o cotidiano e as expectativas dos jovens compõem uma dinâmica temporal constituída pelo histórico e costumes de suas famílias, que orienta condutas e aspirações do presente e do futuro; pelas vivências do presente desses jovens que tem por foco as atividades na educação, o trabalho e o exercício da sociabilidade; e ainda, que o futuro é idealizado a partir, especialmente, a partir das influências de preferências e heranças familiares, bem como de estratégias que envolvem migrações temporárias ou definitivas.

Contudo, identificamos que além da vertente temporal, fez-se necessário também, analisarmos uma referência à espacialidade.

Explicamos. Emergiu das análises que os jovens indígenas apresentam projetos de vida absolutamente diversos dos demais jovens não-indígenas. Sejam esses jovens indígenas do sexo masculino ou feminino, bem como de qualquer uma das faixas de idades examinadas.

Tal fato ratifica o embasamento teórico definido para nortear nossas análises, o qual reputa às interações sociais estabelecidas num determinado contexto sociocultural, as influências recíprocas e, potencialmente, dissonantes. Assim, o espaço no qual se dão estas interações, enquanto campo de conflitos e negociações, são fundamentais para uma melhor aproximação às construções dos jovens rurais em relação aos seus projetos de vida, como nos clarifica Velho:

Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes, até contraditórios. (Velho, 2003, p. 46).

A partir desse entendimento, identificamos a presença do estudo, enquanto profissionalização, e do trabalho, como ponto de interseção de todas as falas dos jovens relativas aos projetos de vida. Mas, quando atravessamos seus projetos e a problemática da tensão rural-urbano, percebe-se que embora a mencionada tensão

exerça influência na construção desses projetos, jovens indígenas e jovens não-indígenas apresentam diferentes perspectivas de negociação diante dessa realidade.

A diferença fundamental reside no fato dos jovens indígenas não apresentarem seus projetos de vida vinculados à ideia de sair da zona rural, para buscar oportunidades no meio urbano. Podemos ilustrar esse entendimento com as seguintes falas:

“Eu me preocupo muito com o futuro por que eu não sei o que vou fazer. Não sei se eu vou morar ainda aqui ou se vou ter que sair para arrumar um trabalho para ajudar a minha família. Eu tenho medo de errar e não ter como voltar atrás, e prejudicar a minha família. Eu não posso errar. Se eu pudesse queria terminar os estudos e ficar para trabalhar na minha comunidade. Mas não tenho certeza se vou conseguir isso.” (E-7).

“Eu penso em me formar em enfermagem ou veterinária. Quero ter minha própria casa, me casar e ter a minha família sem tantas dificuldades como a minha avó. Hoje eu moro com a minha avó porque a minha mãe me teve quando ainda era bem adolescente. Depois a minha mãe fugiu da comunidade com um homem branco e a vó só ficou comigo porque eu sou pura, ou seja, meu pai e minha mãe são índios. O meu pai já morreu. Mas eu quero ficar na minha comunidade e ajudar com meu conhecimento. Penso em estudar enfermagem porque há muita carência de profissionais de saúde nas comunidades indígenas, ou então, veterinária para ajudar a cuidar do nosso gado.” (B-A5).

“Eu sonho em ter um futuro brilhante. Quero ser enfermeira formada. Ser orgulho e ajudar a minha família. Espero ter e valorizar tudo que eu conquistar. Hoje vejo muitas dificuldades de problemas de saúde na minha comunidade. Seria muito bom se lá tivesse um médico, uma enfermeira, mas só tem o agente de saúde. Eu quero ser importante e ajudar a minha comunidade”. (E-9).

Constatamos que o sentimento de pertença dos jovens indígenas às suas comunidades, assim como o desejo de poder ajudar e de ser reconhecido por suas famílias e comunidades, pautam seus discursos, evidenciando que seus projetos de vida estão direcionados à permanência da “segurança da comunidade”, algo que é cultivado pelas lideranças indígenas de geração à geração, e que o jovem indígena manifesta num misto de conforto pelo usufruto do “círculo aconchegante”³⁴, e ao

³⁴ O conceito de “círculo aconchegante” foi cunhado por Göran Rosenberg, em um ensaio publicado no ano 2000 na *La Nouvelle Lettre Internationale*, para definir o sentimento de união humana numa comunidade. É mencionado por Hall em sua obra *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. 2003.

mesmo tempo, de marcador de diferenciação, visto que é um entendimento que se destaca em relação às percepções dos demais jovens rurais, não-indígenas, de modo geral. Os discursos dos jovens indígenas, deixam latente que essa sensação de pertencimento é patente no seu cotidiano, no sentido abordado por Hall:

Uma negociação prolongada pode resultar em um acordo que, se obedecido diariamente, pode, por sua vez, tornar-se um hábito que não precisa mais ser repensado, e muito menos monitorado e controlado. Mas, diferentemente desses sedimentos e tentativas e tribulações passadas, o entendimento que é característico de uma comunidade é tácito por sua própria natureza. (HALL, 2003, p. 16).

Por outro lado, os jovens não-indígenas, independentemente de sua autodeclaração étnica (negro, pardo, branco ou amarelo) e do seu sexo, atrelam a realização de seus projetos de vida à saída do meio rural.

Destacamos que nesta situação, encontramos dois grupos de jovens rurais diversos. Um primeiro grupo almeja a mudança para a zona urbana e esta mudança faz parte dos seus projetos de vida; já o segundo grupo, não deseja essa mudança para a zona urbana, mas não vislumbra oportunidades de alcançar seus projetos de vida permanecendo no meio rural, em decorrência das condições de vida desfavoráveis em que se encontram, de modo geral, como podemos verificar a seguir:

“Eu quero fazer um bom curso de graduação, mas não tem opções de cursos de graduação bons no interior. Até tem alguns cursos, mas o pessoal reclama porque não tem biblioteca, nem laboratório e tem professor que vem da cidade dar aula aqui quase que à força, porque não gosta do interior. Então, o jeito vai ser sair daqui para continuar estudando. E o mesmo problema é sobre trabalho. Aqui é muito restrito. É difícil surgir oportunidade de trabalho. É por isso que mesmo eu não tendo vontade de ir embora, não tenho como continuar aqui porque não tem perspectiva de mudança, de melhoria. Como eu vou alcançar meus objetivos na vida ficando aqui?” (C-C5).

“Eu quero fazer a minha graduação, quero fazer mestrado e doutorado porque eu gosto demais de pesquisa, mas ao mesmo tempo eu quero conseguir montar o meu consultório veterinário, eu quero muito ser veterinária. Quero morar numa cidade aonde possa me desenvolver profissionalmente e também possa viver melhor, me divertir e tal. Tipo, aqui em São Luís do Anauá não tem tudo isso que eu espero pra minha vida. Então, eu quero ir embora.” (C-B5).

“Mesmo com as dificuldades financeiras e de acostumar na cidade, eu quero ir morar na capital. Eu tenho um certo medo, mas se eu não encarar como é que eu vou me desenvolver. E mais, mesmo se aqui tivesse o curso que eu quero fazer (Medicina Veterinária) eu iria embora, porque poderia até ter estudo, poderia até ter trabalho, mas

continuará nessa vida parada, sem ter muito o que fazer, e eu quero conhecer outras coisas, quero ir ao cinema, comer em restaurantes legais, ir a festas bonitas, estas coisas. A gente é jovem, a gente quer conhecer coisas novas.” (C-A4).

“Os meus planos são difíceis de conseguir realizar se eu ficar morando aqui, principalmente na questão de emprego. Por exemplo, quando tem concurso do estado ou um concurso federal não tem vaga pra cá. Sempre as vagas ficam pra capital. Aqui não tem muitas empresas. São mais pequenas lojas que trabalham só a família mesmo. Aqui e acolá empregam alguém que não é da família ou amigo. Mesmo se eu quisesse trabalhar por conta própria, eu não tenho dinheiro para começar. Então não vejo outra solução, a não ser, no futuro eu ir pra uma cidade maior como Boa Vista ou mesmo Manaus”. (B-B3).

Desse modo, considerando as discussões apresentadas nos capítulos anteriores, podemos examinar como a tensão rural-urbano interfere no processo de construção identitário dos jovens rurais, e no caso agora abordado, como exerce influência na idealização de seus projetos de vida.

Os processos de modernização de atividades diversas que foram se estabelecendo no meio rural, em Roraima, como bancárias, comércios e serviços, com destaque para a comunicação via telefonia celular e internet, embora ainda não alcance a todos, vem desconstruindo a percepção do rural enquanto espaço apenas voltado a atividades agrícolas. Essas mudanças estão diluindo as fronteiras simbólicas, possibilitando articulações entre valores e comportamentos rurais e urbanos.

Nessa perspectiva, Carneiro (1999) nos aponta o conceito de “rurbanização” para atestar o entendimento de que as identidades locais sejam mantidas na homogeneidade de padrões culturais. Ao contrário, é a diversidade e a combinação de valores e práticas oriundas dos distintos contextos que influirá nesse processo identitário.

Nesse contexto, a família e a escola se destacaram nos discursos dos jovens enquanto as instituições que causam maior impacto em suas vidas no presente e que mais os influenciam no que concerne aos seus projetos para o futuro. Os familiares e professores são apontados como principais incentivadores, e para alguns, os principais opressores, posto que muitas vezes estas são as pessoas mais significativas nas vidas dos jovens, tanto para dar apoio quanto para pressioná-los, mesmo quando essa não é a intenção expressa.

Isso posto, a atuação do jovem enquanto estudante ganha uma dimensão de destaque, posto que há um entendimento comum de que a realização de seus projetos de vida passa, obrigatoriamente pelo seu sucesso acadêmico.

Contudo, boa parte dos jovens questionaram para que estão estudando determinados conteúdos para os quais não conseguem verificar significância em seus cotidianos, bem como, indagam também sobre o modo como se dá processo de ensino e aprendizagem. Os jovens manifestaram desconforto diante das dinâmicas da escola a partir de suas dúvidas sobre o real impacto dos aprendizados do Ensino Médio em suas vidas.

A respeito dessa situação, o Presidente do INEP, Chico Soares, em entrevista ao portal de notícias brasileiro G1, na qual comentou sobre estudos da OCDE em relação ao cenário internacional da educação, problematizando sobre altas taxas de abandono à escola durante o Ensino Médio, argumenta que “O pouco sucesso no ensino médio pode ser atribuído ao fato de não oferecermos o que muitos jovens querem”.

Logo, identificamos tensões que também irão influir sobre suas perspectivas de futuro, como nos adverte Sposito:

(...) depositam confiança na escola, em relação ao projeto futuro, mas as relações são mais difíceis e tensas com o tempo presente, na crise da mobilidade social via escola. Configura-se, desse modo, uma ambiguidade caracterizada pela valorização do estudo como uma promessa futura e uma possível falta de sentido que encontram no presente. Nessa tensão, pode ocorrer uma relação predominantemente instrumental com o conhecimento, resposta mínima para se evitar a deserção ou o retraimento total em relação ao processo de sua apropriação. (2005, p. 124).

Analisamos esta problemática imersa no contexto líquido e ambivalente examinada por Bauman em sua obra sobre a educação e a juventude, na qual alerta para os níveis em que a educação vem sendo desenvolvida de forma meramente pragmática e descontextualizada, marcada pela redundância e pela ausência de sentido:

O nível mais baixo é a transferência de informação a ser memorizada. O segundo, a “deuteroaprendizagem”, visa ao domínio de uma “estrutura cognitiva” à qual a informação adquirida ou encontrada no futuro possa ser absorvida e incorporada. Mas há também um terceiro nível, que expressa a capacidade de desmontar e reorganizar a estrutura cognitiva anterior ou desembaraçar-se totalmente dela, sem um elemento substituto. Esse terceiro nível foi visto por Bateson como um fenômeno patológico, antieducativo mesmo. (BAUMAN, 2002, p. 17).

Partindo desse entendimento, as inquietações apresentadas pelos jovens ficam entendíveis e nos conduzem a reflexão sobre os rumos da educação e seu impacto, de fato, na vida dos estudantes.

Junte-se a essa problemática, que há uma grande preocupação dos jovens não apenas com a escola, com a profissionalização e com o futuro, mas também, com a possibilidade de decepcionar especialmente a família.

Para muitos, a possibilidade ou obrigatoriedade de sair do meio rural em busca de melhores oportunidades no meio urbano já é encarada com naturalidade, visto que tais processos de movimentações e mudanças marcam as vidas e os consequentes relatos, destas mesmas pessoas significativas, que migraram de seus locais de origem (localidades rurais de outros estados) em busca de melhoria de vida. Logo, “ter coragem” de encarar os desafios das mudanças, de enfrentar as adversidades do desconhecido, e ainda, levando na bagagem expectativas negativas em relação às potenciais discriminações que sofrerão decorrentes de sua origem rural, são aspectos constitutivos do espectro de tensões vivenciadas pelos jovens rurais, como podemos ilustrar:

“O tempo todo sou lembrado de que devo aproveitar o vigor da juventude e pensar de que estou no princípio de um longo caminho a percorrer. Me sinto diluído numa sociedade avançada, rápida, conectada, cheia de processos transitórios, e preciso ter capacidade de me adequar a estas mudanças, e ainda ter estilo próprio, mentalidade própria, sem alienações. Diariamente me percebo em meio a uma série de lutas e batalhas por mais espaço, um momento doloroso por tantas tragédias enfrentadas pela terra que amo, e que por sofrer tanto, posso ser qualificado como alguém “que não tem nada para fazer”. Mas, se meus pais, e outras pessoas que respeito e admiro, superaram estas adversidades quando migraram pra cá, há tantos anos atrás, e olha que tinham bem menos oportunidades do que eu, eu tenho que conseguir também.” (E-2).

“Hoje minha vida se resume a estudar, descansar um pouco no final de semana, aqui e acolá me divirto um pouco com a internet e a tv. Também gosto de ler. Mas, meu tempo é todo voltado para estudar e sonhando em trabalhar para conquistar a minha independência. Como eu vou conseguir me deslocar do interior para ir estudar o curso que eu quero? Será que eu vou conseguir aguentar as dificuldades de viver na cidade grande? Preciso aguentar, porque disso depende meu futuro. Meus pais vão me apoiar, já me apoiam com seu exemplo. Eles vieram de longe em condições muito ruins. Com pouca instrução. Então eu penso que devo isso a eles. Essa é a minha preocupação de hoje.” (C-C5).

“Quando eu tiver que ir morar na capital para estudar e trabalhar, é óbvio que eu vou sofrer bullying. É óbvio porque eu nunca saí do interior, então as pessoas vão me achar matuta”. (C-A3).

As tensões relatadas pelos jovens rurais remetem ao fato de serem procedentes de outra realidade, e de que diante do novo contexto serão reconhecidos como estrangeiros, visto que não faziam parte desse ambiente sociocultural desde sempre. Logo, a possibilidade de sofrerem discriminações lhes parece evidentes. (SIMMEL, 1983).

Nessa perspectiva, vale ressaltar que na balança das tensões e compensações, que de um lado carrega todas as complicações advindas da adaptação ao meio urbano de modo geral, e por outro um conjunto de “melhores condições de vida” que motivam e/ou pressionam a saída dos jovens rurais na direção do meio urbano, além de constar uma perspectiva de melhor acesso à oportunidade de formação profissional e ao mundo do trabalho, os jovens também vislumbram aspectos vinculados ao acesso ao lazer, como já fora apontado nos capítulos anteriores, e como podemos ratificar com o trecho abaixo:

“Meus planos pro futuro são bem definidos: concluir minha faculdade, passar num concurso federal, ter um negócio próprio, comprar uma casa, casar, ter filhos. Pra isso, não posso ficar em Rorainópolis simplesmente porque não há condições de alcançar esses objetivos lá. Além disso, quero viver num lugar que me dê oportunidade de lazer, de ir a um cinema, a um teatro, essas coisas. Isso ainda não tem no interior. Eu acho que até que eu consiga meus objetivos profissionais e venha a ter filhos, Rorainópolis não terá mudado tanto para oferecer as condições de vida que eu desejo pra mim e pra minha futura família. Assim, eu sei que não volto mais pra lá”. (E-5).

No bojo dessas “melhores condições de vida” ficam evidenciadas além das vivências materiais, também aspirações individuais vinculadas ao simbolismo do consumo, enquanto manifestação de autonomia:

Ir para a cidade grande significa, nesse universo simbólico, entrar em contato com a “modernidade”, quebrar os laços de dependência e de proteção familiar. Significa construir a sua individualidade, descobrir e realizar seus desejos e projetos como, por exemplo, ter acesso a serviços e bens de consumo inexistentes no campo (basicamente relacionados ao lazer: cinema, shoppings, restaurantes..., além de carro, aparelhos de som, etc.). (CARNEIRO, 1998, p. 111).

Compreendemos que tais percepções dos jovens em relação as suas perspectivas de futuro estão marcadas pelas histórias de suas famílias, que compõem as suas próprias histórias, levando-nos ao entendimento de que seus projetos de vida

contemplam as dinâmicas e problemáticas que se constituíram, e se constituem, a partir de processos sociais e históricos. Desse modo, as vivências dos jovens rurais e seus projetos de vida, emergem de conexões entre itinerários familiares, influenciados por contextos sociais diversos e os desejos e perspectivas dos jovens. Ou seja:

O projeto é a antecipação no futuro dessa trajetória e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos. [...] O projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significados à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade. (Velho, 1994, p. 101).

Mesmo assim, em seus discursos sobre seus projetos de vida, alguns jovens manifestaram que não tem clareza sobre essa temática. Confessaram que se angustiam diante do fato de ainda não terem um plano, não saberem bem o que farão daqui a um ou alguns anos. Essa angústia provém tanto do fato de se auto avaliarem como inferiores, diante das expectativas explicitadas pelos seus familiares, ante as orientações e advertências procedidas por seus professores, perante os projetos de vida anunciados pelos demais jovens com os quais convivem, e ainda, diante da confrontação com suas próprias dúvidas e indecisões.

Contudo, ficou claro que os jovens que vivenciam essa angústia em relação a que caminhos seguirão, também são os que se questionam sobre as influências externas que operam nessas decisões, nos levando a considerar que parte de suas indecisões provém de um processo de conflito entre descobrir o que eles realmente desejam e se adequar às pressões familiares e sociais, que cobram definições e foco dos jovens, em relação aos seus planos para o futuro. Esta situação foi identificada tanto entre os jovens indígenas, quanto entre os jovens não indígenas, como ilustramos abaixo:

“Eu penso em muitas coisas boas pro futuro. Às vezes eu acho quero ser da polícia, mas depois acho que não quero mais. Mas não sei se sou capaz de conseguir tudo o que desejo, por que eu tenho muitas dificuldades. Tenho dificuldades de aprender na escola. Eu demoro para aprender. Os outros aprendem mais rápido do que eu. Eu me esforço bastante por que não quero perder essa oportunidade. Isso é importante pra minha família e eu acho que pra mim também. Nem sei bem. Eu sou meio confuso, né? Mas, coisas boas pro futuro eu acho que é viver bem, com saúde, com paz na comunidade e com estudo bom. Mas são coisas que são difíceis por que não dependem só de mim. Acho que vou esperar para ver se fico mais decidido com o tempo.” (E-8).

“No futuro quero ter um emprego bom, com um salário justo que me permita aproveitar a vida. Eu quero poder pagar as contas e ainda ter algum dinheiro para fazer coisas que eu gostar, tipo viajar, conhecer lugares que eu só vejo na internet, sei lá. Mas se eu pensar bem sobre como é que eu vou conseguir isso, tipo, eu não sei bem. Até acho que eu penso isso, tipo, estudar, trabalhar e viver bem, porque afinal todo mundo quer isso da vida, mas não sei se isso tem sentido pra mim. Mas eu mesmo não tenho assim o meu projeto de vida. Não faço ideia do que eu quero ser ainda. Eu fico um pouco perdido entre o que meu pai diz que é melhor, o que os professores dizem, e eu? Tipo, o que eu quero mesmo? Isso me deixa agoniado, porque a maioria dos meus amigos já sabe. Eu não sei porque eu sou assim tão indeciso.” (C-B3).

“Minhas preocupações estão todas relacionadas com o futuro. É incerto e eu tenho medo. Muito medo. Eu penso que é incerto. Eu penso que eu devo estudar, trabalhar, constituir uma família, talvez. Pelo menos é assim que sempre fui orientada em casa e é o que esperam de mim. Mas no fundo, eu não sei nada sobre o futuro. É muita pressão. Mas, no futuro quero me preparar, estudar, estudar e estudar. Quero ser concursada para ter estabilidade financeira. Assim, quem sabe eu possa fazer alguma coisa que seja eu que realmente queira, tipo, sei lá, conhecer lugares diferentes.” (E-1).

Os trechos acima, ilustram bem a situação de conflito vivenciada pelos jovens decorrente das expectativas dos familiares e educadores em relação a construírem um projeto de vida, claramente marcado direcionado pelos valores e atividades que conformaram as suas gerações, como a manutenção da paz na comunidade, para os indígenas, relatada na fala do jovem E-8, e a independência financeira como pilar para as demais conquistas, no caso dos demais jovens não-indígenas.

A fala do jovem C-B3, e mais ainda, as suas expressões de angústia durante a fala, quando tenta explicar que o itinerário padrão que a maioria dos jovens que ele conhece defendem, bem como os adultos aconselham, não tem sentido pra ele, embora ele reconheça que são objetivos que “todo mundo quer”, ele causou comoção inequívoca na maior parte dos jovens presentes. Muitos acenavam positivamente, num misto de apoio e identificação com o sentimento expresso. O ponto forte deu-se no trecho “*eu penso isso, tipo, estudar, trabalhar e viver bem, porque afinal todo mundo quer isso da vida, mas não sei se isso tem sentido pra mim*”, pois as manifestações foram mais efusivas, com abraços e frases do tipo “eu me sinto do mesmo jeito” e “ainda bem que não sou só eu que me sinto assim”. Esse momento nos remeteu aos entendimentos de Frankl no seu livro “Em busca de sentido”, quando explica:

A busca por sentido certamente pode causar tensão interior em vez de equilíbrio interior. Entretanto, justamente essa tensão é um pré-requisito indispensável para a saúde mental. (...) O que o ser humano realmente precisa não é um estado livre de tensões, mas antes a busca e a luta por um objetivo que valha a pena, uma tarefa escolhida livremente. (FRANKL, 2013, p. 129-130).

Especialmente no caso dos jovens não-indígenas, ficou bem evidente que embora compreendam as preocupações e recomendações dos pais em relação ao futuro, estas pesem sobre suas reflexões, apenas estas referências familiares não parecem ser suficientes para embasar suas decisões diante das possibilidades que conseguem entrever. Claramente manifestam a necessidade dar voz e vez à sua individualidade, nesse inquietante diálogo entre interesses, conforme Carneiro explica:

O conflito entre os interesses familiares e os projetos individuais resulta em negociações que têm como referência um sistema de valores que combina o universo simbólico "tradicional" - mantido e atualizado pela família - e os da "modernidade", adquiridos na sociabilidade da cidade. (CARNEIRO, 1998, p. 101).

Outro aspecto significativo discutido pelos jovens rurais, concernente ao futuro, refere-se a como e quando planejam que se dará, ou não, a constituição de suas próprias famílias. Observamos que mesmo que estes jovens encontrem-se sob a influência de uma sociedade machista, suas manifestações sobre essa temática, não apresentou uma diferenciação por sexo. Visto que, constatamos que tanto os jovens do sexo masculino, quanto as do sexo feminino, apresentam os seus projetos de vida orientados pelos aspectos da formação profissional e inserção no mundo do trabalho enquanto objetivos principais e, apenas posteriormente, parte dos jovens entrevistados revelaram a intenção de formar suas próprias famílias.

Podemos exemplificar que os projetos de vida dos jovens encontram-se direcionados a conquistas profissionais, a partir de algumas passagens a diante:

“Ter um bom estudo, fazer uma faculdade e ser independente. Todos os jovens que eu conheço querem isso. Sair de casa e morar só é uma coisa que eu quero conseguir no futuro.” (A-C5).

“Quando os jovens pensam no futuro a primeira coisa que vem é conseguir emprego bom e que pague bem. Não só para as mulheres, mas pra todos os jovens. Pelo menos todos os meus amigos jovens pensam assim. A gente estuda e já está pensando num concurso. A gente precisa entrar no mercado de trabalho lá fora. A gente busca o tempo todo saber se não tem um curso legal abrindo edital, uma vaga de emprego e tal.” (B-A2).

“Minha mãe sempre disse: minha filha, estude. Não seja como eu! Porque minha mãe não estudou. Praticamente, ninguém da minha família estudou. Então eu fui crescendo com uma certa pressão, de estudar para poder ser isto ou ser aquilo. Eu olhando pra trás, eu vejo que esse objetivo de estudar pra ser alguém na vida, está na minha cabeça desde pequenininha. Eu nunca quis ser dona de casa, nunca quis viver na beira do fogão e cuidando de menino e ainda indo pra roça. Eu sempre quis ser alguém e eu sei que eu vou conseguir. Eu também quero voltar formada e ajudar de alguma forma as pessoas que mora na vila e nas vicinais. Mas acho que não vou morar aqui, por que nem vou conseguir trabalho por aqui mesmo.” (A-B4).

“Ter um bom estudo, fazer uma faculdade e ser independente. Todos os jovens que eu conheço querem isso. Sair de casa e morar só é uma coisa que eu quero conseguir no futuro.” (A-C5).

Esses jovens rurais, que apresentaram como principal foco dos seus projetos de vida a formação profissional e a atuação profissional, também revelaram expectativas em relação ao que esperam como consequência do alcance desses objetivos. De modo geral, independentemente dos demais marcadores de diferenciação, os jovens rurais almejam “melhorar de vida”, “viver mais tranquila”, “aproveitar mais a vida”, “ser feliz”, como exemplificamos na sequência:

“No futuro quero ter um emprego bom, com um salário justo que me permita aproveitar a vida. Eu quero poder pagar as contas e ainda ter algum dinheiro para fazer coisas que eu gostar, tipo viajar, sei lá. Eu quero ter uma vida boa e estou estudando pra isso.” (C-B3).

“A gente fica estudando boa parte do dia. Quando estiver na faculdade, acho que vou ter que estudar mais ainda, então espero uma compensação do meu empenho conseguindo um bom trabalho, um trabalho que eu goste e que eu consiga um rendimento para me divertir também e claro, ser feliz.” (A-B7).

“Eu quero fazer a minha graduação, quero fazer mestrado e doutorado porque eu gosto demais de pesquisa, mas ao mesmo tempo eu quero conseguir montar o meu consultório veterinário, eu quero muito ser veterinária por que eu tenho certeza de que isso me fará uma pessoa realizada e feliz.” (C-B5).

“Penso que terei recompensas por minhas lutas constantes na Academia, sendo um profissional competente, justo e solidário.” (E-2).

Como já pontuamos, nenhum dentre os jovens informantes defendeu casar-se ou algo similar, como seu projeto de vida. Muitos sequer mencionaram este aspecto enquanto objetivo constante de seu projeto de vida. Contudo, alguns jovens fizeram

referência a ideia de formar sua própria família no futuro. Todavia, pudemos verificar que o tipo de relacionamentos que almejam construir é mais contundente em seus discursos, do que o casamento enquanto ação em si mesma, conforme ilustramos na sequência:

“Ter uma vida financeira estável, é isso que me ocorre quando penso no futuro! Depois vem outras questões, mas todas dependem desta primeira. Outros planos como ter filho, viajar, casar - se encontrar alguém bacana, honesta, trabalhadora, boa mãe, bom humor e tal -, me dedicar a um hobby. Penso em aprender a tocar um instrumento musical, por que adoro música.” (E-4).

“Eu quero estudar pra no futuro ter uma vida boa, eu penso no que eu estou fazendo agora para tentar não fazer alguma coisa que possa me causar algum dano. Mas eu não acho que todos os jovens pensem assim. Penso na família que vou construir no futuro. Quero conseguir construir uma família aonde as pessoas se amem de verdade e se respeitem. Mas, a primeira coisa que vem na cabeça é conseguir um bom trabalho e ser reconhecida pelas pessoas que são importantes pra mim ou por todo mundo.” (C-A2).

“Me preocupa saber se um dia poderei casar com outro homem sem ser taxado com qualquer estereótipo. Mas, penso positivamente sobre o meu futuro, que terei alcançado os meus objetivos e que deixarei minha família numa posição social melhor e mais confortável.” (E-3).

“No futuro desejo ter um negócio próprio aqui mesmo em Boa Vista, e também construir uma família legal. Uma família que tenha diálogo, que as pessoas se amem e se cuidem. Minha preocupação pro futuro é com a incerteza do mercado. Estou fazendo de tudo para guardar dinheiro para abrir um negócio, mas só vou fazer isso quando estiver mais segura quanto ao mercado.” (E-5).

No entanto, essa posição dos jovens rurais em relação ao casamento, tem por base uma reflexão sobre os projetos de vida de jovens de gerações anteriores, a partir dos relatos de seus próprios familiares, nos quais casar-se, especialmente para as mulheres, se constituía ou se impunha enquanto objetivo maior de vida, para a maioria. Assim, os jovens rurais, homens e mulheres, avaliam que tais comportamentos não cabem mais na atualidade e que há prioridades (formação profissional e inserção profissional) que vão mais de encontro às suas aspirações de realização.

Cabe ainda problematizarmos, que partindo do entendimento de Canclini de que “a identidade é uma construção que se narra” (2006, p. 129) e que essa narrativa é dinamizada a partir de processos de comunicação multicontextuais que nos

possibilitam pensar um “sujeito híbrido” que se articula e negocia dentro de grupos diversos, há de se compreender que essa narrativa não conste apenas de repetição ritualizada e coesa.

Portanto, embora a maior parte dos jovens entrevistados (72%) sejam frutos de relacionamentos baseados na tradição do casamento, essa influência não se configura como hegemônica diante das demais. Ademais, Hall nos alerta que a perspectiva da hibridização implica o “reconhecimento de uma necessária heterogeneidade e diversidade, uma concepção da identidade que vive com e através da diferença, não apesar dela” (1993, p. 401-2).

Nesse íterim, cabe ilustrarmos essas construções dos jovens sobre o casamento. Vejamos algumas falas:

“Eu também não penso em casar logo. Não me preocupo com isso hoje. Mais importante é conseguir um bom trabalho para não viver às custas de ninguém, nem de pai e nem de marido. Acho que as minhas amigas todas pensam assim também. Mas todo mundo adora namorar. Mas só namorar.” (A-B4).

“Antes, no tempo que a minha mãe era jovem, a maior preocupação era arrumar um marido, porque até ter escola para estudar era difícil, então não tinha como pensar isso. Então a maior independência era casar, ter sua casa e seus filhos. Hoje minha mãe fica preocupada porque eu digo que tão cedo não quero casar e nem ter filhos. Mas hoje ser jovem é diferente do tempo dela. Teve um tempo em que eu me preocupei que ela achasse que eu sou gay porque não penso em casar e vivo estudando muito, então pouco saio de casa, e não tenho namoradas, tipo, séria, só umas ficantes aqui e ali. Mas hoje, eu sei que ela já entendeu que eu tenho outras prioridades.” (A-A3).

“Antes o jovem nem decidia a sua própria vida, hoje já não é bem assim. A minha mãe, ela foi até a 3ª série, pela falta de oportunidade de estudar e porque ela trabalhava na roça, ela não conseguiu mais estudar. Hoje tem mais oportunidade. Hoje é mais desenvolvido. Antes, a maior preocupação da mulher era casar e ter filhos. Hoje é estudar e conseguir um bom trabalho e depois, talvez, casar.” (B-A2).

“Hoje eu vivo para estudar. 90% é estudo e 10% é sair para as festas e namorar. Além disso, eu limpo a casa, mas não gosto. Minha mãe, que é de outro tempo, é uma pessoa difícil de me entender, porque ela quer que eu me forme e tenha um bom trabalho, pra isso ela sabe que eu não tenho como continuar no interior. Mas ela fica horrorizada quando eu digo que gosto de namorar, mas não quero casar. Eu não quero ter filhos. Isso é tão horrível assim? Porque toda mulher tem que querer ter filhos? É uma obrigação? Eu quero ter uma carreira,

viver muito. Diferente da minha mãe, que só viveu para cuidar de filhos, eu quero conhecer o mundo.’ (C-A2).

Apesar desses discursos sobre o casamento não ser prioridade nos projetos de vida dos jovens rurais, a gravidez precoce é uma fonte de preocupações tanto dos jovens rurais, quanto de seus pais. Tal inquietação não se apresenta sem motivos, visto que o estado de Roraima apresenta uma das maiores taxas de fecundidade (2,27), ficando atrás apenas dos estados do Acre (2,52), Amapá (2,34) e Amazonas (2,32). Destaca-se ainda, que Roraima apresenta a maior taxa de gravidez na adolescência (20,1%), seguida pelo estado do Acre (19,9%). (IBGE, 2015).

Estes dados fomentam políticas públicas estaduais e municipais que buscam a redução desses indicadores, levando informações de prevenção à gravidez entre as jovens com idades entre 15 e 19 anos.

Assim, a população local reconhece a problemática existente, não apenas pela constatação cotidiana da ocorrência da gravidez entre seus familiares e conhecidos, mas também pelas campanhas educativas, embora que nas áreas rurais estas tenham um alcance menor devido a dispersão de parte da população em sítios, assentamentos, fazendas, vilas e comunidades indígenas.

Contudo, vale ressaltar que, segundo o Sociólogo do IBGE-RR³⁵, Senhor Vicente de Paulo Joaquim, em entrevista concedida ao jornal local Folha de Boa Vista, tratando sobre a referida problemática, ressalta que para analisar estes dados há que se considerar particularidades do estado, como por exemplo a sua população indígena, cujas jovens casam-se aos 13 ou 14 anos devido a uma questão cultural local. O citado Sociólogo menciona ainda que “a situação pode ser mais acentuada nas áreas rurais de Roraima bem como nas áreas indígenas, onde as políticas públicas acabam sendo menos efetivas.”

Desse modo, apesar dos discursos dos jovens sobre relacionamentos amorosos apontar para, regra geral, não terem interesse em compromissos mais sérios ainda jovens, isso não significa que não mantenham uma vida sexual ativa. Portanto, uma das preocupações deles, assim como de seus pais é relacionada a possibilidade da gravidez indesejada.

³⁵ Fonte: <http://folhabv.com.br/noticia/-Indice-de-gravidez-na-adolescencia-em-Roraima-e-o-maior-do-Brasil/2032>. Acesso em 02 dez 2015.

Nesse sentido, observamos que tanto os jovens do sexo masculino, quanto as jovens manifestam tal preocupação. Contudo, foi um consenso entre estes que as meninas são mais pressionadas pelos pais, que os meninos, em relação a evitar gravidez. Constatamos que as jovens são orientadas a não fazer sexo, prioritariamente pelas mães, enquanto que os meninos são orientados a fazer uso de meios que previnam a gravidez. Durante os debates, os próprios jovens problematizaram o que chamaram de “postura machista das mães” nessa orientação às filhas, visto que na mesma família em que há jovens de ambos os sexos, as posturas sobre como prevenir a gravidez precoce variam conforme o sexo dos filhos.

Daí os jovens se perguntam: se os jovens podem fazer sexo, desde que façam uso de camisinha para evitar gravidez, como quem eles farão sexo, se as jovens não devem fazer sexo? Esse questionamento contou com um tom irônico em relação a tais orientações das mães, partindo de uma suposição dos jovens de que seus pais, quando jovens teriam outro referencial sobre esta questão, no qual, conforme os relatos das histórias de vida dos pais feitas aos filhos, suas mães casaram-se virgens ou mantiveram suas primeiras relações com seus pais. Os pais, por sua vez, relataram aos filhos que “moça séria não faz sexo assim facilmente e com qualquer um”, e diante disso, melhor seria buscar sexo com mulheres com as quais não tivessem a menor pretensão de casar, como prostitutas, por exemplo.

Assim, todos os jovens presentes aos debates consideraram incoerentes estas posturas de suas famílias em relação a estes aspectos. Porém, todos também concordaram que a preocupação maior dos pais, que eles também compartilham, é de que ocorra uma gravidez precoce e tal episódio interfira sobremaneira no seu futuro.

Esses debates podem ser exemplificados nos trechos de falas dos jovens rurais, que seguem:

“O jovem é tratado diferente pelas pessoas. Daí passamos a também ver as pessoas de modo diferente. Tem maior cobrança sobre os jovens, os pais ficam em cima por causa de namoro, medo de você fazer sexo e tal. Hoje, quando a menina menstrua a mãe já começa a ter aquelas conversas sobre a vida, namoro e etc. O pai não conversa, mas a mãe conversa. Quando a gente vai crescendo os pais vão começando a conversar sobre futuro e os perigos da vida. Isso só se faz na juventude. E também, a conversa é diferente se você for uma moça ou um rapaz. Até parece que a gravidez não precisa dos dois pra poder acontecer. Mas, nossos pais, inclusive nossas mães, ainda

são muito machistas sobre esse assunto. Por mais que explique e assombre acho que não acreditam que nós vamos ter cuidados ao agir.” (C-B1).

“A maioria dos pais tem preocupação da gente transar, eles ficam em cima dizendo pra gente estudar, se formar, trabalhar e depois namorar sério e tal. O medo é da gente engravidar, por que daí tudo fica mais difícil. Você pode perder a juventude se isso acontecer. Porque vai ter que virar adulto. Vai ter que sustentar esse filho e é difícil estudar, trabalhar e criar filho, ainda mais se você for muito nova. A minha mãe fica em pânico quando uma amiga minha engravida. O interessante é que ela nunca me perguntou se eu ainda sou virgem. Acho que ela prefere não saber. Sei lá. Já com o meu irmão, que é mais novo que eu, ela fala sobre sexo sem problema, até rir das histórias que ele conta. Eu só observo o machismo dela.” (C-B8).

“Hoje eu foco muito em conseguir um trabalho e terminar os estudos. Claro que eu também gosto de curtir, de namorar, mas com cuidado por que se vier um filho muito novo, perde a juventude sim, porque ser jovem não é só idade não, é poder fazer planos e sonhar, fazer besteira e tentar de novo, é ir pra balada sem maior preocupação, essas coisas. Se rolar um filho, o mundo da pessoa todo muda, daí a prioridade vai ser lata de leite e fraude. Não vai mais viver a juventude. E isso vai comprometer o futuro também.” (C-C5).

Embora haja um fator cultural a ser considerado quando discutimos sobre a gravidez entre adolescentes indígenas, identificamos que esses jovens também manifestaram que se preocupam em não engravidar cedo, pois pretendem continuar estudando e, analisando as histórias de vida de seus familiares, constatam que o casamento e a maternidade/paternidade cedo, comprometeu o usufruto de oportunidades nesse sentido.

Contudo, as jovens indígenas não manifestaram opinião nos debates que versaram sobre um tratamento desigual entre os sexos. Em suas falas, evidenciaram que percebem que a responsabilidade na adoção de algum método anticoncepcional é da mulher, revelando a absorção de uma percepção machista e que atualmente eles têm mais oportunidades de acesso à educação e formação profissional que seus antepassados e, ainda, que a gravidez precoce pode prejudicar esses objetivos, como é possível ilustrar na citação abaixo:

Eu tenho preocupação e tomo muito cuidado para não me envolver num outro caminho ruim. Principalmente nós meninas, temos que ter muito cuidado para não engravidar. A gente tem que se cuidar, por que hoje em dia todas as meninas estão tendo filho muito novas e

não conseguem mais estudar. Isso já acontecia no tempo dos meus pais e avós, mas eles não tinham as oportunidades que tenho hoje de estudar e me formar. Então, eu só quero ter filho depois que me formar e casar. (B-A5).

Um outro aspecto que se destacou nos discursos dos jovens enquanto debatiam sobre seus projetos de vida foi o caráter humanitário que se apresentou como “final feliz”, diante da possibilidade de concretização desses projetos. Além de seus projetos de vida contemplarem a realização de objetivos e aspirações pessoais, também abrangem, como consequência, o amparo de seus familiares, o benefício às suas comunidades indígenas, ou às suas vilas, estendendo-se de suas pessoas, às suas famílias, suas comunidades até uma percepção de fazer a diferença na vida das pessoas de modo geral, ou com suas palavras “poder fazer a diferença no mundo”.

Embora esse aspecto altruísta dos projetos de vida tenha ficado bem mais evidenciado nas manifestações dos jovens indígenas, indicando a influência cultural no seu sentimento de pertença local, os jovens não-indígenas, em menor ocorrência e ênfase, também externaram tais intenções, conforme ilustramos abaixo:

“Penso que terei recompensas por minhas lutas constantes na Academia, sendo um profissional competente, justo e solidário. Meu plano pro futuro é fazer a diferença, se como Juiz, sendo imparcial, punindo no rigor da lei quem afrontá-la, se como ocupante de cargo político, mantendo a honestidade e os bons princípios que aprendi com minha família. Mas, resumindo, é poder fazer a diferença no mundo. Além de, com minhas atividades profissionais, conquistar um bom patrimônio que me dê liberdade para realizar atividades filantrópicas, e sem dúvida, melhorar as condições de todos os familiares, de uma ponta a outra.” (E-2).

“Eu quero conseguir passar pra medicina, porque eu quero ajudar os outros com o meu trabalho. eu quero ajudar da melhor maneira possível a dar um futuro melhor para as pessoas que não tem bom atendimento médico. Pode ser através de pequenas coisas como por exemplo fazer um atendimento de graça numa vila, numa vicinal, aonde a pessoa não tem fácil acesso aos médicos, ou quem sabe, estudando mais e mais e conseguindo trazer novos tratamentos, novas pesquisas para ajudar as pessoas com o que eu vou saber fazer. Eu quero ser feliz e acho que fazer os outros menos infelizes faz parte disso”. (AB-8).

“Eu quero ir embora, acho que vou conseguir superar as dificuldades e me sentir livre, me sentir independente e voltar em casa para visitar a minha mãe e dizer “mãe eu consegui isso, isso e isso, saí daqui do interior rodada mas eu conseguir vencer sozinha”. A gente tem necessidade de dizer pra nós mesmos que a gente é capaz e pode

vencer na vida. Quando eu segurar o canudo na formatura eu sei que eu vou apertar e pensar que esse aqui, eu que conquistei com meu esforço. Daí, vou poder viver a minha vida com uma profissão, um trabalho decente, e ainda ajudar minha família. Mas quero que meu trabalho seja importante não só pra mim. Eu sonho em poder contribuir em algo que ajude a humanidade a ser melhor. Eu ainda não sei bem como vou conseguir isso, mas sei que será através do meu trabalho.” (C-C3).

Desse modo, até o momento, pontuamos os tópicos mais destacados pelos jovens rurais sobre seus projetos de vida, ficando evidenciado que a tensão rural-urbano os atravessa de modo especial nos aspectos da formação profissional e acesso ao mundo do trabalho e às melhores condições de vida

Assim, apontamos a seguir um comparativo entre os principais aspectos da vida que ocupam as atenções dos jovens rurais no presente, e seus principais interesses para o futuro. Este quadro foi elaborado a partir das discussões travadas entre os jovens rurais, nos quais estes vinculam seus projetos de vida as questões que mais despendem a sua atenção no presente. Os tópicos estão elencados conforme maior a ocorrência nos debates, em ordem crescente, independentemente dos marcadores de diferenciação adotados para a composição dos grupos focais.

Quadro 2- Comparativo entre os aspectos do presente e interesses do futuro dos jovens rurais.

PRINCIPAIS ASPECTOS DA VIDA DOS JOVENS NO PRESENTE	PRINCIPAIS INTERESSES DOS JOVENS PARA O FUTURO
Estudar/ingressar ou concluir no Ensino Superior.	Dar prosseguimento nos estudos (Graduação e pós-graduação)
Conseguir um trabalho.	Conquistar estabilidade financeira/Concurso público/Negócio próprio.
Acompanhar o avanço da tecnologia nas comunicações/estar conectado às redes sociais.	Adaptação ao meio urbano/morar sozinho(a) ou com amigos/conquistar amigos/suplantar o preconceito/ter melhores condições de vida.
Pressão de muitas responsabilidades/medo de decepcionar a família/medo de fracassar.	Orgulhar a família/conquistar reconhecimento pessoal e profissional.
Diversão/Amigos/Namoro.	Ajudar financeiramente a família.
Preocupação diante da necessidade de mudança para o meio urbano/preconceitos/condições financeiras para mudança e permanência/distância da família.	Ser independente/ser livre/ser feliz/ morar sozinho.
Preocupação com a gravidez precoce/não desejam casar cedo.	Constituir uma família em que haja amor e diálogo.
Medo diante das incertezas do futuro. Ainda não tem decisões sobre o futuro (se	Se divertir mais/usufruir de diferentes opções de diversão/acesso à cultura/viajar.

prosseguirá nos estudos e se sairá do meio rural para o urbano).	
Preocupação com a economia e política local, nacional e internacional.	Fazer a diferença no mundo/melhorar a vida das pessoas a partir da atuação profissional.

Fonte: Elaborado pela autora.

Podemos verificar no Quadro acima que há uma nítida correlação entre os principais aspectos que no presente compõem a vida dos jovens rurais e seus interesses para o futuro. Assim como, também fica inequívoco que a formação profissional e o trabalho, atravessados pelas possibilidades/obrigatoriedades de deslocamento para o meio urbano, se apresentam como condicionantes para os demais aspectos.

A partir dessa análise, é possível distinguirmos que os jovens se encontram vivenciando os conflitos referentes a discrepância entre seus projetos de vida idealizados e as condições efetivas no presente, para a sua realização. Ou ainda, como nos orienta Carneiro (1998), a concepção de um projeto para o futuro associado a um conjunto de estratégias para o seu alcance, com diferenciados graus de elaborações, de modo geral, compôs uma caracterização dos jovens rurais nas comunidades em que a referida pesquisadora atuou.

Nesse contexto, foi possível identificar que entre os jovens-jovens que o aspecto relacionado ao medo de decepcionar as suas famílias, bem como o medo do fracasso, aparece com maior ênfase do que entre os jovens-adolescentes. Embora os segundos já sofram pressões familiares sobre quando e como se dará a sua inserção no ensino superior e no mundo do trabalho, os jovens-jovens que ainda estão concluindo o ensino médio e ainda não estão desenvolvendo alguma atividade profissional, ou exercem atividades de subemprego são cobrados com maior veemência.

Dentre essas atividades de subemprego foram mencionadas a venda de artigos de revista de empresas como a Avon e a Natura; realizam serviços esporádicos como capina de terrenos, manicure ou faxinas domésticas.

Tais cobranças são percebidas pelos jovens vindas dos seus familiares, mas também da escola, dos amigos – em especial aqueles que já conquistaram vagas no ensino superior e/ou estão trabalhando – e sentem-se temerosos quanto à sua competência para atender às expectativas, que agora também já são deles mesmos. Alguns relataram ter pesadelos, acordar à noite sem conseguir dormir e que passaram a evitar locais e/ou pessoas com quem já viveram situações de cobrança e

constrangimento, como reuniões familiares, encontro com amigos com quem estudaram juntos no ensino fundamental ou amigos que foram morar no meio urbano e vêm para visitar familiares em suas cidades rurais.

Nesse aspecto, o temor de ser enquadrado com jovem nem-nem pelas pessoas que lhes são significativas, repercute em sua autoimagem, impactando no seu processo de construção identitário.

Esse temor se reforça pelo contexto socioeconômico em que são justamente os jovens a parcela da população que apresenta maiores índices de desemprego, pelos fatores já discutidos anteriormente, que nos levaram a existência da geração nem-nem.

No grupo focal realizado na cidade de Boa Vista (GF-BOA VISTA 01) e no grupo focal realizado em Amajari (GF-AMAJARI 02), a temática “Geração nem-nem” foi trazida a debate por participantes que já haviam se apropriado da problemática através de atividades da escola, e durante as discussões, em ambos os grupos, despontaram interpretações sobre o termo “nem-nem”. Nessas interpretações, predominou a insatisfação de sentirem-se responsabilizados por um contexto desfavorável ao desenvolvimento adequado e inclusão dos jovens, em especial os que provém e subsistem no meio rural. O termo “nem-nem” foi interpretado como pejorativo e marginalizador, tendo em vista que, segundo os jovens o “nem-nem” pode ser substituído por “sem futuro”, “nem aí pra vida”, “parasita” ou “malandro”.

Para ilustrar, um jovem relatou que após seus pais assistirem a uma reportagem na TV sobre a “geração nem-nem”, o pai voltou-se para ele e exclamou:

“(...) se for pra você ser um nem-nem, me avise logo que eu vou parar de gastar com você comprando caderno e vou te colocar logo para puxar carroça. Talvez você sirva pelo menos pra isso.” (A-C5).

O referido jovem comoveu aos demais com seu relato, externando seu desconforto em ser repetente no ensino médio e tendo reprovações no ensino fundamental. Relata que sua família sempre o compara a outros jovens, como por exemplo a suas irmãs, sendo que a mais velha que ele dois anos, estuda e já trabalha numa escolinha da vila em que mora, e a outra, mais velha do que ele quatro anos, está fazendo faculdade em Boa Vista e trabalhando numa lanchonete, e sua condição atual de estudante sem trabalho é um fardo em sua vida, pois sente-se inútil e um peso pra sua família. Além do que, não vê garantia de que os estudos de fato se convertam em oportunidades de trabalho, retomando aspectos sobre a percepção dos

jovens sobre a ação educativa da escola já abordada. Sobre essas inseguranças que assolam os jovens, Pais pontua que:

Para muitos jovens o mundo da escola parece aleatório: as avaliações são aleatórias, os diplomas idem, o futuro “aspas, aspas”, apesar dos suportes familiares. O mundo real, da “vida verdadeira”, é cheio de incertezas. (PAIS, 2006, p. 12).

A relevância dessas problemáticas e sua influência no processo identitário dos jovens se revelam quando verificamos que os produtos culturais – no caso, as etapas de formação e de conquistas pelas quais se espera que os jovens superem - se impõem aos jovens, na medida em que são interiorizados por esses, e que lhes atribuem significados em si e por si mesmos. Um exemplo disso é o ingresso de jovens em cursos de ensino superior no qual o critério de escolha foi *“a nota que eu tirei no ENEM só deu para entrar nesse curso, daí é melhor ser um estudante universitário de um curso que a gente não gosta tanto, do que ficar parado sem estudar e sem trabalhar, e ainda dar desgosto pra família.”* (BV-B1).

Nessa lógica, usufruir do status de universitário enquanto resposta às exigências e cobranças pessoais e sociais, para parte dos jovens ouvidos, constitui o sentido de estar no curso, e não a formação e a futura atuação profissional como realização em si. Assim, os jovens abordaram essa problemática a partir das possibilidades de virem a se identificar com o curso superior no decorrer dos estudos, mas também, como condição para se manterem no meio urbano, considerando que recebem apoio de suas famílias para tanto, embora não tenham clareza sobre a continuidade ou não nesses cursos. Contudo, também argumentam que alimentam expectativa de inserção no mundo do trabalho a partir da formação superior, independentemente da sua identificação pessoal com o curso.

Nessa lógica, analisamos esta situação na perspectiva de que o mundo do trabalho, em nosso contexto líquido, configura-se numa permanente busca de alçar a oportunidades imediatas, inclusive profissionais, que sinalizem possibilidades de satisfações de consumo. Então, embora tenhamos registrado percepções atravessadas por sentimentos altruístas, de modo geral “raramente se espera que o trabalho ‘enobreça’ os que o fazem, fazendo deles ‘seres humanos melhores’, e raramente alguém é admirado e elogiado por isso”. (BAUMAN, 2001, p. 161).

Assim sendo, esses jovens admitiram que não costumam revelar sua falta de identificação com os cursos de graduação, especialmente para seus familiares, pois

significaria que não conseguiu alcançar seus objetivos. Logo, teatralizam sobre a satisfação em relação a formação profissional em curso, como estratégia de negociação com a realidade.

De todo modo, embora alguns dentre os jovens rurais entrevistados demonstrem clareza sobre as motivações que os conduzem a determinadas áreas profissionais, a maioria deles mostrou-se hesitante sobre o assunto, manifestando que qualquer decisão pode vir a ser provisória.

Nesse sentido, Pais nos auxilia nessa análise, esclarecendo que as culturas juvenis são marcadamente performativas, visto que muitas vezes os jovens não se adequam aos padrões sociais impostos. Desse modo, sob as influências da fluidez das estruturas sociais que geram inconstâncias e descontinuidades, vão negociando um presente que tem muita mais significância que o futuro imprevisível:

Esta “vida de inconstâncias” muda, ainda que sem suprimir, os constrangimentos do trabalho profissional, educacional e familiar. Os jovens tendem a tudo relativizar: desde o valor dos diplomas até a segurança de emprego. E não o fazem sem razões. Os diplomas são cada vez mais vistos como “cheques sem fundos” sem cobertura no “mercado de trabalho”, também ele sujeito a inconstâncias, flexibilizações, segmentações, turn overs. (PAIS, 2006, p. 9).

Assim, partindo também das reflexões de Simmel³⁶ em relação a cultura enquanto síntese da relação entre o sujeito e o objeto, compreendemos que as aspirações dos jovens rurais estão conformadas a partir de uma trama complexa de cobranças e conflitos, nos quais “todos os movimentos da alma como a vontade, o dever, a vocação, o desejo são os prolongamentos espirituais da determinação fundamental da vida: em seu presente, ela contém, em uma forma particular que só existe no processo vital, seu futuro” . (SANTOS, 2014, p. 146).

Desse modo, concluímos que os projetos de vida dos jovens rurais estão subordinados a uma dinâmica do campo de possibilidades, cuja delimitação tramita pelo cruzamento de paradigmas culturais marcados pela competição (Velho, 1994). Nesses termos, a tensão rural-urbana não só se apresenta evidente em seus projetos de vida, como também se estabelece enquanto ponto nevrálgico de interseção de influências e aspirações antagônicas que repercutem em seus processos identitários.

³⁶ Nos referimos a obra de Simmel “O Conceito e a Tragédia de Cultura”, de 1911, disponível em alemão. Para fins desta tese, fizemos uso da tradução publicada em 2014 na revista *Crítica Cultural*, pelo professor Antônio Carlos Santos. Assim, as citações do texto de Simmel apresentam, como referência, Santos (2014).

7. (IN)CONCLUSÕES.

Ao chegarmos ao desfecho dessa jornada, sentimo-nos num misto de excitação, por finalmente nos percebermos digitando as últimas ideias, porém assolados por uma intensa sensação de encontrar-se diante de um trabalho que sempre nos parece incompleto, diante das possibilidades que ainda vislumbramos de abordagens aos dados coletados, as vivências oportunizadas pela convivência com os jovens durante os debates nos grupos focais e entrevistas, e ainda diante das leituras diversas.

Contudo, um exercício similar ao realizado no momento da elaboração do projeto de pesquisa, que foi buscar afinar o objeto de pesquisa de modo que fosse exequível, agora se faz necessário, para diante do alcance do objetivo proposto, colocar um ponto final.

Desse modo, escolhemos nomear este momento da tese com o termo “(in) Conclusões” visando efetivamente concluir esse trabalho, porém com uma condição de continuidade, em trabalhos futuros.

Assim, destacamos de modo pontual, os resultados alcançados, diante do intuito de nossa empreitada de compreender os significados que os jovens rurais que vivem em Roraima, atribuem à tensão rural-urbano, analisando sua interferência no processo identitário e em seus projetos de vida.

Portanto, sintetizamos nossas conclusões diante dos três aspectos principais que constituíram o objetivo da pesquisa: sobre os significados da tensão rural-urbano; sobre como a mencionada tensão influi nos processos de construção identitária dos jovens rurais, e por fim, como a tensão rural-urbano influencia seus projetos de vida.

Sobre o primeiro aspecto, podemos aduzir dos discursos dos jovens rurais a tensão rural-urbana, já nas primeiras questões constantes no roteiro para a realização dos grupos focais e entrevistas, quando perguntamos o que pensam sobre o futuro. Pois, observamos respostas pautadas em comparações entre os meios urbano e rural. Todavia, quando questionamos: O que significa ser jovem, vivendo no meio rural? Imediatamente, os jovens rurais, independentemente de encontrarem-se morando no momento da entrevista no meio urbano ou rural, passam a pontuar situações que percebem como pontos de conflito e de diferenciação entre estes mundos, que se convertem em dificuldades e desvantagens para as populações rurais.

Assim, podemos construir um quadro comparativo a partir dos principais elementos mencionados, de modo a favorecer a relação conflituosa, delineada pelos jovens rurais, entre os meios urbano e rural.

Quadro 3 – Quadro comparativo entre elementos de diferenciação entre os meios rural e urbano, que se convertem em tensão social, segundo os jovens rurais. 2016.

Meio Rural	Meio Urbano
Ambiente de tranquilidade e segurança.	Ambiente de organização espacial confusa e inseguro.
Vivência da temporalidade: amena e aprazível.	Vivência da temporalidade: intensa e frenética.
Proximidade da natureza.	Distanciamento da natureza.
Proximidade/intimidade entre as pessoas.	Indiferença e impessoalidade entre as pessoas.
Valorização das pessoas do meio urbano.	Preconceito em relação às populações do meio rural.
Desprestígio por parte dos políticos que não se preocupam em garantir equipamentos sociais, que se convertam em qualidade de vida, devido à baixa densidade demográfica do meio rural.	Concentração de atenção dos políticos, em decorrência do maior quantitativo populacional, levando à estruturação de equipamentos sociais que se revertem em melhor qualidade de vida.
Há dificuldades e limitação de acesso aos meios de comunicação, especialmente os virtuais.	As pessoas vivem intensamente as possibilidades de comunicação virtual.
Há carência ou ausência de oportunidades de acesso ao lazer.	Há abundância de oportunidades de lazer.
As escolas e Universidades (quando há) têm baixa qualidade.	Há mais oportunidades e diversidades de escolas e universidades (cursos) apresentando qualidade superior às do meio rural.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como consequência da percepção dessas diferenças e desigualdades, os jovens rurais assinalam a vivência de uma tensão em relação ao ambiente urbano, que se apresenta ambigualmente representada pela defesa do meio rural, sua cultura, práticas sociais e saberes, ao mesmo tempo em que, a maioria almeja se deslocar ou permanecer no meio urbano.

No contexto dessa tensão, percebe-se a transversalidade do processo migratório vivenciado de modo intenso em toda a história do estado de Roraima, permeando os significados atribuídos de modo especial ao rural, posto que, manifestações relacionadas a *“buscar um lugar melhor para viver”*, *“sair daqui para conseguir mudar de vida”*, bem como *“ir embora daqui é a única solução”*, exemplificam olhares acerca da realidade, que partem de vivências, pessoais ou familiares, nas quais os deslocamentos populacionais não se apresentam com

estranhamento, ao contrário, surgem como possibilidade ou alternativa diante das dificuldades.

Nesse aspecto, vale destacar que à despeito dos debates científicos que caminham na lógica da desconstrução dos padrões de percepção acerca do rural e do urbano numa relação de poder superior (urbano) X inferior (rural), e ainda, mesmo partindo de um entendimento – do qual compartilhamos – de que as diferenças de vivências e relações estabelecidas nos espaços rural e urbano não deveriam ser traduzidas a partir da lente do preconceito e discriminação, o que constatamos nessa pesquisa é que, na percepção dos jovens rurais pesquisados em Roraima, a visão dicotômica e preconceituosa em relação ao meio rural, especialmente por parte das populações urbanas, não apenas é apreendida, mas profundamente vivenciada a partir dos vazios de direitos que a ausência do Estado produz.

Assim, constatamos que mesmo que tenhamos nos embasado nos entendimentos de Carneiro (1998) acerca da concepção de ruralidade, identificamos a partir das percepções dos jovens rurais que os paradigmas pautados numa visão dicotômica e de apartamento entre o velho (rural) e o novo (urbano), o atrasado (rural) e o avançado (urbano), o desvalorizado (rural) e o atraente (urbano), embora venham perdendo eco nas discussões e produções científicas, ainda reverberam e se impõem como realidade, pelo menos em nossa realidade de estado localizado no extremo Norte do Brasil.

Nesse contexto, partindo do entendimento de que os processos identitários são perpassados pela individualização e diferenciação, bem como que são sempre contingentes e inacabados, identificamos que para os jovens rurais que contribuíram nesse trabalho, falar sobre os significados de ser jovem, sobre suas preocupações no presente e em relação ao futuro, não houve construção de ideias sem a marca de algum aspecto da tensão rural-urbano delineada acima.

Partindo dessa constatação, consideramos que os entendimentos de Canclini resume nossa conclusão: “hoje a identidade, [...] é poliglota, multi-étnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas” (2006, p. 131).

Finalmente, no que tange a influência da tensão rural-urbano sobre a concepção de projetos de vida dos jovens rurais, pontuamos que suas idealizações para o futuro circundam em torno de alcançar oportunidades para dar prosseguimento nos estudos, ingressar ou concluir o ensino superior, de modo a conquistar a inserção

no mundo do trabalho, fato que representará, em primeira instância, uma conquista de autonomia. Nesse aspecto, consideramos importante salientar, que tais visões sobre o futuro também podem ser encontradas em jovens urbanos, haja vista estudos voltados a estes atores sociais. Podemos citar como exemplo, os entendimentos de Dayrell sobre juventude (1996; 1999; 2002; 2003; 2007), de modo especial quando parte da ideia de “condição juvenil” atual, buscando abordar o que apresenta como culturas, demandas e necessidades da juventude, voltando-se à jovens brasileiros, apontando enquanto dimensões da manifestação dessa condição juvenil: o desafio de conquistar trabalho na intenção de suprir necessidades materiais imediatas e como projeto de futuro; a dimensão cultural, na qual aborda aspectos simbólicos das relações sociais; a sociabilidade, pois “a turma de amigos é uma referência na trajetória da juventude: é com quem buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto” (2007, p. 6); e, ainda, aponta a dimensão da transição para a vida adulta.

Desse modo, o diferencial que identificamos quanto aos projetos de vida dos jovens rurais que vivem em Roraima, refere-se ao fato da maioria deles apenas conceber a possibilidade de alcançar seus objetivos, na condição de saírem do meio rural.

Sobre esse aspecto, como discutido no capítulo 6, identificamos que os jovens indígenas não projetam viver no meio urbano no futuro, posto seu evidente sentimento de pertença e vínculo de segurança e responsabilidade para com suas comunidades indígenas. Contudo, admitem que para dar continuidade nos estudos, nas áreas em que almejam, precisariam se deslocar para a capital do estado, Boa Vista.

Os demais jovens rurais, independentemente dos demais marcadores de diferenciação, não apenas cogitam, mas sim condicionam a realização de projetos de vida à sua partida ou permanência no meio urbano. Porém, nem todos desejam tal situação. Dentre os que incluem no seu projeto o desejo de morar no meio urbano e os que apenas verificam a necessidade desse deslocamento, há em comum a constatação da ausência de oportunidades para o seu desenvolvimento no meio rural, não se restringindo às condições de acesso à formação profissional e de trabalho, mas ressaltam e exemplificam a carência de equipamentos sociais, muitos deles considerados básicos, necessários à qualidade de vida que almejam.

A partir do exposto, (in)concluimos a presente tese, na intenção de termos contribuído na construção de conhecimentos acerca de aspectos que permeiam

realidade dos jovens rurais, de modo que este conhecimento possa se converter em subsídios para demais pesquisadores, para profissionais de áreas diversas que atuam junto as juventudes, e quiçá para a formulação e/ou avaliação de políticas públicas.

Termino esse texto, presenteando o leitor com uma poesia que retrata de modo muito fiel, os processos de desconstrução e reconstrução que esta experiência nos possibilitou.

Há um tempo

Fernando Pessoa

Há um tempo em que é preciso abandonar as
roupas usadas ...
Que já têm a forma do nosso corpo ...
E esquecer os nossos caminhos que nos levam
sempre aos
mesmos lugares ...

É o tempo da travessia ...
E se não ousarmos fazê-la ...
Teremos ficado ... para sempre ...
À margem de nós mesmos...

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, n. 5/6, p. 25-36, 1997. Número especial.
- ABRAMOVAY, Miriam. As trajetórias das juventudes brasileiras. **Correio Brasiliense**, 2008.
- ALCÂNTARA JÚNIOR, José O. **Georg Simmel e o conflito social**. Caderno Pós Ciências Sociais, v. 2, n. 3, jan/jul, São Luiz/MA, 2005. Disponível em: <
http://www.ppgcsoc.ufma.br/index.php?option=com_content&view=article&id=162&catid=54&Itemid=114>, acesso em 21/03/2016.
- ALMEIDA, Linoberg Barbosa. Até o Tucutu nos separa: um estudo acerca da relação entre a política externa brasileira e a política de segurança pública na fronteira Brasil – Guiana. In: KERN, Felipe; MARTINS, Estevão Chaves de (Org.). **As relações internacionais na fronteira norte do Brasil: coletânea de estudos**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2011. p. 39-60.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. PAIS, José Machado, (Orgs.) **Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- ANTUNES, Ricardo e POCHMANN Marcio. A desconstrução do trabalho e a explosão do desemprego estrutural e da pobreza no Brasil, in CIMADAMORE, Alberto D. & CATTANI, Antônio D. (eds.) **Produção de pobreza e desigualdade na América Latina**. Porto Alegre: CLACSO/Tomo Editorial, 2007.
- ARROYO, Miguel. Por uma educação básica do campo, texto base. In: KOLLING, Edgar J. et al (Orgs.). **Por uma educação básica do campo**. Brasília, DF: Fundação articulação Nacional por uma Educação do Campo, Universidade de Brasília, 1999.
- BANCO MUNDIAL. **Relatório de desenvolvimento mundial 2007**: o desenvolvimento e a próxima geração. Banco Mundial, Washington, 2007.
- BANDEIRA, D., KOLLER, S. H., HUTZ, C., & FORSTER, L. Desenvolvimento psicossocial e profissionalização: uma experiência com adolescentes de risco. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 9, 185-207, 1996.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Porto: Edições 70, 2011.
- BARROS, João. **Migrantes disputam sobra de comida na Cadeia Pública**. Jornal Folha de Boa Vista. Ago. 2016. Disponível em <http://folhabv.com.br/noticia/Venezuelanos-e-migrantes-disputam-sobra-de-comida-na-Cadeia-Publica/19514>. Acesso em 29 Ago 2016.
- BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**, Zahar Ed., Rio de Janeiro: 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**: conversas com Riccardo Mazzeo. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. 1ª ed. Zahar Ed., Rio de Janeiro, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Zahar, 2010.

BIAZZO, Pedro Paulo. Campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em Geografia Agrária. In: MARAFON, Gláucio José; PESSÔA, Vera Lucia Salazar (Org.). **Interações Geográficas**: a conexão interinstitucional de grupos de pesquisa. Uberlândia: Roma, 2007.

BIAZZO, Pedro Paulo. Considerações sobre as categorias rural e ruralidade em suas dimensões de conhecimento. **Geo UERJ**, ano 10, n. 18, vol. 1, pp. 111-126, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983.

BRASIL. Decreto-Lei nº 311 de 02 de março de 1938. Dispõe sobre a divisão territorial do país e dá outras providências. Rio de Janeiro. 1938.

BRASIL. INEP/MEC. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio-PNAD. Brasília-DF, 2009.

BRASIL. SECRETARIA NACIONAL DA JUVENTUDE. **Agenda Juventude Brasil**: Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros 2013. Participatório – Observatório Participativo da Juventude. Disponível em http://www.juventude.gov.br/noticias/arquivos/pesquisa_juventude. Acesso em 20 de março de 2014

BRASIL. **Todos pela Educação**. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-no-brasil/numeros-do-brasil/dados-por-estado/roraima/> Acesso em 21 de nov de 2012.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Trad. Maurício Santana Dias. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas** – estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1998.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Imaginários urbanos**. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires. 1999.

CANESIN, Maria Teresa, CHAVES, Elza Guedes, QUEIROZ, Edna M. O. de. Contribuições conceituais sobre juventude e suas relações com o trabalho e a educação. **Revista da Faculdade de Educação da UFMG**, Vol. 27, nº 01, 2002.

CARDOSO, Adalberto. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. **Cad. CRH**, Salvador, v. 26, n. 68, p. 293-314, Agosto, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo. Php?Script=sci_arttext&pid=S0103-49792013000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23/fev/2016.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto contexto enferm**, v. 15, n. 4, p. 679-84, 2006.

CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. C. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CARNEIRO, Maria Jose. Do “rural” como categoria de pensamento e como categoria analítica. **Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira**, p. 23-50, 2012.

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural no contexto de novas ruralidades. In: IX **Congresso Brasileiro de Sociologia**, Porto Alegre, setembro de 1999.

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 243-261.

CARNEIRO, Maria José. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário dos jovens. In: Silva, Francisco Carlos Teixeira da et al. (Org.) **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: CampusCampus, 1998. p. 97-117.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade na sociedade contemporânea: uma reflexão teórico-metodológica. In: **El mundo rural: transformaciones y perspectivas a La luz de la nueva ruralidad**. Bogotá – Colombia, Pontificia Universidad Javeriana, 2003.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**. 11, outubro 1998: 53-75.

CASTELLS, Manuel. Prefácio. In: ABRAMOVAY, M.; WASELFISZ, J. J.; ANDRADE, C. C.; RUA, M. G. **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília**. Brasília: Garamond, 2002. v.1.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Paz e terra, 1983.

CASTRO, Elisa Guaraná de et al. Os jovens estão indo embora?: juventude rural e a construção de um ator político. **Rio de Janeiro: Mauad X**, 2009.

CASTRO, J.A. de; AQUINO, L. M. C. de; ANDRADE, C. C. de. (Org.). **Juventude e políticas Sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009.

CASTRO, M. G., ABRAMOVAY, **Juventude: tempo presente ou tempo futuro? Dilemas em propostas de políticas de juventudes / Mary Garcia Castro, Miriam Abramovay, Alessandro de Leon**. – São Paulo: GIFE – Grupo de Institutos, Fundações e Empresas, 2007.

CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES-CUT. **15 anos de organização da juventude da CUT: por uma política de Estado contra o desemprego e a precarização do trabalho juvenil / Central Única dos Trabalhadores, Secretaria da Juventude**. – São Paulo: Central Única dos Trabalhadores, 2012.

CHAMBERS, Iain. **Migración, cultura, identidad**, Buenos Aires: Amorrortu Editores. 1994.

CONJUVE – CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE et al. (Org.). **Política nacional de juventude: diretrizes e perspectivas**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2006.

CORROCONO, M. C.; NAKANO, M. Jovens, mundo do trabalho e escola. In: SPOSITO, M. P. (Coord.). **Estado do conhecimento: juventude e escolarização**. São Paulo: Ação Educativa, 2000. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

COSTA, Emily; FELIX, Jackson. **Em 7 meses, nº de pedidos de refúgio de venezuelanos cresce 110% em RR**. Jul. 2016. Disponível em <http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2016/07/em-7-meses-n-de-pedidos-de-refugio-de-venezuelanos-cresce-110-em-rr.html>. Acesso em 21 ago. 2016.

DAYRELL, J.T. A escola faz juventudes?: reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, CampiCampinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, Juarez. Juventude, grupos de estilo e identidade. **Educação em Revista**, no 30, p. 25-39, dez. 1999.

DAYRELL, Juarez. Juventude, produção cultural e a escola. **Caderno do Professor**. Secretaria Estadual de Educação de MG, Belo Horizonte, no 9, abr. 2002.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1996.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-53, set.-dez. 2003.

DE CASTRO, Elisa Guaraná. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 7, n. 1, 2009.

DEBUS, Mary. (Org.). **Manual para excelência em la investigación mediante grupos focales**. Pennsylvania: University of Pennsylvania/Applied Communications Technology, Needham Porter Novelli, 1988.

DIEESE. **Anuário do Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda 2010/2011: juventude**. 3. ed. / Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. São Paulo: DIEESE, 2011.

DUBAR, Claud. **A socialização**, a construção de identidades sociais e profissionais, ed. Armand Colin. 2002.

DUBET, François; DURU-BELLAT, Marie e VERETOUT, Antoine. As desigualdades escolares antes e depois da escola: organização escolar e influência dos diplomas. **Sociologias**. n.29, 2012, pp. 22-70

FARIA, Ivan et al. Projetos de vida e juventude: um diálogo entre a escola, o trabalho e o "mundo":(uma experiência de etnopesquisa no Vale do Iguape). 2006.

FARIAS, Adeline A. C.; SANTOS, Jocelaine O. Dos enfoques polarizados às abordagens contemporâneas: desconstruções e rebalamentos teórico-metodológicos na sociologia. In:**Diálogos sociológicos: perspectivas contemporâneas**. BAIOTO, D. (Org.). Porto Alegre, CirKula, 2015. p. 107 -126.

FARIAS, Adeline Araújo Carneiro. **O IFRR/Campus Novo Paraíso: da educação agrícola para a educação do campo, uma proposta em construção**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola. 2010.

FEDERAL, Senado. Constituição da república federativa do Brasil. **Brasília: Senado**, 1988.

FERREIRA, Brancolina. ALVES, Fábio. Juventude Rural: alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar. **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Organizadores: Jorge Abrahão de Castro, Luxei Maria C. de Aquino, Carla Coelho de Andrade. – Brasília: IPEA, 2009.

FILIPOUSKI, Ana Mariza. NUNES, Maria Denise Crespo. **Juventudes: diálogos e práticas**. Erechim: Edelbra, 2012.

FORACCHI, Marialice M. **Juventude na Sociedade Moderna**. São Paulo: EDUSP, 1972.

FREITAS, Luis Aimberê Soares. **Estudos Sociais: Roraima.** (Geografia e História). São Paulo: Corprint, 1998.

FREITAS, Marcos Antonio Braga de. O Instituto Insikiran da Universidade Federal de Roraima: trajetória das políticas para a educação superior indígena. **Revista Brasileira Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 92, n. 232, p. 599-615, set./dez. 2011.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **A Síntese dos Indicadores Sociais 2015** - Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf>. Acesso em: 25 out 2015.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em 30 de abril de 2013.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Indicadores IBGE.** Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. 4º trimestre de 2013. 2014. Disponível em ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilio_s_continua/Fasciculos_Indicadores_IBGE/pnadc_2013_04_trimestre_caderno.pdf. Acesso em 02 de junho de 2014.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNAD 2011-2011.** Disponível em <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=PD336#P1>. Acesso em 22 de maio de 2014.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNAD 2009.** Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/default.shtm>. Acesso em 10 nov 2014.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNAD 2013.** Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2013/>. Acesso em 20 nov 2015.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNAD 2015.** Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?indicador=1&id_pesquisa=149. Acesso em 15 de jul de 2016.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNAD 2016.** Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40. Acesso em 25 de ago de 2016.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **População jovem no Brasil: a dimensão demográfica.** 1999. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/comentario1.pdf. Acesso em 18 de fev de 2013

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).. **Os indígenas no Censo Demográfico 2010**: primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS-UNFPA. Juventude: um novo poder global configura o mundo. **Relatório sobre a situação da população mundial 2011**: Pessoas e possibilidades em um mundo de 7 bilhões. 2011. Disponível em <http://www.un.org/files/PT-SWOP11-WEB.pdf>. Acesso em: 12 de abril de 2014.

GADEA, Carlos A. A violência e as experiências coletivas de conflito. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 92, p. 75-98, 2011.

GADEA, Carlos A. Educação e mundo jovem em tempos pós-modernos. **Educação em Revista**, v. 6, n. 1, p. 1-8, 2005.

GADEA, Carlos Alfredo. **Paisagens da Pós-modernidade**. Cultura, política e sociabilidade na América Latina, Ed. Univali, Itajaí, 2007.

GALEANO, Eduardo. Os Mapas da Alma não têm Fronteiras. **Carta Maior**, Editorial Internacional, p. 12 (13/07/2009).

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Latinoamericanos buscando lugar en este siglo**. Buenos Aires, Paidós, 2002.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GUIMARÃES, Iamar Moraes. **Apoio ao migrante internacional na cidade de Boa Vista-RR**: o papel do Centro de Migrações e Direitos Humanos e da Casa de Passagem. Monografia UFRR – Boa Vista, 2015.

GUSMÃO, Paulo Dourado de. **Teorias Sociológicas**. 3 ed., Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1972.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A Editora, Rio de Janeiro, 2011.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HESPANHOL, Antonio Nivaldo. A atuação do Estado no processo de desenvolvimento brasileiro. In: **FCT**. 1999.

HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem. 1986.

ÍNDICE, DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA. "Índice de Desenvolvimento da Educação Básica: IDEB 2011." *Brasília, DF: MEC*, 2011

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICA-IBASE (Instituto brasileiro) & PÓLIS (Instituto). **Juventude Brasileira e Democracia**: participação, esferas e políticas públicas. Relatório final, 2005.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. **Censo da educação superior: 2010** – resumo técnico. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2012.

Juventude e políticas sociais no Brasil / organizadores: Jorge Abrahão de Castro, Luseni Maria C. de Aquino, Carla Coelho de Andrade. – Brasília: IPEA, 2009.

KAYSER, Bernard. **A cultura**, uma alavanca para o desenvolvimento local. <http://www.rural-europe.aeidl.be>, acessado em 2/7/98.

KAYSER, Bernard. **La renaissance rurale**: sociologie des campagnes du monde occidental. Paris: Armand Colin, 1990.

KOLLER, S. H., & HUTZ, C. (1996). Meninos e meninas em situação de rua: Dinâmica, diversidade e definição. **Coletâneas da ANPEPP**, 1(12), 11-34.

KOLLING, Edgar Jorge. (org). **Educação do Campo**. Brasília: Coordenação por uma Nacional por uma Educação do Campo, Universidade de Brasília, 1999.

KRAUSKOPF, Dina. La construcción de políticas de juventud en Centroamérica. In: LÉON, Oscar Dávila (editor). **Políticas públicas de juventud en América Latina**. Viña Del Mar/Chile, CIDPA, 2003.

LÉFÈBVRE, Henri. Du Rural à L'Urbain. Paris: Anthropos, 1970.

LEITÃO, Bárbara Júlia Menezelo. Grupos de foco: o uso da metodologia de avaliação qualitativa como suporte complementar à avaliação quantitativa realizada pelo sistema de Bibliotecas da USP. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2003.

LIMA, Antônio César Barreto. **A escola e a vida**: uma análise da relação entre os saberes populares e escolares no curso técnico em agricultura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima – Campus *Campus* Novo Paraíso. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola. 2011.

LIMA, José Carlos Franco de. Fronteiras de vento: um estudo sobre a vida de indígenas e maranhenses nos bairros populares de Boa Vista – Roraima. **Anais da 61ª Reunião Anual da SBPC**. Manaus; 2009.

LIMA, M.A.P. Cidade-Campo, urbano-rural: Uma contribuição ao debate a partir de pequenas cidades em Minas Gerais. Rio de Janeiro, 2007. 271 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Geografia, UFRJ.

LOPES, José Rogério. Processos sociais de exclusão e políticas públicas de enfrentamento da pobreza. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 21, n. 53, p. 349-363, Maio/Ago. 2008.

LUIZ, Valério. **Venezuelanos que chegam a Roraima precisam de emprego**. Jornal Folha de Boa Vista. Jun. 2016. Disponível em <http://www.folhabv.com.br/noticia/Venezuelanos-que-chegam-a-Roraima-precisam-de-emprego/11591>. Acesso em 15 ago 2016.

MAGALHÃES, Maria das Graças Santos. **Amazônia, o extrativismo vegetal no sul de Roraima: 1943-1988**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2008.

MANDULAO, Fausto da Silva. Educação na visão do professor indígena. In: GRUPIONI, Luís Doniseti Benzi (Org.). Formação de professores indígenas: repensando trajetórias.

Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006. p. 217-226.

MARTINS, José de Souza. O futuro da sociologia rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural. **Estudos avançados**, v. 15, n. 43, p. 31-36, 2001.

MARTINS, José de Souza. Os camponeses e a política no Brasil. **Petrópolis: vozes**, p. 61, 1981.

MARTINS, José de Souza. As coisas no lugar. **Introdução crítica à sociologia rural. São Paulo: Hucitec**, p. 11-38, 1981.

MATOS, Maristela Bortolon de. *As culturas indígenas e a gestão das escolas da Comunidade Guariba, RR: uma etnografia*. 2013. 265p. Tese (Doutorado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos — UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2013.

MATTOS, Carlos de Meira. **Uma geopolítica Pan-Amazônica**. Rio de Janeiro: Olympio, 1980.

MEAD, Geord Herbert. *Espírito, Persona, Sociedad*. Buenos Aires: Paidós, 1982.

MENDRAS, Henri. A cidade e o campo. In: QUEIROZ, Maria I. P. de. (Org.). *Sociologia Rural*. RJ: Jorge Zahar, 1969. p. 33-61.

Meninas Mães: Índice de gravidez na adolescência em Roraima é o maior do Brasil. *Jornal Folha de Boa Vista*. Folha Web. Publicado em 06 nove 2014 às 00:48. Disponível em <http://folhabv.com.br/noticia/-Indice-de-gravidez-na-adolescencia-em-Roraima-e-o-maior-do-Brasil/2032>. Acesso em 02 dez 2015.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). *A pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1998.

MORGAN, D. (1997). **Focus group as qualitative research**. Qualitative Research Methods Series. 16. London: Sage Publications

NHAMPOCA, Joaquim Muchanessa Dausse. O Rural No Urbano, Uma Coexistência Pacífica e Conflituosa Mas Necessária. **Open Science Repository Sociology**. Online.open-access (2013): e70081923. Web. 3 Feb. 2013.

NOGUEIRA, Elizabete Melo. **Etnodesenvolvimento e educação indígena**: problemas e perspectivas para a implantação do etnoturismo na Terra Indígena Raposa Serra Do Sol (TIRSS) Região Ingarikó - wïi tîpî. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola. 2013.

NOVAES, Regina R. Caminhos cruzados: juventude, conflito e solidariedade. **Comunicações**. RJ: ISER, 1996.

NUNES, Carla Cristina; PINTO, Vicente Paulo dos Santos. Campo, cidade, urbano e rural: Categorias e representações. 2009.
<<http://www.uff.br/vsinga/trabalhos/Trabalhos%20Completo/Carla%20Cristiane%20Nunes.pdf>> Acesso: 15 dez 2014.

OLIVEIRA, Francisco. O Ornitorrinco, in OLIVEIRA, Francisco, **Crítica à razão dualista e o ornitorrinco**. S. Paulo: Boitempo, 2003

OLIVEIRA, Reginaldo G. ; IFILL, Mellissa . **Dos Caminhos Históricos aos Processos Culturais entre Brasil e Guyana**. 722. ed. Boa Vista-RR: Editora da UFRR, 2011.

ONU. Assembléia Geral. Conselho de Econômico e Social. **Informe sobre la juventud mundial 2005**. Nova Iorque, 6 dez. 2004. Disponível em: <<http://www.un.org/esa/socdev/unyin/spanish/wyr05.htm>>. Acesso em 25 jan. 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA - UNESCO. Um em cada 12 jovens na América Latina e Caribe não completa o ensino primário e não tem qualificações profissionais. Disponível em http://www.unesco.org/new/pt/brasil/ia/about-this-office/single-view/news/one_in_twelve_young_people_in_latin_america_and_the_caribbean_fail_to_complete_primary_school_and_lack_skills_for_work-1/ Acesso em: 25 de novembro de 2012.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). Relatório Tendencias Mundiales del Empleo Juvenil. Una generación en peligro. Oficina Internacional del Trabajo. Ginebra: OIT, 2013. Disponível em: <http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/--dgreports/---dcomm/documents/publication/wcms_212725.pdf>. Acesso em 23 jan. 2014.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO-OIT. **Panorama Mundial do Emprego 2016: Tendência para a Juventude**. 2016. Disponível em http://www.ilo.org/global/research/global-reports/youth/2016/WCMS_513739/lang--en/index.htm. Acesso em 25 de ago. de 2016.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO-OCDE. Créer des indicateurs ruraux pour étayer la politique territoriale. Paris: OCDE, 1994.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO-OCDE. **Territorial indicators of employment: focusing on rural development**. Paris: OCDE, 1996.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise Social**. Vol. XXV, n. 105-106, 1990.

PAIS, José Machado. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde e Sociedade**, v. 18, n. 3, p. 371-381, 2009.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: Almeida, Maria Isabel Mendes de, Eugênio, Fernanda (orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006

PAIS, José Machado. Máscaras, jovens e “escolas do diabo”. Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais. **Revista Brasileira de Educação** v. 13 n. 37 jan./abr. 2008

PAIS, José Machado; ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de (Org.). **Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano em meio urbano. **O fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1916.

PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In Velho, Octávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Guanabara: Rio de Janeiro, 4ª ed., p. 26 a 67, 1987.

PERALVA, Angelina e SPOSITO, Marília. (Org.) Juventude e Contemporaneidade – **Revista Brasileira de Educação**, n. 5/6, São Paulo: ANPED, 1997.

PEREIRA, Inês (2005). A Cidade em Movimento: protestos urbanos e espaços de contestação in **Fórum Sociológico**, nº 13/14, 2ª série, Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica, pp. 137-149

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 2, p. 263-274, jul/dez, 2008.

Política Nacional da Juventude: diretrizes e perspectivas. São Paulo. Conselho Nacional da Juventude; Fundação Frederich Ebert. 2006

RIBEIRO, Marlene. Uma escola básica do campo como condição estratégica para o desenvolvimento sustentável. Caderno II: **Conferência Estadual por uma educação básica do campo**. Porto Alegre: SEC/RS, abr. 2002. p. 50-58.

RÜDIGER, Francisco. **Comunicação e teoria crítica da sociedade: Adorno e a Escola de Frankfurt**. Edipucrs, 1999.

SANTOS, Antonio Carlos (Tradutor). O conceito e a tragédia da cultura, de Georg Simmel. **Crítica Cultural** – Critic, Palhoça, SC, v. 9, n. 1, p. 145-162, jan./jun. 2014.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. **São Paulo: Hucitec**, v. 4, 1988.

SANTOS, Roseli Bernardo Silva dos. **Processos de identidade dos indígenas trabalhadores na construção civil na cidade de Boa Vista-RR**. 2014. 232 f. teses (Doutorado em Ciências Sociais), Unisinos, São Leopoldo, 2014.

SCHNEIDER, Sergio. Da crise da sociologia rural à emergência da sociologia da agricultura: reflexões a partir da experiência norte-americana. **Cadernos de ciência e tecnologia**, v. 14, n. 2, p. 225, 1997.

SCHNEIDER, Sergio; BLUME, Roni. **Ensaio para uma abordagem territorial da ruralidade:** em busca de uma metodologia. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <http://www.ipardes.pr.gov.br/ojs/index.php/revistaparanaense/article/view/105> Acesso em: 10 dez. 2014.

SCHNEIDER, Sergio; BLUME, Roni. Ensaio para uma abordagem territorial da ruralidade: em busca de uma metodologia. **Revista Paranaense de Desenvolvimento-RPD**, n. 107, p. 109-135, 2011.

SCHUTZ, Alfred. O mundo das relações sociais. **Fenomenologia e relações sociais:** textos escolhidos de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 123-193, 1979.

SILVA, Débora Soares Alexandre Melo. **Estudos metodológicos para atendimento da Comunidade Indígena do Araçá, com educação profissional pelo Campus Amajari**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola. 2011

SILVA, João Carlos Jarochinski; OLIVEIRA, Márcia Maria de. Migrações, fronteiras e direitos na Amazônia. **REMHU**, Rev. Interdiscip. *Mobil. Hum.* [online]. 2015, vol.23, n.44, pp.157-169. Acesso em 15 Ago de 2015.

SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.) *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1973.

SIMMEL, Georg. “El cruce de lós círculos sociales” e “La ampliación de lós grupos ya la formación de la individualidad”. IN: **Sociologia. Estudios sobre lãs formas de socialización**. Alianza, Madrid, 1986.

SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito. In: FILHO, Evaristo de Moraes (Org.) **Georg Simmel: sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. **A ponte e a porta**, 1909, traduzido pela professora Simone
www.interscienceplace.org - Página 196 de 196 Carneiro Maldonado (DCS-UFPbem),
<http://www.scribd.com/doc/28055369/APonte-e-a-Porta-Georg-Simmel>, acesso em
29.11.2010.

SIMMEL, Georg. O Estrangeiro. In: MORAES Fº, Evaristo (Org.). **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SOROKIN, P. A.; ZIMMERMAN, C. C.; GALPIN, C. J. Diferenças

SOUZA, Carla Monteiro de. **Boa Vista/RR e as migrações: Mudanças, Permanências, Múltiplos Significados**. Editora da Universidade Federal de Roraima (EdUFRR), 2009.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In ABRAMO, H. e BRANCO, Pedro Paulo (orgs). **Retratos da juventude brasileira**. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto da Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 129-148.

SPOSITO, Marília Pontes. **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. Vol. 1, Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação-Revista da Anped**, São Paulo, n. 5-6, 1997.

SPOSITO, Marília Pontes. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

SPOSITO, Marília. Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), volume 2 / Marília Pontes Sposito, coordenação. UNESCO. **Juventude e Contemporaneidade**. SPOSITO, Marília, FAVERO, Osmar, CARRANO, Paulo, NOVAES, Regina Reys (Organizadores). Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284 p. – (Coleção Educação para Todos; 16).

SPOSITO, Marília. Indagações sobre as relações entre juventude e a escola no Brasil. Institucionalização Tradicional e Novos Significados. Jovenes – **Revista de Estudios sobre Juventud**, Edição: ano 9, núm. 22, México, DF, janeiro-junho 2005, pp 201-227.

TÖNNIES, Ferdinand. *Comuidad y Sociedad*. Buenos Aires: Ed. Losada, 1947.

UNESCO. Relatório de Acompanhamento Global da EPT, 2011. Versão resumida. Relatório de Monitoramento Global 2010: Alcançar os Marginalizados. Relatório Conciso – Disponível em: www.unesco.org.br. Acesso em: 16 abr. 2014

UNESCO. Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos, 2015. Paris: UNESCO, 2015. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002256/225654por.pdf>. Acesso em 12 fev. 2016.

VALE, Ana Lia Farias. Imigração de nordestinos para Roraima. **Estud. av.** [online]. 2006, vol.20, n.57, pp. 255-261. ISSN 0103-4014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142006000200019>.

VALE, Ana Lia Farias. Imigração de nordestinos para Roraima. **Estud. av.**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 255-261, Aug. 2006 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 maio 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142006000200019>.

VELHO, Gilberto. Dimensões da cultura na sociedade moderno-contemporânea. In: **Conferência Internacional-Fundação Calouste Gulbenkian, Cruzamento de Saberes, Aprendizagens Sustentáveis**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2003. p. 35-48.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1981.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**, antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e Sociedade**: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

VIGNOLI, J. R. Vulnerabilidad demográfica em América Latina: qué hay de nuevo? In: CEPAL. **Seminario Vulnerabilidad**. Santiago: Cepal, 2001.

WASELFSZ JJ. Mapa da violência 2016: homicídios por armas de fogo no Brasil. Brasília: FLACSO; 2016. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf. Acesso em 25 ago. 2016

WEISHEIMER, Nilson et al. **Juventudes rurais: mapa de estudos recentes**. IICA, Brasília (Brasil). MDA, Brasília (Brasil), 2005.

WEISHEIMER, Nilson. Os Jovens Agricultores como Categoria Sociológica. XI **Congresso Brasileiro de Sociologia**: Sociologia e Conhecimento: Além das Fronteiras. "GT 10: Gerações e Laços de Sociabilidade". 01 a 05 de setembro de 2003, UNICAMP, Campi *Campinas/SP*.

WILLIAMS, Raymond. O Campo e a Cidade na História e na Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, Cap. 25. Pp. 387- 409.

WIRTH, L. 1956[1928] *The ghetto*, Chicago, University of Chicago Press. 1987[1938] "O urbanismo como modo de vida", in VELHO, O. G. (org.), *O fenômeno urbano*, Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, p. 90-113.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In Velho, Octávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Guanabara: Rio de Janeiro, 4ª ed., p. 90 a 113, 1987.

WIRTH, Louis. Urbano como Modo de Vida. **O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores**, 1979.

ZABALA. Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

APÊNDICE A - CARTA DE ANUÊNCIA

CARTA DE ANUÊNCIA

Prezado Sr.

Diretor-Geral do *Campus*

Eu, Adeline Araújo Carneiro, Professora do IFRR/Campus Boa Vista, venho por meio desta, informa-lo de que estou cursando Doutorado em Ciências Sociais na UNISINOS, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Gadea, e comecei a coleta de dados da minha pesquisa.

No meu projeto de tese, previ coletar os dados nos Campus do IFRR, localizados na região rural do Estado, pois estou pesquisando sobre os jovens do campo, em Roraima.

Para tanto, solicito autorização para me dirigir ao Campus Avançado de Bonfim para realizar a coleta de dados.

Assim, necessito que me autorize o acesso aos dados dos alunos na CORES, pois vou montar um perfil dos mesmos (idade, raça/etnia, sexo e naturalidade), e ainda, necessito realizar uma técnica de grupo focal com alguns alunos que irei selecionar a partir do perfil. Possivelmente irei conversar com no máximo 20 alunos.

Para que tenha melhor entendimento sobre o meu projeto, envio o problema e as questões norteadoras que guiarão a coleta de dados.

Caso me autorize, irei agendar a visita e levarei o termo de consentimento livre e esclarecido, para que você e os alunos colaboradores possam assinar.

INFORMAÇÕES SOBRE O PROJETO DE PESQUISA:

TÍTULO DO PROJETO:

OS SIGNIFICADOS DA TENSÃO RURAL-URBANO ENTRE JOVENS RURAIS: Identificações e projetos de vida.

PROBLEMA DA INVESTIGAÇÃO:

Como a visão dos jovens do campo sobre a tensão campo-cidade afeta seu processo de construção identitária e seus projetos de vida?

QUESTÕES NORTEADORAS:

- O que caracteriza o "ser jovem" para os jovens do campo? Que significados os jovens atribuem ao campo e à cidade?
- O processo migratório ocorrido em Roraima, como política de povoamento, exerce alguma influência na construção identitária dos jovens do campo?
- A convivência entre índios e não-índios, assentados e fazendeiros, exerce alguma influência na construção identitária dos jovens do campo?
- Como os jovens do campo que vivem em Roraima percebem as tensões entre o campo e a cidade?
- Sendo as tensões entre o campo e a cidade percebidas pelos jovens do campo, como afetam seu processo identitário e seus projetos de vida?

Estou certa do seu empenho em me apoiar nesta empreitada, assim, já agradeço o apoio de sempre!

Boa Vista-RR, 26 de fevereiro de 2015.

Prof. XXXX
Diretor-Geral do *Campus XX*

APÊNDICE B - ROTEIRO PARA GRUPOS FOCAIS E ENTREVISTAS

Parte I - Introdução e apresentações

- i. Apresentação geral dos objetivos do trabalho, pelo facilitador.
- ii. Apresentação dos participantes: Nome, sexo, idade, naturalidade, etnia, aonde reside (sede de município, assentamento rural, fazendo ou comunidade indígena) no caso de ser migrante há quanto tempo reside em Roraima e por que veio para o Estado.

Parte II - Construção do entendimento da temática de discussão (perguntas simples e mais gerais)

1. O que te faz jovem?
2. O que significa ser jovem, hoje em dia?
3. Quais as suas preocupações?
4. O que pensam sobre o futuro?
5. Como define o seu presente?

Parte III - Discussão profunda (direcionamento da discussão para os objetivos e aprofundamento)

1. O que significar ser jovem, vivendo no meio rural?
2. Quais seus planos para o futuro?
3. Como é a sua vida hoje?
4. Vocês enfrentam ou acham que enfrentaram que tipo de dificuldades para alcançar seus objetivos para o futuro?
5. Se vocês morassem na cidade, acham que haveria alguma diferença sobre seus planos e estas dificuldades?
6. Há diferença entre viver no meio rural ou no urbano?
7. Vocês que vieram de outros estados, acham que vir morar em Roraima fez diferença nas suas vidas? Como?
8. Qual a opinião de vocês sobre a convivência entre pessoas de culturas diferentes, como pessoas que vieram de diferentes regiões do país, indígenas e não indígenas?

APÊNDICE C- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos-RS, intitulada **“OS SIGNIFICADOS DA TENSÃO RURAL-URBANO ENTRE JOVENS RURAIS: Identificações e projetos de vida.”**, realizada pela doutoranda Adeline Araújo Carneiro Farias, sob orientação do Professor Doutor Carlos Alfredo Gadea. Esta pesquisa objetiva visa compreender os significados que os jovens do campo, que vivem em Roraima, atribuem à tensão campo-cidade, analisando se interferem no seu processo identitário e em seus projetos de vida. Os resultados de pesquisa não trarão um benefício direto para você, mas poderão contribuir com a reflexão sobre o comportamento dos jovens, no intuito de gerar informações que possam subsidiar políticas públicas e orientar práticas educacionais, sociais ou de saúde.

Sua participação é voluntária. Como procedimento metodológico, será realizada uma sessão de grupo focal de aproximadamente 90 minutos que objetiva fazer uma análise do processo e fatores que interferem no processo de construção identitária dos jovens de Roraima. A sessão de grupo focal será gravada, transcrita e destruída posteriormente. Participando, você terá assegurada a confidencialidade das informações dadas durante a sessão, isto é, seu nome nunca vai aparecer quando o estudo for publicado em revistas ou apresentado em congressos. Você terá todos os esclarecimentos necessários sobre a sua participação, podendo retirar-se do estudo quando quiser sem nenhum prejuízo para a sua pessoa.

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar a Coordenação do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos-Unisinos localizada na Av. Unisinos, 950 – CEP 93022-000 – São Leopoldo/RS, Fone: (51) 3591 1198 Fax: (51) 3590 8118 / E-mail: cppcs@unisinos.br, assim como a pesquisadora responsável pela realização deste estudo, Adeline Araújo Carneiro Farias, Fone: (95) 981234007/ E-mail: adeline@ifrr.edu.br

Boa Vista-RR, _____ de _____ de 2015.